

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Gustavo Martins do Carmo Miranda

**A HETEROGENEIDADE DOS FLUXOS GLOBAIS: o papel da Revista Acendedor  
para a difusão da *Seicho-No-Ie* no Brasil (1965-85)**

Belo Horizonte  
2023

Gustavo Martins do Carmo Miranda

**A HETEROGENEIDADE DOS FLUXOS GLOBAIS: o papel da Revista Acendedor  
para a difusão da *Seicho-No-Ie* no Brasil (1965-85)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Maria de Castro

Belo Horizonte  
2023

301  
M672h  
2013

Miranda, Gustavo Martins do Carmo.  
A heterogeneidade dos fluxos globais [manuscrito] : o papel da revista Acendedor para a difusão da Seicho-No-Ie no Brasil / Gustavo Martins do Carmo Miranda. - 2013.  
282 f. : il.  
Orientadora: Cristina Maria de Castro.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia.

1.Sociologia – Teses. 2. Seicho-No-Ie - Teses.  
3.Globalização - Teses. 4. Acendedor (Revista) Teses.  
I. Castro, Cristina Maria de . II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
III.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

### ATA DE DEFESA DE TESE

Aos 28 (vinte e oito) dias do mês de fevereiro de 2023 (dois mil e vinte e três), reuniu-se a Banca Examinadora de Defesa de Tese de Doutorado do discente **Gustavo Martins do Carmo Miranda**, intitulada: "**A HETEROGENEIDADE DOS FLUXOS GLOBAIS: o papel da Revista Acendedor para a difusão da Seicho-No-Ie no Brasil (1965-85)**". A banca foi composta pelos(as) professores(as) doutores(as): **Cristina Maria de Castro** - Orientadora (DSO/UFMG), **Yumi Garcia dos Santos** - (DSO/UFMG), **Glauber Loures de Assis** (UFMG), **João Paulo Silveira** (UEG) e **Frank Usarski** (PUC SP). Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da Banca Examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação da Defesa (X)

Reprovação da Defesa ( )

**Belo Horizonte, 28 de fevereiro de 2023.**

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Yumi Garcia dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 28/02/2023, às 12:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristina Maria de Castro, Professora do Magistério Superior**, em 28/02/2023, às 12:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Frank Usarski, Usuário Externo**, em 28/02/2023, às 12:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Glauber Loures de Assis, Usuário Externo**, em 14/03/2023, às 15:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **João Paulo de Paula Silveira, Usuário Externo**, em 05/04/2023, às 14:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2102018** e o código CRC **CBF7C06D**.

---

## AGRADECIMENTOS

Os caminhos percorridos até o término desta tese não foram fáceis, mas as superações dos obstáculos foram possíveis graças à presença e participação das pessoas que fizeram parte desta jornada.

A Dra. Cristina Maria de Castro não apenas pela impecável e honrosa orientação, mas também pelo auxílio e participação do meu retorno à pós-graduação. Através de sua atividade sempre prestativa – e suas dicas – pude ampliar minha visão, diante da Sociologia da Religião, para novos horizontes acadêmicos.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro extremamente necessário para o desenvolvimento da tese – e pela possibilidade da minha dedicação exclusiva ao doutorado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFMG – incluindo docentes e funcionários – pelo apoio e aprendizado.

Aos colegas da pós-graduação pela possibilidade dos laços construídos durante o curso – possibilitando que nossas relações extrapolassem os limites acadêmicos.

Aos membros da banca pela disponibilidade cedida para a leitura e comentários sobre a tese.

Aos meus amigos – especialmente Cecília, Neusa e Mauro – pelo apoio e companheirismo.

A Marina – uma pessoa que, ao longo do doutorado, fui descobrindo aos poucos, e, hoje, além de namorada, é uma verdadeira companheira. Ao lado dela pude seguir em frente, dividir minhas dificuldades e descobrir, ao lado de sua família, mais um laço fraterno.

À minha mãe pelo companheirismo, apoio e alegria de viver. Seu alto astral foi fundamental para a superação dos momentos difíceis – tornando os dias mais leves. À minha irmã Juliana – pelo convívio e amizade. Às minhas tias Geralda, Maria Luíza, Joana, Ângela e Marina – que, mesmo não estando mais presentes no plano terreno, continuando em minha lembrança por tudo o que fizeram.

## Resumo

Desde a sua fundação no Japão – em 1930 através da figura de Masaharu Taniguchi –, a *Seicho-No-Ie* é caracterizada pela sua vasta produção doutrinária – principalmente livros e revistas. Este cenário possui uma relação histórica com o próprio contexto de surgimento das Novas Religiões japonesas, uma vez que, no final do século XIX, elas se desenvolveram com maior notoriedade, tendo em vista o surgimento da imprensa no país. Aliado a este fator, cabe destacar que as próprias publicações destas Novas Religiões também carregam os traços sincréticos da história de formação do ambiente religioso japonês – deste o contado entre Xintoísmo, Budismo e Catolicismo, antes do século XIX, até o processo de maior abertura e de tensões com o Ocidente, a partir do final do século XIX. Após o término da Segunda Guerra Mundial, a *Seicho-No-Ie*, utilizando como meio principal suas publicações, iniciou seu processo de expansão e adaptação para outras localidades do mundo. É neste cenário que o Brasil se tornou um destino atrativo – tendo em vista o processo de imigração dos japoneses para o nosso país, a partir do início do século XX. Levando em consideração este processo, o objetivo principal desta tese foi analisar a produção da Revista Acendedor – primeiro e único periódico da *Seicho-No-Ie* desenvolvido no Brasil, antes de 1985. Como recorte, e entendendo a necessidade de uma visão abrangente – optou-se pela análise de todo o período de vigência da revista (1965-85). Partindo da abordagem histórica das religiões de Eduardo Basto de Albuquerque e da Análise de Discurso de Eni Orlandi, foi possível compreender o papel crucial da Revista Acendedor para o processo de abertura da *Seicho-No-Ie* entre a população brasileira como um todo. Observando os caminhos de formação do cenário religioso japonês e brasileiro, foi possível identificar como a revista conseguiu trazer em seus conteúdos elementos que ultrapassam o arcabouço material do periódico. Entre 1965-85 a Revista Acendedor agiu como principal mecanismo de difusão da *Seicho-No-Ie* no Brasil – dialogando com diferentes esferas socioculturais do país, bem como do Japão – fato este também relacionado com a globalização.

Palavras-chave: *Seicho-No-Ie*. Revista Acendedor. Brasil. Japão. Globalização.

## Abstract

Since its founding in Japan – in 1930 through the figure of Masaharu Taniguchi –, Seicho-No-le is characterized by its vast doctrinal production – mainly books and magazines. This scenario has a historical relationship with the very context of the emergence of the New Japanese Religions, since, at the end of the 19th century, they developed with greater notoriety, in view of the emergence of the press in the country. Allied to this factor, it should be noted that the publications of these New Religions also carry the syncretic traits of the history of the formation of the Japanese religious environment - from the story between Shintoism, Buddhism and Catholicism, before the 19th century, to the process of greater openness and of tensions with the West, from the end of the 19th century. After the end of World War II, Seicho-No-le, using its publications as its main medium, began its process of expansion and adaptation to other locations in the world. It is in this scenario that Brazil has become an attractive destination – in view of the Japanese immigration process to our country, from the beginning of the 20th century. Taking this process into account, the main object of this thesis was to analyze the production of Revista Acendedor – the first and only Seicho-No-le journal developed in Brazil, before 1985. It is based on the analysis of the entire period of validity of the magazine (1965-85). Starting from the historical approach of religions by Eduardo Basto de Albuquerque and the Discourse Analysis by Eni Orlandi, it was possible to understand the crucial role of Revista Acender for the opening process of Seicho- No-le among the Brazilian population as a whole. Observing the paths of formation of the Japanese and Brazilian religious scene, it was possible to identify how the magazine managed to bring in its contents elements that go beyond the material framework of the periodical. Between 1965-85, Revista Acendedor acted as the main mechanism for disseminating Seicho-No-le in Brazil – sharing with different sociocultural spheres in the country, as well as in Japan – a fact also related to globalization.

Keywords: Seicho-No-le. Lighter Magazine. Brazil. Japan. Globalization.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Teruko Taniguchi e Masaharu Taniguchi .....	61
Figura 2 – <i>Seimei no Jissô</i> (vol. único).....	78
Figura 3 – Exemplar da Sutra <i>Kanro-No-Hoou</i> .....	80
Figura 4 – Taniguchi (ao lado de Teruko) autografando o livro “A Verdade da Vida” em Los Angeles .....	91
Figura 5 – O casal Taniguchi com William Hornaday e esposa .....	92
Figura 6 – Kumejiro Oshiro e sua filha Cho Tokui .....	117
Figura 7 – Daijiro Matsuda na Fazenda de Duartina-SP.....	119
Figura 8 – Miyoshi Matsuda em fevereiro de 1940 .....	120
Figura 9 – Irmãos Oomae.....	122
Figura 10 – Membros da Associação dos Moços da <i>Seicho-No-Ie</i> de Ibaity (1949) .....	125
Figura 11 – Primeira conferência de Katsumi Tokuhisa realizada no Brasil – no Cine Odeon, em São Paulo .....	128
Figura 12 – Taniguchi e Teruko visitam o Arcebispo Dom Jaime de Barros Câmara ...	131
Figura 13 – Capa do nº1 da Revista Acendedor .....	138
Figura 14 – Slogan da Associação dos Moços da SNI/BR .....	139
Figura 15 – Masaharu Taniguchi.....	141
Figura 16 – Informação sobre Shiguemi Murakami .....	143
Figura 17 – Informação sobre Miyoshi Matsuda.....	144
Figura 18 – Apresentação de Masaharu Taniguchi .....	146
Figura 19 – Emiko Taniguchi e Seicho Taniguchi .....	151
Figura 20 – Teruko Taniguchi .....	152
Figura 21 – Katsumi Tokushis .....	153
Figura 22 – “Palavras do dia” .....	155
Figura 23 – “Preceitos Diários” .....	157
Figura 24 – “Preceitos Diários” .....	159
Figura 25 – “Preleção do Evangelho de São João” .....	161
Figura 26 – “Preleção do Evangelho de São João” .....	162
Figura 27 – “Preleção do Evangelho de São João” .....	163
Figura 28 – “Preleção do Evangelho de São João” .....	164

Figura 29 – Emblema da <i>Seicho-No-Ie</i> .....	167
Figura 30 – “A Criação de um belo lar” .....	170
Figura 31 – “Campanha de Gratidão aos Servidores Públicos” .....	177
Figura 32 – “Campanha de Gratidão aos Servidores Públicos” em Presidente .....	178
Figura 33 – Livros de Masaharu Taniguchi à venda .....	180
Figura 34 – Livros de Masaharu Taniguchi à venda .....	181
Figura 35 – Venda do volume XI do livro “A Verdade da Vida” .....	182
Figura 36 – Campanha de assinatura da Revista Acendedor .....	184
Figura 37 – Capa do nº 15 da Revista Acendedor .....	186
Figura 38 – “Oração pela Paz Mundial” .....	188
Figura 39 – Capa do nº 10 da Revista Acendedor .....	190
Figura 40 – Nova Sede Central da <i>Seicho-No-Ie</i> do Brasil .....	193
Figura 41 – Convite para a 14ª Convenção Nacional .....	195
Figura 42 – Academia de Treinamento Espiritual <i>Seicho-No-Ie</i> de Ibiúna .....	197
Figura 43 – Glossário do nº 71 da Revista Acendedor .....	203
Figura 44 – Glossário do texto “Movimento Incessante” .....	205
Figura 45 – Tópicos do nº 19 da Revista Acendedor .....	207
Figura 46 – Tópicos do nº 22 da Revista Acendedor .....	208
Figura 47 – Tópicos do 140º número da Revista Acendedor .....	209
Figura 48 – Imagem de Sócrates .....	211
Figura 49 – “Educação da vida: assim se educam crianças talentosas” .....	215
Figura 50 – “Como vivificar o trabalho” .....	218
Figura 51 – “Campanha para 1 milhão de assinantes” .....	222
Figura 52 – “Campanha para 1 milhão de assinantes” .....	223
Figura 53 – “Campanha para 1 milhão de assinantes” .....	224
Figura 54 – “Campanha para 1 milhão de assinantes” .....	225
Figura 55 – “Campanha para 1 milhão de assinantes” .....	226
Figura 56 – Lançamento da Revista <i>Shirohato-Kai</i> (Pomba Branca) em português ....	228
Figura 57 – Capa do nº 16 da Revista Acendedor .....	230
Figura 58 – Capa do nº 97 da Revista Acendedor .....	232
Figura 59 – Relato de experiência: “Conduzido por Nossa Senhora” .....	234

Figura 60 – Capa do nº 151 da Revista Acendedor .....	236
Figura 61 – Capa do nº 159 da Revista Acendedor.....	237
Figura 62 – Informações sobre o “Concurso de tradução” .....	239
Figura 63 – Comemoração dos 40 anos da SNI e 70 anos de Masaharu Taniguchi ...	241
Figura 64 – Comemoração dos 81 anos de Masaharu Taniguchi .....	242
Figura 65 – Programação das atividades de Masaharu Taniguchi em 1973.....	244
Figura 66 – Biografia de Masaharu Taniguchi .....	246
Figura 67 – Biografia de Masaharu Taniguchi .....	247
Figura 68 – Informações sobre o evento “Oração para o Progresso do Brasil e para a Paz Mundial” .....	249
Figura 69 – Informações sobre o evento “Oração para o Progresso do Brasil e para a Paz Mundial” .....	250
Figura 70 – Convite para o evento “Oração para o Progresso do Brasil e para a Paz Mundial” .....	252
Figura 71 – Informações sobre a “Oração para o Progresso do Brasil e para a Paz Mundial” .....	253
Figura 72 – Informações sobre a “Oração para o Progresso do Brasil e para a Paz Mundial” .....	254
Figura 73 – Katsumi Tokuhisa condecorado com a Medalha Grã-Cruz.....	256
Figura 74 – Condecorações recebidas por Katsumi Tohusisa.....	257
Figura 75 – Condecoração de Miyoshi Matsuda .....	259
Figura 76 – Relato de experiência de Hatiro Shimomoto .....	261
Figura 77 – Registro na Divisão de Censura de Diversões Públicas da Revista Acendedor .....	263
Figura 78 – Registro na Divisão de Censura de Diversões Públicas da Revista Acendedor .....	264
Figura 79 – Divulgação da presença de Katsumi Tokuhisa na USP .....	266
Figura 80 – Kastumi Tokuhisa na USP .....	267
Figura 81 – Katsumi Tokuhisa na USP .....	268
Figura 82 – Relato de experiência de Raul Gil .....	272
Figura 83 – Seicho Taniguchi no programa do Raul Gil.....	273

Figura 84 – Seicho Taniguchi no programa do Raul Gil.....	274
Figura 85 – Seicho Taniguchi no programa do Raul Gil.....	275
Figura 86 – Notícia sobre a vinda de Seicho Taniguchi e Emiko Taniguchi .....	278
Figura 87 – Programação das atividades de Seicho Taniguchi no ano de 1977 .....	279
Figura 88 – Programação das atividades de Seicho Taniguchi no ano de 1982 .....	280
Figura 89 – Locais de reuniões da <i>Seicho-No-Ie</i> do Brasil.....	282
Figura 90 – Locais de reuniões da <i>Seicho-No-Ie</i> do Brasil.....	283
Figura 91 – Locais de reuniões da <i>Seicho-No-Ie</i> do Brasil.....	284
Figura 92 – Locais de reuniões da <i>Seicho-No-Ie</i> do Brasil.....	285
Figura 93 – Contracapa do nº 192 da Revista Acendedor.....	293

## LISTA DE SIGLAS

<b>AESI</b>	Associação Estudantil da <i>Seicho-No-Ie</i> de São Paulo
<b>DIP</b>	Departamento de Imprensa e Propaganda
<b>DPCD</b>	Divisão de Censura de Diversões Públicas
<b>LINE</b>	Liga dos Novos Educadores da <i>Seicho-No-Ie</i>
<b>NR</b>	Nova Religião
<b>NRs</b>	Novas Religiões
<b>PL</b>	<i>Perfect Liberty Kyodan</i>
<b>SNI</b>	<i>Seicho-No-Ie</i>
<b>SNI/BR</b>	<i>Seicho-No-Ie</i> do Brasil

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 1 – NOVA RELIGIÃO, GLOBALIZAÇÃO E RELIGIÃO ENQUANTO ELEMENTOS INTERDEPENDENTES .....</b>	<b>25</b>
1.1 Nova Religião enquanto entendimento terminológico.....	25
1.2 Nova Religião e a reconfiguração de conceitos chaves na Sociologia da Religião .....	28
1.3 Nova Religião e globalização: a heterogeneidade do fluxo global .....	30
<b>CAPÍTULO 2 – A FORMAÇÃO DO CENÁRIO RELIGIOSO JAPONÊS E O DESENVOLVIMENTO DAS NOVAS RELIGIÕES DIANTE DO FENÔMENO DA GLOBALIZAÇÃO .....</b>	<b>33</b>
2.1 A relação entre Xintoísmo e Budismo no Japão .....	33
2.2 A chegada dos jesuítas e o início da Era Tokugawa .....	38
2.2.1 O declínio da Era Tokugawa e o surgimento das primeiras Novas Religiões no Japão .....	42
2.3 O Estado-Nação japonês e o desenvolvimento das Novas Religiões sob a influência da mídia impressa.....	45
2.3.1 O contexto do desenvolvimento das Novas Religiões no início do século XX.....	51
2.3.2 O término do Xintoísmo de Estado: as Novas Religiões japonesas se abrem para o mundo.....	53
<b>CAPÍTULO 3 – MASAHARU TANIGUCHI, <i>SEICHO-NO-IE</i> E O PAPEL DAS PUBLICAÇÕES .....</b>	<b>58</b>
3.1 O fundador e seu interesse pela literatura: entre Ocidente e Oriente .....	58
3.2 A “revelação” e o “poder” da palavra contida nas publicações: nasce a <i>Seicho-No-Ie</i> .....	66
3.2.1 A formação da doutrina sob influências dos escritos xintoístas, budistas e cristãos.....	68
3.3 A data de lançamento da Revista <i>Seicho-No-Ie</i> como marco da institucionalização da doutrina .....	74
3.3.1 O crescimento das publicações: o surgimento do livro <i>Seimei no Jissô</i> e da <i>Sutra Kanro-No-Houu</i> .....	76
3.4 <i>Seicho-No-Ie</i> diante da intensificação do Xintoísmo de Estado .....	81
3.4.1 A reconfiguração doutrinária frente ao término da Segunda Guerra Mundial .....	85
3.5 Do Japão para o mundo: a expansão das publicações .....	88
<b>CAPÍTULO 4 – A FORMAÇÃO DO CENÁRIO RELIGIOSO BRASILEIRO E A GLOBALIZAÇÃO .....</b>	<b>94</b>
4.1 Sincretismo e domínio da Igreja Católica .....	94
4.2 A intensificação da imigração: o fim do período monárquico .....	97
4.3 A chegada dos imigrantes japoneses diante do contexto da Republica Velha .....	99
4.3.1 A forte relação com o país natal e o desenvolvimento das práticas religiosas .....	101
4.3.2 O crescimento da atividade religiosa nas colônias .....	104
4.4 O início do Governo Vargas e sua influência na dinâmica sociocultural do Brasil.....	106
4.4.1 O advento do Estado Novo e a repressão aos imigrantes japoneses .....	108
4.4.2 O desfecho da Segunda Guerra Mundial: entre tensões e apaziguamentos .....	109
4.5 O desejo de permanência nas terras brasileiras e a intensificação das atividades religiosas .....	111
4.5.1 As Novas Religiões japonesas frente ao contexto da ditadura Civil-Militar .....	113
<b>CAPÍTULO 5 – A DIFUSÃO DA <i>SEICHO-NO-IE</i> NA COLÔNIA JAPONESA .....</b>	<b>116</b>
5.1 O contato inicial via publicações.....	116
5.1.2 A “força da doutrina” contida nas publicações é descoberta pelos irmãos Matsuda .....	118

5.2 O reconhecimento oficial após a Segunda Guerra Mundial .....	123
5.3 A tradução como estratégia da expansão entre os brasileiros .....	129
<b>CAPÍTULO 6 – O INÍCIO DO PROCESSO DE EXPANSÃO E ADAPTAÇÃO DA REVISTA ACENEDOR NO BRASIL (1965-68) .....</b>	<b>133</b>
6.1 Os sujeitos envolvidos .....	133
6.2 O processo de escolha do nome da revista .....	134
6.3 A apresentação inicial e a mensagem ao público .....	136
6.3.1 A apresentação do fundador, da SNI e das lideranças .....	140
6.4 A estruturação dos conteúdos .....	150
6.4.1 Os “Preceitos diários” .....	154
6.4.2 “As Preleções do Evangelho” .....	160
6.4.3 O significado do emblema .....	166
6.4.4 A manutenção da presença do <i>ie</i> .....	169
6.4.5 O significado da “cura” .....	171
6.5 A mensagem das lideranças locais aos brasileiros .....	172
6.6 A presença das propagandas .....	179
6.7 Recursos visuais .....	185
6.8 A divulgação das atividades .....	191
6.9 Os relatos de experiência: o contato com as publicações .....	198
<b>CAPÍTULO 7 – O AVANÇO DA REVISTA ACENEDOR NO BRASIL (1969-85).....</b>	<b>202</b>
7.1 Novas diretrizes .....	202
7.2 A dinâmica das propagandas .....	220
7.3 Uma nova aproximação com o local .....	229
7.4 A manutenção da importância da figura do fundador .....	240
7.5 A relação com a política vigente .....	248
7.6 A relação com o meio intelectual e imprensa .....	265
7.7 O aumento da dimensão dos relatos de experiência .....	269
7.8 Estratégias de difusão nacional .....	277
7.8.1 Os relatos como forma de demonstração da abertura à ascensão de cargos .....	286
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>289</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>296</b>

## INTRODUÇÃO

A *Seicho-No-Ie* (SNI) – em conjunto com a *Soka Gakkai* – é atualmente a Nova Religião (NR) japonesa, surgida através de Masaharu Taniguchi (1893-1985) em 1930,<sup>1</sup> com maior número de adeptos provenientes de outros países – que estão espalhados, por exemplo, nos EUA, Canadá, Taiwan, Portugal, Suíça, Coreia do Sul, Espanha, Alemanha, América Central e em grande parte da América do Sul (CÍRCULO DE HARMONIA, 2021a). Entretanto, este cenário adquire mais notoriedade no território brasileiro, pois a maioria dos membros está concentrada no nosso país – sendo que grande partes dos mesmos não possui ascendência nipônica (STAEMMLER, 2018).<sup>2</sup>

Compreender este cenário global da SNI para além dos limites territoriais japoneses – principalmente no contexto específico brasileiro –, implica na necessidade de analisarmos o grau de importância histórica que as publicações desempenham nesta NR. Em outras palavras, é preciso ter mente que elas possuem uma função primordial na SNI, isto é, para suas práticas religiosas. São consideráveis, por exemplo, a quantidade de livros e revistas disponibilizados pela *Seicho-No-Ie*. “[...] tanto Masaharu Taniguchi quanto seus sucessores e suas esposas publicaram vários livros – bem como artigos nas revistas da *Seichō no Ie* – explicando várias partes da doutrina, da prática religiosa da *Seichō no Ie* e da sua realização para a vida cotidiana” (STAEMMLER, 2018, p. 34, tradução nossa).

Vale acrescentar que a formação de Masanobu Taniguchi – atual liderança máxima da SNI e neto de Masaharu Taniguchi –, foi marcada por uma sólida relação com a escrita. Em 1979, nos EUA, ele adquiriu o título de Mestre em Assuntos Internacionais pela Universidade de Columbia. Ademais, na década de 1980, chegou a atuar como jornalista do *Sankei Shimbun* – um dos principais meios de comunicação do Japão (CÍRCULO DE HARMONIA, 2021a). Dentre os livros de sua autoria podemos citar trabalhos como “Caminho da paz pela fé: a fé da atualidade” (2004), “Primeiro

---

<sup>1</sup>É sabido que no Japão, os nomes das pessoas seguem a seguinte lógica: sobrenome, seguido do nome próprio (BAFFELLI, 2016). Nesta tese foi adotada a sequência utilizada no Brasil.

<sup>2</sup>Cabe frisar que este levantamento foi realizado junto aos dados disponibilizados pela SNI (STAEMMLER, 2018).



passo para a paz” (2006) e “Decisão em prol das futuras gerações: por que um religioso defende o abandono da energia nuclear” (2013).

Atualmente, a SNI mantém, mensalmente, a publicação de um jornal – de circulação gratuita – e três revistas – para assinatura.<sup>3</sup> Estes materiais, normalmente de fácil acessibilidade, possuem uma função atrativa para angariar novos membros. No caso das revistas, por exemplo:

[...] são frequentemente exibidas abertamente em lojas ou estações para atrair novos leitores. Seu conteúdo indica que elas são destinadas tanto para membros quanto para não membros porque, além de artigos sobre a doutrina de Seichō no le e ensaios sobre vários tópicos e depoimentos - para serem lidos e discutidos em grupos de estudos - elas também contêm notas de rodapé explicativas e informações básicas sobre a história e atividades da Seichō no le, bem como endereços e números de telefone das principais filiais (STAEMMLER, 2018, p.94, tradução nossa).

Recentemente, a obra *Kanro-No-Hoou* – “Sutra Sagrada Chuva de Néctar da Verdade” –, além de já ter sido traduzida para diversas línguas, foi publicada em braile (STAEMMLER, 2018). Ademais, vale destacar que a SNI possui sua própria editora – conhecida como *Nihon Kyobunsha* (BAFFELLI, 2016).

Além das publicações de livros, boletins e revistas, a SNI, atualmente, também investe em outros canais de comunicação. Em virtude da pandemia, o uso das mídias sociais, por exemplo, ficou cada vez mais evidente. “A divulgação da Seicho-No-le foi evoluindo graças à divulgação de Revistas Sagradas, de livros, e, posteriormente, chegou ao rádio, à TV e à Internet” (CÍRCULO DE HARMONIA, 2022a, p. 24).

Retomando a questão de destaque da SNI no Brasil, vale mencionar algumas informações. A primeira delas envolve o livro – escrito por Masaharu Taniguchi a partir de 1932 – conhecido como *Seimei no Jissō* – “A Verdade da Vida”. Esta obra doutrinária – composta por 40 volumes e tida como a mais importante da SNI – foi traduzida integralmente somente para o português – no caso da língua inglesa, por exemplo, a tradução ainda é parcial (STAEMMLER, 2018). A segunda diz respeito à quantidade de trabalhos, escritos por Taniguchi, traduzidos para o nosso idioma – ao

<sup>3</sup>Em japonês, o jornal se chama *Seishimei*. Já as revistas recebem o nome de: *Inochi no wa* (destinada ao público mais geral); *Shirohato* (voltada às mulheres); e *Hidokei* (direcionada aos jovens) (STAEMMLER, 2018). No Brasil, estas publicações são traduzidas e distribuídas, respectivamente com os seguintes nomes: Círculo de Harmonia, Fonte de Luz, Mulher Feliz e Mundo Ideal.

todo, são mais de 200 (CÍRCULO DE HARMONIA, 2022b). Ademais, no próprio site da *Seicho-No-Ie* do Brasil – SN/BR –, é preciso destacar a presença de uma estrutura robusta voltada às publicações em português. Na página inicial do site, é possível identificar a opção “Mídia SNI” – em que o usuário se depara com a possibilidade de acesso às informações sobre revistas, livraria virtual e e-books relacionados à literatura da *Seicho-No-Ie*.<sup>4</sup> Tais exemplos demonstram justamente a atenção mais destacada dada ao público de leitores brasileiros.

Evidentemente, aliado ao papel das publicações, o que explica a relativa aceitação da SNI entre os brasileiros perpassa o processo de imigração japonesa para o nosso país – a partir do início do século XX. Neste sentido – considerando um período já centenário de imigração – a religiosidade nipônica, incluindo Budismo, Xintoísmo e as Novas Religiões (NRs), também deve ser compreendida sob a ótica histórica, pois se confunde com a construção da diversificação religiosa brasileira (USARSKI; SHOJI, 2017). Daí que a difusão das publicações da SNI no Brasil possui um marco histórico que se relaciona não somente com as traduções das publicações, mas também com os atores e contextos sociais envolvidos.

Considerando este cenário, vale destacar que a partir de 1960, através do trabalho pioneiro de Maeyama (1967) – sobre o início do processo de desenvolvimento da SNI no Brasil – criou-se no ambiente acadêmico brasileiro uma tentativa de compreender a dinâmica de atratividade da *Seicho-No-Ie* na nossa população como um todo (USARSKI; SHOJI, 2017). Daí o interesse pela análise da primeira revista, em solo brasileiro, lançada pela SNI. Trata-se da Revista Acendedor – fundada em 1965 na cidade de São Paulo por adeptos –, e que, após o falecimento de Masaharu Taniguchi, passou a se chamar Revista Fonte de Luz.<sup>5</sup> A partir da década de 1990, trabalhos como os de Albuquerque (1999), Amatuzzi (2000), Castilho (2006), Diniz (2006), Silveira (2008), Waragai (2008), Fernandes (2013) e Pereira (2013), são provas desta investida acadêmica relacionada à análise dos conteúdos presentes na revista.

---

<sup>4</sup>Disponível em: <https://sni.org.br/>. Acesso em: 11 dez. 2022.

<sup>5</sup>Após o falecimento de Taniguchi, e através das diretrizes de seu sucessor, a Revista Acendedor passou a se chamar Fonte de Luz. Antes do falecimento do fundador da SNI, já havia um movimento para modificar o nome do periódico – como forma de buscar uma melhor compreensão de seu significado para o público brasileiro (WARAGAI, 2008).

Albuquerque (1999) procurou frisar aspectos dos relatos de experiência e dos discursos das lideranças locais contidos em algumas publicações datadas entre 1966-78. Amatuzzi (2000), através de uma coleta de depoimento, apresentou o primeiro contato de um indivíduo – de formação católica – com a Revista *Acendedor*, na década de 1980. Castilho (2006) apontou, através do diálogo com elementos simbólicos cristãos, mecanismos de adaptações, incorporações e acréscimos contidos nas publicações. Diniz (2006) citou, historicamente, a importância do início do desenvolvimento da revista na década de 1960. Silveira (2008) discorreu sobre os discursos das lideranças locais, e sua relação com a dimensão política, entre 1966-70. Já Waragai (2013), Fernandes (2013) e Pereira (2013) centraram suas análises sobre o mecanismo das traduções das publicações – comparado, por exemplo, elementos das culturas linguísticas japonesas e brasileiras.<sup>6</sup>

Além dos trabalhos acadêmicos, podemos notar que no próprio site da *Seicho-No-Ie* do Brasil, na parte destinada aos relatos, há uma ênfase em destacar como foi o contato inicial de brasileiros com a SNI via Revista *Acendedor*. “Conheci os Ensinamentos da *Seicho-No-Ie* em 1973, por meio de uma revista que foi dada pela mãe de uma amiga das minhas filhas. Naquela época, a revista se chamava *Acendedor*”.<sup>7</sup>

Procurando dar prosseguimento aos estudos voltados ao papel da Revista *Acendedor* no Brasil, o objetivo principal desta tese foi ampliar o escopo de análise – trazendo uma abordagem mais detalhada da produção deste material. Neste sentido, foi explorado todo o período de produção da revista em nosso território – datado entre 1965-85 –, com a finalidade de estabelecer um exame minucioso da relação do periódico – e suas doutrinas religiosas – com a dinâmica da sociedade brasileira verificada neste contexto.

Apesar da inegável relevância dos trabalhos já publicados, um exame mais detalhado da produção do material – nas décadas de 60, 70 e 80 – possibilitou trazer, como contribuição, novos elementos a respeito dos desafios e dos mecanismos

---

<sup>6</sup>Vale acrescentar trabalhos mais recentes que procuram resgatar, nos discursos políticos das lideranças locais da SNI presentes na revista, a relação com a dinâmica heterogênea na globalização (SILVEIRA; MIRANDA, 2021).

<sup>7</sup>Disponível em: <https://sni.org.br/pravozemulher/familia-e-salva-de-covid-19-pela-fe-e-pratica-da-verdade/>. Acesso em: 13 nov. 2022.

utilizados durante o início do processo de adaptação da SNI no Brasil. Neste sentido – percorrendo praticamente quase três décadas de circulação da revista – foi possível averiguar uma quantidade considerável de elementos que fizeram parte da construção da revista: atores, tradução, público e contexto sociocultural.

Esta pesquisa, ao analisar a produção da Revista Acendedor entre 1965-85 procurou traduzir, em sentido prático, os motivos pelos quais as publicações exerceram uma importância significativa para o processo de acomodação da SNI no Brasil. Desta maneira, tanto para a formação e desenvolvimento da doutrina, foi possível verificar que, na dinâmica de adaptação para uma realidade sociocultural distinta, as publicações acabaram simbolizando o movimento gradual de inserção da SNI no território brasileiro, ou seja, o resgate mais detalhado da Revista Acendedor possibilitou trazer este cenário de maneira clara e abrangente.

Este recorte temporal escolhido também procurou levar em consideração a importância da relação da Revista Acendedor com Masaharu Taniguchi, ou seja, com o fundador da *Seicho-No-Ie* – pois, o surgimento do periódico foi resultado do interesse de Taniguchi em expandir a doutrina entre os brasileiros – através do processo de tradução. Neste sentido, além de aprofundar na análise da produção da revista, o foco desta tese também recaiu na relação interdependente entre *Seicho-No-Ie*, Brasil e Japão. Vale pontuar que, ainda no ano de 1981, Taniguchi organizou – diretamente do Japão – a produção do material conhecido como “Álbum Brasileiro Comemorativo do 88º Aniversário do Mestre Masaharu Taniguchi” (CÍRCULO DE HARMONIA, 2022a). O que demonstra, exatamente, a manutenção da presença do fundador como um elemento fundamental relacionada à inserção da SNI no Brasil.

Em outras palavras, também foi levado em consideração a dinâmica socio-histórica do arcabouço religioso relacionado ao contexto de influências e desenvolvimento da SNI no Japão, bem como as circunstâncias de seu processo de deslocamento e adaptação no ambiente religioso brasileiro – ou seja, no país anfitrião.

Considerando este duplo movimento, isto é, da análise da Revista Acendedor, e do percurso socio-histórico perpassado pela *Seicho-No-Ie* – envolvendo Japão e Brasil – partiu-se da hipótese de considerar a SNI como uma Nova Religião que deve ser compreendida em diferentes ângulos – tanto do ponto de vista das influências orientais

quanto ocidentais. Este fluxo é de ordem heterogênea e global – assumindo contornos culturais, tecnológicos e também econômicos. Neste caso, antes de compreendermos o papel específico da Revista Acendedor no Brasil, precisamos desvendar as raízes da SNI no Japão. O percurso histórico da globalização – que considera válidos os acontecimentos orientais – possibilita apresentar este cenário (DESSI, 2013). É neste caminho que chegamos à compreensão mais abrangente do uso da mídia impressa pelas Novas Religiões no Japão, ainda no final do século XIX (BAFFELLI, 2016).

Certamente, a Revista Acendedor, única revista desenvolvida pela SNI no território brasileiro até 1985, trouxe em suas publicações as tradições japonesas e os mecanismos de adaptações voltados tanto para o Japão – após o desfecho da Segunda Guerra Mundial em 1945 –, quanto para o Brasil – no contexto da instauração da Ditadura Civil-Militar de 1964. É neste emaranhado de acontecimentos e significados – e compreendendo a formação do cenário religioso japonês – que também se partiu de uma hipótese voltada à necessidade de considerar a Revista Acendedor como um arcabouço utilizado pela SNI capaz de relacionar uma determinada doutrina religiosa com questões políticas, científicas e educacionais (DESSI, 2013). Estando ciente desta conexão, foi possível analisar como a SNI, via Revista Acendedor, conseguiu estabelecer, ainda na segunda metade do século XX, o processo inicial de abertura para a população brasileira como um todo.

Considerando os procedimentos metodológicos seguidos nesta tese, cabe destacar, primeiramente, a escolha da abordagem histórica proposta por Basto de Albuquerque (2007a; 2007b; 2008), como forma de compreender, do ponto de vista heterogêneo do processo da globalização, a *Seicho-No-Ie* – enquanto uma Nova Religião surgida e desenvolvida no contexto japonês no início do século XX – e sua adaptação à realidade brasileira a partir da segunda metade da década de 1960.

Neste sentido, assumiu-se, neste trabalho, uma posição interdisciplinar e crítica em relação à abordagem da historiografia tradicional da religião – construída no século XIX – e que se alicerçou em três pilares: 1) Compreender a história das religiões através de dois grandes modelos – o primeiro seria transformar o método histórico como alicerce para estabelecer as verdades do Cristianismo, já o segundo enfatizaria o desaparecimento gradual das religiões em virtude do progresso da ciência e das

indústrias; 2) Concentrar a análise somente nas histórias dos países – isto é, atrelar o desenvolvimento das religiões basicamente ao universo particular das instituições de cada Estado; e 3) Enfatizar a relação histórica das igrejas com as estruturas institucionais – priorizando, nesse caso, unicamente a relação entre Estado com os dogmas, santidades canonizadas e teologias oficiais. Como alternativa, partiu-se de uma visão desenvolvida pela Escola dos *Annales* – na década de 20 – e pelo seu desdobramento conhecido como Nova História – que emergiu a partir da década de 60 (BASTO DE ALBUQUERQUE, 2007a).

Em relação à Escola dos *Annales*, foi resgatada a necessidade da aproximação entre Antropologia, Sociologia e História para a compressão dos fenômenos religiosos – reconhecendo, por exemplo, a conexão entre a esfera política e o sistema de crenças presentes na sociedade. Já em relação à Nova História, destacou-se a importância de compreender a religião mediante a organização social de um determinado contexto histórico, bem como a conexão da religiosidade à vivência cotidiana dos próprios indivíduos (BASTO DE ALBUQUERQUE, 2007a).

Partindo da perspectiva destas duas visões, assumiu-se a abordagem histórica como sendo capaz de interpretar a religião através de uma visão não limitada do ponto de vista da temporalidade – ou seja, valorizando a possibilidade de analisar períodos temporais longos –, bem como constituída por múltiplos elementos construídos socialmente e historicamente pelos indivíduos (BASTO DE ALBUQUERQUE, 2007a; 2007b).

Ademais, cabe levar em consideração que as próprias relações da cultura brasileira e nipônica possuem historicidades por vezes esquecidas. Logo, as publicações crescentes, nas três últimas décadas, de livros do Budismo japonês, confirma a necessidade de perceber que tal fenômeno não está simplesmente relacionado ao consumo. Assim, assumiu-se, neste trabalho, uma abordagem que procurou levar em consideração o seguinte aspecto: a necessidade de perceber que a relação entre história e religião foi – e continua sendo – permeada por fluxos socioculturais globais envolvendo religiosidades que se formaram – e ainda se formam – em diferentes períodos – do Ocidente ao Oriente (BASTO DE ALBUQUERQUE, 2008).

Já em relação à abordagem realizada em torno da Revista *Acendedor*, partiu-se da Análise de Discurso proposta por Orlandi (1987; 1995; 2007; 2012). Logo, foi levada em consideração a necessidade de considerar o texto não como um mero conglomerado de palavras – ou seja, somente como um documento físico e estático –, mas sim um objeto permeado de historicidade discursiva composta de significados socialmente construídos (ORLANDI, 1995).<sup>8</sup> Nesse sentido, assumiu-se a premissa de que os discursos religiosos – no caso aqui em específico, os elementos doutrinários da *Seicho-No-le* contidos na Revista *Acendedor* – não estão restritos aos domínios da análise propriamente teológica (ORLANDI, 1987).

Compreender os conteúdos contidos nos exemplares da Revista *Acendedor* – isto é, a relação da doutrina da *Seicho-No-le* com o contexto brasileiro – envolveu a necessidade de perceber o texto não como uma unidade fechada e acabada internamente, mas constitutiva e articulada com elementos externos. Dito de outra forma partiu-se de uma análise voltada em detectar os diferentes processos socio-históricos que podem ocorrer no interior da própria produção textual (ORLANDI, 1995). Assim, o sentido de discurso, adotado nesta tese, levou em consideração a necessidade de não dissociar a relação entre emissor e receptor com o conteúdo que é transmitido (ORLANDI, 2012).

Cada número da Revista *Acendedor* foi analisado levando-se em conta: 1) A natureza dos diferentes materiais simbólicos – como imagens e grafias; 2) A natureza da linguagem – presença de escrita científica, literária, narrativa ou descritiva; 3) As posições dos diferentes sujeitos envolvidos; 4) O movimento e deslocamento de palavras – isto é, presença ou ausência<sup>9</sup> de determinados termos; e 5) As condições de produção do material (ORLANDI, 1995; 2007).

Assim, ao analisar os conteúdos presentes na Revista *Acendedor*, partiu-se do princípio de compreender o discurso religioso enquanto uma “territorialidade da espiritualidade dos sujeitos” – ou seja, o espaço no qual eles se constroem e se expressam na realidade social (ORLANDI, 1987; 2007).

---

<sup>8</sup>Cabe destacar que na Análise de Discurso o texto expressa a representação física e simbólica da linguagem (ORLANDI, 1995).

<sup>9</sup>Em relação à ausência, cabe destacar a possibilidade da chamada “política do silêncio”, ou seja, uma espécie de silêncio constitutivo – indicando que o próprio “não dizer” já simbolizaria a mensagem a ser transmitida (ORLANDI, 2007).

Em relação aos materiais, cabe enfatizar que foi possível utilizar, para análise, 74 números da Revista *Acendedor*. Como os exemplares são antigos e deixaram de serem produzidos pela editora em 1985, os mesmos foram coletados mediante aquisições no site “Estante Virtual” – que oferece o serviço de sebo virtual. Ademais, vale destacar que a escolha da aquisição destes materiais, esteve atrelada à necessidade em adquirir revistas produzidas nas décadas de 60, 70 e 80 – no intuito de atender ao recorde temporal desta tese.

Em relação à estrutura desta tese, a mesma foi dividida em sete capítulos. No primeiro, foram abordados os elementos conceituais perpassados sobre a noção mais ampla e histórica envolvendo as chamadas Novas Religiões (NRs) e sua relação com o entendimento geral de religião na contemporaneidade – considerando os elementos do pluralismo e do sentido “orgânico” das religiosidades. Ademais, em conjunto a estes elementos, foi dado um destaque à compreensão heterogênea da globalização – tomando como base a historicidade, a relação entre o global e local e a conexão entre religião, cultura, política e economia.

No segundo capítulo foi efetuado um resgate da formação do cenário religioso japonês – considerando o entendimento heterogêneo de globalização aqui adotado –, como forma de compreender as influências e as adaptações das Novas Religiões japonesas em torno da relação socio-histórica do Japão com o mundo, bem como do processo de formação da associação entre as Novas Religiões com a mídia impressa – a partir do final do século XIX.

No terceiro capítulo foi realizado um desenvolvimento mais detalhado a respeito da *Seicho-No-Ie*. Primeiramente, através de um resgate da vida de Masaharu Taniguchi, foram resgatadas suas influências religiosas ocidentais e orientais, bem como seu interesse pela leitura e escrita. Em um segundo momento, foi abordado o contexto de surgimento e desenvolvimento da SNI – alicerçado nas obras produzidas por Taniguchi. Em um terceiro momento, considerando o término da Segunda Guerra Mundial e fim do Xintoísmo de Estado no Japão, foi destacado o processo de expansão e adaptação iniciado pela SNI para outras partes do mundo.

No quarto capítulo, a exemplo do segundo e já considerando a relação entre SNI e Brasil, foi feito um resgate socio-histórico da formação do cenário religioso brasileiro –



compreendendo o processo da vinda dos imigrantes nipônicos e suas crenças religiosas, a partir do início do século XX, sob a ótica do ambiente religioso do nosso país construído antes, durante e após este processo.

No quinto capítulo, foi dado ênfase ao processo de desenvolvimento da SNI no Brasil – até o início da década de 1960 – demonstrando como o papel das publicações foi fundamental para seu impulso nas colônias.

No sexto capítulo, a atenção recaiu em torno dos anos iniciais da produção da Revista Acendedor – entre 1965-68. Tomando como base a heterogeneidade do entendimento da globalização assumido nesta tese, foi demonstrado como esta revista foi elaborada e apresentada à população brasileira como um todo, na medida em que os acontecimentos – sociais, culturais, econômicos e políticos – se desenhavam no Brasil.

Por fim, no sétimo capítulo e partindo da análise efetuada no capítulo anterior, foi realizada uma abordagem sobre a produção da Revista Acendedor – entre 1969-85 –, a fim de compreender a continuidade da difusão deste período no Brasil – observando os desafios, continuidade e avanços.

## **CAPÍTULO 1 – NOVA RELIGIÃO, GLOBALIZAÇÃO E RELIGIÃO ENQUANTO ELEMENTOS INTERDEPENDENTES**

### **1.1 Nova Religião enquanto entendimento terminológico**

A discussão a respeito do uso de termos como Novo Movimento Religioso (NMR), Nova Religião (NR) e Nova Era (*New Age*), perpassada um debate – do ponto de vista das Ciências Sociais – iniciado, basicamente, a partir da década de 1960. Desde então, foi estabelecido um esforço em analisar, do ponto de vista sociocultural, os fenômenos religiosos que estavam emergindo (CLARKE, 2006a; GUERRIERO, 2006; ARWECK, 2006; 2007; BROMLEY, 2007). Porém, o interesse não parou por aí. A ideia de florescimento destas religiões também implicou na necessidade de compreender em qual momento histórico, de fato, elas começaram a surgir, em que sentido elas se difeririam das religiões ditas tradicionais – ou mesmo de suas ramificações – bem como o que seria, de fato, uma religião tradicional.

Para discuti-las nesta tese foi utilizado, como ponto de referência, o uso da terminologia Nova Religião (NR). No Japão, por exemplo, tal nomenclatura é empregada como, “[...] uma tradução direta de *shinshūkyō*, que se tornou o termo padrão na academia japonesa” (POKORNY; WINTER, 2018, p.7, tradução nossa). Neste sentido, ao adotarmos o termo NR estamos levando em consideração a razoabilidade do seu uso:

Apesar das diferenças sobre sua aplicabilidade e adequação o termo Nova Religião continua a ser amplamente usado e é compreendido de forma mais viável se visto como um conceito abrangente que é aplicado a uma vasta gama de fenômenos espirituais e religiosos [...] (CLARKE, 2006a, p. 454, tradução nossa).

Esta abrangência permite levarmos em consideração uma complexidade de religiosidades que surgiram – e ainda surgem – ao redor do mundo. Falar em NR abre margem para uma espécie de deslocamento temporal, ou seja, possibilita – em uma maior escala – aplicar tal termo para além do horizonte em que ele foi introduzido na academia – propiciando, desta forma, discutir como foi o processo de desenvolvimento das Novas Religiões (NRs) que também floresceram em momentos anteriores da década de 1960. Desta forma:

O termo Nova Religião é aplicado de maneira distinta em diferentes contextos culturais. Enquanto que nos Estados Unidos e na Europa é amplamente utilizado para se referir a movimentos religiosos e espirituais inovadores que surgiram desde o final da Segunda Guerra Mundial (1945-6), ou de movimentos como a Nova Era [...] no Japão os estudiosos datam o surgimento de novas religiões, *shinshukyo*, no início do século XIX (CLARKE, 2006a, p. 453-454, tradução nossa, grifo do autor).

Como podemos observar seria possível perceber, do ponto de vista do contexto de cada país, como e quando as Novas Religiões se formaram ao longo do tempo. “Os sociólogos afirmam que a variedade entre essas novas religiões não permite um rótulo simples e monolítico” (SALIBA, 2007, p. 47, tradução nossa). Daí a ideia do aspecto inclusivo, ou seja, a necessidade de compreender a heterogeneidade do surgimento das NRs. “O fenômeno não se limita ao mundo ocidental: na África, no Leste da Ásia, notadamente no Japão e Coreia, enfim, as inovações religiosas não são menos evidentes” (WILSON, 2001, p. 20, tradução nossa). Neste sentido, é preciso situá-las em diferentes contextos – do Oriente ao Ocidente, levando-se em conta uma interpretação, “[...] ampla o suficiente para cobrir o vasto aspecto das novas religiões” (MELTON, 2007, p. 30, tradução nossa). Assim, ao analisar estas religiosidades, é preciso, por exemplo, incluir NRs como: 1) *Unification Church* – surgida na Coreia do Sul em 1954; 2) *Church of Scientology* – surgida nos EUA em 1954; 3) *International Society for Krishna Consciousness* (ISKCON) – surgida nos EUA em 1966; 4) *Tenrikyo* – surgida no Japão em 1838; 5) *Celestial Church of Christ* – surgida na República do Benim em 1947; e 6) *Wicca* – surgida na Inglaterra em 1954 (MELTON, 2007).

Levando-se em conta o cenário nipônico, a terminologia *shinshūkyō* (tradução direta para NR) consideraria todas as religiosidades que emergiram a partir do século XIX até os dias atuais, e que difeririam das chamadas “religiões consolidadas” – *kisei shūkyō*, – ou “religiões tradicionais” – *dentō shūkyō*, (READER, 2006). Segundo Shimazono (2006), falar em religião tradicional no Japão implica na necessidade de reconhecer os aspectos gerais da cultura nipônica consolidada antes do processo de formação do Estado-Nação – iniciado a partir da década de 1860. Daí que Xintoísmo e Budismo fariam parte deste “recorte tradicional”. Ademais, o termo NR também se diferenciaria de outros dois que são utilizados, de maneira majoritária, no ambiente jornalístico e rechaçados, em grande parte, pela academia. A saber: 1) *shin-*

*shinshūkyō*, (“novíssimas religiões”)<sup>10</sup> – usada para se referir às religiosidades nipônicas surgidas a partir da década de 1970; e 2) *shinkō shūkyō*, (“religiões recém estabelecidas” ou “religiões recém nascidas”)<sup>11</sup> – aplicada para se referir às religiões que floresceram a partir do início do século XX. Este segundo seria ainda mais problemático pelo seguinte motivo: *shinkō* é comumente compreendido em conjunto com a palavra *narikin*. A expressão *shinkō narikin*, significa “emergente” – o que seria visto, aos olhos das lideranças destas religiosidades, como algo depreciativo (WINTER, 2018).

Apesar do recorte temporal em relação às religiões tradicionais, é necessário perceber de que forma as NRs se relacionam com as mesmas.<sup>12</sup> Dito de outra maneira é preciso ter em mente que elas também são – em diferentes níveis – variações de religiões mais antigas. “Deve servir apenas como uma indicação ou um marcador de tempo, isto é, ‘novo’ no sentido de ‘mais recente’, mas ainda assim uma parte essencial das tradições religiosas nos vários países” (WINTER, 2018, p. 18, tradução nossa, grifos do autor). No caso nipônico, por exemplo, há o entendimento de que as NRs estão relacionadas com Xintoísmo e Budismo (WINTER, 2018). Porém, isto não implica dizer que todas estas variações religiosas observadas ao longo do tempo, sejam, necessariamente, NRs. Como observa Melton (2007), as NRs se diferenciam, por exemplo, das centenas de denominações religiosas cristãs – bem com suas várias organizações cooperativas fundadas.<sup>13</sup>

Perceber a relação das NRs com as religiões mais tradicionais também implica compreendermos as especificidades do desenvolvimento socio-histórico de cada país, ou seja, não há um conjunto universal de características compartilhadas por todas as NRs (MELTON, 2007).<sup>14</sup> Para analisá-las deve-se contextualizar seu surgimento e transformação. “Novidade ou inovação nas sociedades orientais, e mesmo em certa

<sup>10</sup>Em inglês, o termo é traduzido como *new new religions* (WINTER, 2018).

<sup>11</sup>Em inglês tais termos são traduzidos, respectivamente, como *newly-established religion* e *newly-born religion* (WINTER, 2018).

<sup>12</sup>Neste sentido, concordamos com o seguinte argumento de Ortiz (2000): a tradição, do ponto de vista antropológico, trabalha com a ideia de que todo o arcabouço tradicional é cultural e toda cultura é presente.

<sup>13</sup>Neste conjunto de denominações estariam Igreja Católica Romana, Igreja Anglicana, Igreja Evangélica na Alemanha (EKD), Convenção Batista do Sul, Igreja Unida do Canadá, Igreja Metodista Unida e Igreja Presbiteriana (MELTON, 2007).

<sup>14</sup>Cabe salientar que embora grande parte das NRs seja liderada pelos fundadores, muitas delas já fizeram uma transição para uma espécie de “liderança institucionalizada coletiva” – como é o caso da *Church of Scientology* e da *Church Universal and Triumphant* (MELTON, 2007).

medida nas sociedades islâmicas, muitas vezes tem mais a ver com ortopraxia do que ortodoxia” (CLARKE, 2006a, p.3, tradução nossa). Todavia, isto não implica uma compreensão fechada, pois as Novas Religiões também estão sujeitas aos contatos externos. No caso japonês, por exemplo, as NRs devem ser interpretadas:

[...] dentro do contexto comum das religiões japonesas. As fronteiras discutidas de acordo com este esquema de classificação, no entanto, não devem ser interpretadas como limitações estritas, uma vez que empréstimos inter-religiosos e integração de - à primeira vista - elementos não genuínos é uma característica comum da história das religiões japonesas [...] (WINTER, 2018, p. 19, tradução nossa).

Tomando como base este caso nipônico, é preciso levar em consideração que as NRs japonesas estão relacionadas ao contexto milenar do Xintoísmo e sua reinterpretção ao longo do tempo – em virtude do contato com, por exemplo, Budismo e Cristianismo (ORTIZ, 2000; WINTER, 2018). Como sugere Carpenter e Roof (1995), o percurso de formação e desenvolvimento da religião no Japão seguiu uma máxima oriental voltada para uma espécie de “conciliação de opostos”. Daí a necessidade de perceber que, “[...] o Japão tem, há muitos séculos, uma grande capacidade de incorporar seletivamente características de outros países e civilizações” (ROBERTSON, 2014, p.22, tradução nossa).

## **1.2 Nova Religião e a reconfiguração de conceitos chaves na Sociologia da Religião**

Assumindo como ponto de partida o uso do termo Nova Religião, esta tese também partiu do princípio da necessidade de se repensar dois pontos perpassados pela Sociologia da Religião. O primeiro deles diz respeito ao fenômeno da secularização. Conhecido, em linhas gerais, por um processo pelo qual a religião diminui – gradativamente ao longo do tempo – seu grau de importância no meio social, a secularização tem sido – desde Émile Durkheim (1858-1917) e Max Weber (1864-1920) – um tema bastante debatido na academia (BERGER, 2001). Neste sentido, levando-se em conta a complexidade e heterogeneidade do campo de alcance das

NRs, este trabalho considerou a possibilidade se pensar menos na ideia de secularização e mais na noção de pluralismo (BERGER, 2001; 2006; 2014).

O processo de surgimento e desenvolvimento das NRs indica que há uma dinâmica pluralista na sociedade causada, por exemplo, pela imigração, urbanização, educação e pelos meios de comunicação em massa (BERGER, 2014). Isto não quer dizer que a secularização seja um fenômeno inexistente. “Essa pluralização pode ser secular ou não, dependendo de outros fatores em uma dada situação” (BERGER, 2001, p. 449, tradução nossa). Pensar em termos da pluralização, possibilita, desta forma, extrapolar uma concepção eurocêntrica da secularização – enquanto um mecanismo envolvendo, necessariamente, o declínio da religião na sociedade (BERGER, 2014). Desta forma podemos compreender que, em meio ao próprio desenrolar da secularização, há uma espécie de reconfiguração das crenças envolvendo a dinâmica da vivência dos indivíduos (HERVIEU-LÉGER, 2008). O pluralismo religioso indica, “[...] uma situação historicamente sem precedentes em que mais e mais pessoas vivem em meio a crenças, valores e estilos de vida concorrentes. Essa situação tem efeitos profundos na religião, mas são diferentes do efeito da secularização” (BERGER, 2002, p. 313, tradução nossa).

Além do pluralismo, esta tese considerou a necessidade de compreender a religião do ponto de vista “orgânico”. Dito de outra forma, o panorama complexo das Novas Religiões proporciona uma indagação sobre o próprio entendimento do conceito de “religião” no campo da Sociologia. “O discurso em termos gerais centrou-se nos processos históricos e sociológicos da diferenciação pela qual a religião, outrora a instituição social dominante, foi dissociada de outras esferas da vida pública” (CLARKE, 2011, p. 3, tradução nossa). Em contramão desta visão, é preciso adotar uma “compreensão orgânica da religião” (*organic understanding of religion*) (CLARKE, 2011).

O entendimento “orgânico” possibilita alcançarmos uma visão abrangente interessada em fenômenos religiosos que extrapolam o espaço físico de uma igreja (CLARKE, 2011). Dado esta lógica, conseguimos compreender, por exemplo, o motivo pelo qual o Japão é frequentemente descrito como uma “sociedade não religiosa”. Esta afirmação precisa ser situada da seguinte forma: os japoneses não compreendem o

sentido de “pertencimento religioso”, de maneira equivalente à tradição ocidental. Muitos frequentam, de forma não assídua, templos xintoístas ou mesmo santuários budistas, mas não o fazem no sentido congregacional (CLARKE, 2006b). Segundo Ortiz (2000) e Dessi (2013), falar em religião no Japão implica reconhecer, por exemplo, a presença de algumas práticas, tais como: culto aos antepassados; rituais envolvendo calendários e rituais fúnebres. Em outras palavras, tratar a religião – no sentido “orgânico” do termo – implica reconhecer a chamada vitalidade religiosa (CLARKE, 2011). Assim, “[...] o que se entende aqui por vitalidade religiosa [...] não deve ser entendido principalmente em termos de crescimento numérico, mas sim diz respeito ao dinamismo, ou ‘força’ e ao ‘escopo’ da religião [...]” (CLARKE, 2011, p. 5, tradução nossa, grifos do autor).

O entendimento “orgânico” de religião, também propicia pensarmos na gama de possibilidades voltadas, por exemplo, ao próprio pluralismo religioso (CLARKE, 2011). Seria uma espécie de, “[...] um termo inclusivo que tem fronteiras elásticas prontamente mescladas com aspectos culturais e sociais onde a doutrina e a crença podem desempenhar um papel, mas não necessariamente essencial” (READER; TANABE JR., 1998, p. 5, tradução nossa). Logo, a religião pode ser pensada, “[...] como uma questão não apenas de doutrina e crença, mas de participação, costume, ritual, ação prática e pertencimento” (READER; TANABE JR., 1998, p. 5-6, tradução nossa). Neste sentido, fica compreensível compreendermos o seguinte ponto referente às NRs. “As novas religiões manifestam uma gama complexa de crenças e práticas” (MELTON, 2007, p. 32, tradução nossa).

### **1.3 Nova Religião e globalização: a heterogeneidade do fluxo global**

Considerando estes elementos que perpassam as NRs, esta tese também partiu do princípio de que elas não estão dissociadas de três componentes, interdependentes, envolvendo os fluxos globais. O primeiro deles refere-se ao conceito de globalização, que poder ser compreendido na contramão de um processo centrado unicamente no aspecto econômico (ROBERTSON, 2014). Daí a noção heterogênea e relacional de globalização envolvendo as dimensões econômicas, sociais, culturais e políticas. “A

religião está centrada na dimensão cultural, mas, sem dúvida, possui aspectos sociais, políticos e econômicos” (ROBERTSON 2011, p. 11, tradução nossa).

Pensar, conceitualmente, a globalização para além da esfera econômica possibilita compreendermos que a heterogeneidade das NRs está relacionada a uma espécie de fluxo global perpassado para além dos domínios de uma globalização que envolva exclusivamente a dinâmica de empresas transnacionais. “Isso é importante e não apenas corrige a noção de que as culturas não ocidentais e não americanas estão simplesmente reagindo às forças da globalização cultural [...]” (BERGER, 2002, p.12, tradução nossa). Deve-se, desta forma, evitar uma espécie de oposição binária entre sociedades e culturas provenientes de uma noção equivocada envolvendo uma dissociação completa entre Ocidente e Oriente (ORTIZ, 2000).

O segundo se refere à historicidade da globalização (BANCHOFF; CASANOVA, 2016). Ela envolve o reconhecimento de que o fluxo globalizante possui fases históricas perpassadas desde os primórdios da humanidade (CAMPBELL, 2007). Tal noção abarca um entendimento – não linear – voltado para acontecimentos tanto ocidentais quanto orientais. “Os processos históricos da globalização não são constantes, nem contínuos e muito menos unidimensionais, eles sempre afetaram várias partes do mundo de uma maneira bem diferente” (BANCHOFF; CASANOVA, 2016, p. 3, tradução nossa). Daí a crítica<sup>15</sup> a uma visão que considera a globalização um fenômeno originado da formação do Estado-Nação (ROBERSTON, 2007; DESSI, 2013). Ademais, a noção de um “espírito global” (*global spirit*) ou de um “mundo interdependente”, por exemplo, é inerente ao próprio desenvolvimento da humanidade– o que possibilita pensarmos que os diversos tipos de religiões formadas em períodos remotos, já traziam elementos capazes de se pensar em uma integração entre os inúmeros elementos presentes no mundo (CAMPBELL, 2007).

Já o terceiro diz respeito à interdependência do global e local, ou seja, não há oposição entre eles, mas sim implicações mútuas (DESSI, 2013). Daí a ideia de glocalização. “Glocalização refere-se ao processo pelo qual os fenômenos que se espalham [...] ou são difundidos de um lugar para outro [...] são adaptados à nova localidade em que chegam. Este processo de adaptação constitui o aspecto central da

---

<sup>15</sup>Tal crítica é feita por Robertson (2007) em relação aos seus próprios trabalhos escritos anteriormente sobre a relação entre globalização e história.



própria ideia de glocalização” (ROBERTSON, 2014, p 21, tradução nossa). Esta visão possibilita percebermos que a globalização produz uma variedade de interpretações em diferentes regiões, pois a noção de “local” não diz respeito simplesmente ao espaço geográfico físico, mas também a um ambiente construtivista (ROBERTSON, 2014).<sup>16</sup> É neste emaranhado que as religiões respondem aos fluxos culturais, políticos, econômicos e sociais em diferentes contextos e de diversas maneiras (DESSI, 2013). Neste sentido:

A ideia de glocalização é aplicada a muitas facetas da sociedade humana [...] Isso inclui migração, saúde e medicina, comida e culinária, exposições, festivais, exibições, parques temáticos, músicas e danças, esportes, turismo [...] moda [...] burocracia e administração e ainda outras esferas ou facetas da vida (ROBERTSON, 2014, p. 18, tradução nossa).

Partindo deste ponto é que podemos compreender como, por exemplo, as Novas Religiões podem seguir padrões diferentes quando são inseridas em um novo ambiente cultural através do processo de imigração (DESSI, 2013). No caso das NRs japonesas, Silveira (2016), aponta que, até o início deste século, elas desenvolviam atividades em cerca de 80 países. Considerando este cenário, é preciso levar em conta que muitas delas, na medida em que procuram se estabelecer em países ocidentais – processo este iniciado historicamente pelos imigrantes nipônicos a partir do final do início do século XX –, buscam se adaptar a uma cultura distinta através de uma interação com o local de destino (CLARKE, 2006b). Todavia, este processo não é homogêneo, pois pode envolver tanto um diálogo mais aberto, como também uma resistência à chamada “relativização das visões de mundo” (CLARKE, 2006b; DESSI, 2013).

Neste sentido, a glocalização também possibilita percebermos que as NRs estão inseridas no “sincretismo religioso multidimensional”, isto é, um sincretismo – não necessariamente voluntário – que ultrapassa a ideia de “simples mistura” entre as diferentes religiosidades existentes ao redor do globo (CLARKE, 2008; SANCHIS, 2018).<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup>Segundo Robertson (2014), em uma visão sociológica, antropológica e geográfica, a ideia de “local” pode ter uma conotação construtivista que foge de uma noção estática de espaço.

<sup>17</sup>O sincretismo pode, por exemplo, situar-se, de forma assimétrica, no campo religioso e, ao mesmo tempo, no campo cultural global (SANCHIS, 2018).

## CAPÍTULO 2 – A FORMAÇÃO DO CENÁRIO RELIGIOSO JAPONÊS E O DESENVOLVIMENTO DAS NOVAS RELIGIÕES DIANTE DO FENÔMENO DA GLOBALIZAÇÃO

### 2.1 A relação entre Xintoísmo e Budismo no Japão

Podemos dizer que a primeira fase da globalização se estendeu até o ano de 1400 e foi caracterizada, principalmente, pelos seguintes elementos: 1) Habitação do mundo; 2) Formação das primeiras religiões; 3) Florescimento da noção de “interdependência do mundo”; 4) Nascimento de concepções universalistas religiosas – ou seja, a religião serviu como uma espécie de “força globalizadora” estimulando, por exemplo, as navegações; 5) desencadeamento de conflitos religiosos; 6) Fluxo migratório; e 7) Expansão militar e política atrelada à formação de impérios (CAMPBELL, 2007).

Relacionando esta fase ao contexto japonês, devemos observar, em primeiro lugar, o desenvolvimento do processo de formação de uma religião nativa nipônica, ou seja, o Xintoísmo, “Esta religião representa uma perpetuação da religião do Japão antigo e pré-histórico, quando a sociedade era dividida em muitos clãs [...]” (ALLES; ELLWOOD, 2007, p. 232, tradução nossa).

Podemos dizer que as bases do Xintoísmo foram alicerçadas, principalmente, através dos seguintes elementos. Em primeiro lugar, devemos destacar a ausência de um sistema articulado de crenças e práticas. Em segundo, a adoração, através de rituais de “purificação do mundo” em santuários,<sup>18</sup> aos chamados *kami*, isto é, divindades nipônicas que expressariam a natureza<sup>19</sup> como um todo. Em terceiro, uma sólida dimensão étnica<sup>20</sup> centrada na relação entre o território japonês e seu povo, constituída, principalmente, pela “lenda da descendência divina” e alicerçada nas existências do: 1) *Ikigami* (“*kami* vivo”), personificação dos *kami* na figura do imperador; e 2) *Hitogami* (“*kami* homem”), indivíduos que receberiam revelações divinas dos *kami*. Em quarto, uma interdependência entre as esferas humanas e divinas. Em quinto, a

<sup>18</sup>É sabido que os santuários, no Japão, já existiam antes do século V (SILVEIRA, 2016).

<sup>19</sup>Esta totalidade estaria relacionada ao termo japonês conhecido como *musubi* – poder imanente da natureza (CLARKE, 2006b). Conforme atesta Silveira (2016), a noção de *kami* é ampla. Abarca deidades presentes no ar, céus, florestas, rochas, fontes, montanhas, animais e também seres humanos.

<sup>20</sup>O sentido étnico religioso é aqui compreendido pela presença de uma tradição religiosa circunscrita ao país ou local de origem da mesma (MELTON, 2007).

busca pelos “benefícios mundanos” (*genze riyaku*)<sup>21</sup> – relacionada à ideia de bem-estar. Já em sexto, a presença da influência de culturas populares em seus ensinamentos – sobretudo dos rituais agrícolas e festivais (*matsuri*) dedicados ao sucesso na prática da colheita (CLARKE, 2006b; ALLES; ELLWOOD, 2007; NAKANO, 2007; SILVEIRA, 2016).

Em meio ao desenvolvimento do Xintoísmo o Japão, a partir do século VI, passou a intensificar seus laços com os países do Leste Asiático. Este panorama esteve relacionado com o sólido papel exercido pelo Império Chinês nesta região. Cabe ressaltar que a China representava o polo de ligação do Leste Asiático com o restante do mundo – principalmente em termos de trocas comerciais. Foi diante deste contexto que o Japão começou a importar bens culturais e materiais provenientes do território chinês, como a religião e o sistema de escrita – que ainda era inexistente neste país. Este processo ocorreu tanto de forma direta – através dos chineses – como também indireta – por intermédio da Coreia (READER, 1991; DESSI, 2013). Daí que podemos compreender que o próprio termo Xintoísmo foi cunhado pela combinação de duas palavras do chinês: 1) *Shin* – “seres divinos”; e 2) *Tao* – “caminho”. Xintoísmo, em japonês, significa “Caminhos dos Deuses” (*Kami no Michi*) (NAKANO, 2007). Considerando este cenário, foi exatamente no século VI que o Japão presenciou a proliferação de uma tradição religiosa advinda de fora de seus domínios. Neste período, o Budismo adentrou no país nipônico, via Coreia (MULLINS, 1998; 2021; READER; TANABE JR., 1998).

Os chineses foram os responsáveis por difundir – para os países do Leste Asiático – a tradição do chamado Budismo *Mahayana* (“Grande Veículo”)<sup>22</sup> – proveniente da Índia (PYE, 2005; NAKANO, 2007).<sup>23</sup> Em linhas gerais, esta corrente budista desenvolveu-se como uma espécie de resposta ao chamado Budismo *Hinayama* (“Pequeno Veículo”). Enquanto esta, circunscrita basicamente aos monges,

---

<sup>21</sup>É importante destacar que esta noção não se refere exclusivamente aos benefícios materiais. Ela possui uma base moral que se relaciona à ideia da vivência sem sofrimentos. Daí que *iyaku* significa “benefício” e *genze* significa “mundano” ou “nesta vida” (READER; TANABE JR., 1998).

<sup>22</sup>Cabe ressaltar que o Budismo *Mahayana* é a base do chamado Zen Budismo desenvolvido no Japão. A palavra *Zen* seria uma espécie de versão nipônica da palavra chinesa *ch’an* – que, por sua vez, reproduziria o termo budista *dhyana* (meditação) (PYE, 2005; ALLES; ELLWOOD, 2007).

<sup>23</sup>O Budismo originou-se no Norte da Índia, através da figura de Sidarta Gautama. Desde então, acabou dividindo-se entre inúmeras tradições e escolas (SILVEIRA, 2016).

privilegiaria a autorrealização e salvação individual – através de um ascetismo e uma vida isolada –, a primeira se dedicaria a uma salvação de todos os seres vivos e seguiria um princípio altruísta em seus ensinamentos, ou seja, todos os seres carregariam consigo uma “natureza búdica” – o que implicaria em uma interdependência destes com Buda (SILVEIRA, 2016; HAN, 2019). Cabe ainda ressaltar que, do ponto de vista da doutrina, o Budismo *Mahayana*, “[...] combinou vários de seus ensinamentos na forma de textos filosóficos e métodos de meditação para guiar as pessoas – ao longo de suas jornadas – para o caminho da iluminação” (READER, 1991, p. 31, tradução nossa).

O Budismo *Mahayana* também trouxe consigo influências da própria cultura chinesa. Neste sentido, cabe destacar que os chineses traduziram as escrituras desta corrente budista – as chamadas sutras – tomando como base, principalmente, os ensinamentos do Confucionismo relacionados à ordem, hierarquia, moral, harmonia, sentimento de gratidão (*hótoku*) e piedade filial (*oya koko*) – centrada no respeito à família e no culto aos antepassados (READER, 1991; STAEMMLER, 2018).<sup>24</sup> Dentre elas, a que se disseminou com maior abrangência no Japão foi a “Sutra do Lotus” (PYE, 2005; SILVEIRA, 2016).<sup>25</sup>

Podemos dizer que a chegada do Budismo *Mahayana* proporcionou a formação de dois cenários interdependentes. Um deles diz respeito a uma espécie de “rivalidade” – com esta tradição budista – centrada em uma maior articulação do próprio Xintoísmo a nível nacional – facilitada pelo desenvolvimento do sistema de escrita (CLARKE, 2006b; NAKANO, 2007). Através do *Kojiki* – Compilação dos Assuntos Antigos, surgido em 712 – e do *Nihon Shoki* – Crônicas do Japão, surgido em 720 – editou-se uma espécie de documentação que sintetizaria a relação do Xintoísmo com a construção do território nipônico:

---

<sup>24</sup>O Confucionismo emergiu na China por volta do ano IV a.C. através da figura de Confúcio (551-479 a.C.) e, com o tempo, exerceu uma sólida influência no Sudeste Asiático. Sua doutrina religiosa floresceu através de aforismos (*Os Analectos*) que versam sobre diferentes aspectos da vida material e espiritual. Eles possuem uma espécie de orientação sobre o modo de vida adequado para os indivíduos que procuram a realização da natureza interior (*li*, em chinês). Ademais, a partir de Mêncio (371-289 a.C.), o Confucionismo adquiriu uma certa organicidade – pautada no respeito à dignidade humana e na naturalização da ordem social (ORTIZ, 2000; SILVEIRA, 2016).

<sup>25</sup>Cabe ressaltar, do ponto de vista temporal, que esta sutra foi escrita por volta do século I da nossa era e traduzida, para o chinês, no século terceiro (ALLES; ELLWOOD, 2007).

O clã imperial, que dominou o Japão e procedeu à unificação em um só Estado, para consolidar a autoridade, ordenou a compilação de “Kojik” e “Nihon Shoki”, ambos tratados de assuntos históricos. [...] Essas duas obras foram compiladas no século VIII, mas o conteúdo delas versa mais sobre assuntos mitológicos e lendas do que fatos históricos. Procedeu-se então, a fusão da mitologia de ambas as partes [...] (MAEYAMA, 1967, p. 4, grifos do autor).

Estes livros descreveriam como os *kami Izanagi* (divindade masculina) e *Izanami* (divindade feminina), seriam os responsáveis pela formação do Japão. Seria exatamente deste processo que apareceriam as chamadas “divindades principais” conhecidas como: *Amaterasu Omikami* (Deusa do Sol); *Tsukuyomi no Mikoto* (Deus da Lua), e *Susano no Mikoto* (Deus das Tempestades). Ademais, partindo justamente da noção de *ikigami* (“*kami* vivo”), estes registros também serviriam para reforçar a ideia de descendência imperial japonesa centrada na divindade *Amaterasu Omikami* (NAKANO, 2007; STARRS, 2011; CHATTERJEE; DAS, 2020).

O segundo se refere ao processo de inserção – gradual – do Budismo *Mahayana* no Japão. Daí o florescimento do sincretismo desta corrente budista com o Xintoísmo. “Assim, o budismo sob a proteção do Estado, foi se infiltrando na sociedade japonesa, e gradativamente fundindo-se com o xintoísmo” (MAEYAMA, 1967, p. 5).

Durante o Período Asuka (592-628), as crenças budistas se proliferaram, principalmente, entre as elites da época. Muitos dos membros da alta sociedade nipônica começaram a realizar viagens para a China – no intuito de aprimorar os ensinamentos do Budismo *Mahayana*. Ao mesmo tempo, os santuários xintoístas adquiriram uma estruturação – física – mais acentuada, influenciada pela edificação dos templos budistas no território nipônico. Enquanto os templos budistas eram destinados aos ritos de nascimento e de matrimônio, os santuários xintoístas dedicavam aos: ritos funerários; rituais de adoração aos antepassados; rituais agrícolas; e rituais festivos (NAKANO, 2007; CHATTERJEE; DAS, 2020). Daí que, por exemplo, estes rituais xintoístas também simbolizariam as próprias influências confucionistas do Budismo *Mahayana* difundido pela China no Leste Asiático, ou seja, o culto aos antepassados:

A relação com a morte remonta aos primeiros séculos do budismo no Japão e ao estabelecimento do *butsudan*, um altar familiar dedicado ao culto de reverência aos ancestrais onde se encontra o *ihai*, um pequeno tablete que

contém o nome póstumo do morto e que deve ser venerado pelos descendentes (SILVEIRA, 2016, p.67, grifos do autor).

No Período Nara (710-94), o Budismo *Mahayana* começou a exercer influências na política. Os monges budistas tornaram-se mais poderosos e tentaram estabelecer uma espécie de sincretismo mais acentuado entre Xintoísmo e Budismo *Mahayana*, conhecido através da expressão *Honji Suijaku* (“a entidade principal e suas manifestações”).<sup>26</sup> Através deste cenário, os *kami* passariam a ser vistos como divindades budistas, ou seja, o conteúdo do Xintoísmo seria interpretado à luz do Budismo *Mahayana*. Resumidamente teríamos o seguinte: *Honji* seria Buda e *Suijaku* – que, no Budismo *Mahayana*, seria um *Bodhisattva*, isto é, uma entidade que estaria logo abaixo de Buda –, passaria a ser simbolizada pela figura dos *kami* (MAEYAMA, 1967; CLARKE, 2006b; CHATTERJEE; DAS, 2020; MULLINS, 2021).

No Período Heian (794-1185), iniciou-se uma tentativa de espalhar o Budismo *Mahayana* para toda a sociedade nipônica – principalmente através da maior disseminação da “Sutra do Lotus”. Tal objetivo obteve maior êxito a partir do Período Kamakura (1180-1336). “O chamado “Budismo de Kamakura” se destacou pela ênfase na salvação e por sua influência nos séculos posteriores” (SILVEIRA, 2016, p, 66, grifo do autor). Daí um sincretismo mais acentuado entre Xintoísmo e Budismo *Mahayana* (ORTIZ, 2000; NAKANO, 2007; CHATTERJEE; DAS, 2020). Foi neste cenário que, por exemplo, a busca aos chamados “benefícios mundanos” – presentes no Xintoísmo – acabou encontrando uma espécie de complemento com a ideia da busca pela salvação de todos os seres vivos presente no Budismo *Mahayana*. “Se o Budismo está associado à busca de benefícios, o Xintoísmo também está” (READER; TANABE JR., 1998, p. 13, tradução nossa). Neste período – nos santuários xintoístas –, os *kami* passaram a ser constantemente invocados pelos japoneses, pois havia o entendimento de que os mesmos forneceriam meios para os benefícios da vida humana como um todo – incluindo, prosperidade, salvação, paz de espírito e proteção (READER; TANABE JR., 1998).

Ademais, vale destacar que, no Período Kamakura, iniciou-se o desenvolvimento do feudalismo no Japão. Foi neste cenário que emergiu o sistema conhecido como *ie*:

---

<sup>26</sup>Vale acrescentar que durante este período a corte japonesa adotou mecanismos presentes no código legal chinês (*ritsury*) (MULLINS, 2021).

A palavra *ie* tem vários significados: “lar”, “família”, “residência”, “linhagem”. Trata-se na verdade de uma unidade de organização social que existia nos diversos estamentos sociais. Sua origem data do século XIII, momento em que o país vivia uma situação de incerteza e de guerras [...] É neste contexto que se desenvolve um conjunto de regras que asseguram a continuidade familiar e a transmissão da herança através do filho mais velho. A primogenitura torna-se um elemento de coesão e de manutenção da unidade doméstica [...] O *ie* constitui ainda uma entidade hierarquizada. As coisas e a vida da casa eram geridas por um chefe que eventualmente podia delegar a membros da família algumas de suas funções. O chefe era legalmente responsável por todos os seus subordinados. Dentro da casa eram-lhe atribuídos certos privilégios, como ser servido primeiro durante as refeições ou ter direito a tomar o primeiro banho. As relações entre as famílias eram ordenadas de acordo com a idade e o sexo [...] (ORTIZ, 2000, p. 57-58).

A formação do *ie* esteve atrelada a elementos étnicos provenientes do Xintoísmo – como a noção de “descendência imperial divina” – e do Budismo *Mahayana* – como a ideia de ordem, moral, hierarquia, respeito aos mais velhos e veneração aos antepassados – herdados do Confucionismo chinês. Foi diante deste sincretismo que o *ie* se estabeleceu (ORTIZ, 2000).

## 2.2 A chegada dos jesuítas e o início da Era Tokugawa

Podemos dizer que a segunda fase da globalização abrangeu o período que se estendeu entre 1400-1815 e foi caracterizada, principalmente, pelos seguintes elementos: 1) Surgimento das grandes navegações e intensificação das explorações; 2) Desencadeamento do Renascimento – proporcionando, por exemplo, o surgimento da imprensa; 3) Influência do Cristianismo pelo mundo – presente, sobretudo, através do caráter expansionista do Catolicismo, do desenvolvimento da Reforma Protestante e, como reação a esta, da Contrarreforma da Igreja Católica; e 4) Florescimento do Iluminismo (CAMPBELL, 2007).

Relacionando esta fase ao universo nipônico podemos observar, em primeiro lugar, como foi o contato – bem como as consequências – da chegada do Cristianismo – neste caso o Catolicismo Romano. “[...] o primeiro encontro historicamente verificável entre o Cristianismo e a cultura japonesa teve início em meados do século XVI com a missão do Catolicismo Romano no Japão” (MULLINS, 1998, p. 12, tradução nossa). Tal fato esteve relacionado com a investida de portugueses e espanhóis na Ásia – como

parte do movimento de conquista e exploração de novos territórios. Daí a chegada e atuação dos jesuítas a partir deste contexto – buscando evangelizar a população deste continente, mediante uma tentativa de expandir o Catolicismo pelo mundo (MULLINS, 1998; 2021).

O início do processo de aproximação dos nipônicos com o Catolicismo concentrou-se basicamente na região de Kyushu – durante o Período Sengoku (1467-1568) (ALLES; ELLWOOD, 2007). Uma das estratégias utilizadas pelos jesuítas – principalmente os espanhóis, como Francisco Xavier (1506-1552) –, para dialogar com o ambiente religioso “local”, foi uma tentativa de assimilação mediante a tradução de alguns elementos da Bíblia para o japonês:

[...] os jesuítas buscaram se apropriar dos elementos da religiosidade local a fim de expressarem suas mensagens. Foi assim, por exemplo, que Deus foi inicialmente chamado por Francisco Xavier de *Dainichi*, o Grande Buda do Sol, e de *Hotoke*, cujo significado também é Buda. O mesmo aconteceu com a palavra *Jôdo* (Terra Pura) proveniente das escolas fundadas por Hônem e Shiran, que foi traduzida por paraíso ou céu no sentido cristão (SILVEIRA, 2016, p. 71, grifos do autor).

Segundo Pereira (2013), eles foram os precursores em desenvolver um sistema de romanização da língua nipônica – realizando, por exemplo, traduções de partes do Novo Testamento para o japonês. Tomando isto como base, vale destacar que, neste período, os jesuítas espanhóis também se depararam com uma prática que, em tese, lembraria a “pregação do evangelho”. “Transmitindo o evangelho de forma itinerante pela província, Francisco Xavier presenciou um segmento da religiosidade associada ao budismo e ao xintoísmo, além da rotina de pregações e rituais nos templos e mosteiros [...]” (LEÃO, 2017, p. 77). Neste sentido, cabe destacar que esta “rotina de pregações” seria as práticas realizadas pelos chamados *kôshi* – “pregadores iluminados”:

A estruturação [...] compreendia uma espécie de filiais, *kôsha*, que eram construções simples de 20 a 30 tatamis, onde o espaço maior era dedicado a pregações [...] que ali também moraria [...] dois a sete auxiliares (*tokô*), estudantes que meditavam e recebiam orientação (*shonyu*) e pregadores iluminados (*kôshi*), que deveriam ter “certificado de iluminação” (CORDARO, 1998, p. 95, grifos da autora).



Estes “pregadores iluminados” seriam uma espécie de discípulos (CORDARO, 1998), que exerceriam palestras centradas no chamado *Gakumon* (estudo). Este processo, “[...] envolveria práticas de meditação que levaria à iluminação, um processo vertical para se conhecer o kokoro, a natureza (numa apropriação de ideias budistas, xintoístas e confucionistas), e da pregação, um processo horizontal da prática ética [...]” (CORDARO, 1998, p. 94). Neste sentido, os jesuítas se deparam com um sentido de pregação voltado à disseminação de ensinamentos, imbuído de sincretismo religioso, mas que não dizia respeito a um sentido clerical. “Mas, em confronto com o sistema clerical adotado pelo cristianismo [...] eles conservam a vida secular” (MAEYAMA, 1967, p.65). Tal prática ganhou mais notoriedade a partir do início do século XVI. “O ensino se diversificou, não se limitando apenas à utilização do método de transmissão secreta de ensinamentos somente para os discípulos eleitos; informações e discussões passaram a ser difundidas em palestras públicas, escolas e academias particulares (*shijuku*)” (CARDARO, 1998, p. 79, grifo da autora).

Após uma relativa aceitação do Catolicismo entre uma pequena parcela de japoneses, as consequências vieram em forma de represálias. No século XVII, o governo decretou a proibição desta religião, a expulsão dos jesuítas e a perseguição aos convertidos – alegando que o Catolicismo seria uma religião maléfica (*jakyō*), proveniente de países estrangeiros e que, por isto, ameaçaria a estabilidade e segurança do Japão (MULLINS, 1998; 2021).<sup>27</sup> Tal contexto também esteve relacionado ao fechamento dos portos no país. “O encontro com o Ocidente frustrou-se com o fechamento dos pontos (1639-1859) [...] as trocas comerciais restringiam-se ao porto de Nagasaki, onde uma pequena representação holandesa tinha permissão de realizar seus negócios” (ORTIZ, 2000, p. 43).

Apesar deste cenário, as práticas cristãs foram mantidas – de forma clandestina – através dos chamados “cristãos ocultos” – *kakure kirishitan* (MULLINS, 1998).<sup>28</sup> Coube ao governo pertencente à Era Tokugawa (1603-1867) – época em que havia uma espécie de política de reclusão, ou seja, de isolamento nacional – *sakoku*

<sup>27</sup>No decreto do governo havia a alegação de que o Japão seria o país dos *kami* (MULLINS, 2021).

<sup>28</sup>É preciso destacar que em Nagasaki havia uma espécie de grupo de intérpretes que importava livros e os traduzia para o japonês. Foi neste contexto que as primeiras obras científicas europeias se tornaram conhecidas entre os nipônicos. Daí que, apesar do fechamento dos portos, o Japão não estava totalmente isolado do mundo (ORTIZ, 2000).

(NAKANO, 2007; SASAKI, 2017),<sup>29</sup> a implementação destas medidas. A partir deste contexto, o Budismo *Mahayana* assumiu o posto de religião oficial do Japão – tornando o Xintoísmo uma religião secundária. Daí a maior proeminência assumida pelo sincretismo, como já visto, conhecido pela expressão *Honji Suijaku* (CLARKE, 2006b).<sup>30</sup>

O florescimento deste período esteve relacionado à proliferação do Budismo *Mahayana* na sociedade nipônica como um todo – incluindo, por exemplo, as classes populares e samurais. “Introduzindo-se entre os samurais, moldam-se à ética guerreira em que a disciplina e o controle da mente se tornam essenciais: mesclando-se com o xintoísmo, o budismo se populariza, ganhando uma audiência religiosa mais generalizada” (ORTIZ, 2000, p. 45). Esta ética guerreira encontrou nos princípios morais do Budismo *Mahayana* – herdados do Confucionismo – elementos que permitissem uma afirmação da estrutura da sociedade existente na época:

Na China, sempre houve uma ênfase na teoria da ‘natureza humana’, com as virtudes morais sendo cultivadas diferencialmente em cada indivíduo, O sistema de exames, utilizado no recrutamento dos funcionários estatais, valorizava justamente esse aspecto da educação pessoal. Os quadros mais competentes eram selecionados em detrimento dos demais. O confucionismo estimulava, portanto, o desenvolvimento individual. Ser recrutado como funcionário era um mérito, a recompensa colhida pelos esforços empreendidos durante anos de uma labuta incessante. No Japão, os ideais religiosos deviam ser contemporizados com as exigências mundanas. A sociedade estamental, organizada segundo a hereditariedade, dava apenas aos descendentes de samurais o direito de exercer cargos administrativos. A posição de casta falava mais alto do que as qualidades laboriosamente adquiridas com o estudo (ORTIZ, 2000, p. 45-46, grifo do autor).

Esta “exigência mundana” estaria relacionada à noção da pelos “benefícios mundanos” do no Xintoísmo. O Período Tokugawa – sob a hegemonia do Budismo *Mahayana* – encontrou nos princípios morais confucionistas uma forma de dar sustentação à sociedade estamental. “A estrutura política de Tokugawa era composta por uma burocracia, representada por classes feudais privilegiadas [...]” (SASAKI, 2017, p. 20). Neste sentido:

<sup>29</sup>Segundo Ortiz (2000), a política de restrição comercial surgida no Período Tokugawa foi possível diante do seguinte fato: o Japão não possuía uma posição de destaque na economia capitalista que estava em ascensão no mundo.

<sup>30</sup>Neste contexto, os templos budistas tornaram-se centros educacionais no Japão – onde se aprendia leitura, escrita e aritmética (DESSI, 2013).

Cada daimyo era senhor de seu próprio han, domínio territorial ao qual se vinculavam cidades, terras, guerreiros, lavradores etc. O poder provincial tinha uma relativa autonomia. Do outro lado da cadeia de mando encontrava-se o bakufu, o governo militar. O sistema organização política era composto da articulação entre o bakufu e o han [...] A compartimentalização da sociedade se traduzia ainda nas divisões estamentais. Cada classe estava separada das outras, cada segmento era uma unidade de ofício, de *status* e de ocupação [...] A ordem era mantida por uma rígida hierarquia e de uma controlada divisão de tarefas (ORTIZ, 2000, p. 47-48, grifo do autor).

No Período Tokugawa ocorreu uma espécie de combinação do governo xogum (*bakufu*) e dos feudos (*han*). Estes eram geridos pelos senhores feudais (*daimyo*) – indicados pelo xogum. Ademais, esta sociedade estamental encontrou nos princípios de ordem e hierarquia do Budismo *Mahayana* – também herdados do Confucionismo –, mecanismos capazes de promover a manutenção da estrutura social. O sistema *daiko* – que ligava todos os membros da família a um templo budista – foi criado com o objetivo de estabelecer uma espécie de controle social (CLARKE, 2006b; INOUE, 2012). Este sistema, “[...] obrigava o povo japonês a se inscrever em um Templo Budista [...]” (SILVEIRA, 2016, p. 68).

### **2.2.1 O declínio da Era Tokugawa e o surgimento das primeiras Novas Religiões no Japão**

Podemos dizer que terceira fase da globalização compreendeu o período que se estendeu entre 1815-70 e foi caracterizada, principalmente, pelos seguintes elementos: 1) Estabelecimento do Estado-Nação ao redor do mundo; 2) Desenvolvimento e implicações decorrentes da Revolução Industrial; 3) Intensificação da interdependência global – em virtude da solidificação das relações internacionais entre os países; 3) Popularização da circulação dos jornais, a partir dos finais do século XVIII, propiciando a “relativizando de tradições”; 4) Implicações religiosas decorrentes das abordagens racionais e irracionais presentes neste período – iniciou-se, por exemplo, um movimento cristão liberal que procurou estabelecer uma espécie de fé cristã racional, no intuito de abandonar a doutrina, aparentemente, irracional da Trindade Católica; e 5) Surgimento das primeiras Novas Religiões (CAMPBELL, 2007).

Relacionando esta época ao Japão podemos perceber, em um primeiro momento, o processo de enfraquecimento do governo pertencente ao Período

Tokugawa.<sup>31</sup> A partir do século XIX as escolas *kokugaku*<sup>32</sup> – que privilegiavam os estudos clássicos japoneses – começaram a readquirir uma relevância mais acentuada (KIM, 2011). Daí o aumento de uma consciência nativista entre os japoneses.<sup>33</sup> “A vida no antigo Japão torna-se matéria de reflexão e de inspiração de um saber autóctone” (ORTIZ, 2000, p. 25). Tal cenário significou um revigoramento do Xintoísmo em termos religiosos e também políticos (NAKANO, 2007), já que seria preciso “purificar” o Xintoísmo de todas as influências estrangeiras, incluindo as budistas (CLARKE, 2006b; NAKANO, 2007). Desta forma:

Durante os séculos XVII e XVIII, a polêmica sobre a validade dos textos confucionistas e dos ensinamentos dos sábios chineses tinha um objetivo claro: desvalorizá-lo diante da supremacia de um conhecimento autóctone. O xintoísmo, cuja encarnação máxima se encontrava na figura do imperador, se apresentava como configuração ritualizada da ontologia nipônica. A reinterpretação letrada da mitologia shinto é uma tentativa de transpor as crenças mágico-religiosas do período Yamato (anterior ao século VI) para um plano superior ao budismo e ao confucionismo, ambos considerados estranhos ao gênio japonês (ORTIZ, 2000, p. 26).

Diante deste cenário, o próprio sincretismo entre Xintoísmo e Budismo – estabelecido através da expressão *Honji Suijaku* – começou a ser questionado e revisado. Com o revigoramento do sentimento nativista no Japão, Buda passou a ser visto como uma manifestação dos *kami* – estes seriam as verdadeiras entidades primárias (CLARKE, 2006b). Tal panorama teria implicações na própria estrutura governamental. “O pensamento nativista [...] preserva a dicotomia entre o imperador e o xogum, mas inverte o raciocínio anterior: o imperador é a fonte de legitimidade que investe o bakufu de poder” (ORTIZ, 2000, p. 52).

Foi em meio a este contexto de tensão, revigoramento de um sentimento nativista e em uma sociedade com mais 80% da população residindo no campo (ORTIZ, 2000), que, a partir da década de 1830, floresceram as primeiras Novas Religiões japonesas (WINTER, 2018). Elas emergiram no chamado, “[...] bakumatsu ou último período Tokugawa” (WINTER, 2018, p. 20, tradução nossa). Em 1838 surgiu, por

<sup>31</sup> Cabe ressaltar que surgiu uma espécie de desconfiança ao chamado “mandato celeste” – expressão que o governo do Período Tokugawa, tomando como base influências confucionistas, justificava o poderio militar no Japão (ORTIZ, 2000).

<sup>32</sup> As escolas *kokugaku* surgiram no século XVII e XVIII (ORTIZ, 2000).

<sup>33</sup> Vale destacar também que este sentimento nativista esteve relacionado com a derrota da China pelos britânicos nas Guerras do Ópio (1839-1842 e 1856-1860) (SASAKI, 2017).

exemplo, a *Tenrikyo* – fundada pela camponesa Miki Nakayama (1798-1887) – e no ano de 1845 a *Konkokyo* – fundada pelo agricultor Konko Daijin (1814-1883) (CLARKE, 2006b).

Em linhas gerais, elas já trouxeram na bagagem alguns traços que seriam perceptíveis – em níveis variados – das demais NRs que emergiriam futuramente. Em primeira análise, levando-se em conta o Xintoísmo, podemos destacar a dimensão étnica, a busca por “benefícios mundos”, a interdependência entre o mundo humano e espiritual e a procura pela “purificação do mundo”. Estes elementos estariam personificados e atrelados à noção do *hitogami* (“*kami* homem”), ou seja, na ênfase na figura carismática<sup>34</sup> do fundador destas NRs – que, normalmente, receberia “revelações divinas” e, com isto, ajudaria as pessoas (em primeiro momento os camponeses) a escapar dos problemas da vida diária (*nayami*). Em segundo lugar, podemos elencar – naquele contexto, ainda em menor grau –<sup>35</sup> as influências do Budismo *Mahayana* – incluindo uma crítica à negação do mundo e o uso de “métodos de meditação”<sup>36</sup> acessíveis a todas as pessoas, como forma de erradicar os infortúnios e garantir a salvação (READER, 2005; CLARKE, 2006b; ALLES; ELLWOOD, 2007; SILVEIRA, 2016; KATO, 2021).

Na década de 1850, com a reabertura dos portos em 1859, o contato com Ocidente – que antes estava restrito a Holanda – se restabeleceu. Em 1860, o governo enviou a primeira embaixada japonesa aos Estados Unidos – com o objetivo de estabelecer o novo Tratado de Amizade Comércio e Navegação com este país. A partir de 1862, as missões diplomáticas japonesas se estenderam ao continente europeu – especialmente para França, Inglaterra e Rússia (SASAKI, 2017). Daí que os chamados “estudos ocidentais” (*yoguku*) passaram a ser disseminados (NAKANO, 2007), pois as missões, “[...] também fizeram contribuições importantes ao estudo do Japão e da assimilação da civilização ocidental” (SASAKI, 2017, p. 24). Foi também neste contexto

---

<sup>34</sup>Este elemento carismático das lideranças pode ser relacionado ao conceito weberiano. Segundo o autor, um líder carismático possuiria uma espécie de “dons” físicos e espirituais – que não eram acessíveis a todos os indivíduos. O surgimento de tais lideranças não estaria relacionado a uma estrutura burocrática administrativa (WEBER, 2004).

<sup>35</sup>Cabe ressaltar que as primeiras NRs japonesas tinham, de forma quase predominante, influências xintoístas (ALLES; ELLWOOD, 2007).

<sup>36</sup>Um destes “métodos meditativos” é comumente conhecido pela expressão *mahikari okiyome* – uma espécie de “purificação espiritual” efetuada pela elevação das mãos. Cabe também enfatizar que estes métodos estariam relacionados à ideia de moralidade e ética provenientes do Confucionismo (READER, 2005).

que o Cristianismo voltou a ganhar espaço no Japão, através de dois cenários: 1) O revigoramento das práticas do Catolicismo Romano; e 2) A chegada dos primeiros missionários protestantes – que foram responsáveis pela edificação de uma igreja em Yokohama, em 1862, e outra em Nagasaki, no ano de 1865 (MULLINS, 1998; 2021).

O ano de 1868 marcou o fim do Período Tokugawa, através da chamada Restauração Meiji.<sup>37</sup> Este processo teve impactos significativos na sociedade nipônica como um todo. Com a renúncia – em 1867 – do último xogum conhecido como Tokugawa Yoshinobu (1837-1913), o sistema feudal foi destituído, o poder governamental – através do Édito Imperial de 3 de janeiro de 1868 – passou novamente para as mãos do imperador –, o Budismo *Mahayana*<sup>38</sup> deixou de ser a religião oficial do governo e o processo de desenvolvimento do Estado-Nação japonês começou a entrar em curso (ORTIZ, 2000; SASAKI, 2017).

### **2.3 O Estado-Nação japonês e o desenvolvimento das Novas Religiões sob a influência da mídia impressa**

Podemos dizer que a quarta fase da globalização englobou o período que se estendeu entre 1870-1914 e foi caracterizada, principalmente, pelos seguintes elementos: 1) Intensificação da urbanização e do desenvolvimento das redes de comunicação; 2) Tentativa de estabelecimento de uma consciência voltada à humanidade ou gênero humano – estimulada pelo aumento das imigrações ao redor do mundo; 3) Estabelecimento de padrões culturais e de culturas de consumo – principalmente provenientes do Ocidente; 4) Crescimento de uma “consciência global religiosa” – uma espécie de tentativa de “acomodação”, a nível religioso, promovido pelos movimentos cristãos ecumênicos; 5) Crescente preocupação por questões sociais – no âmbito religioso, por exemplo, a Igreja Católica emitiu, no ano de 1891, a *Renum Novarum* como forma de afirmar sua solidariedade com os pobres e a classe trabalhadora; e 6) Intensificação, no nível da esfera social, do chamado impulso terapêutico – na religião, por exemplo, isto foi verificado através do Pentecostalismo,

---

<sup>37</sup>Também conhecido como Restauração do Governo Imperial (*Osei Fukko*) (MAXEY, 2014).

<sup>38</sup>Cabe ressaltar que em 1871 ocorreu a destituição do sistema *danka* (INOUE, 2012).

que passou a frisar, dentre outras questões, uma intensa experiência religiosa pessoal (CAMPBELL, 2007).

Relacionando esta fase da globalização ao contexto nipônico, é que podemos observar como foi o desenvolvimento peculiar do Estado-Nação japonês – impulsionado pela Restauração Meiji. Neste contexto, o governo passou a ser gerido por Mutsuhido (1852-1912), também conhecido como Imperador Meiji:

Meiji significa modernidade e unidade nacional. A ordem tradicional é desorganizada e em seu lugar surgem arranjos sociais de outra natureza. Não se trata apenas de revolução industrial, um profundo movimento de integração rearticula os elementos da sociedade japonesa no seio de uma nova totalidade [...] Integração econômica, estabelecendo a existência de um mercado e de uma moeda nacional. Integração linguística, pois o Japão tradicional convivia com diferenças dialetais consideráveis [...] A segmentação geográfica e estamental impedia qualquer movimento de unificação [...] A extinção dos estamentos sociais eliminou a ordem dos han, base geográfica cujos interesses se encontravam prescritos localmente [...] (ORTIZ, 2000, p. 50-51, grifo do autor).

Este rearranjo da ordem tradicional – combinado com a ideia de uma modernização e unidade nacional –, estruturou-se através de uma realização singular envolvendo Ocidente e Oriente. Foi a partir deste processo que o Estado-Nação nipônico se constituiu – abrindo caminho para o advento do capitalismo neste país (ORTIZ, 2000).

Os primeiros anos do governo do Imperador Meiji foram caracterizados por uma considerável relação com o Ocidente. Em 1871, o embaixador Iwakura Tomomi (1825-1883) – chefiando uma delegação com 48 membros –, realizou uma série de viagens pela Europa e Estados Unidos com o seguinte objetivo: investigar as condições ocidentais para incorporá-las ao contexto japonês, ou seja, ao Estado-Nação que estava em processo de construção (SASAKI, 2017). Foi a partir destas missões diplomáticas que ocorreu uma absorção, em grande escala, de elementos provenientes do Ocidente. “Nos primeiros anos, Meiji irá idealizar os feitos, os valores e as maneiras de ser da civilização ocidental, a modernidade sendo vivida como um ideário do indivíduo e da sociedade” (ORTIZ, 2000, p. 55).

Considerando este cenário, parecia que o “encontro” com o Ocidente estava, de fato, atingindo todas as esferas sociais japonesas. “Industrialização, urbanização, migração do campo para a cidade, fim do regime estamental, monetarização da

economia eram fatos irreversíveis” (ORTIZ, 2000, p. 28). Ademais, é preciso destacar que havia uma significativa movimentação de estrangeiros no território japonês. Eles serviam ao governo do Imperador Meiji e aos chamados empreendimentos privados (SASAKI, 2017). Daí também a influência, com o mundo ocidental, proveniente de um contato face a face. “Os numerosos estrangeiros contratados pelo governo Meiji não apenas serviram como professores, mas também introduziram novos estilos de vida, no sentido mais amplo” (SASAKI, 2017, p. 30).

Todavia, com o passar tempo, esta ocidentalização nipônica começou a dar sinais de desgaste e preocupação. Daí a necessidade de percebermos que não havia, por parte do governo da época, um intuito de simplesmente “copiar” os diversos elementos advindos do Ocidente. Existiam certos limites, pois o sentimento nativista – que havia crescido no Período Tokugawa – se mantinha consistente. “O lema dos governantes japoneses era ‘ciência ocidental e moralidade japonesa’” (ORTIZ, 2000, p. 54, grifo do autor). É neste sentido que algumas estratégias foram criadas: os chamados padrões culturais começaram a ser testados e também reinventados (ORTIZ, 2000). O governo do Imperador Meiji chegou a criar alguns slogans como, “enriquecer o país, fortalecer o exército” – *fukoku kyôhei* – e “civilização e iluminação” – *bunmei kaika* (SASAKI, 2017).

Foi através da religião que o Estado-Nação criou uma espécie de sustentáculo para preservar a moralidade nipônica. Daí que o sentimento nativista estabeleceu as bases para um nacionalismo alicerçado no Xintoísmo. A unificação nipônica partiu de um projeto educacional político (ORTIZ, 2000). Conforme sugere Maxey (2014), a religião ganhou, de forma mais acentuada, uma proeminência política a partir da Restauração Meiji – em meio aos chamados “cruzamentos globais”<sup>39</sup> vivenciados no Japão:

À ocidentalização desenfreada contrapõem-se a valorização das tradições ancestrais, o espírito de continuidade histórica [...] Os problemas serão superados apenas com a promulgação do Édito para a Educação (1890). Redigido numa linguagem religiosa e metafórica, ele é uma peça ideológica

<sup>39</sup>Anteriormente à Restauração Meiji havia um sentido privado de “ter fé” (*shinko*). A palavra japonesa *shukyo* adquiriu uma extensão lexical – de influências ocidentais – ao servir de uma tradução inglesa da palavra “religião” – que indicaria uma orientação teológica e uma crença ou fé específica. Porém, isto não quer dizer o uso da terminologia *shukyo* expressou uma cópia da palavra religião proveniente do Ocidente. O que de fato ocorreu foram adaptações à realidade nipônica (READER; TANABE JR., 1998; MAXEY, 2014).



importante e que orienta o modelo educacional japonês para uma configuração nitidamente conservadora [...] os livros didáticos, na sua função de socialização das crianças, exaltam as virtudes caras ao pensamento religioso e ao conformismo político: piedade filial, coragem, lealdade, patriotismo (ORTIZ, 2000, p. 55-56).

A partir da década de 1890 se consolidou o chamado Xintoísmo de Estado no Japão – como forma de legitimar a autoridade governamental, unificar os japoneses e também impulsionar uma política expansionista de conquista de territórios asiáticos. Todos os rituais xintoístas foram incorporados na Constituição Imperial de 1889, através da criação da unidade de rito (*saisei itchi*) – como o princípio fundamental de Estado (MAXEY, 2014; MULLINS, 2021). Mediante mecanismos presentes na própria constituição, o imperador passou a ser considerado descendente da Deusa do Sol – *Amateratsu* – e, portanto, uma divindade manifesta – *Akitsu Kami* (NAKANO, 2007). O que se viu no estabelecimento do Xintoísmo de Estado, não foi uma negação ao Ocidente e muito mesmo um retorno genuíno ao passado japonês, mas sim um processo que estava em sintonia com a globalização vivenciada no percurso histórico do país. “[...] a centralidade do Estado-nação é decisiva. Ele é o fórum capaz de dar sentido à ‘digestão’ dos elementos ‘importados’ e de reformular o patrimônio legado pela história” (ORTIZ, 2000, p. 57, grifos do autor).

A consolidação do Estado-Nação também teve repercussão sobre as Novas Religiões nipônicas – tanto das já existentes como também daquelas que estavam emergindo. Tal fato esteve relacionado, principalmente, com a influência da mídia sobre as NRs (DORMAN, 2012). Cabe ressaltar que, durante este período, ocorreu o surgimento da imprensa moderna no Japão – no caso, jornais e revistas (MAXEY, 2014). O primeiro jornal diário – *Yokohama Mainichi Shimbun* – começou a ser publicado ainda em 1870 (INOUE, 2012). Em linhas gerais, estes meios de comunicação publicavam notícias referentes ao Japão e estavam sob o controle do governo. “A mídia estava sob o estrito controle e censura, especialmente em relação a temas em que diziam respeito ao imperador e a família imperial [...]” (BAFELLI, 2016, p. 17, tradução nossa).

Apesar do cenário de controle e censura da imprensa por parte do Xintoísmo de Estado, cabe mencionar que existia, em certo limite, à liberdade de crença. A proliferação de livros e revistas foi um caminho encontrado pelas NRs nipônicas para

expandir suas doutrinas. Daí também o recurso ao proselitismo como um dos traços característicos das mesmas:

Dado sua ênfase ao proselitismo, era bastante natural para essas novas religiões modernas verem com bons olhos as ferramentas dos meios de comunicação de massa, como um método para manter contato com os seguidores existentes bem como atrair novos (INOUE, 2012, p. 124, tradução nossa).

O recurso ao proselitismo ficou mais perceptível a partir do final do século XIX. Foi neste período que as Novas Religiões japonesas começaram a utilizar as revistas como uma espécie de “atividade missionária” (INOUE, 2012). Em 1891 a *Tenrikyo* lançou o *Michi no tomo*. Em 1908 a *Oomoto* – fundada por Nao Deguchi (1837-1918) em 1892 – iniciou o processo de publicação de suas revistas (INOUE, 2012; BAFPELLI, 2016). Este cenário contribuiu para que a própria mídia impressa redigisse matérias destas NRs. “O primeiro artigo de revista sobre novas religiões surgiu em 05 de fevereiro de 1895, na revista *Taiyo* e recebeu o título de *Tenrikyo*, como referência a uma das primeiras novas religiões surgidas no Japão” (BAFPELLI, 2007, p. 85, tradução nossa).

Aliado ao proselitismo, os fundadores destas Novas Religiões utilizaram de seu papel de liderança para impulsionar os conteúdos das publicações das revistas. Fizeram isto buscando reinterpretar e atualizar as doutrinas do Budismo *Mahayana*, Xintoísmo e Cristianismo. Daí também que as próprias publicações foram uma ferramenta eficaz para impulsionar o sincretismo – bem como a recusa dele – por parte das Novas Religiões japonesas (BAFPELLI, 2016). Como grande parte dos fundadores delas possuía o mesmo histórico social de seus seguidores – ou seja, tinham uma origem camponesa e de carência de recursos financeiros satisfatórios –, eles acabaram se utilizando das publicações para trazer à tona suas histórias de busca de superação em meio a uma sociedade que, rapidamente, se urbanizava e se industrializava (CLARKE, 2006b).

As publicações continham inúmeras interpretações para retratar o contexto de consolidação do Estado-Nação. Algumas criticavam este período, e, utilizando elementos étnicos xintoístas, propunham um retorno genuíno às tradições e uma negação das influências ocidentais – tomando como base uma espécie de “renovação

do mundo” (*yonaoshi*)<sup>40</sup> alicerçada no milenarismo. “[...] alguns de seus fundadores profetizavam a renovação do mundo (*yonaoshi*, em japonês) no sentido do reestabelecimento de um paraíso terrestre, o que evidenciava a insatisfação com as condições sociais da época” (SILVEIRA, 2016, p. 74, grifo do autor). Outras NRs procuravam uma atualização da ideia de “benefício mundano” do Xintoísmo, para a compreensão da sociedade urbanizada e industrializada da época. Já um terceiro grupo – tomando como base os “métodos de meditação” do Budismo *Mahayana* e da própria noção dos *kami* do Xintoísmo – procuravam, no Cristianismo, uma forma de encontrar soluções para as dificuldades da vida dos indivíduos. Levando em conta este terceiro grupo, vale destacar que o monoteísmo, presente na doutrina cristã, influenciou na interpretação da figura de Jesus Cristo como um *kami*. Ademais, a ênfase na cura e no chamado “pensamento positivo”, encontrado em algumas religiosidades derivadas do Cristianismo, difundidas naquele período no Japão,<sup>41</sup> encontrou um terreno fértil de adaptação com o “método de meditação” budista (READER, 2005; CLARKE, 2006b; BAFFELLI, 2016).

Como o governo detinha o controle da imprensa, na medida em que as publicações das NRs adquiriam maior proeminência, também crescia o entendimento de que elas estariam contribuindo para abalar a ordem e a paz do Japão. Daí a intensificação de campanhas midiáticas difamatórias. Em alguns casos, os meios de comunicação rotulavam as NRs como “pseudo-religiões” (*ruiji shukyo*) (BAFFELLI, 2016). No ano de 1896, por exemplo, o jornal conhecido como *Chuo Shinbun* chegou a publicar cerca de 150 matérias atacando a *Tenrikyo*. Ademais, no final do século XIX, a *Renmokyō* – NR japonesa fundada por Shimarura Mitsu (1831-1904) em 1883 – foi rotulada de religião imoral pelo jornal *Yorozu Choho*. O fundador desta NR foi acusado de estar envolvido em práticas fraudulentas de cura que não iriam de encontro com os preceitos do Xintoísmo de Estado (BAFFELLI, 2016).

---

<sup>40</sup>Seria uma renovação alicerçada mais em termos espirituais, pautada na existência mundana, do que em concepções políticas e sociais (READER, 2005).

<sup>41</sup>Vale ressaltar, neste caso, a presença do chamado Novo Pensamento (CLARKE, 2006b). Estas influências serão expostas, de maneira mais abrangente, quando esta tese adentrar na discussão específica da *Seicho-No-Ie*.

### 2.3.1 O contexto do desenvolvimento das Novas Religiões no início do século XX

Podemos dizer que a quinta fase da globalização abrangeu o período que se estendeu entre 1914-68 e foi caracterizada, principalmente, pelos seguintes elementos: 1) Conflito mundial entre diversos países – aliado a uma busca de domínio territorial; 2) Intensificação de uma consciência humanista – presente também nas religiões – como forma de mediar os conflitos; 3) Gradativa diminuição da influência do Estado-Nação; 4) Surgimento e impactos decorrentes do movimento de Contracultura; e 5) Proliferação das Novas Religiões ao redor do mundo, bem como do revigoramento do Catolicismo e do surgimento do Neopentecostalismo (CAMPBELL, 2007).

Relacionando esta fase ao contexto nipônico é que podemos perceber como foi a continuidade do projeto de Restauração Meiji – e, conseqüentemente, sua relação com as NRs japonesas. Em primeira análise, devemos observar que após o falecimento do Imperador Meiji – no ano de 1912 –, quem assumiu o posto de liderança máxima foi seu filho Yoshihito (1879-1926) – também conhecido como Imperador Taisho. Seu período de governança se estendeu até 1926 – ano de seu falecimento. Durante esta época, o Japão foi marcado por momentos como: 1) Participação na Primeira Guerra Mundial – através de uma aliança com a Tríplice Entente; 2) Surgimento de partidos políticos, sindicatos e de aparatos governamentais para contê-los; 3) Intensificação da urbanização e, conseqüentemente, das dificuldades enfrentadas pelos camponeses nas cidades; 4) Melhoria do índice educacional – as taxas de matrículas do ensino fundamental<sup>42</sup> e médio aumentaram; 5) Expansão mais acentuada dos meios de comunicação e florescimento da radiodifusão; e 6) Maior presença, na sociedade, de influências ocidentais referentes à filosofia, religião, psicologia e medicina (INOUE, 2012; BAFFELLI, 2016; POKORNY; WINTER, 2018).

Foi em meio a este cenário que as NRs nipônicas estavam inseridas e continuaram seu processo de florescimento. A partir do governo do Imperador Taisho, elas surgiram, em sua maior parte, nas áreas urbanas – como foi o caso da *Perfect Liberty Kyodan* – PL – fundada, em 1912, por Tokumitsu Kanada (1863-1919). Em meio à melhoria dos índices educacionais, a *Oomoto*, por exemplo, adquiriu, em 1920, um

---

<sup>42</sup>No ensino fundamental, por exemplo, as taxas aumentaram em 80% (INOUE, 2012).

jornal – no caso o *Taishō Nichinichi Shinbun* – que a permitiu transmitir suas mensagens a um público nacional. Os fundadores das NRs também passaram a dar uma maior ênfase, em seus escritos, ao papel dos indivíduos para a busca da salvação, dos “benefícios mundanos” e de uma orientação ética – tomando como base, por exemplo, a ideia de acessibilidade da salvação para todos os seres vivos presentes nas sutras do Budismo *Mahayana*. Tal fato acabou contribuindo para um interesse acentuado da classe trabalhadora em relação às NRs. Ademais, as lideranças das NRs buscavam em grupos religiosos cristãos – presentes, sobretudo, em Tóquio – respostas que poderiam auxiliar no enfrentamento dos problemas da vida (READER, 2005; CLARKE, 2006b, BAFFELLI, 2016).

Todavia, o alcance nacional atingido pela *Oomoto* – e seu comportamento étnico centrado na renovação de mundo pautada no retorno genuíno ao passado nipônico – gerou reações mais concisas do Xintoísmo de Estado. Através da criação, no ano de 1925, da Lei da Preservação da Paz (*Chian Iji Hou*), o governo passou a controlar os partidos e sindicatos – no intuito de evitar que os mesmos formassem grupos contrários ao direito à propriedade privada e também à política nacional (*kokutai*). Esta lei acabou servindo de impulso para o início da perseguição à *Oomoto* (MULLINS, 1998; POKORNY; WINTER, 2018).

Após o falecimento de Yoshihito, seu filho Hirohito (1901-89) assumiu o posto de liderança máxima do Japão – dando início ao Império Showa (1926-89). Até o término da Segunda Guerra Mundial, o país nipônico foi marcado por uma ascensão considerável de uma política nacionalista, imperialista e totalitária – resultando em um contexto extremamente conturbado socialmente, somado aos impactos econômicos globais decorrentes da chamada “crise de 1929”. Cabe ressaltar que, entre 1931-45, parte relevante do Leste Asiático estava nas mãos do governo. Ademais, o Japão havia se alinhado aos países do Eixo na II Guerra Mundial, ou seja, estava do lado da Alemanha nazista (ORTIZ, 2000; CLARKE, 2006b).

Foi neste cenário que as NRs tentaram continuar seu processo de florescimento e desenvolvimento no Japão. No ano de 1930 surgiu a *Soka Gakkai* – fundada por Tsunessaburo Makiguti (1871-1944) –, e a própria *Seicho-No-Ie*. Em 1935, emergiu a *Sekai Kyusei Kyo* (Igreja Messiânica Mundial), fundada por Mokiti Okada (1882-1985).

Já em 1938, a *Risho Kossei-kai*, fundada por Nikkyo Niwano (1906-1999) (CLARKE, 2006b; POKORNY; WINTER, 2018).

Até 1929, a *Oomoto* chegou a publicar 13 revistas. Foi também neste período que algumas NRs começaram o processo de aquisição de suas próprias editoras, enquanto outras criaram centros sagrados – uma estrutura geográfica moldada pela influência dos templos budistas e santuários xintoístas – vinculados aos fundadores das NRs ou como sinal de um novo tempo (READER, 2005; BAFFELLI, 2016).

Ao mesmo tempo, a política totalitária do governo atuava de maneira cada vez mais significativa sobre as NRs japonesas. Em 1940, foi criada a Lei das Organizações Religiosas – *Shūkyō Santai-Hō*. Ela acabou dando poderes para que o Estado dissolvesse quaisquer NRs cujos ensinamentos estivessem em conflito com o Caminho Imperial – *Kodo*. O governo também passou a obrigá-las a participarem dos chamados rituais – cuja participação indicava uma espécie de dever patriótico. Grande parte da mídia foi conivente com as ações das autoridades em perseguir, monitorar e suprimir a atuação de algumas NRs – como *Oomoto*, *Terinkyo* e *Soka Gakkai* (MULLINS, 1998; BAFFELLI, 2016; WINTER, 2018). Considerando esta tensão social, a maioria delas, no intuito de garantir a sua continuidade e existência, acabou apoiando o caráter totalitário e imperialista do governo (MAEYAMA, 1967).

### **2.3.2 O término do Xintoísmo de Estado: as Novas Religiões japonesas se abrem para o mundo**

Com o término da Segunda Guerra Mundial em 1945 – acarretando a derrota dos países do Eixo, somado ao trágico desastre atômico de Hiroshima e Nagasaki, bem como da morte de aproximadamente dois milhões de japoneses –, a nação nipônica viu ruir seu modelo Xintoísta de Estado. No dia 2 de setembro de 1945, o Imperador Showa acabou se rendendo. “O Japão foi forçado a reavaliar completamente seus objetivos globais, sua relação e posição perante o mundo” (CLARKE, 2006b, p. 273, tradução nossa). Em outubro de 1945, através da Diretiva de Liberdades Cívicas, foram revogados todos os dispositivos de leis que estabeleciam e mantinham restrições aos direitos fundamentais dos cidadãos. No dia 15 de dezembro deste mesmo ano, mediante a Diretiva Xintoísta, ocorreu a abolição do Xintoísmo de Estado. No dia 3 de novembro de

1946, a nova Constituição do Japão foi promulgada. Ela abriu caminho para, dentre outras, estabelecer a liberdade religiosa e promover a separação da religião e do Estado – por intermédio dos artigos 20 e 89. O imperador passou a ser considerado um símbolo de unidade da nação – não sendo mais chefe de Estado e nem fonte de legitimidade para o poder político (NAKANO, 2007).

Em virtude deste novo cenário, as NRs japonesas conseguiram reestabelecer suas atividades sem qualquer espécie de interferência e perseguição do Estado:

A nova Lei das Sociedades Religiosas (Shūkyō hōjin-hō) foi promulgada em 1951 e forneceu a base para um desenvolvimento posterior. Seu principal objetivo era organizar o registro oficial de todas as corporações religiosas ao mesmo tempo em que procurava garantir sua independência e autodeterminação financeira (WINTER, 2018, p. 24, tradução nossa).

Levando-se em conta a promulgação desta lei, as NRs, em um primeiro momento, procuraram se readaptar frente ao novo contexto da sociedade nipônica – buscando, principalmente, atrair convertidos nas áreas urbanas.<sup>43</sup> Fizeram isto, por exemplo, através de campanhas publicitárias e do impulso de novas publicações sobre suas doutrinas (CLARKE, 2006b, BAFFELI, 2016). Em virtude da derrota do Japão somada, “[...] à remoção do Imperador como líder divino do país, as massas foram deixadas sem um senso de segurança e começaram a procurar outros líderes [...] que os ajudassem a enfrentar a vida” (DAVIS, 1997, p. 69). Foi justamente neste contexto que, as NRs, também passaram a investir, mais acentuadamente, em uma estruturação racionalizada de suas sedes – criando, por exemplo, divisões em departamentos dedicados a lidar com grupos específicos (SILVEIRA, 2016). Ademais, vale destacar que o investimento nas publicações se justificava pelo próprio cenário que se desenhava na época. Segundo Ortiz (2000), entre 1951-85 a circulação diária de jornais passou de 29,9 milhões de cópias para 68,3 milhões.

Em um segundo momento, tomando como base a influência do processo de imigração nipônica para diversas partes do mundo – iniciado nos finais do século XIX – e do maior contato com o Oriente – decorrente do movimento da Contracultura –, elas começaram a estabelecer filiais no exterior para atrair os imigrantes japoneses (GUERRIERO, 2006; SILVEIRA, 2016). A partir de 1960, a maioria delas deixou – mas

<sup>43</sup>Foi neste contexto que NRs como *Oomoto* e *Tenrikyo*, por exemplo, começaram a se afastar de suas visões mais abruptas sobre as transformações sociais, morais e políticas do Japão (READER, 2005).

não abandonou por completo – seu caráter étnico. Por intermédio de suas próprias filiais e, sobretudo, das publicações – buscaram atrair os cidadãos sem ascendência japonesa dos países anfitriões – realizando, de forma ativa, atividades alicerçadas no proselitismo, procurando adaptar suas doutrinas ao contexto destes países (CLARKE, 2006b). Neste sentido:

[...] conseguiram ampliar suas atividades para além do solo japonês. Através de uma copiosa indústria editorial e do uso de novos meios de comunicação que permitiram a expansão do número de adeptos pelo mundo, as novas religiões japonesas, que inicialmente foram levadas para outros cantos a partir dos imigrantes, envolveram-se com demandas globalmente compartilhadas (*i.e.*, ambientalismo, direitos humanos, diálogo inter-religioso, etc) [...] (SILVEIRA, 2016, p. 60-61, grifo do autor).

Estas demandas “globalmente compartilhadas”, também teriam implicações sobre o Japão, isto é, envolvia a reorganização do “local” nipônico. Desta forma, as NRs:

[...] em parte pela determinação de restaurar a imagem de seu país, começaram a apresentá-lo ao mundo como um local pacificador e protetor do globo. Elas também viram isso como uma missão de reunir as civilizações orientais e ocidentais na esperança de criar uma nova ordem mundial, um objetivo expressado simbolicamente, tanto no Japão como no exterior, através de um modelo centrado no paraíso terrestre, paz, harmonia e felicidade (CLARKE, 2006b, p. 273, tradução nossa).

Esta tentativa de restaurar a “imagem do país” simbolizou justamente a permanência do caráter étnico da sociedade japonesa. O que se viu foi uma readequação do “local” tendo em vista o global – mais precisamente a ideia de uma consciência humanitária vigorada naquele contexto histórico da globalização. Segundo Ortiz (2000), com a derrota na Segunda Guerra Mundial somado à ocupação dos EUA, ocorreu um abandono da visão ultranacionalista e expansionista e entrou em cena a ideia de uma cultura nipônica singular – baseada na harmonia e na ausência de conflitos e contradições. Partindo desta visão, algumas NRs, como *Seicho-No-Ie*, *Soka Gakkai* e *Kisso Kose Kai*, começaram a dedicar grande parte de suas atividades – principalmente no Ocidente – na busca pela paz mundial – patrocinando, por exemplo, conferências e concedendo prêmios a estadistas (ROBERTSON, 1992). Daí a noção de uma espécie de cruzamento, “[...] entre concepções universais de salvação e a



promoção de valores japoneses entendidos como luminares espirituais da humanidade [...]” (SILVEIRA, 2016, p. 77).

### **2.3.3 O aumento do protagonismo global nipônico: os desafios das Novas Religiões japoneses a partir da segunda metade da década de 1960**

Podemos dizer que a sexta fase da globalização abrangeu o período que estendeu entre 1968-2001 e foi caracterizada, principalmente, pelos seguintes elementos: 1) Aumento da consciência global – atingindo, por exemplo, a relação entre os campos religioso, ambiental, social, educacional e econômico; 2) Intensificação das redes de comunicação – em virtude da presença dos satélites e internet; 3) Reações violentas de grupos religiosos – devido à relativização dos valores tradicionais decorrentes do aumento da consciência global; 4) Continuidade do papel da religião – enquanto uma fonte de identidade e recurso em um mundo cada vez mais repleto de pluralismo e diversidade; e 5) Término da Guerra Fria (CAMPBELL, 2007).

Relacionando este fase ao contexto japonês, levando-se em conta a continuidade do próprio processo que se seguia após o término da Segunda Guerra Mundial, observou-se, principalmente a partir da década de 1980, o alcance de um dos objetivos principais da Restauração Meiji: a construção de um país moderno – capaz de se equiparar às potências ocidentais. Todavia, o país nipônico via a necessidade de redefinir o seu papel e sua posição no mundo – já que ainda prevalecia uma idealização de um lugar totalmente autóctone. Daí a ideia de se integrar, cada vez mais, ao contexto internacional – o que não envolvia somente aspectos econômicos, mas também culturais. A partir da década de 1990, por exemplo, a imagem do Japão já não estava atrelada somente à questão econômica – uma vez que *sushi*, *sashimi* e *karaokê* tornaram-se símbolos da cultura externa deste país (ORTIZ, 2000).

Em relação às Novas Religiões japonesas, o processo de expansão e adaptação às realidades locais de outros países foi intensificado. “À democratização e ao estabelecimento da liberdade de confissão seguiu-se o envolvimento com a realidade global no âmbito da política, da economia e também da religiosidade” (SILVEIRA, 2016, p. 76). Temas como identidade, educação, medicina, meio ambiente

e futuro da humanidade passaram a ser recorrentes em muitas delas (READER, 2000). Novas Religiões, como *Aum Shunkyô* (1984) e *Kofuku no Kagaku* (1986), surgiram neste período – atraindo, principalmente, jovens dos centros urbanos. No que diz respeito propriamente àquelas já existentes, muitas passaram a possuir uma estrutura organizacional sólida – com equipes especializadas em programações de mídia (BAFFELLI, 2016; SILVEIRA, 2016). Daí que começaram a distribuir, “[...] seus livros não somente através de seus centros religiosos, mas também por meio de livrarias gerais, que muitas vezes têm seções especiais para grupos como, Soka Gakkai [...] Seicho-No-Ie [...]” (BAFFELLI, 2016, p. 29, tradução nossa). As décadas de 70, 80 e 90 foram, “[...] frequentemente associadas a um suposto ‘boom religioso’ (shūkyō būmu), ou seja, a ideia de que religião e as discussões em torno de questões religiosas ganharam mais atenção e se tornaram mais importantes neste período” (WINTER, 2018, p. 26, grifo do autor, tradução nossa).

Ademais, atrelado ao “boom religioso”, é preciso destacar que as Novas Religiões japonesas, em virtude do episódio do ataque de gás *sarim* em 1995 realizado por alguns membros da *Aum Shunkyô* em um metro de Tóquio – também viveram momentos de turbulentos frente à sociedade nipônica – contribuindo para o reforço da narrativa do discurso voltado à paz mundial. “Entrementes, esses grupos não deixaram de sofrer algumas retaliações e desprestígio junto à opinião pública, principalmente após o lamentável episódio do ataque de gás *sarim* em 1995 protagonizado por seguidores da *Aum Shunkyô* [...]” (SILVEIRA, 2016, p. 60, grifos do autor). Em virtude deste ataque, todas as religiões nipônicas passaram a ser, obrigatoriamente, registradas no Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia do país (READER, 2000; STAEMMLER, 2018; MULLINS, 2021).

## CAPÍTULO 3 – MASA HARU TANIGUCHI, SEICHO-NO-IE E O PAPEL DAS PUBLICAÇÕES

### 3.1 O fundador e seu interesse pela literatura: entre Ocidente e Oriente

Masaharu Taniguchi nasceu em 1893 na aldeia de Karasuhara – situada na cidade de Kobe. Filho de lavradores passou a viver com a tia aos quatro anos de idade – na cidade de Osaka. Como ela detinha mais recursos financeiros, Taniguchi teve a oportunidade de estudar nos centros urbanos da época – passando a presenciar de perto o processo de urbanização e industrialização do Japão. Em Osaka concluiu os estudos do colegial (ALBUQUERQUE, 1999; STAEMMLER, 2018). Ademais, foi a partir do incurso ao colegial que ele:

[...] gostava de ler em particular um periódico intitulado *Mundo da Escrita*, que continha textos consagrados de autores importantes da época [...] a partir de então, Masaharu foi-se despertando para a escrita, chegando até a enviar um artigo para ser publicado naquele periódico (DINIZ, 2005, p.33, grifos da autora).

Em 1911, Taniguchi ingressou no curso de Literatura na Universidade de Waseda – Tóquio. Como ele optou pela ênfase ao inglês, foi no ambiente universitário que o contato com o Ocidente se fez presente e a influência por autores e correntes que discutiam o comportamento humano se tornaram evidentes. “[...] sentiu-se especialmente atraído pelas obras de Oscar Wilde, Arthur Schopenhauer, William James e pelas teorias da Psicanálise” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 19). Conforme salienta Davis (1997), foi, a partir destas leituras, que Taniguchi se deparou com duas visões antagônicas sobre a existência humana: pessimismo e otimismo:

Na Universidade, ficou profundamente impressionado quando leu a tradução de Schopenhauer, *O Mundo como a Vontade e a Consciência*. Neste tratado leu que o sofrimento era a essência da vida e que o prazer tinha uma existência inconstante e falsa. As conclusões de Schopenhauer fortaleceram a crença do jovem universitário em tal filosofia. A inclinação de sua mente, reforçada por suas convicções sobre a vida, como algo consistente de miséria e sofrimentos, levou a ler mais profundamente a literatura que tratava do “lado escuro do excesso” [...] Por volta dessa época, leu *Intenção*, de Oscar Wilde, e ficou impressionado com o conceito de que mesmo a beleza das cores transcende tanto o bem como o mal. Seus pensamentos começaram a se voltar do lado escuro da vida, para as possibilidades mais brilhantes (DAVIS, 1997, p. 24-25, grifos do autor).

Esta visão otimista ficou abalada pouco tempo depois. A trajetória de uma vida urbana e de condição social mediana – atrelada a um a intelectualidade proporcionada pelo ingresso em uma Universidade – (SILVEIRA, 2016), foi, de certa forma, rompida em 1914. Taniguchi, em virtude de inúmeros problemas pessoais e com 21 anos de idade na época, deixou o curso e iniciou a busca por emprego na capital japonesa. “Devido a aventuras amorosas, desentendeu-se com a família e teve de abandonar a universidade, pois lhe foi negada ajuda financeira” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 19). Daí sua imersão, como empregado em uma indústria de fiação chamada *Setso Boseki Kabushiki Kaisha*, rendendo, segundo aponta Maeyama (1967), uma aproximação como a realidade das condições de vida do operariado da época, ou seja, dos próprios camponeses que haviam se deslocado para as áreas urbanas.

Enquanto vivia a experiência inusitada em uma indústria de fiação, Taniguchi, imbuído pela própria crise e descontentamento de sua visão otimista da vida, tentava encontrar uma solução para os seus problemas em círculos religiosos voltados para a cura. Foi neste contexto que ele entrou em contato – e se interessou – pela *Oomoto* – especialmente em sua doutrina de renovação do mundo e seu método de cura:

[...] ele se interessou pela doutrina de Nao Deguchi [...] quanto teve acesso à e sua convicção de revista espiritualista chamada Cometa (*Suisei*, em japonês). A publicação destacava os métodos de cura da nova religião uma iminente “renovação do mundo” que, como sabemos, era parte da doutrina de várias outras novas religiões japonesas (SILVEIRA, 2016, p. 90, grifos do autor).

Em 1918 – ao visitar a sede da *Oomoto* em Kyoto – Taniguchi se aproximou mais desta Nova Religião – ao ponto de se tornar membro (STAEMMLER, 2018). Em 1919 se mudou para Kyoto e passou a auxiliar na edição da revista da *Oomoto*. “[...] foi membro da *Oomoto*, chegando a escrever artigos para seus periódicos” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 19).

Ainda em 1919, Taniguchi conheceu sua futura esposa Teruko Taniguchi (1896-1988) – ela havia se mudado, neste mesmo ano, para Kyoto com o objetivo de trabalhar

para um membro da *Oomoto*.<sup>44</sup> Em meados de 1920, eles se casaram na Academia Kameoka – pertencente a esta NR (DINIZ, 2005).

---

<sup>44</sup>Cabe ressaltar que – em virtude do advento da sociedade industrial no Japão, as mulheres mais jovens deixaram suas residências para trabalhar na cidade. Neste país, a industrialização se fez por intermédio da mão de obra feminina (ORTIZ, 2000)

**Figura 1 – Teruko Taniguchi e Masaharu Taniguchi**



Fonte: (DAVIS, 1997, p. 07)

Em 1921 Taniguchi acabou se desvinculando da *Oomoto* – em virtude dos descontentamentos com a não concretização da doutrina da renovação do mundo, somada às perseguições que esta NRs sofria das autoridades governamentais do Xintoísmo de Estado. A partir de então, começaram novamente os períodos conturbados – agora, envolvendo sua família como um todo. Com recursos financeiros escassos, o casal se deslocou para Tóquio. Em meio a este cenário de dificuldades, Taniguchi não se via capaz de, por exemplo, cobrir gastos de saúde para tratar a inflamação no estômago de sua esposa (SILVEIRA, 2016; STAEMMLER, 2018). Neste contexto, continuando a busca por respostas existenciais, do ponto de vista religioso, entrou em contato, de forma breve, com uma NR chamada *Itto-Em* – fundada por Nishida Teno, em 1904. Foi através da doutrina, sincrética, desta NR que ele aprimorou seu entendimento sobre Budismo *Mahayana* e Cristianismo. “Teve contato com a seita Itto-en, onde estudou os ensinamentos do Budismo, Cristianismo [...]” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 19).

Em 1923, sua primeira coleção de ensaios foi concluída. “Além de contos e artigos nas revistas da *Ōmoto*, a primeira publicação de Taniguchi foi uma coleção de ensaios, intitulada *Shōdō* (Em direção ao Caminho Sagrado), e publicada em fevereiro de 1923 [...]” (STAEMMLER, 2018, p. 13, tradução nossa). Ademais, neste mesmo ano, chegou a publicar um romance, de cunho religioso, chamado *Julgando as Divindades* (*Kami-o-Sabaku*). Este trabalho acabou materializando sua frustração em, procurar, do ponto de vista religioso, respostas e significados para os problemas enfrentados por ele e sua esposa. Conforme atesta Silveira (2016) o grande cerne deste desencanto estava na desconformidade em aceitar que as divindades permitissem a existência do mal no mundo. Todavia, o livro recém-publicado perdeu suas escassas cópias em meio ao desastre provocado pelo terremoto de Kanto – ocorrido neste mesmo ano. Tal incidente contribuiu para o deslocamento de Taniguchi e Teruko – que estava grávida – para Kobe – cidade natal de Taniguchi. Foi exatamente neste local que nasceu, em 1923, Emiko Taniguchi – filha do casal.

Em Kobe, Taniguchi foi acolhido – juntamente com sua família – pela tia que o havia criado a partir dos quatro anos de idade. O recomeço de vida rendeu a Taniguchi, em um primeiro momento, uma oportunidade de trabalho como editor de uma revista –

que tratava de assuntos referentes aos fenômenos psíquicos. Como o emprego não rendia condições satisfatórias para o sustento da família, ele aproveitava grande parte do restante de tempo que tinha para continuar uma busca, através da religião, por respostas existenciais (DAVIS, 1997). Ele tinha o hábito diário de orar pela prosperidade da pátria e pela família imperial, realizava diariamente adoração, no Santuário Moto Sumiyoshi, à *Suminoe-no-Ôkami* – divindade xintoísta, também conhecida como *Sumiyoshi*, que possuiria, dentre seus atributos, a possibilidade de acesso à cura (SILVEIRA, 2016). Dedicava-se à contemplação interior – influenciado pelos métodos de meditação do Budismo *Mahayana*. “Compreendeu que uma das condições da limitação é devida à restrição mental [...]” (DAVIS, 1997, p. 27). Ademais, aprofundava suas leituras sobre o Cristianismo (DINIZ, 2006; SILVEIRA, 2016).

Ainda em 1923, após um período de adoração no Santuário Moto Sumiyoshi, Taniguchi, antes de retornar para casa – parou numa livraria. “Certo dia, andando por acaso por uma rua, e quando diante de uma loja de livros de segunda mão, repentinamente, como se estivesse sendo atraído, senti um desejo de entrar daquela livraria” (TANIGUCHI, 1978, p. 151). Foi exatamente neste ambiente muito familiar, tendo em vista seu contexto de formação intelectual e sua experiência em publicações que discorriam sobre assuntos psíquicos, que ele acabou entrando em contato com a obra *Law of Mind in Action* (1919) – A Lei da Mente em Ação –, escrita pelo norte-americano Fenwick Holmes (1883-1973):

Depois de folhear o livro durante alguns minutos, comprou-o e prosseguiu em seu caminho para a casa. Durante a maior parte dos três dias seguintes, leu [...] e ficou fascinado por ele. Seus próprios pensamentos foram confirmados quando leu que não importava se a pessoa fosse má ou virtuosa – o sucesso ou a pobreza exterior dependiam, não do comportamento, mas da atitude mental (DAVIS, 1997, p. 28).

Este trecho relata o reencontro, mais acentuado, de Taniguchi com uma visão otimista da vida. A relação entre mente, indivíduo e Deus – através da leitura da obra de Holmes – simbolizou seu contato com o chamado *New Thought* – Novo Pensamento. “Enquanto se espalhava pelos países de língua inglesa, o Novo Pensamento teve seu maior sucesso no Japão [...]” (MELTON, 2006, p. 259, tradução nossa). O Novo Pensamento reunia agrupamentos religiosos – surgidos nos Estados Unidos no final do século XIX – que, influenciados pelo Cristianismo e pela metafísica – buscaram



estabelecer a unidade entre Deus e mente (*mind*) (HUTEHINSON, 2014; STECKLER; BARTKOWSKI, 2018; CABANAS; SÁNCHEZ-GONZALES, 2020).<sup>45</sup>

As premissas contidas no Novo Pensamento foram descobertas na medida em que Taniguchi lia a obra de Holmes e, posteriormente, a traduzia para o japonês. Ademais, ele também via no Novo Pensamento um aspecto compatível com o Budismo *Mahayana*: a ideia de que tudo derivaria da mente (DAVIS, 1997). Esta última constatação, se trabalhada de maneira mais complexa, faz sentido quando retornamos justamente ao processo de sincretismo entre Xintoísmo e Budismo *Mahayana* no Japão. Neste caso, o que de fato parecia ser perceptível aos olhos de Taniguchi teria sido a relação da unicidade entre Deus e homem – por intermédio da mente – presentes no *New Thought*, e alguns elementos xintoístas e budistas – que acabaram se combinando no Japão. Do Xintoísmo podemos destacar: 1) Interdependência entre as esferas humanas e divinas; 2) Busca pelos “benefícios mundanos”; e 3) Busca pela purificação do mundo. Já no caso do Budismo *Mahayana*, teríamos os seguintes pontos: 1) Princípio de salvação acessível a todos os seres vivos.

O contato com o Novo Pensamento rendeu a Taniguchi uma espécie de revigoramento da vida. Daí uma visão otimista por uma busca de emprego mais rentável financeiramente – como forma de melhorar as condições financeiras de sua família. “Raciocinava da seguinte maneira: ‘O mundo é um produto da mente. O homem é filho de Deus e tem uma Infinita Provisão em seu interior. Portanto, não há desemprego para mim’” (DAVIS, 1997, p. 29, grifos do autor). A capacidade de superação através da própria “força da mente” – aliada a uma proximidade e interdependência com o divino – fazia render ao futuro fundador da *Seicho-No-Ie* elementos biográficos, de experiência religiosa, que poderiam servir de inspiração. No ano de 1924 teria acontecido o seguinte episódio:

Quando escreveu um artigo contando sobre a sua atitude, seus amigos achavam que ele estava “sendo levado pelo sobrenaturalismo” [...] Após um mês de contemplação, “por acaso” pegou um exemplar do jornal *Asahi*. Gostava de ler as novelas e tinha prazer em apreciar a composição, o estilo e a nuance das frases. Uma vez que a sua

---

<sup>45</sup>Phineas Quimby (1806-1866) é considerado o precursor do Novo Pensamento. Ele acreditava, por exemplo, que os chamados “pensamentos positivos” criariam ou atrairiam resultados satisfatórios ou saudáveis – assim como pensamentos negativos produziram doenças e consequências negativas (CABANAS; SÁNCHEZ-GONZALES, 2020).

tia não era assinante do jornal, foi somente “por acaso” que o encontrou na casa [...] Depois de ler algumas linhas do romance, os olhos de Masaharu se dirigiram para uma seção abaixo. Lá pôde ler: “Precisa-se de tradutor superior”. O nome da firma não era mencionado, mas pedia-se aos candidatos que enviassem um currículo, escrito tanto em japonês como em inglês, a uma caixa postal. Em dois dias Masaharu foi convidado, através de um mensageiro, a se entrevistar com o gerente de pessoal de uma companhia petrolífera. Ao chegar, recebeu um manual do qual deveria fazer uma tradução do inglês para o japonês. No dia seguinte estava colocado com um salário maior [...] (DAVIS, 1997, p. 30-31, grifos do autor).

A conquista de uma melhor empregabilidade, como tradutor, na companhia petrolífera norte-americana chamada *Vacuum Oil Company*, possibilitou que Taniguchi se mudasse, juntamente com sua família, para uma residência própria (DINIZ, 2006). A suposta relação desta façanha com o campo religioso aumentou seu interesse em explorar, principalmente, o Novo Pensamento. “[...] ele continuou desenvolvendo seu trabalho de tradução dos textos do *Novo Pensamento Americano*.” (SILVEIRA, 2016, p. 91, grifos do autor). Daí seu contato com dois grupos religiosos pertencentes ao *New Thought*. O primeiro foi a *Religious Science* (Ciência Religiosa), fundada, na metade da década de 1920, por Ernest Holmes (1887-1960) – irmão de Fenwike Holmes.

Resumidamente falando, Ernest Holmes se autodenominava cristão, acreditava que o verdadeiro cristianismo partiria dos ensinamentos de Jesus Cristo sobre perdão e no amor entre as pessoas, frisava a necessidade de evitar conceber Deus enquanto uma divindade punitivista e, contrário ao princípio de dualidade, pregava a unicidade entre homem e Deus (enquanto uma divindade benigna em sua essência) (JENNINGS, 2002). Daí a seguinte constatação de Taniguchi:

Ao lermos a Bíblia, encontramos estas palavras: “se não és capaz de amar a teu irmão que podes ver, como serás capaz de amar verdadeiramente a Deus, que não podes ver?” Deus é amor, por isso não se poderá compreender verdadeiramente, se não houver um amor bem profundo (TANIGUCHI, 1978, p. 169, grifos do autor).

Usando, por exemplo, esta ideia de “amor cristão” – influenciado pela Ciência Religiosa – é que Taniguchi, se valendo de um sincretismo, encontrou semelhanças com a doutrina do altruísmo do Budismo *Mahayana*. “[...] assim é a manifestação de amor ao próximo, que nasce da conscientização de que ‘eu e os outros somos um’, assim é o amor divino (ou amor búdico)” (TANIGUCHI, 2001, p. 97, grifos do autor).

O segundo foi a *Christian Science* (Ciência Cristã), fundada por Mary Baker Eddy (1821-1910) em 1879. Eddy acreditava que as curas conduzidas por Jesus Cristo, presentes na Bíblia, não eram propriamente milagres, mas sim uma prova, através de um processo demonstrável, de cura que poderia ser utilizado por todos. Ela também frisava a necessidade de apontar que a Ciência Cristã se basearia na crença de que a Bíblia seria a “palavra inspiradora de Deus” (STECKLER; BARTKOWSKI, 2018). Nas palavras de Taniguchi (1978, p. 57, grifos do autor), através da, “[...] Ciência Cristã, cura-se a doença por meio da ‘mentalização’ da ‘Verdade’ e provam que a doença não é criação verdadeira de Deus, mas sinônimo de ilusão, isto é, do ‘nada’” (TANIGUCHI, 1978, p. 57, grifos do autor).

### **3.2 A “revelação” e o “poder” da palavra contida nas publicações: nasce a *Seicho-No-Ie***

Mesmo com este cenário mais favorável, a busca por respostas, a nível religioso, não cessou na vida de Taniguchi. Os episódios envolvendo sua filha, que havia contraído sarampo e depois pneumonia, serviram de gatilho para que ele seguisse os estudos sobre Xintoísmo, Budismo *Mahayana* e Novo Pensamento. “Não compreendia por que, com a sua compreensão de como a mente funcionava, a sua família deveria estar mal de saúde” (DAVIS, 1997, p. 33). Daí mais uma experiência na vida do futuro fundador da *Seicho-No-Ie*, desta vez, como um possível responsável pela cura de Emiko. “[...] ao mesmo tempo em que [...] Taniguchi orava [...] a garganta da filha melhorou a partir de então” (DAVIS, 1997, p. 40-41).

Este suposto feito, somado às conquistas e superações anteriores, rendeu a Taniguchi um anseio em partilhar suas experiências (DAVIS, 1997). Daí a criação, no final em 1928,<sup>46</sup> do “Grupo de pessoas em busca da verdade” (*Gudo-sha no Kai*). Este grupo, que se reunia na residência da família Taniguchi, tinha o objetivo de discutir questões referentes à religião como um todo. Ademais, estas reuniões serviram para florescer a formação do perfil de liderança religiosa de Taniguchi (DINIZ, 2006;

---

<sup>46</sup>Cabe ressaltar que em abril de 1928 Taniguchi havia publicado uma chamada para encontros destinados à discussão sobre o Novo Pensamento (STAEMMLER, 2018).

STAEMMLER, 2018), pois um dos traços das lideranças carismáticas das NRs nipônicas seria a capacidade de atrair pessoas (ALLES; ELLWOOD, 2007).

Na medida em que o tempo se passava, e, conseqüentemente, as discussões no grupo ganhavam mais notoriedade, Taniguchi, já dando sinais de um caráter proselitista, via a necessidade de expandir, para um número maior de pessoas, as experiências religiosas compartilhadas (DINIZ, 2006). Daí a ideia de publicar sua própria revista. “[...] Masaharu pensou em um plano. Economizaria uma parte de seu salário e no devido tempo estaria apto a financiar a publicação inicial de uma revista” (DAVIS, 1997, p. 41). Em 1929 – como havia sido furtado duas vezes – acabou perdendo as economias para que este desejo se concretizasse de imediato. Todavia, estes episódios contribuíram para as bases do florescimento futuro da SNI – e, conseqüentemente, para a própria manutenção do desejo da efetivação das publicações:

Enquanto examinamos [...] Taniguchi, podemos ver um paralelo que emergiu nas vidas de muitos fundadores religiosos. Desde tenra idade, havia uma insatisfação interior com relação à vida, que se manifestava de muitas maneiras, seguida por um período intenso de autoinvestigação e de meditação a respeito do significado da existência (DAVIS, 1977, p. 45).

Em dezembro de 1929, Taniguchi, influenciado pela tradução étnica xintoísta do *hitogami* (“*kami* homem”), alegou ter recebido sua primeira<sup>47</sup> “revelação divina” – enquanto orava no Santuário *Moto Sumiyoshi* o que expressaria também seu vínculo com a pátria japonesa, ou seja, com o Xintoísmo de Estado e seu caráter totalitário, imperialista e nacionalista assumido naquele contexto. “[...] a Seicho-No-Ie [...] mostra, neste ponto, um nacionalismo japonês [...] adaptada à doutrina xintoísta baseada na mitologia japonesa” (MAEYAMA, 1967, p. 55). O suposto “sinal” dizia para ele se levantar (*ima tate*) e começar a agir, já que o “mundo material” (*genshō*) não existiria por si só (MAEYAMA, 1967; STAEMMLER, 2018). O “mundo material” seria, na verdade, parte do chamado *jissō* – termo atrelado ao Budismo *Mahayana*, que, naquele contexto, ele compreendia, de forma genérica, como, “[...] a realidade divina (*jissō*) apenas” (STAEMMLER, 2018, p. 98, tradução nossa). Segundo Taniguchi:

---

<sup>47</sup>Segundo Staemmler (2018), Taniguchi teria recebido, entre 1929-33, vinte e três “revelações divinas”.

Compreendi, então que o momento de agir, o momento de viver, era aquele ou nunca, e que não é possível viver de verdade enquanto se mantém uma atitude mental apática e comodista de passar a agir no cumprimento da missão atribuindo somente quando se apresentem no nível fenomênico condições propícias para isso (TANIGUCHI, 2011, p. 22).

Através deste suposto “chamado”, Taniguchi forneceu os alicerces da SNI. “[...] legitimou a si próprio e a nova religião por meio da referência a uma revelação especial recebida diretamente de uma divindade” (DINIZ, 2006, p. 38). Ademais, foi em decorrência deste episódio, que o esboço das futuras publicações adquiriu maior potencialidade para justamente afirmar, através da escrita, as supostas revelações recebidas. “No mesmo mês, mudei de residência e logo comecei a redigir as matérias para a revista que viria a ser denominada *Seicho-No-Ie* e cuja finalidade era a divulgação da Verdade” (TANIGUCHI, 2011, p. 22).

### **3.2.1 A formação da doutrina sob influências dos escritos xintoístas, budistas e cristãos**

A partir de 1930, o aspecto doutrinário da SNI começou a adquirir uma estruturação através da escrita. As publicações ganharam escopo, “[...] efetivamente no início de janeiro [...]” (TANIGUCHI, 2011, p. 23). Na medida em que Taniguchi, na figura de um líder religioso, recebia outras supostas ‘revelações divinas’, mais a futura revista da *Seicho-No-Ie* ficava atrelada a estas revelações. “Quando a *Seicho-No-Ie* [...] projetou sua imagem na Terra e as vibrações de suas palavras se manifestaram em forma de escrita, surgiu a revista *Seicho-No-Ie*” (TANIGUCHI, 2011, p. 22). Taniguchi dizia que – no Novo Pensamento – havia o entendimento do chamado “poder das palavras”. “Um elemento fundamental da doutrina da *Seicho-No-Ie* é a teoria [...] das crenças positivas de origem norte-americana, acerca do poder das palavras. Para Taniguchi a palavra tem força criadora e não é somente um conjunto de sons [...]” (DINIZ, 2006, p. 50). Daí que o uso delas curaria, por exemplo, doenças (TANIGUCHI, 1978).

Para reforçar este ponto, ele tomou como exemplo a Ciência Cristã. “A fundadora da Ciência Cristã [...] Eddy, em idade avançada, não tratava pessoalmente os doentes e dizia: ‘Leia o meu livro, a Verdade curará você’. E muitos doentes, realmente, se curam pela leitura dos livros [...]” (TANIGUCHI, 1978, p. 67, grifos do autor). Ademais,

partindo de um sincretismo, Taniguchi também atribuiu ao Xintoísmo e Budismo *Mahayana* a mesma potencialidade das palavras. Na tradição budista, “[...] pela leitura da Sutra Hannya Shinggyo [...] desfaz-se o empecilho e pode ocorrer a cura da doença” (TANIGUCHI, 1978, p. 57). Já no Xintoísmo, a leitura do *Amatsunorito*, oração tradição vinculada a esta religião, haveria uma espécie de, “[...] ablução purificadora, com a força da palavra [...] purifica-se o pecado e a impureza [...] abandona-se o pecado [...] a doença e demais infortúnios [...]” (TANIGUCHI, 1978, p. 57). Desta forma, as revelações indicariam:

[...] a palavra (vibração vital) que preenche o Universo, o princípio criador onipotente [...] da vida que todas as pessoas [...] precisam seguir. Esse princípio da vida eu o recebo, por inspiração [...] O instrumento da publicação é a revista *Seicho-No-Ie*. A Sede Verdadeira da *Seicho-No-Ie* é a fonte da inspiração do pensamento anunciado na *Seicho-No-Ie*, e está no Mundo de Deus, isto é, no “Mundo do Jissô” (TANIGUCHI, 1978, p. 15-16, grifos do autor).

Além do “poder da cura”, os ensinamentos, bem como a própria *Seicho-No-Ie*, seriam projetados através da “força das palavras” – transmitidas para Taniguchi. Na medida em que as supostas “revelações” apareciam, mais o sincretismo da SNI se tornaria evidente. As revelações não viriam somente de *Sumiyoshi* (através das escrituras clássicas do Xintoísmo presentes no *Kojik* e no *Nihon Shoki*), mas também do Cristianismo (no caso, da Bíblia) e do Budismo *Mahayana* (nas sutras sagradas) (TANIGUCHI, 1978).

A escrita serviria para transmitir, de forma mais clara, todo o sentido da SNI aos leitores. “Estas publicações estão redigidas, do começo ao fim, com um único objetivo: explicar a ‘Verdade’, isto é, o ‘Jisso da Vida’” (TANIGUCHI, 1978, p. 61, grifos do autor). *Jissô* abarcaria a chamada “perfeição” contida no “Aspecto Verdadeiro” da vida ou “Imagem Verdadeira” da vida. “No Aspecto Verdadeiro (Jisso) da Realidade todas as coisas são um só corpo, por isso devem estar unidas entre si, numa relação harmônica (isto é, no amor), originalmente não deve existir ódio, rancor, ou ciúme” (TANIGUCHI, 1978, p. 171).

Todos os elementos presentes na natureza seriam perfeitos e harmoniosos, pois derivariam da projeção das mentes divinas xintoístas, cristãs e budistas (este relacionado a Sidarta Guatuma ou Sakyamuni). “Verdade pregada por Sakyamuni, por

Cristo, ou no Kojiki, escritura básica do Xintoísmo ou nos norito, orações xintoístas” (TANIGUCHI, 1978, p. 60). Daí a necessidade de perceber que:

No homem existem duas imagens: O “Homem Real” e o “homem falso”. Um é Realidade e o outro falsidade, que, embora pareça existir, na verdade, não existe. O Budismo sempre partiu desta verdade, não faz cem anos que o Cristianismo acordou para esta verdade. Até então [...] as pessoas comuns atribuíam a responsabilidade da presença das contradições, dores e sofrimentos da vida à imperfeição da Criação de Deus. (TANIGUCHI, 1978, p. 51 – grifos do autor).

Seria no *Jissô* que residiria a “natureza espiritual da vida”, ou seja, “o mundo absoluto de Deus” – que seria equivalente ao “mundo da serenidade” (*jakkodo*) de Buda e ao chamado *chinkon* presente no Xintoísmo, isto é, no “caminho puro divino” (TANIGUCHI, 2001). A expressão “homem falso”, apontada por Taniguchi na citação anterior, seria propriamente uma ilusão. “Dá-se o nome de ‘ilusão’ a falta do conhecimento, ‘a imagem da ilusão’ se chama doença” (TANIGUCHI, 1978, p. 22, grifos do autor). A própria ideia de “pecado” do Xintoísmo clássico também assumiria este mesmo caráter. “Pecado (*tsumi*, em japonês) tem significado de ‘amontoar’ e também ‘envolver’ quer dizer que, por cima do que existe originalmente, está sobreposta uma coisa estranha, a qual atrapalha a liberdade da coisa original” (TANIGUCHI, 1978, p. 56-57, grifos do autor). Este “elemento estranho” seria a crença apenas na existência da matéria, o que evitaria o reconhecimento da natureza do “homem real”. “Este ‘Homem Real’ manifesta-se claramente também na forma quanto mais ele for reconhecido na mente” (TANIGUCHI, 1978, p. 49, grifos do autor). Daí que:

Na *Seicho-No-le* [...] fazemos afirmações como [...] ‘A matéria não existe’. Algumas pessoas, interpretando erroneamente essa afirmação, passam a pensar: ‘Já que a matéria não existe, não é preciso tratar bem as coisas materiais’. Esta é uma atitude mental que tende para o nilismo [...] Afirmamos que não existe a matéria, e sim a Imagem Verdadeira (TANIGUCHI, 2011, p 24, grifos do autor).

Reconhecer o *Jissô* não implicaria na negação da matéria, mas no entendimento que ela por si só não existiria. “[...] a *Seicho-No-le* procura mudar pelo interior, pela mudança radical da convicção mental.” (TANIGUCHI, 1978, p. 216). Esta mudança implicaria no reconhecimento de que seríamos parte do *Jissô* – “Imagem Verdadeira” da vida ou “Aspecto Verdadeiro” da vida. A matéria, e conseqüentemente a escrita que

daria origem à doutrina da SNI, seria projeção – a nível fenomênico – do *Jissô*. “Quando falamos em divulgar a *Seicho-No-Ie*, talvez haja quem pense que estamos nos referindo simplesmente à divulgação de nossos livros e revistas; Porém, não é só isso. Estamos nos referindo à divulgação da Verdade” (TANIGUCHI, 2011, p. 97).

Aliado ao sincretismo, Masaharu Taniguchi também trouxe para os fundamentos da SNI uma roupagem proselitista, uma vez que SNI significaria “Lar do Progredir Infinito” ou “Caminho do Envolver Infinito” (TANIGUCHI, 2011). Para esclarecer este ponto, é necessário destacar o significado da palavra *Seicho-No-Ie*. Segundo Diniz (2006), Taniguchi teria afirmado que SNI seria formado pela junção de quadro ideogramas: 1) *Sei* – vida; 2) *Cho* – espaço estendido horizontalmente; 3) *No* – vínculo ou posse; e 4) *Ie* – lar. Este último ideograma corresponderia exatamente ao *ie*: modelo de relação social, já apresentado nesta tese, desenvolvido no Japão a partir do século XIII – e que carregaria, dentre outros elementos, um sentido de “lar” e “família”. Daí que SNI remeteria a uma “casa aberta” a todos que tivesse contato com as publicações:

Seicho-No-Ie não é simplesmente o nome da minha casa. Todos os lares que vivem em obediência ao princípio da manutenção da vida – Caminho do Envolver Infinito – são Seicho-No-Ie, isto porque esses lares progredirão continuamente. Quando um membro de uma família se torna leitor da “Seicho-No-Ie”, todos os membros da família a qual ele pertence tornar-se-ão Seicho-No-Ie. Pois, aquele lar passa a trilhar o princípio do progredir da vida. O caminho da vida da Seicho-No-Ie não é um caminho iniciado por mim. Desde que a vida se manifesta no Universo, aí existe o caminho, existe lei (TANIGUCHI, 1978, p. 44-45, grifos do autor).

A leitura das publicações da *Seicho-No-Ie* levaria ao reconhecimento mais inclusivo do *Jissô*, pois, a ideia da “Imagem Verdadeira” ou “Aspecto Verdadeiro” da vida, não seria uma exclusividade da SNI, mas sim de todas as religiões. “A essência de todas as religiões, se identifica com a Verdade [...] do *Jissô*” (TANIGUCHI, 1978, p. 12-13). Daí que, “[...] Taniguchi [...] se vê como um emissário [...] o seu papel foi somente de [...] portador de uma mensagem profética [...] cuja força está no sincretismo que ela propõe [...]” (DINIZ, 2006, p. 39). Ao criticar, por exemplo, a Ciência Cristã, Taniguichi dizia que esta adotaria somente, “[...] como fonte doutrinária senão a Bíblia do Cristianismo [...]” (TANIGUCHI, 1978, p. 67). A SNI, por outro lado:



[...] procura fontes doutrinárias em escrituras do Budismo, em escrituras do Xintoísmo [...] e está explicada de modo que a Verdade seja espontaneamente compreendida como religião, por pessoas idosas ou jovens e também por pessoas de qualquer religião [...] A Verdade não está somente no Cristianismo; portanto, é útil que se pregue a Verdade sob forma de Ciência Cristã (Verdade do Cristianismo), mas há necessidade também de explicá-la ao mesmo tempo, sob a forma da Verdade do Budismo ou do Xintoísmo. Se não for assim, não se poderá salvar as inúmeras pessoas que não são cristãs. Essa é a nossa posição de harmonização de todas as religiões em torno da Verdade Única (TANIGUCHI, 1978, p. 67-68).

Taniguchi, no intuito de atrair um público mais volumoso para a *Seicho-No-Ie*, procurou demonstrar que, através das futuras publicações, não seria necessário frequentar somente igrejas, templos ou santuário, pois a SNI, ao estar em sintonia com as mudanças dos meios de comunicação modernos, conseguiria difundir, através de seus escritos, o *Jissô* para um número maior – e mais diversificado – de pessoas:

[...] a forma de transmitir e difundir a Verdade sofreu modificações conforme a época e a circunstância. No passado, devido à insuficiência de meios de comunicação e a dificuldades relativas à impressão de livros, recorria-se exclusivamente à pregação direta às pessoas nas igrejas ou nos templos, não sendo possível, portanto, promover o despertar espiritual simultâneo de uma grande multidão pelo poder da palavra da Verdade. Mas eis que surgiu na era moderna a *Seicho-No-Ie*, iniciando um método de propagação adequado à época atual, que consiste em transmitir vibrações das palavras da Verdade a um grande número de pessoas, através de livros e revistas. Nos dias atuais, em que se verificam um rápido crescimento populacional, fantástico progresso científico e grande desenvolvimento da técnica nos mais variados ofícios, inclusive a tipografia, não se pode continuar preso ao velho método de pregar somente por meio de palestras nos locais destinados para isso, tais como igrejas e templos. Insistindo nesse método, será muito difícil difundir a Verdade para toda a humanidade (TANIGUCHI, 1978, p.98-99).

A capacidade de adaptar-se às novas circunstâncias, no caso à mídia impressa, seria o diferencial – como o atrativo – da SNI. “O que realmente importava para Masaharu Taniguchi [...] é o caráter único da *Seicho-No-Ie*” (DINIZ, 2006, p. 47-48). Neste sentido, Taniguchi também alegava que as escrituras budistas, xintoístas e a Bíblia seriam leituras, “[...] fáceis na aparência, mas, porque foram escritas sob inspiração, se forem lidas apenas superficialmente e não puder ler sob inspiração, não se reconhecerá a verdade autêntica e se esta não puder ser reconhecida, de nada valerá a leitura” (TANIGUCHI, 1978, p. 227). Esta “verdade autêntica”, no caso o *Jissô*, estaria mais compreensível, aos olhos dos leitores, através de uma linguagem de fácil entendimento proporcionada pela SNI:

Não é que não existam adeptos do Budismo que curem doenças pela leitura da Sutra Hannya Shingyo, mas são muito poucas. Isso porque, desculpem-me, são poucos os budistas que compreendem corretamente o Jisso através da “sabedoria do Hannya”. Evidentemente, se pedimos para que façam uma palestra, demonstram erudição acadêmica notável [...] Como é do conhecimento dos senhores, a Sutra Hannya Shingyo, bem como a Sutra Dai Hannyakyo (Mahaprajnaparamita-sutra) e a Sutra Nehankyo (Mahaparinibbana-suttanta) estão escritas com palavras muito distantes das palavras modernas [...] Qualquer que seja a escritura lida, se não se compreender o “Jisso da Vida”, será o mesmo que gravar a sutra em um gravador; não haverá grande eficácia. Aqui está a finalidade da Seicho-No-le [...] estas publicações estão explicando o “Jisso da Vida” por meio de palavras facilmente compreensíveis aos homens modernos [...] não está escrito de maneira mais especulativa, mas de modo a possibilitar a explicação imediata, uma a uma, na vida cotidiana. Com isto, A Verdade é introduzida na vida, haverá luz na mente, manifestará corretamente a felicidade na vida, e o corpo se tornará saudável (TANIGUCHI, 1978, p. 59-60, grifos do autor).

Este posicionamento de Taniguchi – tomando como exemplo a dificuldade de interpretação das sutras – relaciona-se com as observações de Staemmler (2018). Segundo esta autora, a SNI pode se enquadrar no conjunto de NRs nipônicas pertencentes ao chamado “modelo de pensamento intelectual” (*chiteki shisō-kata*),<sup>48</sup> ou seja, NRs fundadas por indivíduos que tiveram acesso a uma escolaridade favorável e que, em decorrência disto, desenvolveram uma doutrina escrita de maneira lógica e abstrata – mas de fácil entendimento. Ainda segundo a autora, isto se explicaria também pelo contexto de surgimento da SNI. Quando o hábito de leitura – em virtude do aumento significativo dos índices educacionais – se tornou recorrente no Japão, as doutrinas de fácil compreensão – em oposição às NRs focadas em uma revelação baseada na tradição, ascetismo e virtude – se tornaram mais atraentes para o público de leitores – inseridos em um ambiente que estava em processo de abruta transformação social e econômica. Daí que também podemos entender o motivo pelo qual Taniguchi se valeu, em grande parte, do uso de analogias para convencer os leitores. Segundo Maeyama (1967), por exemplo, a relação entre “alma” e “fenômeno” seria explicada pela analogia entre os negativos do filme e as imagens.

---

<sup>48</sup>No inglês é traduzido como *intellectual thought type* (Stammler, 2018).

### 3.3 A data de lançamento da Revista *Seicho-No-Ie* como marco da institucionalização da doutrina

No dia 1º de março de 1930, a primeira edição da Revista *Seicho-No-Ie* foi lançada por Taniguchi. “A primeira edição da revista *Seicho-No-Ie* foi enviada à gráfica e, quando a fatura venceu havia dinheiro para pagá-la” (DAVIS, 1997, p. 42, grifo do autor). Ademais, esta data simbolizou, oficialmente, o mês e ano da fundação da SNI:

Oficialmente, estabeleceu-se a data de 1º de março como o da publicação do primeiro número da revista *Seicho-No-Ie*, posteriormente, determinou-se comemorar nesta data o aniversário da fundação da *Seicho-No-Ie* [...] Assim surgiu a revista *Seicho-No-Ie* como veículo que divulga, no mundo terreno, as palavras da Verdade que transmitem a todos uma mensagem de luz e alegria (TANIGUCHI, 2011, p. 23).

Os primeiros exemplares da revista foram enviados, gratuitamente, para: os membros do “Grupo de pessoas em busca da verdade”; alguns conhecidos do casal e mulheres que haviam estudado no mesmo colégio que Teruko (DINIZ, 2006). Segundo Taniguchi, era um grupo composto por cerca de 150 pessoas:

Naquela época havia cerca de 150 pessoas que me escreviam frequentemente [...] se interessavam por artigos que eu escrevia para uma revista cujo editor era meu amigo. A elas enviei o primeiro número da revista *Seich-No-Ie* recém-editada. Eu havia mandado imprimir mil exemplares [...] inicialmente, enviei dois ou três exemplares a cada uma daquelas pouco mais de 150 pessoas [...] solicitando-lhes que os oferecessem a amigos e conhecidos, e colocaram-me à disposição para enviar a pessoas interessadas tantos exemplares quantos elas desejassem (TANIGUCHI, 2011, p.22-223).

Na medida em que a revista era difundida entre estes leitores – e em seus círculos de convivência – mais a demanda por novas remessas de publicações aparecia e mais o perfil dos leitores da SNI se definia no Japão. Segundo Maeyama (1967), era um grupo majoritariamente urbano e composto por membros da classe média nipônica: assalariados, empresários e comerciantes.

O “Grupo de pessoas em busca da verdade” passou a ser uma reunião voltada para discutir temas relacionados à Revista *Seicho-No-Ie*. A própria rotina de Taniguchi alteração, pois, como forma de conciliar com seu trabalho de tradutor na companhia petrolífera, passou a escrever, as futuras edições da revista, de madrugada (DINIZ, 2006). Ademais, no intuito de atrair mais leitores, as supostas “revelações divinas” – com a datada em 15 de janeiro de 1931 – ficavam cada vez mais atreladas à revista. “É

chegada a hora. Agora todos os doentes podem se levantar [...] Volve aos olhos para os fatos nos quais, doentes, mesmo à distância, se curam com a simples leitura das Escrituras *Seicho-No-Ie* [...]” (TANIGUCHI, 1978, p. 9-8).

No ano de 1932, após a publicação do nº 6 da Revista *Seicho-No-Ie*, os leitores começaram a escrever para Taniguchi a respeito das curas que teriam alcançado em virtude do contato com as palavras contidas na revista (DAVIS, 1997). Daí o maior reconhecimento da SNI dentre os japoneses. “[...] certas pessoas que levaram as publicações começaram a manifestar inúmeros acontecimentos milagrosos. Por isso, essas pessoas começaram a reconhecer como movimento religioso” (TANIGUCHI, 1978, p. 12). Este fato acabou rendendo uma justificativa para publicar – posteriormente – tais relatos. Daí também um mecanismo de angariar novos leitores para a SNI:

Portanto, podemos dizer que é uma manifestação da misericórdia de Deus (ou Buda) o fato de publicarmos casos de doentes que se curaram pela *Seicho-No-Ie*, para mostrarmos que conhecemos o caminho para a solução dos problemas e fazemos com que muitas pessoas procurem, conheçam a Verdade e despertem para a natureza divina (ou natureza búdica) delas mesmas. No entanto, muitas pessoas consideram antiético o fato de publicarmos casos de pessoas que se curaram pela *Seicho-No-Ie* [...] Contudo, enquanto houver pessoas atormentadas pelos sofrimentos mundanos, devemos nos empenhar em salvá-las, descendo até o nível que ocorrem tais sofrimentos. Por isso, publicamos casos de cura de doenças, para divulgar amplamente a Verdade de que a doença não é existência verdadeira, sem nos preocuparmos com as críticas que tal procedimento possa suscitar (TANIGUCHI, 2011, p. 105-106).

Podemos dizer que as inserções dos relatos de cura contribuíram para que, ainda em 1932, as publicações adquirissem proporções nacionais. “O relato é um depoimento pessoal importante [...] dentro das várias atividades da *Seicho-No-Ie* (ALBUQUERQUE, 1999, p. 55). Conforme os apontamentos de Maeyama (1967), a Revista *Seicho-No-Ie* passou também a ser publicada com o nome de *Shinshi* (“Revista de Deus”). Ademais, como a demanda havia aumentado, os primeiros leitores foram convidados, via Taniguchi, para investirem uma quantia na produção da revista. Eles ficariam conhecidos, posteriormente, como *shiyu* – adeptos (MAEYAMA, 1967; DINIZ, 2006). Todavia, ser membro da *Seicho-No-Ie*, não implicaria na renúncia de outras crenças religiosas, o que indicaria, neste caso, uma espécie de abertura para um duplo pertencimento. “[...] os adeptos do Budismo podem entrar na *Seicho-No-Ie*, sem deixar

o Budismo; os adeptos do Xintoísmo podem entrar na *Seicho-No-le* sem abandonar o Xintoísmo; e assim por diante” (TANIGUCHI, 1978, p. 34-35).

No intuito de angariar um público que contribuísse financeiramente com as publicações, Taniguchi começou a enfatizar a importância dos leitores, ou seja, eles, assim com o fundador da SNI, conseguiriam compreender e transmitir o *Jissô*. “A característica da *Seicho-No-le* é que todos os adeptos podem se tornar iguais ao mestre-fundador. Uma vez adquirida essa capacidade, podemos curar os doentes, simplesmente apontando-lhes a causa mental [...]” (TANIGUCHI, 2011, p. 64). O alcance desta “capacidade” viria da leitura contínua da revista, isto é, do contato assíduo com o material impresso. “[...] diariamente, pelo menos cerca de uma hora, leia a revista *Seicho-No-le* [...] não é, de modo algum, uma publicação que possa ser encostada porque fora lida uma vez e compreendida pela mente superficial” (TANIGUCHI, 1978, p. 95). Daí também a criação do chamado *Shiyukai* – “grupo de leitores das revistas” (STAEMMELER, 2018). Neste sentido:

Gradativamente, os leitores do periódico começaram a se reunir em seus lares, para discutirem os ensinamentos, orar e meditar juntos. Essas reuniões informais eram conhecidas então, como são agora, como as reuniões dos assinantes. De tempos em tempos [...] Taniguchi compareceria a tais reuniões [...] (DAVIS, 1997, p. 47).

### **3.3.1 O crescimento das publicações: o surgimento do livro *Seimei no Jissô* e da *Sutra Kanro-No-Hoou***

Em 1932 – diante da demanda pelas primeiras edições da Revista *Seicho-No-le* – Taniguchi reuniu seus escritos e os revisou para a publicação, um complicado, do primeiro volume, dos quarenta hoje disponíveis, conhecido como *Seimei no Jissô* – “A Verdade da Vida”. “Na revista mensal ‘*Seicho-No-le*’, entre os anos de 1930-1931, foi publicada a série de artigos intitulada ‘Lições de Cura Metafísica’, e a complicação dessa Verdade reformadora do homem num volume único é o presente livro” (TANIGUCHI, 1978, p. 22, grifos do autor). Basicamente, o livro, teria a mesma finalidade que a revista. “A leitura diária de ‘A Verdade da Vida’ é a maneira de romper a semente da doença [...]” (TANIGUCHI, 1978, p. 211, grifo do autor). O contexto desta publicação foi facilitado pelo seguinte fator: Taniguchi, como havia sido dispensado da

companhia petrolífera, pois a mesma fora vendida, acabou, através do dinheiro obtido pela indenização, adquirindo a Gráfica Yukocha – que mais tarde seria transformada na Editora *Nippon Kyobunsha Company* – e passou dedicar-se integralmente à SNI (DINIZ, 2006).

Figura 2 – *Seimei no Jissô* (vol. único) publicado em 10 de novembro de 1936



Fonte: Site da *Seicho-No-Ie* do Brasil<sup>49</sup>

<sup>49</sup>Disponível em: <https://sni.org.br/seicho-no-ie/organizacional/social-e-filantropia/reliquia-e-encontrada-em-meio-a-doacoes-ao-gabinete-de-assistencia-social-e-filantropia-da-seicho-no-ie-do-brasil/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

Vale destacar também que, a partir da aquisição desta gráfica e do “caráter milagroso” atingindo pelas publicações, Taniguchi publicou, ainda na década de 30, a 1ª edição da obra *Kanro-No-Hoou* – “Sutra Sagrada Chuva de Néctar da Verdade”.<sup>50</sup> “Também leia repetidamente, diante dos espíritos dos ancestrais, a Sutra Sagrada Kanho-No-Hoou. Assim, rapidamente a doença se curará” (TANIGUCHI, 1978, p. 95).

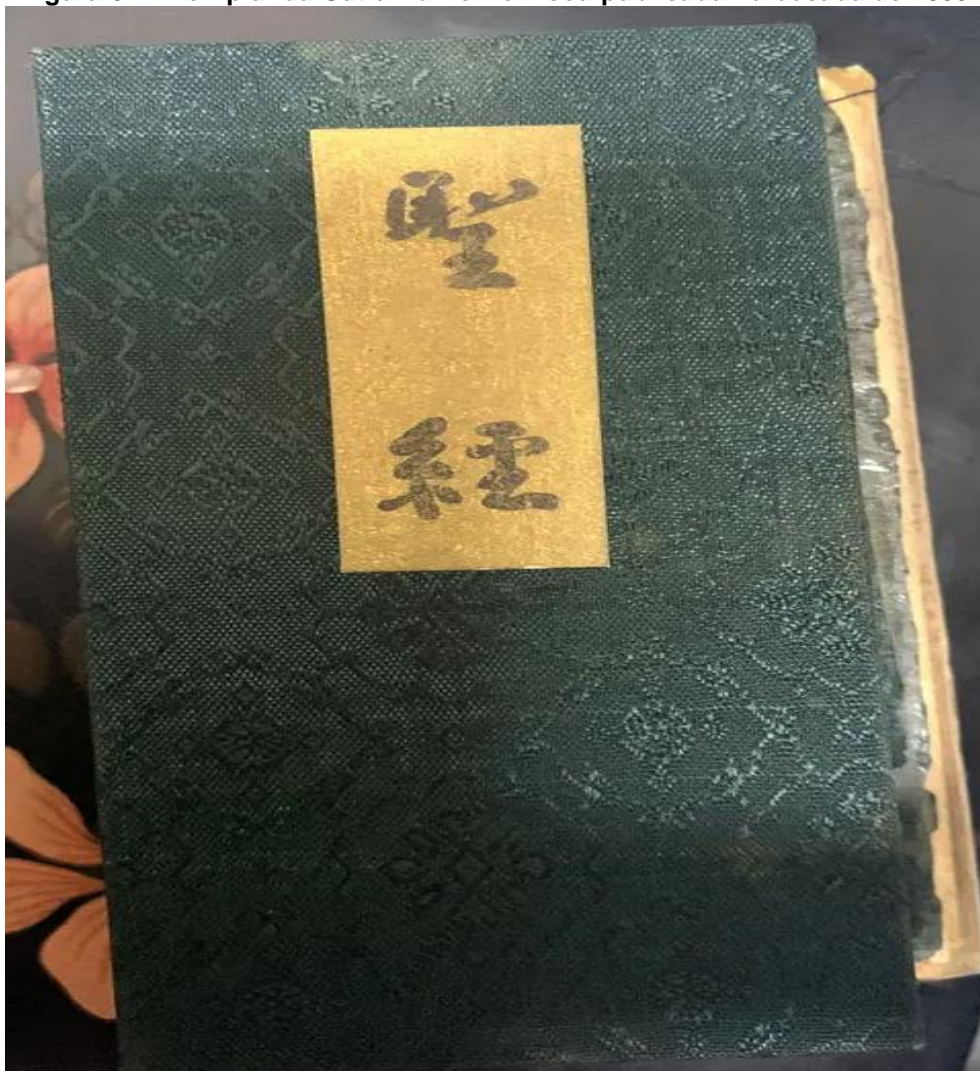
Trata-se de uma sutra que contém um o conjunto das primeiras “revelações divinas” recebidas. “A sutra (essência) de um ensinamento) principal é extraída das primeiras inspirações [...] e é conhecida como Sutra Sagrada da Seicho-No-le. Esta escritura se encontra disponível em livros e também em edições pequenas e fáceis de carregar” (DAVIS, 1997, p. 175-174). Ela se tornou uma espécie de oração básica da SNI, no qual os leitores seriam instados a realizar, por exemplo, os chamados “agradecimentos diários” – direcionados à família, antepassados, pátria e amigos –, para a concretização do *Jissô* nas suas vidas. Tais agradecimentos seriam derivados da prática do (*oya koko*), isto é, do “sentimento de gratidão”, presentes no Budismo *Mahayana* – e herdados, como já vimos nesta tese, do Confucionismo.

---

<sup>50</sup>Cabe salientar que *Kanro-No-Hoou* simbolizaria uma divindade revelada para Taniguchi, em dezembro de 1930, através de uma divindade relacionada ao Budismo *Mahayana* (STAEMMLER, 2018).



Figura 3 – Exemplar da Sutra *Kanro-No-Hou* publicada na década de 1930



Fonte: Site da *Seicho-No-Ie* do Brasil<sup>51</sup>

<sup>51</sup>Disponível em: <https://sni.org.br/seicho-no-ie/organizacional/social-e-filantropia/reliquia-e-encontrada-em-meio-a-doacoes-ao-gabinete-de-assistencia-social-e-filantropia-da-seicho-no-ie-do-brasil/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

No ano de 1934, Taniguchi começou a realizar uma série de viagens no interior do Japão, com o objetivo de proferir encontros para divulgar a doutrina da SNI – o que mais tarde ficaria conhecido oficialmente como “Grande Seminário”. “À medida que a fama [...] se espalhava [...] salões de conferências, cada vez maiores eram necessários para acomodar as multidões que vinham ouvir o professor inspirado” (DAVIS, 1997, P. 49). Neste mesmo ano ele se mudou, juntamente com a família, para Tóquio.

Em 1935, com a publicação da coleção *Seimei no Jissô*, o número de adeptos – no caso de assinantes – começou a aumentar. Segundo os levantamentos realizados por Maeyama (1967), neste mesmo ano, a Revista *Seicho-No-le* contava com cerca de 30.000 assinantes. Já o 1º volume do livro *Seimei no Jissô* teria vendido 800.000 exemplares. Nesta altura, os relatos já não continham somente as curas, mas também situações que descreviam, por exemplo, conquistas de emprego e melhorias no ambiente familiar proporcionada pela leitura das publicações da SNI – e, conseqüentemente, pelo entendimento do *Jissô* (DAVIS, 1997).

### **3.4 *Seicho-No-le* diante da intensificação do Xintoísmo de Estado: estruturação e adaptação doutrinária através da escrita**

A partir de 1936, Taniguchi procurou atribuir um caráter mais estrutural e administrativo para a SNI. Neste mesmo ano, a primeira Sede Central da *Seicho-No-le* foi inaugurada em Tóquio – em um prédio no bairro Akasaka. Segundo Davis (1997), ela foi projetada para abrigar salão de reuniões e escritórios administrativos. Nestes locais, a chamada Meditação *Shinsokan* (Meditação Contemplativa)<sup>52</sup> da SNI – passaria a ser praticada:

Uma prática diária muito importante para todos os seguidores da *Seicho-No-le* é a *Meditação Shinsokan*, que é definido como a arte da Meditação Contemplativa. Em milhares de salões [...] e centros de estudos do Japão, os membros se reúnem nas primeiras horas da manhã, antes de começarem o novo dia de trabalho, para participarem da meditação em grupo. Os membros que não acham conveniente comparecer à prática em grupo são encorajados a praticá-la na intimidade de seus lares (DAVIS, 1997, p. 97, grifos do autor).

<sup>52</sup>Levando em consideração a construção da palavra em japonês, *Shinsokan* envolveria uma prática religiosa através da qual a realidade sem forma, onipresente e verdadeira divina (*shin*) poderia ser ‘pensada’ (*sō*) e ‘visualizada’ (*kan*) diretamente (STAEMMLER, 2018).

Segundo Taniguchi, a prática desta meditação teria como objetivo despertar o *Jissô*. Uma das formas de praticá-la estaria relacionada às publicações, pois envolveria recitar, através de cânticos, os versos da Sutra Sagrada *Kanho-No-Hoou* (DAVIS, 1997).

Ademais, foram fundadas duas *nihonjin-kai* (associações). Sendo elas: 1) *Sooai-Kai* – Associação da Fraternidade, composta por homens; e 2) *Shirohato-Kai* – Associação Pomba Branca, composta por mulheres. As associações emergiram como forma de organizar encontros para estudar a doutrina da SNI, bem como para divulgar a mesma. Considerando as influências de Taniguchi para a criação da *Sooai-Kai* e *Shirohato-Kai*, vale destacar que, de modo geral, as associações japonesas, se desenvolveram sob a égide do sentido étnico de pertencimento e unicidade entre povo e território japonês – que remontam ao Xintoísmo (MAEYAMA, 1967; DINIZ, 2006; STAMMELER, 2018).

Enquanto Taniguchi assumiu o posto de Supremo Presidente da *Sooai-Kai*, Teruko passou a exercer o cargo de Suprema Presidente da *Shirohato-Kai* – posteriormente, Emiko assumiria este posto. Ambas eram geridas e controladas por Taniguchi – Supremo Presidente da *Seicho-No-Ie* – e passaram a conter núcleos – associações locais. “Os três tipos de organizações associativas formam em cada província uma federação regional, procurando através dela uma maior comunicação entre as associações e tornando-a a base para as atividades de doutrinação” (MAEYAMA, 1967, p. 64).

Cabe destacar que os próprios conteúdos das publicações traduziam os alicerces do *ie*, ou seja, o alcance do *Jissô* partiria do padrão ideal da família tradicional japonesa – com a Revista *Seicho-No-Ie* ocupando o posto de revista central da SNI. Como o perfil dos membros da *Sooai-Kai* era formado basicamente pelos “chefes de família”,<sup>53</sup> a Revista *Seicho-No-Ie* passou a publicar, de forma recorrente, relatos envolvendo a melhoria e expansão dos negócios dos homens (MAEYAMA, 1967).

---

<sup>53</sup>No *ie*, a ideia de “chefe de família”, também se estenderia ao mundo dos negócios – formando uma espécie de “organização corporativa” que se assemelharia ao ambiente familiar. Daí a identificação com a noção de “chefe da empresa” (ORTIZ, 2000).

Já a *Shirohato-Kai*, passou a contar como uma revista que levaria o nome da própria associação. Segundo Staemmeler (2018), o nome *Shirohato* (Pomba Branca) foi escolhido porque as pombas simbolizariam pureza, amizade e paz – atribuídos que estariam presentes nas mulheres. Daí que o principal objetivo das publicações desta revista seria, “[...] ensinar as mulheres como tornar suas famílias paraísos e estabelecer a “iluminação” (kōmyō Mitsuaki) de amor e paz” (STAEMMELER, 2018, p. 99, tradução nossa, grifos da autora). Conforme sugere Albuquerque (1999, p. 40). “A família e as relações conjugais são também contempladas por essa doutrina, diferenciando-se os papéis do homem e da mulher de forma a refletir os padrões tradicionais japoneses”. Neste sentido, podemos concordar com os argumentos de Diniz (2006) sobre a necessidade de compreender que a visão da mulher na SNI foi fundamentada sobre o patriarcado – estruturante do *ie* – voltado à dominação masculina sobre a feminina.

Na década de 1930 também surgiram outros dois elementos que contribuíram para uma guinada mais organizacional da SNI. Podemos destacar como o primeiro deles o florescimento do cargo conhecido como *kōshi*, isto é, os pregadores que, como já mencionado nesta tese, desenvolveram-se no Japão como uma espécie de disseminadores de conhecimento. “Há, no entanto, adeptos distinguidos como *Kōshi* que realizam a doutrinação organizada” (MAEYANA, 1967, p. 64). No caso da SNI, eles seriam os adeptos – incluindo lideranças – oficialmente habilitados – em diferentes graus de hierarquia – para divulgar a doutrina mediante palestras e orientações pessoais (DAVIS, 1997; ALBUQUERQUE, 1999; DINIZ, 2006).<sup>54</sup>

O segundo elemento foi a fundação – em Tóquio – da primeira “academia” da SNI, conhecida como Academia de Treinamento Espiritual de Tobitakyo. Segundo Diniz (2006, p. 131, grifos da autora), as academias – que teriam sido originadas das revelações divinas recebidas por Masaharu Taniguchi em março de 1932 – foram projetadas para serem espaços infraestruturados destinados a fortalecer e aprofundar os ensinamentos contidos nas publicações. “Na academia praticam-se os ensinamentos da *Seicho-No-Ie*, executando a *Meditação Shinsokan* matinal, leitura das sutras sagradas e atos de gratidão, independente do tipo de evento que será realizado no local”. Complementando este raciocínio, podemos destacar também uma possível

---

<sup>54</sup>As associações passaram a se subdividirem – formando núcleos, que, teriam como base, relações de vizinhança (MAEYAMA, 1967).

influência – em Taniguchi –, das “academias particulares” (*shijuku*), que, como já mencionado nesta tese, floresceram durante a Era Tokugawa (1603-1867).

Observando este caráter mais organizacional, podemos dizer que a SNI se enquadra em uma espécie de tensão observada em grande parte nas NRs nipônicas: ao mesmo tempo em que há uma “democratização da salvação”, existe o impulso para um controle, vertical, centrado na figura dos fundadores, lideranças e nos padrões conservadores patriarcais da família japonesa (READER, 2006).

No ano de 1940, o governo reconheceu – oficialmente – a SNI como uma Organização Religiosa (*Shūkyō Sessha*) (STAEMMLER, 2018). Diferentemente de algumas lideranças das NRs nipônicas, Taniguchi não sofreu retaliações (SILVEIRA, 2016). Valendo-se do modelo tradicional do *ie*, ele procurou, através das publicações, atribuir à doutrina da SNI justificativas de apoio ao caráter belicista, imperialista e nacionalista do imperador:

Argumenta Taniguchi que as forças de ocupação, no intuito de debilitar o país, propositalmente destruíram a base do familismo japonês. Prega, por conseguinte, a necessidade de retorno ao sistema *ie* (família linear ou extensa, cuja continuidade através das gerações é assegurada pela primogenitura), pois, para ele, tal sistema familiar seria o sustentáculo do regime imperial e do patriotismo. Para Taniguchi, a nação japonesa é uma família na acepção de *ie*, sendo o Imperador seu patriarca (MAEYAMA, 1967, p. 70).

Segundo os levantamentos realizados por Silveira (2016), este posicionamento notadamente étnico assumido por Taniguchi pode ser presenciado, por exemplo, no 16º volume do livro *Seimei no Jissō* – publicado em 1941 e que conteria interpretações sobre o *Kojik*, um dos livros da mitologia japonesa.

Em 1945, como forma de apoio à participação do governo na Segunda Guerra Mundial, Taniguchi também teria produzido cerca de 50 mil cartazes com a seguinte frase: “Vitória do Exército Imperial” (DINIZ, 2006). O fato é que está postura política de Taniguchi se justificaria pela manutenção da ordem social do país – o que viria de encontro com os princípios conservadores, centrados no modelo patriarcal e paternalista da família presentes na *Seicho-No-Ie*. Aliado a isto, como, a partir do Xintoísmo de Estado, religião e política ficaram cada vez mais interligadas no Japão – representando justamente os desdobramentos da quinta fase da globalização marcada, dentre outros fatores, pela disputa territorial –, Taniguchi, ao adaptar a doutrina da SNI,

acabou encontrando meios de escapar das opressões do governo. “Taniguchi, neste espaço de tempo, procurou prestigiar ativamente o governo, identificando tanto na ideia como na prática, com a ideologia pró-guerra, como partidário da adoração ao “Tenno” (Imperador) [...]” (MAEYAMA, 1967, p. 46, grifos do autor).

### **3.4.1 A reconfiguração doutrinária frente ao término da Segunda Guerra Mundial**

Mesmo com a não perseguição, o término da Segunda Guerra Mundial possibilitou um retorno às publicações promovidas pela SNI. “Após a guerra do Pacífico, a Seicho-No-le retomou a publicação de suas revistas, que haviam sido interrompidas devido à falta de material impresso” (STAEMMLER, 2018, p. 90, tradução nossa). Cabe salientar que a gradual ausência de papel, durante a guerra, acabou acarretando na diminuição dos números dos jornais e, conseqüentemente, levou à redução do espaço ocupado pela mídia impressa (ORTIZ, 2000).

Foi neste revigoramento das publicações que Taniguchi, em 1946, procurou atualizar seus escritos que continham as justificativas de apoio ao caráter bélico, totalitário e de forte tendência nacionalista – assumido pelo governo do Imperador Showa. Conforme atesta Silveira (2016), Taniguchi, alegando receber “novas revelações divinas”, destacou o equívoco de sua interpretação em torno do *Kojik* e, diante disto, revisou o 16º volume do livro *Seimei no Jissô*. Esta postura traduziu justamente o fluxo assumido pelo país nipônico frente ao mundo pós-guerra – onde, como já mencionamos ao destacar a quinta fase da globalização, havia a tentativa de se estabelecer uma consciência humanitária promovida, por exemplo, pela criação da ONU em 1945. Neste sentido, ele buscou trazer à SNI – através das supostas “novas revelações” provenientes da tradição xintoísta do *hitogami* (“*kami* homem”) – a ideia de uma singularidade nipônica marcada por uma sociedade harmônica, ausente de conflitos e contradições. Esta postura manteve o caráter étnico da SNI – centrado principalmente no *ie* – e trouxe um traço característico da globalização presente nas NRs japonesas, após a Segunda Guerra Mundial: ao mesmo tempo em que tentavam se reposicionar no cenário mundial, abordando temas globais, demarcavam a superioridade do “local” frente ao global (DESSI, 2013). Segundo Taniguchi:

[...] todas as manhãs reverenciemos as almas dos ex-imperadores e, diante do oratório, oremos pelas almas de nossos antepassados e agradeçamos a eles pela proteção [...] não o fazemos por mera formalidade. Embora haja que faça críticas a esse respeito, devemos compreender que nós, japoneses, vivemos [...] dentro da história. O nosso país teve altos e baixos, mas em nenhum momento se abalou, e alçou o progresso que temos hoje, graças à presença inabalável do Imperador como centro de gravidade da nação [...] Não devemos ser ingratos, esquecendo-nos dos benefícios que recebemos dos sucessivos imperadores. A gratidão constitui a base moral prática e da religião prática (TANIGUCHI, 2011, p.111).

Através da expressão “Movimento para Iluminação da Humanidade” – *Jinrui Kōmyō Undō* (Albuquerque 1999; Staemmler 2018), Taniguchi, partindo do modelo ideal japonês e das publicações da SNI, também passou a atribuir ao *Jissō* uma espécie de caminho para a “harmonia mundial”:

Se pela ‘palavra’, preenchemos de saúde o mundo, a humanidade terá saúde. Se o mundo for preenchido de luz pela ‘palavra’, este mundo será iluminado [...] quanto mais aumentar a tiragem dos impressos da *Seicho-No-Ie*, tanto mais corresponde a ter aumentado o ‘poder das boas palavras’ neste mundo (TANIGUCHI, 1978, p. 148, grifos do autor).

O país nipônico carregaria os traços da *Seicho-No-Ie*, e, por isto, seria, por assim dizer, o “País do Progredir Infinito”. Era preciso, através das publicações, enviar esta mensagem para o mundo. “Um país repleto de tais lares seria ‘País do Progredir Infinito’. E quando todos os países do mundo forem assim, irá acontecer o paraíso na face da terra” (TANIGUCHI, 2011, p. 86, grifo do autor).

O retorno das publicações também propiciou a manutenção da estrutura organizacional da SNI – centrada no *ie*. Segundo Ortiz (2000), apesar da queda do Xintoísmo de Estado, o “espírito de comunidade” ainda persistiu por alguns anos no Japão. Ademais, vale destacar que a SNI manteve, até o início da década de 1980, seu apoio à política nacional conservadora – que era difundida, inclusive, pelo imperador (STAEMMLER, 2018).

Em 1948, Taniguchi oficializou o estabelecimento da *Seinen-Kai* (Associação dos Moços) – ela já exercia atividades antes da Segunda Guerra Mundial, todavia, não havia adquirido um status oficial – como as demais. Esta associação foi formada para atender o público jovem em geral – homens e mulheres –, e, em momento posterior, também passou a contar com uma revista.

O cargo de Supremo Presidente da *Seinein-Kai* foi assumido por Seicho Taniguchi (1919-2008) – genro de Taniguchi. Ele havia se casado com Emiko em 1946 e, ao assumir o posto de supremo presidente, também passou a contribuir com suas próprias publicações para a SNI (MAEYAMA, 1967).<sup>55</sup> Vale destacar que Taniguchi e Teruko somente tiveram Emiko como filha. Segundo os princípios do *ie*, a propriedade doméstica podia ser passada apenas para o filho mais velho do casal. Na ausência, por exemplo, de filhos homens, o marido da filha podia ser “adotado” (ORTIZ, 2000). Foi exatamente partindo deste costume que Taniguchi “adotou” Seicho – no ano de 1957 ele se tornou Vice-Presidente Supremo da *Seicho-No-Ie*.

Na década de 1950, em virtude do registro oficial da *Seicho-No-Ie* através da Lei das Sociedades Religiosas – promulgada em 1951 –, Taniguchi – além de dar início ao projeto de edificação do primeiro templo da SNI, localizado na cidade de Uji, e inaugurado na década de 60 – acabou encontrando um terreno fértil para impulsionar e divulgar as publicações:

Foram montadas companhias filiadas para cuidarem dos assuntos referentes às publicações [...] A Sekai Seiten Fukyu Kyokai é o Instituto de Disseminação das Escrituras e envia livros e revistas aos membros. Os trabalhos gráficos da *Seicho-No-Ie* é feito pela Komyo-sha-Company. Cada companhia tem um sistema de contabilidade separado e cuida de suas respectivas responsabilidades (DAVIS, 1997, p. 169).

Acompanhando a onda do aumento – também a partir de 1951 – da circulação dos jornais no Japão (ORTIZ, 2000),<sup>56</sup> Taniguchi passou a investir massivamente em publicidade. Por intermédio da editora *Nippon Kyobunsha Company* e da construção, em 1954 – de outra Sede Central da SNI – mais estruturada e localizada no bairro Harajuku –, a SNI começou a contar com uma espécie de panfleto descrevendo os livros e revistas – as associações e seus respectivos núcleos, espalhados pelo país,

---

<sup>55</sup>Seicho entrou em contato, pela primeira vez, com a SNI – no ano de 1941 – quando esteve internado no Hospital Militar de Hamada, em virtude de uma tuberculose, e conheceu o livro *Seimei no Jissô*. A melhora do seu quadro, que teria sido fruto da leitura desta obra, o fez se tornar adepto da SNI. Após a Segunda Guerra Mundial, conseguiu uma vaga de tradutor na editora da SNI – Taniguchi havido publicado o anúncio da vaga em um jornal. Em decorrência deste fato, o sobrenome – de família – Arachi cedeu lugar ao sobrenome Taniguchi (DINIZ, 2006).

<sup>56</sup>Cabe ressaltar que, antes do término da Segunda Guerra Mundial, os jornais tinham que reverter, para o Estado, 10% dos lucros arrecadados com os anúncios (ORTIZ, 2000).



também contribuíram para esta divulgação.<sup>57</sup> Passou a ser constante, nos grandes jornais de circulação nipônicos da época, a presença de anúncios a respeito da SNI (DAVIS, 1997). Segundo os levantamentos efetuados por Maeyama (1967), até o ano de 1959 o livro *Seimei no Jissô* tinha 20 volumes publicados, já a Revista *Seicho-No-le* havia publicado 10 números.

Ademais, Taniguchi intensificou a produção e organização de outras publicações relacionadas à SNI. Ele passou a supervisionar a tradução, do inglês, de obras religiosas de outros autores e estreitou laços com o Novo Pensamento. No ano de 1952, por exemplo, foi publicado o livro *The Science of Faith* (“A Ciência da Fé”), pela editora norte-americana *Dood, Mead and Company*. Taniguchi escreveu esta obra em coautoria com Fenwicke Holmes – posteriormente, ela foi publicada pela editora *Nippon Kyobunsha Company* (DAVIS, 1997).<sup>58</sup>

### 3.5 Do Japão para o mundo: a expansão das publicações

A década de 1960 marcou o início da redução do caráter étnico da *Seicho-No-le* – mas não sua completa ruptura. O que se viu, a partir de então, foi uma abertura mais acentuada ao “global” em detrimento do “local” de origem. Dito de outra forma era preciso não somente levar a mensagem do *Jissô* para o mundo – tomando como base a singularidade nipônica da “harmonia presente no país” –, mas também buscar novos horizontes. Segundo Maeyama (1967), Taniguchi dizia que era necessário se adaptar às circunstâncias que estavam postas. Isto implicou, conseqüentemente, na narrativa de “novas revelações divinas” (SILVEIRA, 2016), ou seja, nas influências xintoístas do *hitogami* (“kami homem”).

Se antes da Segunda Guerra Mundial eram recorrentes as lideranças das NRs nipônicas se utilizarem da tradição, centrada no *hitogami*, para a legitimação de uma releitura crítica da Bíblia – baseada na ideia de que as interpretações até então realizadas estavam equivocadas –, a partir da década de 1960, este cenário sofreu alterações (DESSI, 2013). Daí a necessidade de voltarmos novamente à noção de

<sup>57</sup>Segundo os levantamentos de Maeyama (1967), em 1959 a Associação dos Moços possuía mais de 1000 núcleos espalhados pelo Japão. Já a Associação Pomba Branca contava, neste mesmo ano, com 1200 núcleos e 60000 membros.

<sup>58</sup>Vale acrescentar que Ernest Holmes prefaciou este livro (DAVIS, 1997).

consciência humanitária presente na quinta fase da globalização. Ela também teve implicações na religião, principalmente, no Cristianismo. Em 1948 – na cidade de Amsterdã, capital da Holanda – foi fundado, através da iniciativa de lideranças ligadas ao Protestantismo – o Conselho Mundial de Igrejas – no intuito de promover uma espécie de cooperação cristã a nível global. Já o Concílio Vaticano II (estabelecido entre 1963-65), trouxe mudanças consideráveis para o Catolicismo – como, por exemplo, a necessidade de estabelecer um diálogo inter-religioso, com as demais religiões, através da promulgação do “Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso” (CAMPBELL, 2007).

Na medida em que o Cristianismo assumia um discurso pautado na consciência humanitária, enfatizando, principalmente, o diálogo e tolerância entre as religiões, mais Taniguchi se aproximaria daquilo que Dessi (2013), classifica como uma “visão mais inclusiva e relativista do mundo” seguida por muitas NRs nipônicas – a partir da década de 1960. Esta postura das NRs também estaria relacionada com o próprio florescimento das mesmas fora do Japão, ou seja, os imigrantes – que em grande escala se dirigiram para o continente americano – foram os pioneiros da divulgação das Novas Religiões Japonesas (SILVEIRA, 2016). Daí que as “novas religiões divinas”, supostamente recebidas por Taniguchi, trouxeram para a *Seicho-No-Ie*, elementos cristãos de maior escala e maior importância (MAEYAMA, 1967). Segundo Taniguchi:

Mesmo as apresentações de escritos estrangeiros são ‘palavras de Deus’. De fato, a primeira vista, parece que não é ‘palavra de Deus’. Porém, os caminhos pelos quais estes escritos estrangeiros chegaram às minhas mãos estão orientados inteiramente pela inspiração e, quando penso nisso, compreendo que estou recebendo ordens inspirativas de Deus para traduzir aquele livro e publicar na revista ‘Seicho-No-Ie’ [...] Por estas coisas, também se pode compreender a realidade de que este movimento Seicho-No-Ie está totalmente planejado por Deus e até a apresentação de artigos estrangeiros, conforme a necessidade, são livremente atraídos do além-mar (TANIGUCHI, 1978, p. 149, grifos do autor).

Estes “escritos estrangeiros” seriam as próprias fontes bíblicas, bem como a literatura do Novo Pensamento – que já eram utilizadas por Taniguchi, juntamente com a literatura xintoísta e budista, para fornecer as bases sincréticas, harmônicas e universalistas do *Jissô*. Todavia, como o interesse, naquele momento, se dirigia para o global, era necessário apresentar esta nova faceta da SNI para o Ocidente. “[...] tudo

que for necessário para redigir a revista, seja dos Estados Unidos, seja da Inglaterra, rapidamente chega às nossas mãos, passando pelas mãos de alguma pessoa” (TANIGUCHI, 1978, p. 153). Daí o início da “excursão” de Taniguchi – juntamente com Teruko – para o exterior. Em 1963, eles realizaram uma série de viagens – durante sete meses – nos continentes americano e europeu, levando, justamente, a mensagem do *Jissô* – moldada em um sincretismo mais acentuado com o Cristianismo. Em um primeiro momento, foram para o Havaí Posteriormente para o Canadá e EUA – onde, no país norte-americano, Taniguchi teve a oportunidade de se aproximar ainda mais do Novo Pensamento. Nos EUA, ele chegou a receber o título de *Doutor Honoris Causa* em Ciência Religiosa, entregue pelo Reverendo William H.D. Hornaday (1910-92) – mentor de chamada Igreja da Ciência Religiosa do Criador – ligada à *Religious Science*.<sup>59</sup> Posteriormente, desembarcaram na América do Sul. A última estadia foi a Europa – onde Taniguchi, juntamente com Teruko, tiveram uma audiência com o Papa Paulo VI (1897-1978) (DAVIS, 1997, SILVEIRA, 2016).

Estas viagens também ajudaram a promover o impulso das publicações da *Seicho-No-Ie*. Alguns países, que já possuíam filiais ou um protótipo delas, passaram a contar com uma estruturação mais sólida, tendo, como exemplo, editoras – e um corpo profissional de membros da SNI – que realizavam as traduções das obras – adequando-as, ao contexto do “local”. Já outros, passaram a vivenciar este panorama anos depois. Em virtude do dinamismo da relação entre filial e matriz, a sede localizada em Tóquio passou a ser conhecida como Sede Internacional da SNI.

---

<sup>59</sup>Segundo Silveira (2016), foi a partir de 1961 que Taniguchi soube da existência da Igreja da Ciência Religiosa do Criador.

**Figura 4 –Taniguchi (ao lado de Teruko) autografando o livro “A Verdade da Vida” em Los Angeles**



**Fonte: (DAVIS, 1997, p.32)**

**Figura 5 – O casal Taniguchi com William Hornaday e esposa**



Fonte: (DAVIS, 1997, p. 9)

Conforme a SNI adquiria um status maior no Japão – inclusive do ponto de vista estrutural, mediante a construção, em 1977, do segundo templo localizado em Nagasaki –, sua estratégia de difusão de publicações acabou se tornando um modelo para outras NRs nipônicas. Na década de 70, setores da imprensa japonesa cunharam o termo “a religião da publicidade” – como forma de destacar o grande volume de publicações promovidas pela *Seicho-No-Ie* (BAFFELLI, 2016). A fim de garantir, cada vez mais, o controle das filiais e a divulgação da SNI à população sem ascendência japonesa, Masaharu Taniguchi buscou operacionalizar – com maior frequência – suas viagens – bem como das demais lideranças das SNI. Em 1974, por exemplo, Seicho Taniguchi – que naquele contexto exercia o cargo de Vice-Presidente Supremo da SNI – chegou a passar uma temporada em Gana (DINIZ, 2006). Ademais, em janeiro de 1982, a Revista *Seicho-No-Ie* começou a ser traduzida para o espanhol (MATSUDA, 1988).

Em 1985 – devido ao falecimento de Masaharu Taniguchi – Seicho Taniguchi assumiu o posto de Presidente Supremo da SNI – dando prosseguimento à guinada de diálogo e adaptação, bem como mantendo a ênfase das publicações da SNI. “[...] principalmente pela atenção dedicada a temas que naquele momento faziam parte da agenda política planetária, como a paz mundial e, na década de 1990, a ecologia, além também de contribuir com a imensa bibliografia religiosa da *Seicho-No-Ie*” (SILVEIRA, 2016, p. 99). Segundo Staemmler (2018), Seicho chegou a escrever – contando com seus trabalhos de coautoria – mais de 200 livros em vida.

## CAPÍTULO 4 – A FORMAÇÃO DO CENÁRIO RELIGIOSO BRASILEIRO E A GLOBALIZAÇÃO

### 4.1 Sincretismo e domínio da Igreja Católica

Relacionando a primeira fase da globalização ao contexto brasileiro, podemos destacar o florescimento da população autóctone das nossas terras, ou seja, dos indígenas e, conseqüentemente, da disseminação de práticas religiosas como força motriz da vida social – de um território não demarcado geograficamente e composto por mais de mil povos (DOMEZI, 2016).<sup>60</sup> Conforme argumenta Laraia (2005), havia inúmeras práticas religiosas espalhadas pelas diferentes etnias. Um dos aspectos marcantes delas foi o desenvolvimento de uma liderança espiritual – o pajé –,<sup>61</sup> dotada de prestígio do tipo mágico. Ademais, é preciso destacar que estas tribos se formaram em meio ao processo de fluxo migratório presente desde a antiguidade: uma rota dirigiu-se para o Norte – alcançou a terra que ficaria conhecida posteriormente como América (DOMEZI, 2016).

No caso da segunda fase da globalização, podemos destacar o estabelecimento do Brasil Colônia – iniciado em 1500 pelos portugueses. Segundo Fausto (2006), neste período prevaleceu um sistema econômico caracterizado, preponderantemente, por atividades de mineração, criação de gado e engenhos de açúcar.

A chegada dos portugueses às terras habitadas pelos indígenas trouxe uma mescla de exploração, convívio e imposições de valores do Catolicismo. De acordo com Romão (2018), alguns estudos apontam possíveis sincretismos entre o “diabo católico” e o *jurupari* – termo tupi identificado como “demônio”. Os jesuítas – principalmente através das missões – procuraram transformar os índios em “bons cristãos” – seguindo, evidentemente, os moldes europeus (FAUSTO, 2006). Os missionários traziam para o “local”, a tentativa de estabelecer uma visão moldada pela Companhia de Jesus: buscaram reproduzir uma representação voltada à mentalidade cristã europeia. Ao mesmo tempo, tendo em vista a dificuldade de comunicação linguística, eles compreendiam a necessidade de realizar “acomodamentos” (DOMEZI, 2016).

---

<sup>60</sup>Fausto (2006) procura dividir, através de dois grandes grupos, esta população indígena que aqui residiam: tupis - guaranis e tapuias,

<sup>61</sup>*Pai'é* – em tupi-garani (LARAIA, 2005).

A partir de 1570, iniciou-se o tráfico de escravos, oriundos da África. Neste contexto, a cultura africana, e suas diversas práticas religiosas, adentraram em nosso território – contribuindo também para uma mescla de exploração, convívio e sincretismo de valores do Catolicismo. “[...] os negros escravizados no Brasil proviam de muitas tribos ou reinos – com suas culturas próprias – por exemplo, os iorubas, jejes, tapas, haussás entre os ‘sudaneses’ e os angolas, bengalas, manjobos, moçambique entre os ‘bantos’” (FAUSTO, 2006, p. 24-25, grifos do autor). A figura dos africanos – enquanto escravos – recebia apoio da Coroa Portuguesa e da Igreja Católica. “Por outro lado, nem a Igreja, nem a Coroa se opunham à escravidão do negro” (FAUSTO, 2006, p. 26). De acordo com Tomão (2018), ocorreu uma assimilação, por parte dos escravos negros, dos santos católicos com suas divindades ancestrais cultuadas. Um exemplo deste processo seria a relação entre *Xandô* e São Jerônimo.

Na medida em que os colonos se firmavam no Brasil, mais os índios e os negros estavam sob a imposição do Estado Absolutista e da Igreja Católica Portuguesa – tais instituições estavam destinadas em organizar a colonização. Uma estava ligada a outra – sendo o Catolicismo reconhecido como religião do Estado. A Igreja Católica estava presente no nascimento, casamento e morte das pessoas. O dia a dia da colônia dependia quase que totalmente do enquadramento dos padrões religiosos monopolizados por ela (FAUSTO, 2006).

Relacionando a terceira fase da globalização ao Brasil, podemos destacar, em primeiro lugar, o estabelecimento do Brasil Monárquico e da germinação do Estado-Nação – aliado ao surgimento da produção de café para exportação, principalmente, na província de São Paulo. Mesmo com a imposição de normas e valores da Igreja Católica, desenvolveu-se uma espécie de “Catolicismo popular” – fruto de trocas culturais portuguesas, africanas e indígenas, representadas pela mescla de uma resistência e de um sincretismo religioso. Em virtude deste cenário de reinvenção do Catolicismo a nível “local”, ocorreu uma reação das autoridades eclesiásticas em nosso território – buscando estabelecer uma espécie de “campanha de romanização” baseada na articulação da tradição ibérica do Catolicismo luso brasileiro com a Contrarreforma (DOMEZI, 2016).



Esta reação da Igreja também estava relacionada com uma proposta de Estado que buscava, em certa medida, seguir os fluxos globais dos Estados que se desenvolviam, bem como o reconhecimento internacional da Independência do Brasil proclamada no dia 7 de setembro 1822. Através da Constituição de 1824 – inspirada nos EUA –, o Estado Monárquico, na busca de uma religião civil aberta à modernidade, manteve o Catolicismo como religião do Estado, porém regida pelo imperador e só sujeita, em termos de doutrina, a Roma. Neste cenário, a Igreja evitou um confronto direto com o Estado, porém estabeleceu medidas de fortalecimento interno – através de um teor conservador. A ideia seria fortalecer uma hierarquia centrada no clero e na doutrina – como forma de frear o “Catolicismo popular” (DOMEZI, 2016).

Ademais, outro ponto que merece destaque diz respeito ao fluxo maior de imigrantes europeus – iniciado em 1819. O advento deste processo foi marcado pela chegada de protestantes suíços. Daí que a Constituição de 1824 estabeleceu, em partes, uma tolerância a outras religiões. Entretanto, é bom lembrar que era proibida a prática pública das mesmas. Ademais, os imigrantes, não católicos, eram considerados de segunda categoria – privados, por exemplo, de acesso a direitos sociais (DOMEZI, 2016).

A partir de 1830, imigrantes originários da Alemanha, Itália, Portugal, França, Ucrânia, Polônia e Rússia também começaram a adentrar no nosso território – muitos deles traziam consigo o Catolicismo como religião. Em virtude de pressões internas – de republicanos que advogavam pelo fim da Monarquia – e externas – formada por países, como a Inglaterra, que possuíam uma relevância comercial –, foi decretado, em 1850, a extinção do tráfico de escravos para o Brasil – mantendo, entretanto, o tráfico entre as províncias. “Em resumo, os grandes fazendeiros queriam atrair imigrantes para começar a substituir a mão de obra escrava [...]” (FAUSTO, 2006, p. 108).

Neste cenário de fluxo migratório – embora considerando os limites impostos pela Constituição de 1824 sobre a prática pública de religiões não católicas – os mecanismos de propagação da difusão do Protestantismo e Catolicismo ganharam forma. Os bispos chegaram a reconhecer a colaboração de religiosos vindos da Europa para a propagação do movimento reformador católico – “romanização”. Suas colônias

possuíam capelas e eram verdadeiros celeiros de devoções sacerdotais (DOMEZI, 2016).

Já os protestantes utilizaram, desde o início, a Bíblia como mecanismo de difusão. Daí a relação mais acentuada com a própria mídia. Surgida no Brasil, ainda em 1908, a imprensa escrita era controlada pelo Estado. Embora, a partir de 1830, a Igreja Católica havia começado a utilizá-la, os seus materiais eram mais informativos e voltados à vida interna da Igreja – ademais, o clérigo católico temia a leitura e interpretação da Bíblia por parte dos leigos. No caso dos protestantes havia, desde o início do século XIX, ações missionárias independentes voltadas à divulgação da palavra contida na Bíblia (DOMEZI, 2016).

#### **4.2 A intensificação da imigração: o fim do período monárquico**

Relacionando o cenário da quarta fase da globalização ao Brasil, podemos destacar inicialmente a intensificação da imigração a partir da segunda metade do século XIX. “A imigração em massa foi um dos traços mais importantes das mudanças socioeconômicas ocorridas no Brasil a partir das últimas décadas do século XIX” (FAUSTO, 2006, p. 155). Uma retomada de esforços para atrair imigrantes europeus ocorreu, principalmente, a partir de 1871:

Dessa vez, a iniciativa partia do governo provincial, além dos proprietários rurais. Uma lei de março de 1871 autorizou o governo paulista a tomar dinheiro junto ao público para emprestá-lo aos fazendeiros, com o fim de introduzir nas fazendas trabalhadores agrícolas. Com o fim de atrair imigrantes, previu-se um auxílio para a despesa de viagem. Começava assim a imigração subvencionada para São Paulo [...] vinda de imigrantes com auxílios concedidos pelo Estado [...] Nos últimos anos do Império, a imigração para São Paulo, de qualquer procedência, saltou de 6500 pessoas em 1885 para quase 92 mil em 1888 (FAUSTO, 2006, p. 114-115).

Este incentivo também estava ligado à Lei do Ventre Livre promulgada em 1870 – passando a considerar livres todos os filhos de mulheres escravas nascidas a partir de então (CARVALHO, 2003). Com a promulgação desta lei, o anseio para o fim da Monarquia passou a tomar proporções maiores em setores da sociedade brasileira – vale lembrar que, a partir dela alguns segmentos da Igreja Católica passaram a

defender a tese, segundo a qual, a escravidão era contrária ao evangelho (DOMEZI, 2016).

Foi neste cenário que, principalmente através dos imigrantes norte-americanos e ingleses, começou a difundir em nosso território o Protestantismo pelo interior do país – procurando ocupar as brechas deixadas pelo Catolicismo. Segundo Domezi (2016), a intensificação da imigração alterou o cenário religioso no Brasil: trazendo uma complexidade de vertentes protestantes – luteranos, anglicanos, batistas, presbiterianos. Ademais, com a chegada de católicos vindos de diferentes contextos sociais, o Catolicismo que aqui se encontrara – marcado, mesmo com a reação da Igreja Católica, por uma espécie de encontro de tradições ibéricas, africanas e indígenas –, presenciou novos caminhos sincréticos.

Na década de 1880, o país assistiu a queda da Monarquia. O decreto da Lei Áurea, em 1888, determinou o fim do sistema escravocrata – embora faltasse apoio da Igreja Católica enquanto instituição. No ano seguinte, ocorreu a Proclamação da República – no dia 15 de novembro de 1889. A Constituição de 1891 estabeleceu princípios interessantes para os imigrantes, e brasileiros, no que diz respeito às liberdades de expressão e religiosa – além disto, contribuiu para que o país se abrisse mais ao “global”, na medida algumas nações passaram a reconhecer o sistema republicano:

O texto constitucional consagrou o direito dos brasileiros e estrangeiros residentes no país à liberdade, à segurança individual e à propriedade [...] Estado e Igreja passaram a ser instituições separadas. Deixou assim de existir uma religião oficial no Brasil. Importantes funções até então monopolizadas pela Igreja Católica foram atribuídas ao Estado (FAUSTO, 2006, p. 142).

Embora, na prática, é sempre bom deixar claro o não cumprimento do texto constitucional – uma vez que as religiões afro-brasileiras, por exemplo, somente conseguiram sair clandestinidade na década de 1920 –, a proclamação da República – apesar de manter elementos oligárquicos em sua estrutura – trouxe uma nova dinâmica na sociedade brasileira. O Espiritismo, trazido pelos franceses no final do século XIX, começou a atrair setores da classe média brasileira. Além da mediunidade, vale destacar que, no contexto brasileiro, ele se desenvolveu focando mais em aspectos

religiosos e morais do que científicos (CASTILHO, 2006). Ademais, este novo contexto proporcionou a germinação das Novas Religiões brasileiras. No Estado do Amazonas – tendo como influência, por exemplo, as tradições indígenas – Raimundo Irineu Serra (1890-1971) – juntamente com alguns amigos – formaram, no início da década de 1910, o grupo religioso conhecido como Círculo de Regeneração e Fé – que viria, mais tarde, a resultar na criação do Santo Daime (ASSIS, 2017).

Em decorrência do advento da República, entre 1887-1914, entram no país cerca de 2,74 milhões de imigrantes – para trabalhar não apenas nas lavouras de café, mas também no intuito de tentar obter algum tipo de êxito nas cidades que estavam crescendo. Além do fator numérico, é preciso destacar a heterogeneidade deste cenário, já que imigrantes japoneses, judeus e sírio-libaneses, por exemplo, também fizeram parte deste fluxo migratório (FAUSTO, 2006). Daí que, a partir deste momento, a cultura nipônica, e com ela seu repertório religioso, entraram em cena no nosso país.

#### **4.3 A chegada dos imigrantes japoneses diante do contexto da República Velha**

No ano de 1907 foi assinado um contrato entre o Presidente da Companhia Imperial de Emigração (*Kokoku Shokumin Kaisa*) e o governador do Estado de São Paulo – abrindo caminho para o início do processo da imigração japonesa (CARVALHO, 2003; CLARKE, 2008). Os primeiros imigrantes chegaram em 1908. O navio *Kasato Maru* adentrou no porto de Santos com 781 japoneses a bordo. Em 1910, o segundo grupo, composto por 906 nipônicos, adentrou em nossas terras. Em 1912, foi chegou a terceira leva de imigrantes – composta por 1433 japoneses. Todos os japoneses que imigravam para o Brasil passaram a ficarem conhecidos como *isseis* – também chamados de primeira geração (CARVALHO, 2003).<sup>62</sup>

Inicialmente, estes imigrantes eram, em geral, oriundos das áreas rurais do Japão. Grande parte veio trabalhar nas plantações de café – sobretudo, em São Paulo. A maioria adentrou com núcleos familiares compostos, majoritariamente, por homens – o governo paulista insistia que, cada família, viesse, pelo menos, com três membros. Os primogênitos permaneceram no Japão à espera do retorno do restante da família – já

---

<sup>62</sup> Vale destacar que *sei*, em japonês, significa geração (CARVALHO, 2003).

que os imigrantes tinham o intuito de permanecer no Brasil somente até a melhoria da situação financeira (SHOJI; USARSKI, 2017). Ademais, vale destacar que a permanência dos primogênitos relaciona-se ao *ie*, pois remete à coesão e manutenção da unidade doméstica (ORTIZ, 2000), do país de origem – já que havia o interesse de retorno à terra natal. “Tornavam-se imigrantes, geralmente os filhos não primogênitos, isto é, os não possuidores do *le* (lar) e do direito de cultuar os antepassados” (MAEYAMA, 1967, p. 90).

Em meio às condições precárias de trabalho, salários não condizentes com o esperado e ausências de suporte médico – alguns vieram a falecer devido a doenças tropicais, como malária – os imigrantes japoneses também chegaram a abandonar as plantações de café das fazendas – chegando, por exemplo, a formar colônias (*shokumin-chi*) e iniciar o processo de cultivo de arroz. A primeira colônia japonesa foi fundada em 1913, no interior de São Paulo. Foi neste ambiente que, em decorrência das dificuldades dos imigrantes com a língua portuguesa, emergiu o *koroniago* – língua da colônia. Este processo foi resultado da mistura do dialeto japonês com o português (CARVALHO, 2003). Daí uma tentativa inicial de assimilação com o “local” – no intuito de atender às questões práticas do cotidiano. “Eles ajustaram a língua portuguesa para atender as suas necessidades” (CARVALHO, 2003, p.12).

No intuito de evitar atritos políticos, proliferação de um sentimento antijaponês e animosidades culturais – já que havia uma preponderância considerável do Catolicismo na nossa sociedade –, os imigrantes foram aconselhados, através do Estado Xintoísta, a não manifestarem comportamentos religiosos publicamente. Monges e sacerdotes – ligados, respectivamente, ao Budismo *Mahayana* e Xintoísmo – não foram autorizados a exercerem suas atividades. Os documentos de saída eram constantemente negados às figuras religiosas que buscavam dirigir-se ao Brasil. Devido à ausência de um corpo institucional religioso, as cerimônias eram improvisadas (CARVALHO, 2003; WATANABE, 2008; USARSKI; SHOJI, 2017). Tendo em vista o forte caráter étnico dos *isseis*, alguns esforços foram feitos, isoladamente, para a organização de atividades religiosas nas residências – como a construção de altares para cultos aos antepassados e à figura do imperador. Ademais, neste período inicial de imigração, não se presenciou indícios de atividades relacionadas às Novas Religiões

japonesas (USARSKI; SHOJI, 2017). No caso das NRs, podemos também destacar, como empecilho, o fato de perseguição que elas sofriam pelo próprio Estado Xintoísta.

#### **4.3.1 A forte relação com o país natal e o desenvolvimento das práticas religiosas**

Relacionando a quinta fase da globalização ao Brasil, podemos destacar como marco inicial as consequências da Primeira Guerra Mundial – 1914-17. Até o término deste conflito, houve uma queda da exportação das vendas de café – interrompendo, conseqüentemente, o envio de grande parte de imigrantes para o país – inclusive dos japoneses. Neste contexto parcial de instabilidade, o crescimento das cidades, a diversificação das atividades urbanas e o aumento da circulação de informações pela imprensa, contribuíram para a propagação de movimentos sociais influenciados, por exemplo, pela Revolução Russa de 1917. Esta revolução levou a maioria dos cristãos, na América Latina como um todo, a disseminarem o discurso do “perigo vermelho” (FAUSTO, 2006; DOMEZI, 2006). Ademais, não podemos esquecer que, desde a Proclamação da República, a Igreja Católica, como forma de evitar a expansão do Protestantismo, buscou expandir sua doutrina entre nativos, negros, trabalhadores rurais e operários. Porém, foi no meio rural que ela dedicou-se mais a este processo. Acreditando que os camponeses ainda não estavam “contaminados” com ideias socialistas e liberais, a Igreja Católica tinha a convicção da possibilidade deles preservarem os tradicionais valores religiosos e morais. Daí a disseminação de um Catolicismo conservador – atrelado ao anticomunismo e antiliberalismo (DOMEZI, 2016).

Em relação aos imigrantes nipônicos, foi observado um processo de estabilidade entre alguns grupos que aqui residiam – contribuindo para uma maior independência, a nível financeiro. Tal fato propiciou uma ampliação do número de colônias formadas no interior de São Paulo – bem como o florescimento das colônias na capital – e, em menor proporção, no estabelecimento de colônias em Minas Gerais, Paraná e Mato Grosso. Mesmo com esta maior independência, havia o entendimento de que o retorno à terra natal ainda não era possível – o que implicaria na necessidade de uma permanência maior no Brasil (CARVALHO, 2003).

As colônias simbolizavam o sentido de pertencimento ao Japão, isto é, exerciam um papel étnico. Segundo Handa (1987), o aniversário do imperador era comemorado, nos núcleos de cada colônia, no dia 31 agosto – o que equivaleria ao mesmo dia no país nipônico. A cerimônia era iniciada com o Hino Nacional Japonês e, posteriormente, com a leitura da Mensagem Imperial. Ao mesmo tempo, vale destacar que, assim como no caso do desenvolvimento da língua da colônia, havia algumas tentativas de promover uma maior interação com ao “local” – tendo em vista em atender necessidades práticas de socialização e aceitação. “[...] apesar da manutenção de hábitos e costumes de sua terra de origem, os japoneses procuravam ampliar sua integração na sociedade brasileira” (UEHARA, 2009, p. 124).

A estrutura social das colônias reproduzia os preceitos contidos na comunidade rural japonesa (*mura*), e a ordem social seguia os padrões tradicionais japoneses – relacionados ao *ie* (CARVALHO, 2003). Ademais, vale destacar as formações das associações (*nihonjin-kai*)<sup>63</sup> nas colônias. Seguindo o modelo nipônico, elas “[...] desempenhavam um papel importante na coesão da comunidade, e eram claramente orientadas etnicamente. As fronteiras eram mantidas através de um sistema compartilhado de valores dentro do grupo [...]” (CARVALHO, 2003, p. 54).

No interior das colônias, as escolas japonesas (*nihongakko*), administradas pelas associações, surgiram com o propósito de manter os laços com a terra natal – tanto do ponto de vista linguístico quanto cultural –, já que era preponderante o desejo de retorno ao Japão. No ambiente escolar frequentado pelos *nisseis* – filhos dos *isseis*, e, portanto, pertencentes à segunda geração – o dialeto nipônico era aprendido ao mesmo tempo em que havia uma grande ênfase na educação moral pautada em um sentimento patriótico do Xintoísmo de Estado. As escolas chegavam a exibir o retrato do imperador (*Go Ghinei*). Vale destacar que no ano de 1915 – em uma colônia localizada na cidade de São Paulo –, foi inaugurada a Escola Taisho – que recebeu o nome do Imperador Japonês em atividade na época (CARVALHO, 2003). Com o tempo, algumas escolas começaram a ensinar a língua portuguesa – como foi o caso da própria Escola Taisho, que iniciou este processo de aprendizagem em 1919 (DEMARTINI, 2000).

---

<sup>63</sup>Como exemplo de associações formadas, podemos citar as associações dos jovens, das mães, do clube da poesia, das cooperativas de produtores e das cooperativas profissionais (CARVALHO, 2003).

O desenvolvimento e prática do uso da mídia impressa a partir do final do século XIX no Japão – aliada ao próprio aumento da circulação da mesma, no Brasil, a partir do início do século XX –, também contribuiu para o advento dos jornais no interior das colônias:

Por meio dos jornais os imigrantes foram informados sobre o Japão, sobre o Brasil e suas comunidades. Como a grande maioria não teve acesso à mídia brasileira por não compreender o português foi por meio dos jornais japoneses que estavam conectados com o mundo exterior e entre si (CARVALHO, 2003, p. 15).

Dentre os primeiros jornais lançados, podemos citar o *Nanbei* (América do Sul) – em janeiro de 1916 –, *Nippak Shimbun* (Jornal Nipo-brasileiro) – em agosto de 1916 –, *Buruajiru Jihô* (Notícias do Brasil) – em 1917 – e *Seishuu Shimpô* (Boletim informativo do Estado de São Paulo) – em 1921.

Ao mesmo tempo em que houve, por exemplo, a construção do templo Xintoísta, em 1920, no interior de São Paulo (UEHARA, 2009), a Igreja Católica, no ano anterior, já procurava atuar nas colônias. “[...] o Catolicismo foi introduzido entre os imigrantes de maneira forçada, consequência do maciço trabalho de padres católicos, que tentavam coibir a prática do Budismo e do Xintoísmo” (DINIZ, 2006, p. 100). Em virtude deste panorama, a assimilação “local” ao Catolicismo foi compreendida, por grande parte dos imigrantes, como uma forma de estratégia pragmática para manter a estabilidade que estava em curso. “Visto que a conversão à religião católica foi percebida como uma fonte de capital social, muitos pais batizavam seus filhos” (CARVALHO, 2003, p. 16). Era recorrente encontrar nas residências dos colonos, o *kamidama* (altar xintoísta), o *butsudam* (altar budista), em conjunto com imagens de santos e um crucifixo (CARVALHO, 2003).

No caso das Novas Religiões japonesas foi registrada, em uma colônia de Minas Gerais no ano de 1922, a presença de imigrantes ligados à *Oomoto* (DINIZ, 2006). Como os livros e revistas também começaram a ser importados do Japão (CARVALHO, 2003), um fator que poderia explicar a presença inicial desta NRs seria a difusão de suas publicações entre os nipônicos. “Numa sociedade como a formada pelos imigrantes japoneses pioneiros, era intensa a troca de objetos, porque sabiam que nada



era abundante” (HANDA, 1987, p. 561). Segundo Maeyama (1967), as leituras das publicações, vindas do Japão, eram umas das raras atividades de lazer que os imigrantes poderiam exercer nas horas vagas.

#### **4.3.2 O crescimento da atividade religiosa nas colônias**

Entre 1920-30, o Brasil viveu uma considerável instabilidade decorrente da insatisfação em torno de um sistema político republicano que ainda preservava resquícios oligárquicos, somada aos impactos globais da Crise de 1929 – cujos desdobramentos para o país foram marcantes, pois afetou a economia predominantemente cafeeira (FAUSTO, 2006).

Foi neste cenário que as imigrações japonesas aumentaram e diversificaram seu destino – algumas colônias começaram a se formar na região Norte do país. Este crescimento esteve relacionado ao fato de que, a partir de 1924, o próprio governo nipônico passou a financiar as viagens dos imigrantes.<sup>64</sup> Neste contexto, cabe ressaltar que eles não eram encaminhados necessariamente para as fazendas de café. Em virtude da independência construída pelos imigrantes que aqui residiam, muitos japoneses passaram a se fixar diretamente nos campos como agricultores independentes (FAUSTO, 2006). Além de trazer uma diversidade das atividades agrícolas, o próprio perfil demográfico e sociocultural dos imigrantes foi alterado – passando a ser mais recorrentes a vinda de mulheres, idosos, crianças e indivíduos provenientes dos centros urbanos do Japão. “Se antes vinham principalmente os mais jovens, basicamente para fazer fortuna, agora imigravam famílias inteiras [...]” (HANDA, 1987, p. 475). Cabe ressaltar, também, a maior integralização com o “local”: os agricultores independentes de SP – produtores de café, tomate e batata –, começaram a enviar seus filhos para estudar nos ginásios da capital paulista (HANDA, 1987).

Durante este período, a atividade da Igreja Católica nas colônias continuava se intensificando – ao mesmo em que o Catolicismo<sup>65</sup> tornava-se, novamente, uma

---

<sup>64</sup>Entre 1927-30 passaram a vir mais de 10.000 imigrantes por ano (HANDA, 1987).

<sup>65</sup>Vale destacar também algumas investidas discretas do Protestantismo começaram a ser feitas nas colônias (DINIZ, 2006).

importante base de para o governo.<sup>66</sup> Considerando o próprio processo de sincretismo que o Japão havia estabelecido com o Catolicismo, podemos destacar o seguinte fato: a Igreja Católica do Brasil havia solicitado ao Vaticano padres e jesuítas do Japão, no intuito de facilitar, do ponto de vista linguístico, o processo de divulgação e propagação desta religião entre os colonos (MELO JUNIOR, 2017).<sup>67</sup> Ademais, vale destacar que era possível presenciar nas colônias a, “[...] missa do sétimo e do quadragésimo nono dia (no Budismo, dizem que a alma permeia perante no mundo dos vivos por 49 dias)” (HANDA, 1987, p. 484).

Do ponto de vista das Novas Religiões Japonesas, além da *Oomoto* que já estava presente desde 1922, a *Terinkyō* chegou ao Brasil através de imigrantes em 1929 – no Estado de São Paulo. Já em 1930 a *Seicho-No-Ie*, também em SP, adentrou no nosso país mediante o contato de um imigrante com uma de suas revistas:

O movimento de divulgação das Novas Religiões Japonesas, que começara de forma singela [...], ganhou maior espaço no fim da década de 1920 e início da de 1930, onde no interior de São Paulo elas fizeram um trabalho mais árduo. A *Oomoto* já tinha começado a divulgação em Minas Gerais [...] a *Terinkyō* em 1929 cria um núcleo em Bauru, através de 4 famílias, e em 1935 constroem o templo da religião. A *Seicho-No-Ie* em 1930 já tinha começado sua divulgação através de fiéis que liam as publicações em algumas colônias japonesas. Porém, as Novas Religiões Japonesas eram cultuadas apenas pelos imigrantes nipônicos e suas comunidades, sejam urbanas ou rurais (MELO JUNIOR, 2017, p.223-224, grifos do autor).

Neste cenário, a considerável melhoria dos transportes parecia que proporcionou a propagação destas NRs – marcadas por sua forte tendência às publicações – entre os imigrantes nas colônias. “Com a melhoria dos transportes, os jornais japoneses, então semanais, chegavam com mais rapidez. Nas lojas, já se encontravam revistas e livros japoneses, que eram comprados também pelos agricultores distantes” (HANDA, 1987, p. 415).

Todavia, cabe destacar que, em meio ao contexto de tensão vivenciado no Brasil, presenciou-se o florescimento de um sentimento antijaponês disseminado por setores da política e da imprensa. Podemos dizer que tal fato teve repercussões sobre a *Oomoto*. Em virtude do início do processo do caráter expansionista do Estado

<sup>66</sup>A Igreja Católica tornou-se, novamente, uma importante aliada do governo a partir do Governo de Artur Bernardes (1922-1926).

<sup>67</sup>Em 1926, por exemplo, o jesuíta nipônico Guido Del Toro chegou ao Brasil encarregado da catequese dos imigrantes e do batismo de crianças descendentes de japoneses (MELO JUNIOR, 2017).

Xintoísta na Ásia, algumas reportagens do “Jornal do Comércio” destacavam a ameaça do “perigo amarelo”. Ademais, o deputado estadual de Minas Gerais – chamado Fidélis Reis – chegou a criticar veementemente a imigração japonesa – enfatizando os possíveis prejuízos decorrentes da vinda dos nipônicos para o nosso país (UEHARA, 2009). Foi exatamente neste contexto que autoridades brasileiras chegaram a deter, no interior de Minas Gerais, quatro membros da *Oomoto* – que estavam realizando atividades de cunho religioso (DINIZ, 2006).

#### **4.4 O início do Governo Vargas e sua influência na dinâmica sociocultural do Brasil**

Após a Revolução de 30, com o advento do chamado período do Estado Getulista (1930-45), observou-se, em um primeiro momento, o início do processo de industrialização mais acentuado, maior investimento na educação e nos meios de comunicação de massa – o rádio, por exemplo, começou a adentrar nas residências a partir de 1930 –, florescimento de uma política nacionalista e consolidação da Igreja Católica como base aliada do governo (FAUSTO, 2006; DOMEZI, 2016).

O marco simbólico desta aliança com a Igreja Católica foi a inauguração da Estátua do Cristo Redentor no Corcovado – no ano de 1931. Neste evento, compareceram cerca de 500 mil fiéis. Em virtude da mobilização efetuada pela Igreja para o comparecimento em massa de católicos, o governo acabou decretando o retorno do ensino religioso nas escolas públicas – após 40 anos de reivindicação (FAUSTO, 2006; DOMEZI, 2016).

Levando-se ainda em conta o cenário religioso de hegemonia católica, o crescimento instável do Protestantismo até a primeira metade do século XX e o florescimento da Umbanda – fruto do sincretismo do Espiritismo, Catolicismo e de elementos provenientes das crenças indígenas e africanas (DOMEZI, 2016). Ademais, vale frisar a projeção, mesmo que ainda incipiente, das Novas Religiões brasileiras. “O conjunto de práticas religiosas e orientações doutrinárias que conhecemos hoje sob a denominação de Santo Daime começa a ser configurado na década de 1930 [...]” (ASSIS, 2017, p. 63).

Em meio a este contexto, a imigração japonesa continuava atingindo números expressivos – tendo em vista a manutenção do financiamento integral dado pelo governo japonês – entre 1933-34, chegou a mais de 20.000 por ano. Era cada vez mais recorrente a presença de imigrantes nipônicos trabalhando, por contrato, nas terras de seus conterrâneos – em 1932, por exemplo, 53% dos agricultores localizados no interior de São Paulo já tinham alcançado um status de independência. Em virtude do próprio processo acentuado de industrialização, já era possível estimar, em 1932, a presença de cerca de 2.000 imigrantes residindo na capital paulista (HANDA, 1987). Somado a isto, cabe destacar um aumento das atividades religiosas nas colônias. No caso das Novas Religiões japonesas, que até aquele momento estavam presentes em nosso território, observou-se o estabelecimento de alguns núcleos e atividades de cunho missionário – principalmente nas colônias do interior de SP (DINIZ, 2006; USARSKI; SHOJI, 2017).

Entretanto, é preciso destacar que a própria política nacionalista de Vargas acabou contribuindo para intensificar o sentimento antijaponês – que estava aflorado desde o final da década de 20. Em 1934, por exemplo, foi promulgada a chamada “Lei de Cotas” – que limitava em 2%, por ano, a entrada de imigrantes estrangeiros no Brasil. Diante disto, foi reduzido para 2.711 o número limite de imigrantes nipônicos. Entre 1935-36, eram cada vez mais recorrentes discursos proferidos, nas instituições de ensino, criticando as escolas particulares, dentre elas as japonesas existentes nas colônias. O motivo dizia respeito ao perigo que elas poderiam acarretar para o processo de integração nacional, já que – tomando como base o caso dos imigrantes nipônicos – havia – a partir da década de 30 – uma orientação educacional nacionalista decorrente da política do Xintoísmo de Estado, voltada ao fortalecimento do “espírito japonês” (*yamato damashii*) (DEMARTINI, 2000; CARVALHO, 2003). Ademais, como o Governo Vargas tinha como grande aliado a Igreja Católica, a pressão por uma integração ao “local” fez com que o número de filhos de imigrantes japoneses batizados aumentasse – uma vez que em algumas escolas públicas que eles frequentavam havia, inclusive, ameaças de expulsões por parte das instituições de ensino (CARVALHO, 2003).

#### 4.4.1 O advento do Estado Novo e a repressão aos imigrantes japoneses

O advento do Estado Novo, a partir de 1937, trouxe medidas mais severas para os imigrantes que aqui residiam – tendo em vista a própria guinada autoritária do governo. Em 1938, em virtude da tensão das relações políticas na Europa e de uma iminente Segunda Guerra Mundial, ficou proibido oficialmente, nas zonas rurais, o ensino da língua estrangeira para menores de 14 anos (DEMARTINI, 2000). Tal medida impactou, em grande escala, as colônias japonesas, já que a educação voltada às crianças tinha, como principal intuito, manter os laços com a cultura natal – moldada por preceitos presentes no Xintoísmo de Estado. Segundo Handa (1987), no final de 1938 foram fechadas 219 escolas nipônicas.

Em 1939, ano do advento da Segunda Guerra Mundial, foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Este órgão – subordinado ao presidente da república – tinha, como um dos seus objetivos, promover uma censura entre jornais e revistas estrangeiras. Havia, por exemplo, a exigência da tradução para o português das principais matérias publicadas, além da obrigatoriedade da criação de uma seção escrita em língua portuguesa (DEMARTINI, 2000; FAUSTO, 2006). Podemos dizer que a criação do DIP teve influências na propagação das NRs japonesas entre os imigrantes nas colônias – tendo em vista a importância do papel das publicações para as mesmas. Segundo Demartini (2000), apenas o jornal *Nippak Shimbun* possuía uma passagem inteira redigida em língua portuguesa.

No ano de 1941, os jornais em línguas estrangeiras foram proibidos de circular no Brasil – sendo, inclusive, obrigados a fecharem as portas (OKAMOTO; NAGAMURA, 2015). Neste mesmo ano a entrada do Japão, ao lado grupo dos países do Eixo, na Segunda Guerra Mundial contribuiu para abalar as relações diplomáticas com o Brasil. Tal fato esteve relacionado ao seguinte episódio: o bombardeio, realizado pelo Estado Xintoísta, a uma base militar norte-americana localizada no Havaí. Cabe destacar que, neste contexto, os laços econômicos entre os Estados Unidos e o nosso país eram bastante próximos. “A entrada dos Estados Unidos na guerra, em dezembro de 1941, forçou uma definição. Vargas começou a falar mais claramente a linguagem do pan-americanismo [...]” (FAUSTO, 2006, p. 211).

Em janeiro de 1942, o Brasil rompeu sua relação com os Países do Eixo – incluindo, conseqüentemente, o Japão. Em agosto daquele ano nosso país entrou, oficialmente, na Segunda Guerra Mundial – ao lado do grupo dos Aliados. “Os imigrantes japoneses sofreram a experiência traumática de ser uma minoria étnica que vive em um país inimigo durante a Segunda Guerra Mundial, especialmente depois que o Brasil entrou na guerra ao lado dos Aliados, em 1942” (USARSKI; SHOJI, 2017, p. 103). Além da proibição da imigração, os japoneses, e seus descendentes que aqui residiam, foram privados, por exemplo, de: viajar internamente, falar japonês em público, reunir com mais de três pessoas e realizar encontros religiosos. Em decorrência deste contexto, estabeleceram-se – de forma clandestina – escolas, publicações, encontros religiosos e grupos ultranacionalistas ligados ao Xintoísmo de Estado – como a *Shindo Renmei*, Liga dos Súditos (CARVALHO, 2003).

No caso das Novas Religiões japonesas houve perseguições – inclusive com o apoio da Igreja Católica – através do chamado “Serviço Social de Assistência”. Tal mecanismo foi utilizado, por exemplo, para a prisão de membros acusados de serem espiões do governo. Um integrante da *Terinkyō*, chamado Chujiro Ohtake, ficou preso, por mais de um ano, na capital paulista (MELO JUNIOR, 2017).

#### **4.4.2 O desfecho da Segunda Guerra Mundial: entre tensões e apaziguamentos**

Logo após o término da Segunda Guerra Mundial, a derrota do Eixo – e conseqüentemente, do Japão – trouxe um cenário de grande instabilidade entre os imigrantes que aqui residiam – interferindo na própria dinâmica de relacionamento com o “local”:

Nos primeiros meses após o fim da guerra, as tensões internas dentro da colônia entre a *kachegumi* (grupo vitorista, que considerou falsas as notícias sobre a derrota do Japão) e a *makegumi* (que acreditou e aceitou o resultado militar da derrota) obstruíram uma relação positiva entre os imigrantes e sociedade de acolhimento. A violência extremista dentro do movimento *kachegumi* afetou a comunidade imigrante como um todo, resultando em reações drásticas das autoridades brasileiras contra a *Shindo Renmei* (Liga dos Súditos), o principal grupo nacionalista japonês do período, que continuava pregando um Xintoísmo de Estado centrado na figura do imperador (USARSKI; SHOJI, 2017, p. 103, grifos dos autores).

A divergência de posicionamentos entre estes dois grupos, acabou desencadeando uma onda de ataques – inclusive violentos – do “grupo vitorista” – devoto do Xintoísmo de Estado, que não aceitava e muito menos acreditava na rendição do imperador – sobre o “grupo derrotista”. Tal contexto contribuiu, mesmo após o término da Segunda Guerra Mundial, para a manutenção de um sentimento antijaponês na sociedade brasileira, já que, em algumas manchetes de jornais, eram recorrentes expressões como “fanatismo japonês” e “gestapo japonesa”. Este cenário começou a se amenizar no ano de 1947 – quando as autoridades brasileiras acabaram com as atividades clandestinas do grupo *Shindo Renmei* (CARVALHO, 2003). Neste período, o Brasil já presenciava aquilo que Fausto (2006) caracterizou como um momento político caracterizado por uma experiência democrática (1945-64).

Neste novo cenário, já marcado pela extinção das proibições impostas aos imigrantes nipônicos, o governo brasileiro, no ano de 1953, autorizou o retorno da imigração. “[...] outros 58 mil imigrantes japoneses entraram no país entre 1952 e 1967, a maioria nos Estados de São Paulo (70%) e Paraná (12%)” (USARSKI; SHOJI, 2017, p. 103).

No caso dos *nikkeis* – imigrantes japoneses e seus descendentes que aqui residiam –, era cada vez mais recorrente o sentimento da vontade de permanência definitiva no Brasil – tendo em vista, principalmente, o cenário de recuperação do Japão, após a Segunda Guerra Mundial. Ainda no final da década de 1940 era possível verificar o crescimento do número de descendentes nipônicos que ingressavam na USP (CARVALHO, 2003; USARSKI; SHOJI, 2017). Outro ponto que merece destaque diz respeito ao aumento dos laços culturais e econômicos entre Brasil e Japão, a partir da década de 1950. Em 1956 foi criada, na capital paulista, a Aliança Cultural Brasil-Japão. Em 1958 cerca de 20% dos descendentes nipônicos utilizavam a língua portuguesa em suas residências. Ademais, entre 1956-60, trinta e cinco empresas japonesas já efetuavam investimentos em nosso país – dentre elas, *Toyota Motor Corp* e *Yanmar Diesel* (CARVALHO, 2003, UEHARA, 2009).

Em relação às Novas Religiões japonesas este contexto, mais harmônico e integrativo, propiciou o retorno de suas atividades – bem como o desenvolvimento institucional de filiais ligadas, diretamente, às matrizes do Japão. Inicialmente, tais

atividades ainda eram direcionadas aos imigrantes e seus descendentes que aqui residiam – o que manteve o caráter integralmente étnico das mesmas.

Com a decisão de permanecer no Brasil [...] deu-se o desenvolvimento de uma vida religiosa mais formal entre os japoneses. Conforme vimos, muitos dos imigrantes da primeira geração acreditavam que as religiões estavam associadas a regiões culturais e geográficas específicas, o que significava que os rituais japoneses só podiam ser devidamente realizados no Japão. No entanto, conforme um número cada vez maior de japoneses decidia fazer do Brasil o seu novo lar, tornava-se necessário para a geração mais antiga introduzir ritos funerários ancestrais, que eram executados da maneira correta, de acordo com a tradição - caso contrário, seriam ineficazes (CLARKE, 2008, p. 28).

Este cenário explicaria, por exemplo, o caso vivenciado pela, “[...] Tenrikyo, cujo esforço missionário e conquistas organizacionais neste período foram essencialmente relacionadas com as necessidades espirituais dos imigrantes japoneses e seus descendentes” (USARSKI; SHOJI, 2017, p. 105). Além da *Seicho-No-Ie*, *Tenrikyo* e *Oomoto* – que já estavam presentes –, outras NRs nipônicas começaram a adentrar em nosso território – também buscando, a princípio, orientar suas atividades à comunidade japonesa. Como exemplo, podemos citar a inserção da Igreja Messiânica Mundial em 1950 e da PL no ano de 1957 (DOMEZI, 2016; USARSKI; SHOJI, 2017).

#### **4.5 O desejo de permanência nas terras brasileiras e a intensificação da atividade religiosa entre os imigrantes nipônicos e seus descendentes**

A partir da década de 1960 – considerando o próprio contexto japonês, aliado à vontade de permanência dos *nikkeis* – as Novas Religiões japonesas começaram a expandir suas atividades para a nossa população como um todo – dando início ao processo de adaptação à realidade “local” do Brasil. “Não se trata apenas da transferência do sistema de formação japonesa, mas requer iniciativas que levem em conta o ambiente cultural local, que é pré-requisito para o conhecimento profundo das características do povo brasileiro” (WATANABE, 2008, p. 121, tradução nossa). Segundo Usarski e Shoji (2017), a *Sokka Gakkai* – que exercia atividades desde 1960 – havia iniciado, por exemplo, um movimento proselitista com o intuito atrair os brasileiros em geral.



Neste sentido, compreender o contexto “local” implicaria no reconhecimento, por parte das NRs nipônicas, da configuração do cenário religioso brasileiro observado a partir da segunda metade do século XX – isto é, após a Segunda Guerra Mundial. “No Brasil da segunda metade do século XX, a vida religiosa mudou e tem mudado em um grau, uma extensão e uma velocidade nunca dantes visto em nossa história” (PIERUCCI; PRANDI, 1996, p. 09). Isto quer dizer que, além da retomada e início do processo de expansão das NRs nipônicas, seria preciso observar o panorama religioso como um todo:

Da mesma forma, devido ao reforço das atividades no Brasil, as novas religiões japonesas apresentaram-se como uma opção adicional ou alternativa para aqueles que sentiram a necessidade de uma abordagem religiosa de abrangência mundial compatível com as exigências e valores de uma sociedade moderna (USARSKI; SHOJI, 2017, p. 104).

Daí a necessidade de perceber que o processo da mudança de configuração da nossa sociedade – em virtude do êxodo rural, crescimento urbano e industrial e das transformações culturais – estaria, por exemplo, em consonância com a difusão do Espiritismo, Umbanda, Candomblé, das Novas Religiões brasileiras – como Santo Daime, Vale do Amanhecer, Cidade Eclética e Cidade da Fraternidade –, do Protestantismo – considerando suas vertentes, como o Pentecostalismo que havia adentrado no país via EUA – e da própria cisão interna do Catolicismo entre conservadores e progressistas (PIERUCCI; PRANDI, 1996; SIQUEIRA, 2002; DOMEZI, 2016; ASSIS, 2017). Neste sentido, elas passaram constantemente, “[...] a lidar com a questão das suas relações com outras religiões, em particular o Catolicismo, um número cada vez maior de igrejas protestantes, as religiões afro-brasileiras e o Espiritismo” (CLARKE, 2008, p. 29). Guardada as devidas proporções, é preciso lembrar que muitas das NRs japonesas já estavam presenciando uma transformação considerável da sociedade nipônica – a partir do início do século XX.

Na medida em que a sociedade sofria tais mudanças, mais se presenciava a busca de respostas por inúmeros problemas vivenciados cotidianamente nas cidades que, na década de 1960, já eram habitadas por 40% da nossa população (WATANABE, 2008). Em virtude deste cenário, iniciou-se uma, “[...] procura de respostas a problemas

cotidianos de uma população em geral pobre [...] respostas ao sofrimento, à dor, à fragilidade da condição humana, à injustiça [...] aos problemas de sentido [...]” (PIERUCCI; PRANDI, 1996, p. 16). Daí a busca pelas religiosidades voltadas à cura, como Umbanda, Espiritismo, Candomblé, Pentecostalismo e de NRs brasileiras, como Santo Daime (PIERUCCI; PRANDI, 1996; PRANDI, 1996; ASSIS, 2017).<sup>68</sup>

Segundo Domezi (2016), algumas ações realizadas pelas Igrejas Pentecostais, evidenciaram esta ênfase à cura. A Igreja O Brasil para Cristo procurou, através do programa radifônico “A voz do Brasil para Cristo”, destacar a importância da cura divina. Já a Igreja de Nova Vida – que tinha um espaço na Rádio Copacabana – buscou, mediante um discurso também centrado na cura divina, valorizar o corpo e a vida neste mundo. Como podemos notar, o uso de meios de comunicação acabou se tornando uma forma para atrair novos fieis interessados na busca pela cura – terreno fértil para as Novas Religiões japonesas difundirem suas publicações entre a população sem ascendência nipônica.

#### **4.5.1 As Novas Religiões japonesas frente ao contexto da ditadura Civil-Militar**

Mesmo com a instauração da ditadura Civil-Militar em 1964 – apoiada, inclusive, por setores da Igreja Católica sobre o pretexto de “salvar o país do comunismo” –, e do cenário de censura e perseguição direcionadas à, por exemplo, grupos religiosos progressistas cristãos (DOMEZI, 2016), o processo de desenvolvimento e adaptação das Novas Religiões japonesas manteve-se ativo. De acordo com Usarski e Shoji (2017), entre 1960-85 houve uma ascensão destas NRs. Um exemplo deste fato foi a presença, em 1966, de Daisaku Ikeda – atual líder da *Sokka Gakai*, que esteve no Brasil com o intuito de fortalecer a propagação desta NRs entre a população como um todo.

Este cenário de florescimento das Novas Religiões japonesas – mesmo com a instauração da ditadura – pode ser explicado pela própria consolidação da aliança entre Brasil e Japão. Cabe destacar que no período entre 1955-62 – contexto de consideráveis investimentos do capital japonês no Brasil –, a produção nacional havia

---

<sup>68</sup>Vale destacar que a Igreja Católica havia se afastado desta toada havia algum tempo. Daí que a cura não fazia parte do Catolicismo Conservador – interessado nos ritos tradicionais – e nem das Comunidades Eclesiais de Base – preocupadas em resolver questões sociais (PIERUCCI; PRANDI, 1996; PRANDI, 1996).

crescido 80%. Somado a isto, vale acrescentar as próprias ações dos Estados Unidos – que mantinham laços estreitos com o nosso país –, direcionadas ao Japão. Em um cenário de polarização da Guerra Fria – onde o país nipônico já não era visto como ameaça –, a atenção dos norte-americanos se viraram, na Ásia, para a China – governada pelo Partido Comunista Chinês. Daí que a redução, por parte dos EUA, da disseminação internacional de discursos preconceituosos contra o povo japonês, acabou refletindo no Brasil. A partir da década de 1950, já era visto, entre a nossa população, um sentimento de admiração pela rápida recuperação econômica do Japão e um interesse pelas religiões nipônicas (UEHARA, 2009).

Relacionando a sexta fase da globalização ao Brasil, podemos destacar, em um primeiro momento, a intensificação da censura e repressão da ditadura – cujo marco principal foi a promulgação do AI-5 em 1968. Ao mesmo tempo, vale destacar também que a política voltada ao desenvolvimento econômico por parte dos militares e a intensa propaganda que os mesmos faziam à população (FAUSTO, 2006), fortaleceu o sentimento de admiração pela recuperação econômica do Japão – e, conseqüentemente, pelos nipônicos. “Foi a época em que muitos brasileiros idosos, de classe média, lamentavam não ter condições biológicas para viver até o novo milênio, quando o Brasil se equipararia ao Japão” (FAUSTO, 2006, p. 268).

Do ponto de vista da dinâmica religiosa – considerando as mudanças que já estavam em curso – vale destacar como acréscimo, a partir do início da década de 1970, a propagação das denominações neopentecostais e sua ênfase, com o suporte do uso da mídia, pela busca de prosperidade neste mundo –, bem como da Renovação Carismática Católica – centrada em uma evangelização voltada ao testemunho dos indivíduos (DOMEZI, 2016).

No caso das Novas Religiões japonesas – continuando seu processo de expansão na população brasileira como um todo e sua adaptação à nossa realidade – a *Soka Gakkai*, por exemplo, através do periódico semanal chamado *Brasil Seikyo*, passou a incluir, “[...] artigos instruindo os membros sobre como relacionar-se com o Catolicismo [...]” (CLARKE, 2008, p. 33).

A partir da segunda metade da década de 1970, iniciou-se o processo, lento, de abertura política do país – culminando, em 1985, com o fim do período ditatorial e início

do processo de redemocratização do Brasil. “[...] consagrou um quadro que já vinha sendo superado, dadas as novas realidades do mundo globalizado [...]” (FAUSTO, 2006, p. 289). A partir da década de 1980, *Seicho-No-Ie*, *Perfect Libert Kyodan* e Igreja Messiânica Mundial já mostravam sólidos indícios de emancipação do caráter étnico japonês (USARSKI; SHOJI, 2017). Ademais, considerando o contexto posterior à redemocratização, cabe saltar que, “[...] o Brasil testemunhou [...] a crescente popularização das novas religiões japonesas entre os brasileiros sem ascendência japonesa” (USARSKI; SHOJI, 2017, p. 108).

## CAPÍTULO 5 – A DIFUSÃO DA *SEICHO-NO-IE* NA COLÔNIA JAPONESA

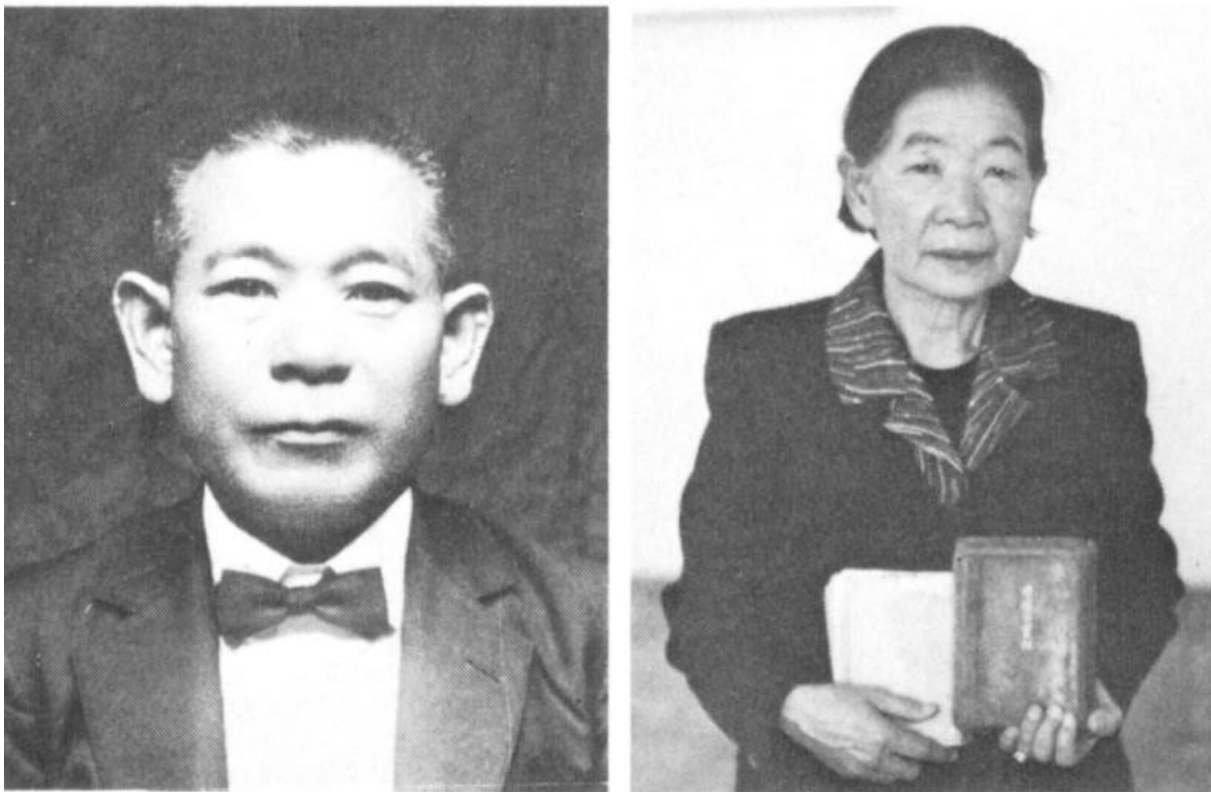
### 5.1 O contato inicial via publicações

Entre 1930-32 iniciaram os contatos dos japoneses que aqui residiam com a SNI. O primeiro deles foi em dezembro de 1930. Neste período, Katsuzô Tanigaki – imigrante que residia em Lins-SP – conheceu o nº4 da Revista *Seicho-No-Ie*. A partir da leitura deste periódico, Tanigaki passou a importar todas as publicações disponíveis da SNI. Em julho de 1931, ele teria enviado uma carta de agradecimento para Masaharu Taniguchi – que seria publicada, posteriormente, nas edições japonesas da Revista *Seicho-No-Ie* e no livro “A Verdade da Vida” (MATSUDA, 1988).

O segundo deles foi em 1932 – no Estado do Amazonas e na capital paulista. Considerando o caso amazônico, o imigrante Hisae Sakiyama trouxe a primeira edição do livro *Seimei no Jissô* – “A Verdade da Vida” – para o Brasil. Posteriormente, ele acabou formando, um grupo de estudo sobre esta obra (MATSUDA, 1988). No caso paulista, um imigrante nipônico – residente no bairro Parada de Taipas – escreveu uma carta para um conhecido no Japão, explicando o quadro de enfermidade de sua esposa. Como resposta, ele acabou recebendo um exemplar da Revista *Seicho-No-Ie*. O envio deste material foi justamente uma forma de demonstrar que a revista poderia contribuir para melhorar o quadro da esposa (MAEYAMA, 1967). Passado um período, este mesmo imigrante, “[...] concordou plenamente com o que estava escrito na revista e mandou vir alguns exemplares do primeiro número desta revista e os distribuiu entre os seus conhecidos” (MAEYAMA, 1967, p. 126).

A partir de 1933, iniciou-se uma fase de maior expansão da SNI entre os imigrantes nipônicos. Neste ano, Kumejiro Ooshiro – lavrador japonês residente na cidade de Duartina-SP – recebeu, via importação de um amigo do Japão, a primeira edição do livro “A Verdade da Vida” e alguns exemplares da Revista *Seicho-No-Ie*. No ano seguinte, as publicações da *Seicho-No-Ie*, justamente via Kumejiro Ooshiro – chegaram ao conhecimento dos irmãos Daijiro Matsuda (1905-1962) e Miyoshi Matsuda (1911-2000) – duas importantes figuras que, posteriormente, tiveram um papel fundamental para a consolidação da SNI no Brasil (MATSUDA, 1988).

**Figura 6 – Kumejiro Oshiro e sua filha Cho Tokui**



**Fonte: *Seicho-No-Ie* do Brasil<sup>69</sup>**

---

<sup>69</sup>Disponível em: <https://sni.org.br/seicho-no-ie/organizacional/museu-historico-sni/artigos/encontro-dos-irmaos-matsuda-com-a-seicho-no-ie/>. Acesso em: 4 jul. 2022.

Daijiro Matsuda – que chegou ao Brasil em 1928 com sua esposa e uma irmã para trabalhar nas lavouras de café em uma fazenda localizada em Duartina –, e Miyoshi Matsuda – que adentrou no país em 1931 no intuito de trabalhar junto com o irmão –, eram vizinhos de Kumejiro Oshiro. No mês de setembro de 1934, em uma das visitas costumeiras a Oshiro e sua família, Miyoshi Matsuda soube a respeito do estabelecimento da SNI no Japão – foi diante deste contexto que Oshiro emprestou o livro “A Verdade da Vida”, a fim de que Miyoshi aprendesse mais sobre a SNI (DINIZ, 2006).

### **5.1.2 A “força da doutrina” contida nas publicações é descoberta pelos irmãos Matsuda**

No dia seguinte, Daijiro Matsuda – impossibilitado de trabalhar na lavoura devido a uma amebíase –, permaneceu em casa e acabou lendo o livro “A Verdade da Vida”. Ao retornar do trabalho, Miyoshi se deparou com o irmão aparentemente curado. Daijiro teria afirmado que tal fato decorreria da leitura da obra. Em virtude deste evento, Miyoshi, interessado ainda mais na SNI, passou a dedicar grande parte de seu tempo em compreender os ensinamentos contidos no livro. “Miyoshi Matsuda passou então a ler todas as obras disponíveis da Seicho-No-Ie no Brasil, importadas por Oshiro e posteriormente por ele mesmo adquiridas” (DINIZ, 2006, p. 103).

**Figura 7 – Daijiro Matsuda na Fazenda de Duartina-SP**



Fonte: Site da *Seicho-No-Ie* do Brasil<sup>70</sup>

<sup>70</sup>Disponível em: <https://sni.org.br/seicho-no-ie/organizacional/museu-historico-sni/artigos/encontro-dos-irmaos-matsuda-com-a-seicho-no-ie/> Acesso em: 4 jul. 2022.



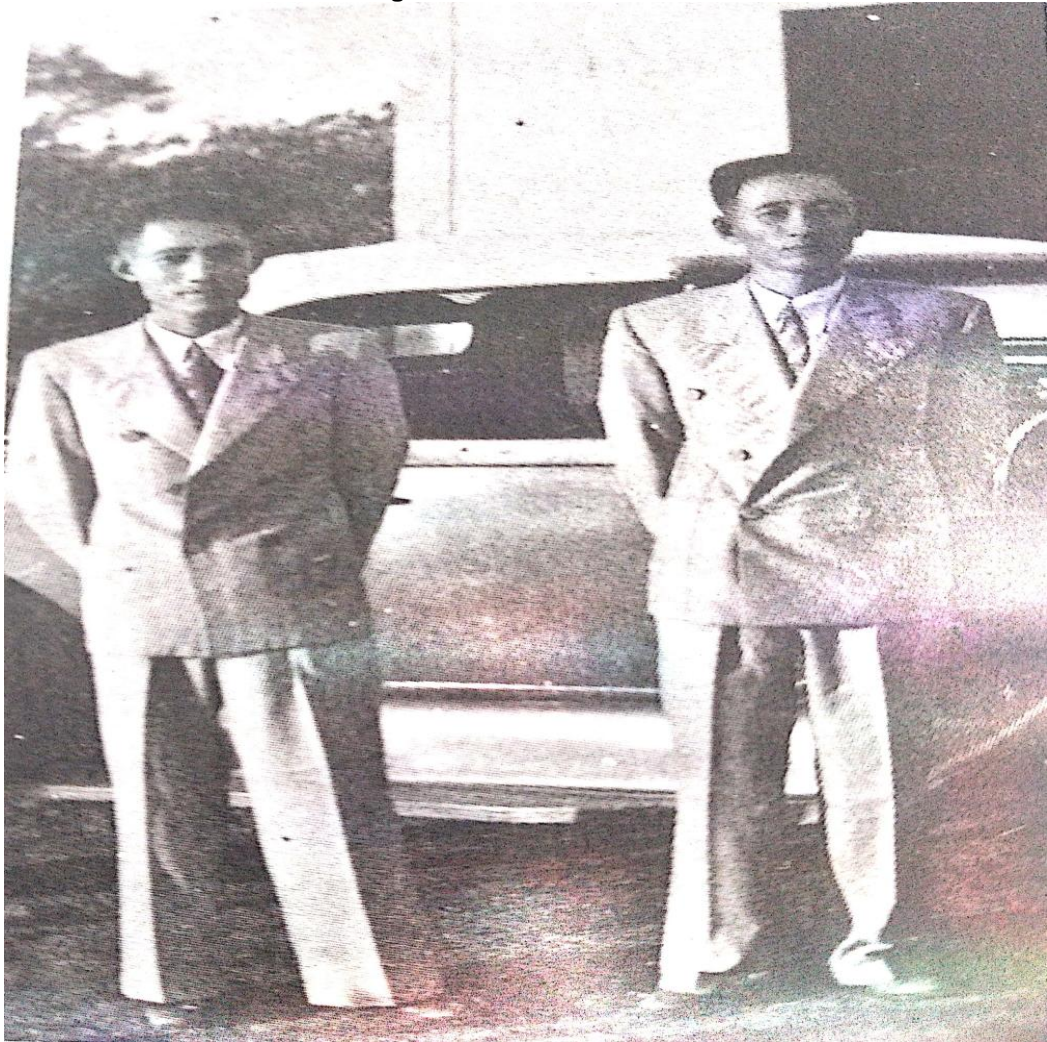
**Figura 8 – Miyoshi Matsuda em fevereiro de 1940**



**Fonte: (MASTUDA, 1988, p. 90)**

Através das experiências pessoais de Dajirio, os irmãos Matsuda iniciaram a propagação da SNI em Duartina – tomando como base as publicações (MAEYAMA, 1967). No final de 1934, Miyoshi leu no jornal da colônia chamado *Seishu Shimpô* – editado em Bauru – a história dos irmãos Masaharu Oomae e Kiyoshi Oomae. Ambos eram imigrantes, que haviam contraído tuberculose pulmonar na Fazenda Ribeirão Claro – localizada em Guararapes-SP. Em virtude deste cenário, Miyoshi enviou uma carta que continua o prefácio do livro “A Verdade da Vida”. Entusiasmados com a leitura, eles solicitaram mais informações sobre a SNI. Em virtude disto, “[...] Matsuda mandou uma carta acompanhada da revista ‘Seicho-No-Ie’ [...]” (MAEYAMA, 1967, p. 127, grifo do autor). Como resposta, “[...] recebe carta agradecendo e comunicando-lhe que foram curados de tuberculose que os acometia há tempos” (DINIZ, 2006, p. 103).

**Figura 9 – Irmãos Oomae**



**Fonte: (MATSUDA, 1988, p. 68)**

Embora, no contexto anterior ao término da Segunda Guerra Mundial, não ocorreu qualquer tipo de investida – por parte da Sede Internacional da SNI – em propagar e organizar as atividades da SNI pelos imigrantes (MAEYAMA, 1967), as publicações da *Seicho-No-Ie*, a partir de 1935, passaram a ser reconhecidas e divulgadas por imigrantes nipônicos que residiam na capital paulistana e no interior de SP, bem como no Estado do Paraná. “A grande maioria das pessoas que teve contato com as doutrinas da *Seicho-no-Ie* se comportava da seguinte maneira: leitura cotidiana das publicações [...]” (MAEYAMA, 1967, p. 133). Conforme os irmãos Matsuda passavam a se dedicar integralmente à SNI, mais a notícia sobre a potencialidade que as publicações da SNI teriam em resolver casos de enfermidades se espalhava entre os imigrantes. “Baseados nos ensinamentos de Taniguchi, os dois passam a tratar das doenças das pessoas da vizinhança. Esse fato atraiu japoneses da região, principalmente de Gália e Guararapes” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 21).

Em 1936, na cidade de Guararapes, os irmãos Oomae ficaram responsáveis pela inauguração de um núcleo de atividades da SNI. Neste local, imigrantes como Chikamori Teramae e sua esposa passaram a divulgar os ensinamentos contidos na SNI – fato facilitado pela quantidade considerável de importação das publicações que o casal passou a realizar. Em 1937, no Estado do Paraná, um imigrante conhecido como Chusaku Takinami entrou em contato com o livro “A Verdade da Vida” – passando, posteriormente, a formar um núcleo que se tornou o centro de difusão da SNI neste Estado. Em 1940, as primeiras reuniões – de imigrantes ligados à SNI – começaram a ser realizadas na capital paulista.

## **5.2 O reconhecimento oficial após a Segunda Guerra Mundial**

Entre 1941-45, as atividades da *Seicho-No-Ie* foram bastante reduzidas – principalmente na capital paulista, onde a fiscalização do governo era severa. No interior, dado a fiscalização mais branda, as atuações, de modo clandestino, foram mantidas em locais como, Guarulhos, Lins, Marília e Tupã. O mesmo se seguiu na cidade paranaense de Ibaiti – onde os irmãos Matsuda, após adquirirem terras, passaram a residir em 1941. Foi em Ibaiti que, a partir da iniciativa de Miyoshi Matsuda, foi organizada a primeira Associação dos Moços da *Seicho-No-Ie*, em uma colônia do

Brasil. Em conjunto a este fato criou-se o periódico conhecido como *Shinsei* (“O renascer”) – revista que foi desenvolvida com o intuito de divulgar a atuação da Associação dos Moços da *Seicho-No-Ie*. Todavia, em 1944, as atividades foram suspensas (MAEYAMA, 1967; MATSUDA, 1988).

A partir de 1946, os imigrantes começaram a reorganizar os encontros voltados à leitura das publicações da SNI e a formar novas associações – principalmente no Estado de SP. Neste novo cenário, já era possível presenciar uma comunicação, via cartas, com a Sede Internacional da SNI. Um imigrante conhecido como Yoshitaro Miyamoto – que residia em São Paulo – passou a receber uma quantidade considerável de livros para divulgação da SNI. Ademais, os irmãos Matsuda retomaram as atividades no Paraná – propiciando que a Associação dos Moços da *Seicho-No-Ie*, passasse a receber revistas da SNI do Japão publicadas após o término da Segunda Guerra Mundial (MATSUDA, 1988).

**Figura 10 – Membros da Associação dos Moços da *Seicho-No-Ie* de Ibaiti (1949)**



**Fonte: (MASTUDA, 1988, p. 130)**

Conforme progredia o contato com a Sede Internacional, mais a mesma, através do envio de manuais de instruções, informava aos imigrantes sobre a necessidade de formação da organização administrativa das associações – no intuito de, justamente, formalizar os adeptos das SNI no Brasil e estabelecer a dependência da filial em relação à matriz. Em uma das correspondências, por exemplo, a Sede Internacional destacou que a SNI estava estruturada organizacionalmente e, por isto, caberia às filiais prestarem total obediência à matriz. Em virtude disto, a sede também chegou a frisar a necessidade de resolver a tensão entre imigrantes “vitoristas” e “derrotistas” ligados à SNI (MATSUDA, 1988).

Em 1950, foi fundada a União Regional de São Paulo da SNI, além disto, os irmãos Matsuda tornaram-se oficialmente os primeiros *kôshi* (pregadores) regionais da SNI no Brasil. No ano seguinte, como forma de fortalecer nacionalmente a SNI através da reconciliação ente adeptos “derrotistas” e “vitoristas”, os adeptos do Estado de SP organizaram uma reunião geral na capital paulista. Como resultado, foi fundada – em março – a União Nacional de Adeptos da SNI do Brasil – com sede central na capital paulista e tendo Daijiro Matsuda como um dos conselheiros. Em maio, ela passou a ser reconhecida oficialmente por Masaharu Taniguchi como Sede Brasileira da *Seicho-No-Ie* (MATSUDA, 1988).

Em 1951, através de correspondências, Taniguchi, buscando estabelecer diretrizes para findar o clima de tensão ainda presente entre “vitoristas” e “derrotistas” – adeptos da SNI – orientou o seguinte: a leitura e divulgação de publicações do livro “A Verdade da Vida”, da Revista *Seicho-No-Ie* e da Revista *Shirohato-Kai* editadas após a Segunda Guerra Mundial. Tal diretriz objetivava trazer à tona a ideia de harmonia – através do “Movimento para Iluminação da Humanidade” – contida no *Jissô*. Segundo Taniguchi, seria necessário que todos os adeptos no Brasil reconhecessem o resultado deste conflito mundial, e que o Japão, outrora destruído pelas bombas atômicas norte-americanas, era, naquele momento, aliado dos EUA – e estava se reerguendo com a ajuda deste país (MATSUDA, 1988). Daí que as obras editadas em momento anterior deste conflito mundial, poderiam atizar o sentimento ultranacionalista dos “vitoristas” (MAEYAMA, 1967).

Como resultado destas orientações, foi estabelecido, no ano seguinte, o primeiro estatuto da *Seicho-No-le* do Brasil (SNI/BR), conhecido como “O Santo Sutra” – que delimitava, como objetivo principal, congregar os adeptos da doutrina através da divulgação das publicações. A partir dele, a SNI passou a ser conhecida como “Sociedade Religiosa o Santo Sutra” (DINIZ, 2006). Ademais, foi criado um boletim informativo conhecido como *Enkan* – nome escolhido por Masaharu Taniguchi, que literalmente, em japonês, pode ser interpretado como “círculo”. “Batizado pelo próprio fundador da *Seicho-No-le*, o Boletim Informativo cumpriu um papel de divulgação e integração das atividades em nível nacional, cujo objetivo era informar, comunicar e unir, formando um verdadeiro círculo” (CÍRCULO DE HARMONIA, 2022, p. 15).

No segundo semestre de 1952, as cisões entre “derrotistas” e “vitoristas” foram solucionadas com a primeira vinda, em julho, de Katsumi Tokuhisa (1910-2001) – que era médico ginecologista, Diretor da Sede Internacional e Chefe de Departamento da Associação dos Jovens da SNI – para o Brasil. Ele permaneceu no país durante três meses e proferiu conferências, mediante o suporte dos ensinamentos contidos nas publicações, buscando disseminar os princípios harmônicos do *Jissô* – presentes através do “Movimento para Iluminação da Humanidade”. “[...] em 1952 é enviado, da sede japonesa, um representante, Katsumi Tokuhisa, que de julho a outubro percorre os núcleos de São Paulo e Paraná, promovendo a unificação de vários grupos existentes” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 22).

Em virtude das ações preconizadas por Katsumi Tokuhisa foi possível: 1) A formação de 39 *kôshi* regionais, em 1953; 2) O reconhecimento da SNI, por parte do governo brasileiro em agosto de 1952, como “Sociedade Religiosa”; 3) A ida de Miyoshi Matsuda ao Japão, no final de 1952, para um período de um ano de estágio junto à Taniguchi; 4) A mudança, em 1954, do nome da SNI para “Sociedade Religiosa o Santo Sutra de *Seicho-No-le*”; e 4) A instrução para a construção da Academia de Treinamento Espiritual *Seicho-No-le* de Ibiúna-SP – fundada em 1955 e voltada, naquele contexto, à transmissão dos ensinamentos da SNI aos descendentes dos imigrantes (MATSUDA, 1988; DINIZ, 2006).



**Figura 11 – Primeira conferência de Katsumi Tokuhisa realizada no Brasil – no Cine Odeon, em São Paulo**



Fonte: (MATSUDA, 1988, p. 149)

No ano de 1956, Seicho Taniguchi – que naquele momento exercia o cargo de Supremo Presidente da Associação dos Moços da SNI – desembarcou no Brasil. O genro de Masaharu Taniguchi permaneceu três meses em nosso território. Neste período, realizou preleções entre os adeptos, contribuiu para a realização da 1ª Convenção Nacional da Associação das Senhoras da SNI/BR – e habilitou mais 85 *kôshi* regionais (ALBUQUERQUE, 1999).

Em janeiro de 1957 – cenário em que Seicho Taniguchi já havia retornado e relatado sua experiência no nosso país –, a Sede Internacional da SNI estabeleceu o chamado “regime de bolsistas” – direcionados aos *kôshi* da SNI/BR, a fim de que os mesmos realizassem um período de estágio no Japão. A partir de 1958, a matriz aumentou o envio dos *kôshi* – no intuito de intensificar as atividades organizacionais. Já em 1960 verificou-se a realização da 1ª Convenção Nacional dos Adeptos da *Seicho-No-Ie* do Brasil. Neste mesmo ano, Miyoshi Matsuda foi nomeado 1º Presidente Doutrinário da *Seicho-No-Ie* para a América do Sul – representante direto, no Brasil, da SNI. Vale destacar que esta nomeação de Matsuda já indicava uma preocupação da SNI em atingir outros países da América do Sul (MATSUDA 1988; ALBUQUERQUE, 1999; DINIZ, 2006).

Considerando esta sólida relação de fluxo formada entre matriz e filial – propiciada, principalmente, pelo papel das publicações – observou-se que, “[...] os leitores assíduos de Masaharu Taniguchi, e seus simpatizantes, passaram a elevar o seu nível de consciência como ‘adeptos’ da *Seicho-No-Ie*” (MAEYAMA, 1967, p. 140, grifo do autor). Daí a formação mais consolidada das associações – localizadas, principalmente, nos Estados de São Paulo e Paraná (MAEYAMA, 1967).

### **5.3 A tradução como estratégia da expansão entre os brasileiros**

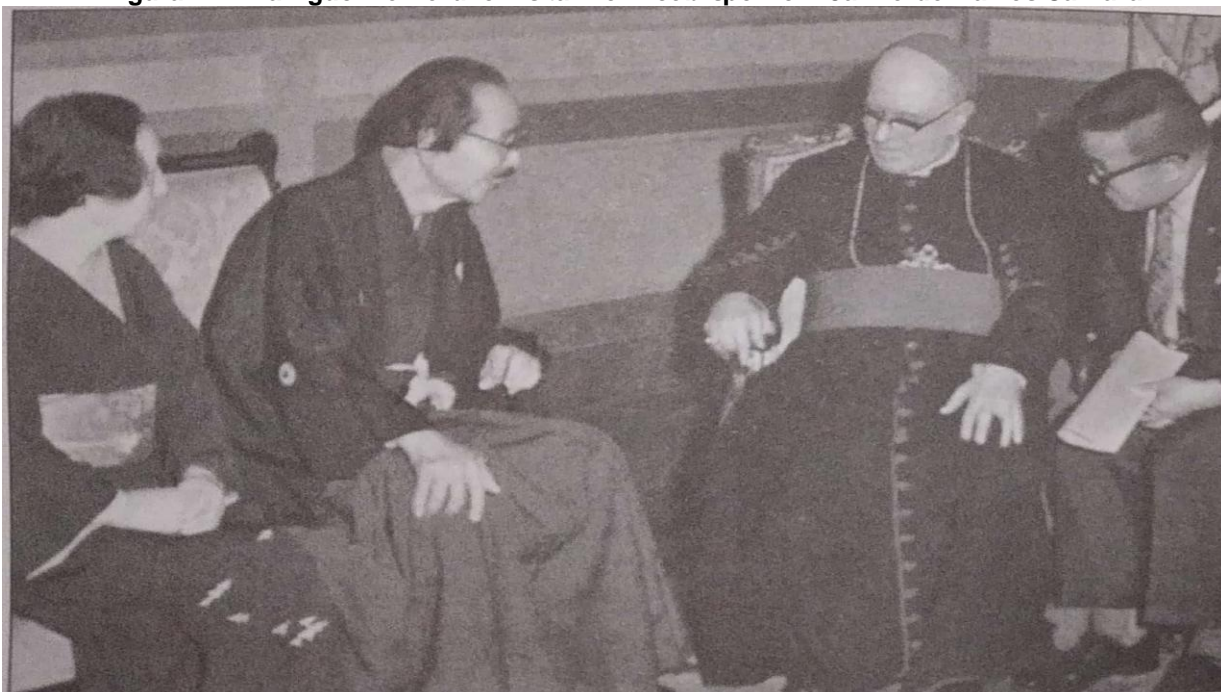
A partir do início da década de 1960, ocorreu um crescimento das Associações Pomba Branca e dos Moços da SNI/BR. Tal fato possibilitou a diversificação do número de adeptos, e conseqüentemente, do perfil dos leitores. Enquanto que, até o final da década de 1950, era predominante a presença da Associação da Fraternidade – ou seja, do público masculino pertencente à primeira geração de imigrantes –, o cenário, que se desenhava no começo da década de 60, já indicava a presença dos

descendentes de imigrantes japoneses (MAEYAMA, 1967; ALBUQUERQUE, 1999). Ademais, tomando como base a estruturação física da matriz, a Sede Central da SNI/BR foi construída em 1963. “Sua Sede Central, localizada na região sul da cidade de São Paulo, no bairro de Jabaraquara desde 1963, foi construída a exemplo da *Seicho-No-Ie* do Japão” (DINIZ, 2006, p. 116-117).

Em meados de 1963, Masaharu Taniguchi – juntamente com Teruko Taniguchi e uma comitiva da SNI – desembarcaram no Aeroporto de Congonhas e permaneceram – entre os meses de junho a setembro no país – percorrendo os Estados do Rio de Janeiro, Paraná e São Paulo. “Ficou 113 dias [...] fez conferências em 30 localidades [...] Acerca dos valores arrecadados pelas conferências [...] fez questão de doar para a ampliação da Sede Central, no Jabaquara, em São Paulo/SP” (CÍRCULO DE HARMONIA, 2022a, p. 10).

Além do “Curso para Jovens” – realizado na Academia de Treinamento Espiritual *Seicho-No-Ie* de Ibiúna-SP – destinada a mais de 500 jovens adeptos da SNI (MATSUDA 1988), Taniguchi procurou iniciar o processo de adaptação ao “local” – visando, conseqüentemente, atingir o interesse da população sem ascendência japonesa. A visita realizada a Dom Jaime de Barros Câmara (1894-1971) – até então Arcebispo do Rio de Janeiro – já evidenciava este cenário.

**Figura 12 – Taniguchi e Teruko visitam o Arcebispo Dom Jaime de Barros Câmara**



Fonte: (DAVIS, 1997, p. 10)

No entanto, levando-se em conta que, no caso das NRs japonesas, o grande empecilho para o trabalho missionário entre os brasileiros sem ascendência nipônica era a língua e ausência de material traduzido (WATANABE, 2008; PEREIRA, 2013), foi através da necessidade dada à disseminação das publicações que Taniguchi solicitou – junto às lideranças locais – o início do processo de tradução das obras da SNI. “A Luz da Verdade irá envolver todo o globo terrestre, partindo do Brasil e do Japão, por isso, quero que vocês comecem a expandir o Ensino da Seicho-No-le aos brasileiros, em língua portuguesa” (CÍRCULO DE HARMONIA, 2021b, p. 13). Diante disto houve a elaboração e o lançamento, em fevereiro de 1964, do 1º Plano Quinquenal da *Seicho-No-le* do Brasil (MATSUDA, 1988). Neste sentido, podemos dizer que em virtude das diretrizes propostas neste plano foi possível o florescimento do projeto que resultaria na publicação do primeiro número da Revista Acendedor – lançado no dia 17 de julho de 1965. Daí o início da publicação da primeira revista da SNI escrita em português e voltada à população brasileira como um todo.

## CAPÍTULO 6 – O INÍCIO DO PROCESSO DE EXPANSÃO E ADAPTAÇÃO DA REVISTA ACENDEDOR NO BRASIL (1965-68)

### 6.1 Os sujeitos envolvidos

Podemos dizer que a adaptação ao “local”, envolveu, em um primeiro momento, quais seriam os sujeitos responsáveis pela organização e tradução da Revista Acendedor. “No início da imigração, a tradução não chegava a ser um problema, visto que as religiões eram praticadas entre falantes nativos que pretendiam regressar no Japão após trabalhar no Brasil por alguns anos” (PEREIRA, 2013, p. 106). Daí o papel da Associação dos Moços da SNI, principalmente, levando-se em conta a maior afinidade com o português dos membros, que, segundo Maeyama (1967), eram, em sua maioria, composta por *nisseis*. “[...] era inicialmente responsabilidade da Associação dos Moços da Seicho-No-Ie do Brasil, visto serem eles os [...] adeptos, naquela época, com interesse em publicação em português” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 54-55). Neste sentido, podemos inferir que:

Desse modo, a Seicho-No-Ie, a Soka Gakkai e a PL seguiram um padrão que podemos estimar como sendo o de maior ocorrência – que é o uso de nikkeis como tradutores, auxiliados por missionários japoneses enviados ao Brasil, sobretudo os mais jovens, que se dedicavam a aprender o português (PEREIRA, 2013, p. 107).

Inicialmente, coube diretamente à Associação dos Moços da *Seicho-No-Ie* do Brasil – com apoio de sua subdivisão conhecida como Associação Estudantil da SNI de São Paulo (AESI) e de demais membros da SNI, como Miyoshi Matsuda – a tradução e elaboração de alguns textos para a Revista Acendedor. Shigemi Murakami (1912-1997) – na época, Presidente da Associação dos Moços e que havia adentrado no Brasil aos 17 anos idade – e Miyoshi Matsuda – chegaram a publicar trabalhos de suas respectivas autorias. Dentre os colaboradores da edição, podemos citar Yoshio Yahiro (Vice-Presidente da Associação dos Moços), Hakuiti Higashiyama (atuando como um dos tradutores), Oswaldo Murahara (que foi um dos primeiros bolsistas a estudar diretamente com Masaharu Taniguchi), Wilma Nishi (atuando como uma das redatoras), Tomico Sasaki, Takeshi Katsumata, (desenhista e idealizador da capa da revista), e

Yoshiichi Miyamoto (na época, empresário da Gráfica e Editora Daido Ltda.) (DINIZ, 2006).

O processo de divulgação da revista à população brasileira como um todo também seguiu o mesmo caminho. “Os japoneses e descendentes [...] compravam exemplares das primeiras edições em quantidades de 10, 20, 30, 50, 100, e saíam distribuindo para os vizinhos, amigos e pessoas que pertenciam ao seu círculo de vizinhança” (CÍRCULO DE HARMONIA, 2015, p. 6). Okito Fugiwara – que na época exercia o cargo de Vice-Presidente da Associação Estudantil da *Seicho-No-Ie* do Brasil – foi um dos responsáveis pela divulgação.

A partir de 1966, tendo em vista as próprias diretrizes estabelecidas pelo 1º Plano Quinquenal da SNI/BR, a tradução da revista começou a adquirir uma característica mais organizacional com a criação do chamado Departamento de Trabalho Doutrinário em Língua Portuguesa – passando, inclusive, a ser publicada de forma bimestral. “Determinados grupos religiosos, que se mostravam mais empenhados no proselitismo [...] criaram seus respectivos departamentos ou setores de traduções [...]” (PEREIRA, 2013, p. 107). Ademais, neste mesmo ano, foi publicada a tradução do primeiro volume do livro *Seimei no Jissô* – “A Verdade da Vida”. Yoshio Aibe – até então *kôshi* (pregador) da SNI e que, futuramente, presidiria o Departamento de Divulgação em Português – ficou responsável pelas traduções dos volumes deste livro – ele, inclusive, permaneceu quatro anos no Japão para aprofundar os ensinamentos da SNI (MASTUDA, 1988).

## 6.2 O processo de escolha do nome da revista

Do ponto de vista da forma de tradução para o “local” (PEREIRA, 2013), devemos observar, em primeiro lugar, como o próprio nome da revista foi escolhido. Segundo a pesquisa realizada por Waragai (2008, p. 85, grifos da autora). “[...] este nome teve a sua origem no “Acendedor dos Sete Candeeiros”, que se encontra na página 11 do livro *Chuva de Néctar da Verdade*”. Tomando como base esta informação, vale acrescentar outros elementos, pois tal obra é a Sutra *Kanro-No-Hoou*. Como já foi apontado nesta tese, trata-se de uma publicação contendo as primeiras “revelações divinas” – que Taniguchi teria recebido. “[...] ele próprio comparou-se a uma vela que

queimaria para iluminar o caminho que o mundo deveria seguir” (CÍRCULO DE HARMONIA, 2021a, p. 6). Neste sentido, cabe destacar que o primeiro esforço de tradução desta sutra, para o português, foi realizado por adeptos da SNI do Brasil em 1953 – como forma de expandir os ensinamentos da SNI para os *nisseis*, tendo em vista que muitos deles já estavam mais familiarizados com nossa língua, cultura e com o processo de conversão pragmática ao Catolicismo (MATSUDA, 1988).

Desta forma, “Acendedor dos Sete Candeeiros” se refere à tradução da “revelação divina” que Taniguchi teria recebido em 1931 – publicada originalmente com o título de *Nanatsu no Todai no Tentosha no Shinji*, na Sutra *Kanro-No-Hoou*. Como tradução, teríamos a seguinte associação: *Nanatsu* (sete); *no Todai* (candeeiro); *no Tentosha* (acendedor); e *no Shinji* (revelação divina) (OFFNER; STRAELEN, 1963). Considerando o sincretismo da SNI, vale destacar que o significado da palavra “acendedor” possui relação com as influências bíblicas presentes, sobretudo, nos Gênesis e no Evangelho Segundo São João (STAEMMLER, 2018). Em outras palavras, “Acendedor dos Sete Candeeiros” possui uma conexão com a passagem bíblica dos “sete candelabros de ouro” (BAPTISTA, 2022).

Neste sentido, podemos dizer que a tradução da sutra em 1953 para o português, já carregaria os traços do sincretismo presentes na própria formação da SNI – uma vez que *no Tentosha* possuiria relação com a simbologia bíblica dos “faróis”. “Normalmente, as orações japonesas permanecem no original [...] Um dos poucos exemplos de tradução das orações para o português é o livreto “Sutras Sagradas”, da Seicho-No-le [...]” (PEREIRA, 2013, p. 103, grifos do autor). Daí que apesar de “acendedor” ser uma tradução literal do termo *no Tentosha*, podemos dizer que o nome foi escolhido pensando no contexto “local”:

[...] o Deus salvador revelador do Jissô (Aspecto Real da Existência) [...] se identifica não apenas ao “Sumiyoshi no Okami” da crença popular de tendências xintoístas, como também ao personagem de barba e cabelos brancos do primeiro capítulo do Apocalipse do Novo Testamento e que “caminha entre os faróis” (MAEYAMA, 1967, p. 57, grifos do autor).

Segundo (DINIZ, 2006), ainda em 1964, a revista havia sido idealizada pela AESI – recebendo o nome de “Sete Faróis”. Assim, a ideia dos “faróis” já remetria exatamente



para uma espécie de “luz” – que se propagaria via as “relewações” recebidas pelo fundador da SNI:

O que possibilita a chegada do tempo sagrado é a revelação da “Verdade”, a qual, conforme esse discurso mostra, quem é responsável por transmiti-la é a Seicho-No-Ie, ou seja, ela é o meio pelo qual essa “Verdade revelada” chega à humanidade. É nesse sentido que a Seicho-No-Ie é “como Sete Candeeiros”, pois ela porta “a Luz da Verdade”. Embora o item lexical “luz”, referido no discurso, possa produzir diferentes efeitos de sentido, podemos compreendê-lo como “a salvação”; pois, conforme apontamos anteriormente, é a Verdade que esse discurso é incumbido de transmitir (BAPTISTA, 2022, p. 209, grifos do autor).

Embora Waragai (2008), constata que a escolha do nome “Acendedor” não fazia sentido para o público-alvo, devemos destacar que a equipe da redação da revista, no ano de 1966, já procurava esclarecer aos leitores sobre o significado – e, conseqüentemente, da importância de sua publicação em um contexto marcado pela presença significativa de cristãos:

Há pouco mais de um ano lançamos vitoriosamente o primeiro número desta revista Acendedor [...] editada pela Associação dos Moços da Seicho-No-Ie do Brasil [...] Acendedor é o nome desta revista e também é o nome de todos os seus leitores, pois os caros leitores vão ascendendo às luzes da verdade a toda humanidade como praticantes destes ensinamentos da Seicho-No-Ie, conseqüentemente, como os verdadeiros herdeiros da alma cristã (ACENDEADOR, 1966a, p. 53).

Neste sentido, muito mais do que uma tradução dos textos, podemos perceber que os sujeitos responsáveis pelas edições da Revista Acendedor também procuravam dialogar com o público de leitores. Desta forma, levando em consideração a aceitabilidade no “local de chegada”, os textos religiosos costumam possuir certa liberdade do tradutor – relacionada ao grau de interferência de uma determinada organização religiosa no processo de tradução (PEREIRA, 2013).

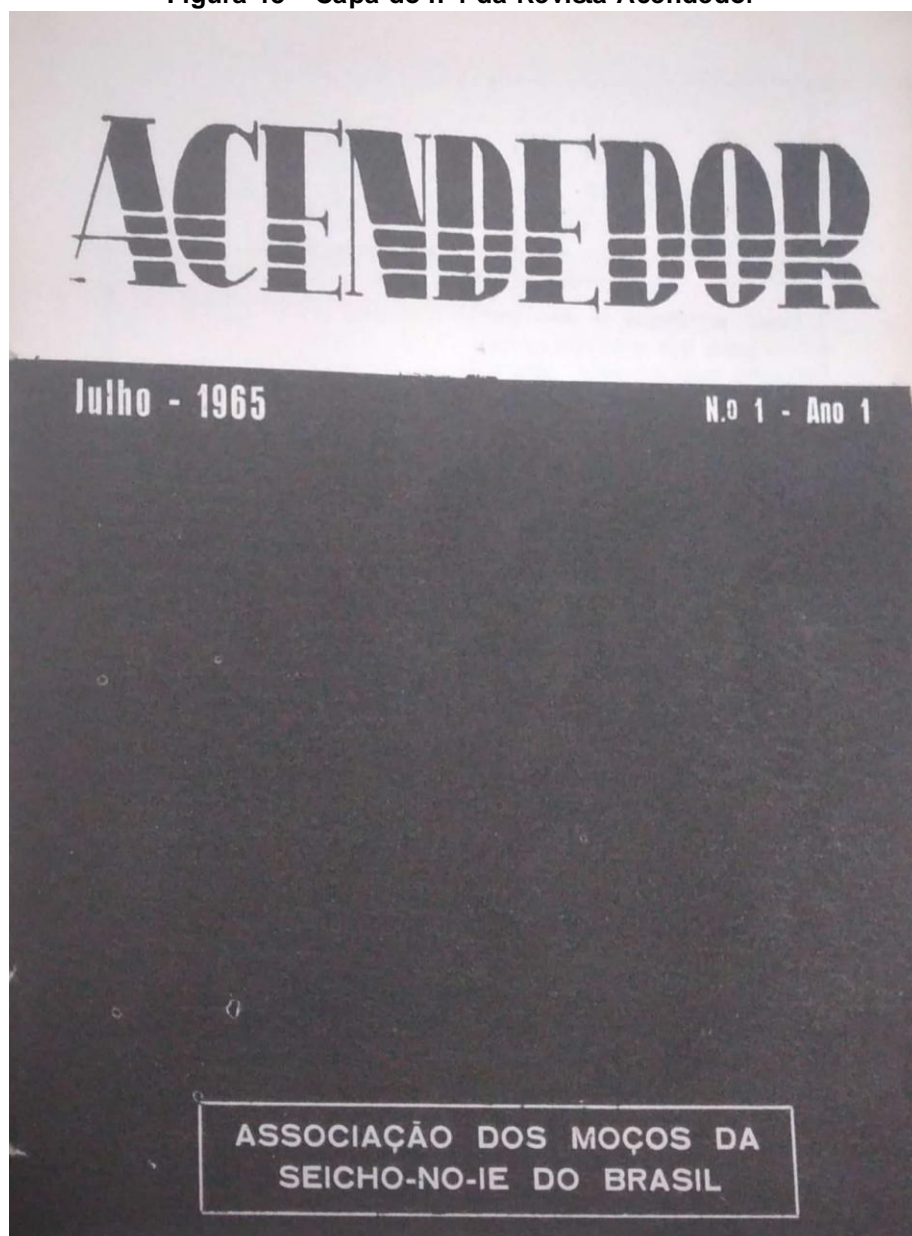
### **6.3 A apresentação inicial e a mensagem ao público**

Outro ponto que merece destaque, diz respeito à apresentação visual da capa da Revista Acendedor para os leitores. Nela, foi possível perceber que a Associação dos Moços passou a ser mencionada sem o acompanhamento do seu nome em japonês

(*Seinen-Kai*) – buscando, desta forma, extrapolar os limites étnicos. “Isso se faz presente nos nomes das associações, revistas e outras publicações da instituição” [...] (DINIZ, 2006, p. 137). Neste sentido, a difusão da Revista Acendedor entre a população sem ascendência nipônica não envolveu simplesmente um processo comunicativo que utiliza outra língua para reformular e interpretar um determinado texto religioso (PEREIRA, 2013). Daí que o aspecto visual da revista também propiciou uma espécie de familiarização com a estrutura organizacional da SNI aos leitores. Segundo Albuquerque (1999), após um período, as associações, embora mantendo o modelo das congêneres nipônicas, foram moldadas para atender os adeptos sem ascendência japonesa.

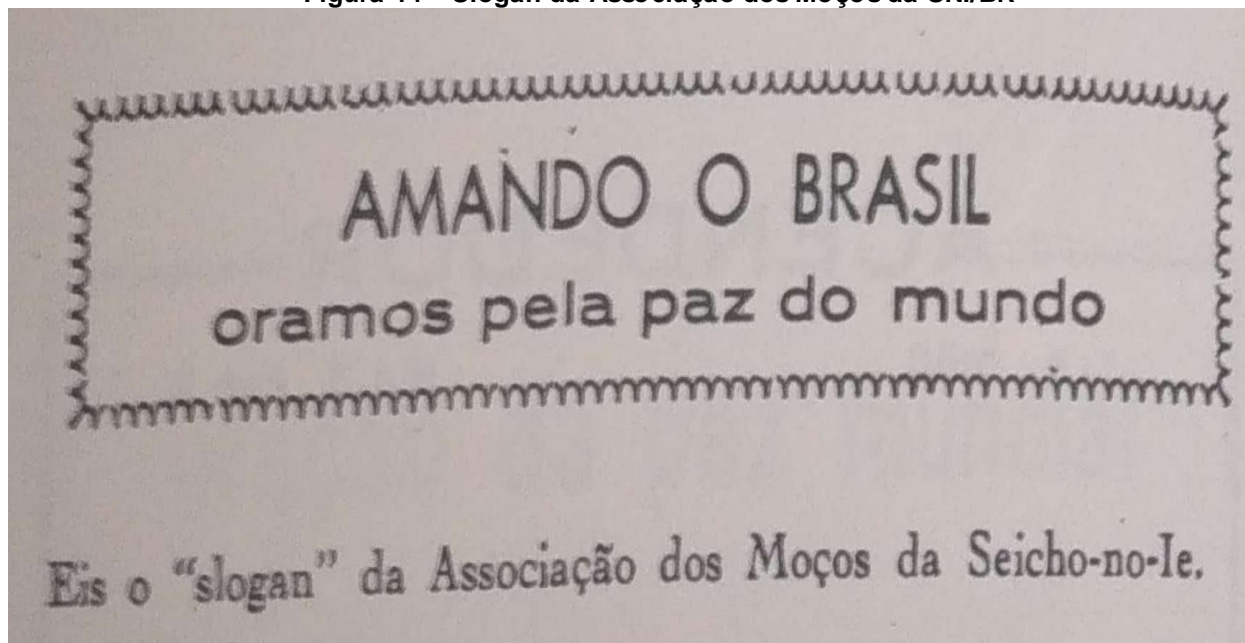
Ademais, podemos perceber que a Associação dos Moços – como uma espécie de porta voz do *Jissô* – procurava, mediante a revista, trazer a mensagem do “Movimento de Iluminação para a Humanidade” ao Brasil – demonstrando uma espécie de esperança futura conduzida pela juventude. “Nós, os jovens da Seicho-No-le, amamos o Brasil de todo o coração e procuramos com toda dedicação a prosperidade da querida pátria brasileira. Oramos, estudamos e praticamos sempre para que o ideal da grande reconciliação seja projetado neste Brasil” (ACENDEDOR, 1966b, p. 2). Segundo Watanabe (2008, p. 120, tradução nossa) as Novas Religiões japonesas interessadas em difundir suas doutrinas para a população brasileira como um todo, visavam uma espécie de “expansão geracional”. “A expansão geracional se refere tanto à expansão das gerações nipo-brasileiras baseado no parentesco quanto às “gerações sociais” na faixa etária [...] as religiões com membros sem ascendência japonesa preocupam-se com as gerações sociais”. Daí que a capa da Revista Acendedor serviria como “um portão de entrada” para os leitores conhecerem o slogan da Associação dos Moços da SNI do Brasil – presente no interior da revista.

Figura 13 – Capa do nº1 da Revista Acendedor



Fonte: (ACENDEDEDOR, 1965)

Figura 14 – Slogan da Associação dos Moços da SNI/BR



Fonte: (ACENDEDOR, 1966c, p. 3)

A Associação dos Moços, através da Revista Acendedor, traria “luz aos leitores” para que os mesmos despertassem o *Jissô*. Este termo, de origem budista, passou a ser, muitas vezes, acompanhado pela tradução “Realidade” ou “Aspecto Real”:

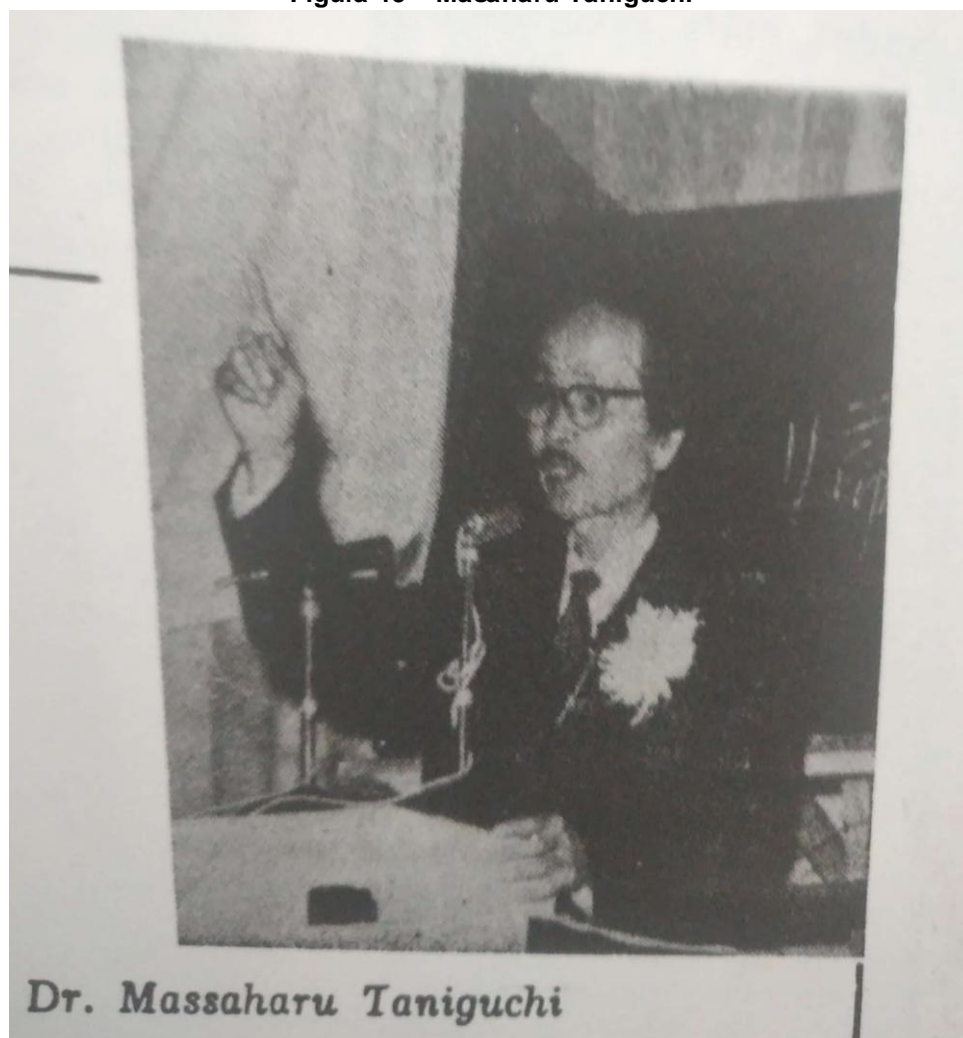
E fazemos concretizar o Aspecto Real (Jisso) do homem filho de Deus, em nós próprios e também em todos os irmãos [...] objetivamos a realização do reino de Deus, onde toda a humanidade se abençoa entre si, manifestando realisticamente o ideal do filho de Deus repleto de Sabedoria, Vida e Abundância (ACENDEADOR, 1966a, p. 53).

O slogan “Amando o Brasil, Oramos pela Paz do Mundo” seria uma referência à “Oração pela Paz Mundial” – relacionada ao “Movimento de Iluminação para a Humanidade” da SNI – que passou a ser inclusa a partir do quarto número da revista.

### **6.3.1 A apresentação do fundador, da SNI e das lideranças**

Em terceiro lugar, podemos destacar como o fundador da *Seicho-No-Ie* e demais lideranças – da matriz e filial – passaram a ser apresentados para o público de leitores. Quanto ao fundador, “Mestre Tanigushi” e “Doutor Taniguchi” eram as expressões recorrentes utilizadas na revista.

**Figura 15 – Masaharu Taniguchi**



*Dr. Massaharu Taniguchi*

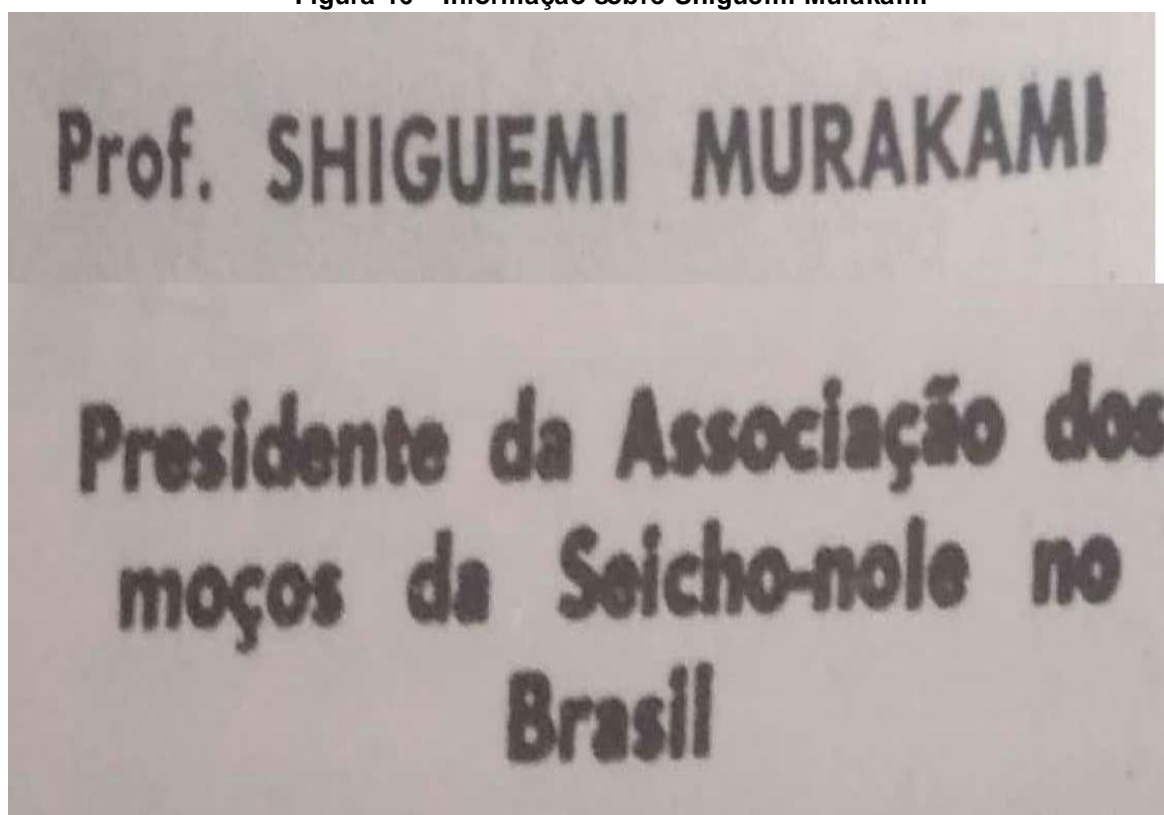
Fonte (ACENDEDOR, 1966c, p. 27)

Neste caso, o uso de “mestre” e “doutor” (sem uma menção à palavra japonesa *sensei*), também parecia indicar uma tentativa de familiarização – ao “local” – do sentido atribuído a uma liderança religiosa nipônica:

É necessário que se compreenda que, no Japão, um líder religioso é olhado com grande respeito. Não apenas é um professor nobre e talentoso, como, também, é um revelador da Palavra que comunga com os deuses. A palavra japonesa *sensei*, ou mestre, é usada com reverência, aludindo-se aos líderes espirituais. Desta forma, o fundador deste movimento é [...] conhecido pelos seus seguidores como *Taniguchi sensei* [...] (DAVIS, 1997, p. 162, grifos do autor).

Em relação às lideranças, as mesmas eram mencionadas, na revista, precedidas da palavra “professor” e “preletor”.

Figura 16 – Informação sobre Shiguemi Murakami



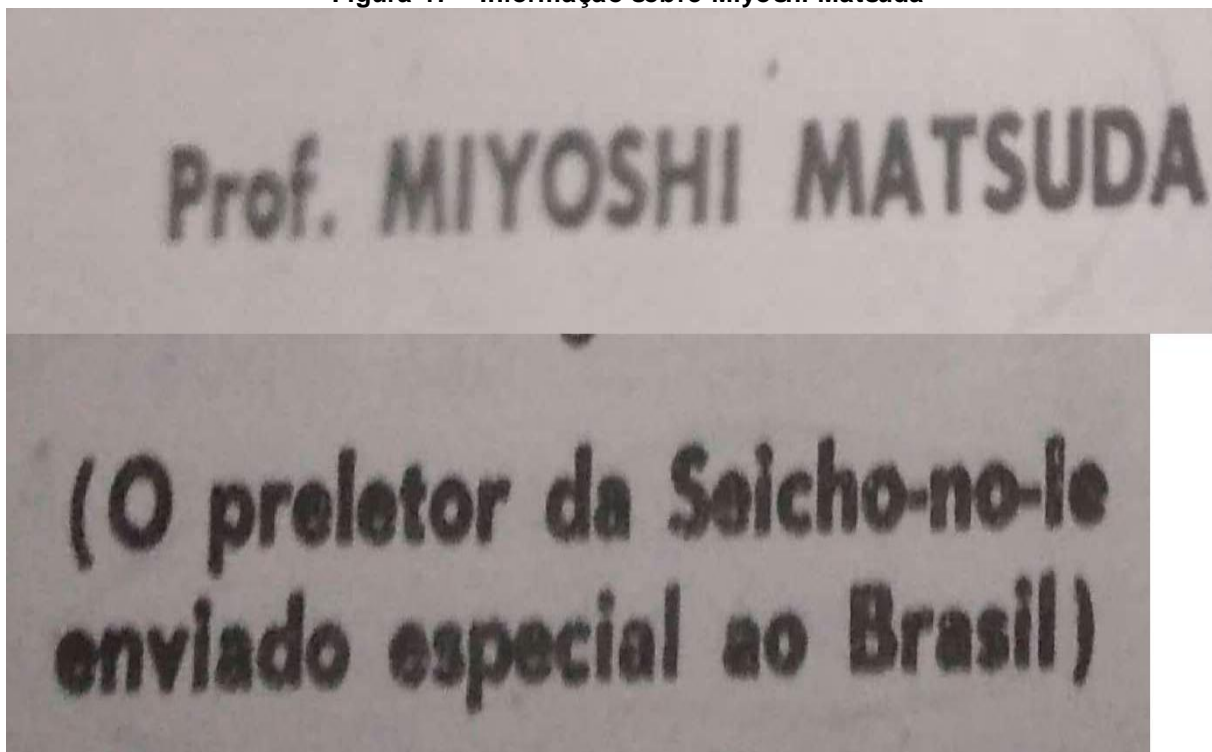
Fonte: (ACENEDOR, 1965, p. 18-19)<sup>71</sup>

---

<sup>71</sup>Compilação efetuada a partir das páginas 18 e 19.



Figura 17 – Informação sobre Miyoshi Matsuda



Fonte: (Acendedor, 1965, p. 16-17)<sup>72</sup>

---

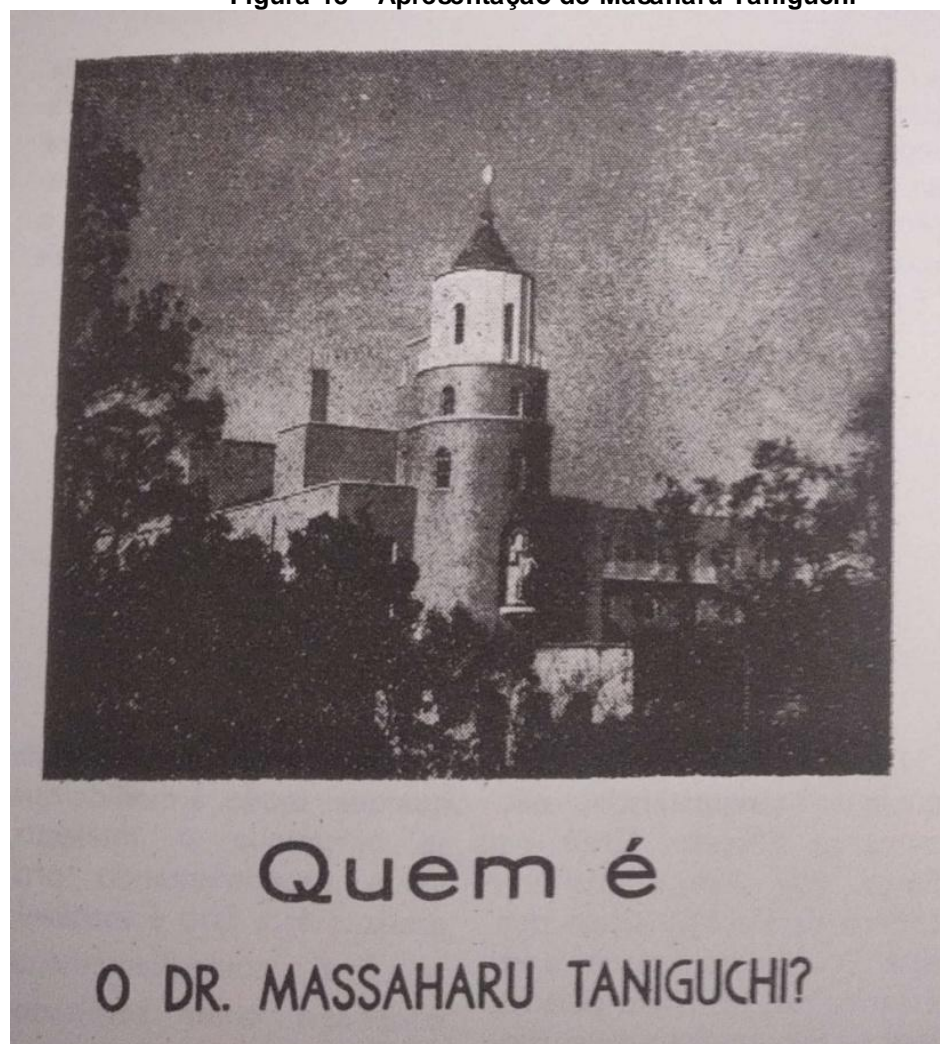
<sup>72</sup>Compilação efetuada a partir das páginas 16 e 17.

Como destacado em seções anteriores desta tese, as lideranças da SNI – e demais adeptos habilitados – assumiram a função de *kôshi* – pregador destinado a ensinar a doutrina. Na Revista Acendedor, a palavra japonesa *kôshi* não foi utilizada – optou-se pelo uso de uma tradução relacionada ao seu sentido original – mas que seria assimilada ao “local”. Neste caso, podemos dizer que a palavra “professor” ou “preletor” – em detrimento de “pregador” ou “pregador iluminado” –, contribuiria para uma maior aceitação em uma população que, embora preponderantemente cristã, estava em busca de novos horizontes religiosos e de orientações sobre a vida:

Os cargos hierárquicos, por exemplo, costumam ser traduzidos, mas isto não é uma norma. No neobudismo *Kishô Kôseikai* e em outros grupos, usam-se os mesmos termos do país de origem, como *shibuchô* (chefe de um distrito) e *shunin* (líder local). No geral, porém, os especialistas religiosos ou pessoas em posição de liderança nas organizações religiosas costumam receber distintas denominações ao português. Na Seicho-No-le há a figura do ‘preletor’ [...] (PEREIRA, 2013, p. 104, grifos do autor).

Em relação ao modo de tradução, podemos destacar como foram os processos de reconstruções, omissões, reinterpretações, ênfases e diálogos religiosos relacionados ao “local” (PEREIRA, 2013). Em primeiro lugar, vale destacar a apresentação da Revista Acendedor e sua relação com Masaharu Taniguchi. Na imagem a seguir, o título referente à biografia de Taniguchi foi precedido pela imagem da Sede Internacional da SNI – inaugurada em 1954 na cidade de Tóquio. Podemos inferir que, apesar de uma adequação ao “local”, tal simbologia procurou enfatizar a relação de dependência entre filial e matriz – neste sentido, a origem, isto é, o Japão, não foi deixado em segundo plano.

Figura 18 – Apresentação de Masaharu Taniguchi



Fonte: (ACENDEDOR, 1965, p. 12)

Na apresentação de Taniguchi, a Revista *Acendedor* foi mostrada como uma espécie de porta voz da *Seicho-No-Ie*. Isto envolveria o seguinte: expor o significado do “Movimento de Iluminação para a Humanidade” da SNI – além do papel do Brasil em difundir este ideal – levando-se em conta as impressões positivas de Taniguchi, ao visitar o nosso país no ano de 1963:

Ao editarmos e enviarmos ao público o primeiro número de “Acendedor”, que será o veículo para difusão do ensinamento da *Seicho-No-Ie*, um movimento verdadeiro de pacificação da humanidade, sentimos a imensa satisfação de apresentar-lhes o Dr. Masaharu Taniguchi, o fundador do ensinamento da *Seicho-No-Ie*, o qual os caros leitores conhecerão ao decorrer da leitura desta revista. Em caráter de hóspede oficial dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e do Paraná, o Dr. Masaharu Taniguchi teve a grande oportunidade de visitar o nosso país, durante os meses de junho, agosto e setembro de 1963 [...] Obteve as boas impressões do país e do povo brasileiro, e ao retirar-se do Brasil, deixou umas palavras tiradas do seio do seu coração: “O Brasil será um dos maiores países do mundo com o ponto básico importantíssimo do movimento verdadeiro em busca da pacificação da humanidade” (ACENDEDOR, 1965, p. 12-13, grifos dos autores).

Através desta passagem, podemos perceber que as diretrizes deixadas por Taniguchi – no contexto de sua visita ao Brasil em propagar a SNI entre a população brasileira sem ascendência nipônica – foram seguidas. Como já apontado anteriormente nesta tese, no período de consolidação da SNI entre os *nikkeis* adeptos, Taniguchi, em trocas de correspondências, frisava a necessidade de difundir as publicações lançadas em momentos posteriores à Segunda Guerra Mundial. Seguindo esta mesma premissa, a apresentação da SNI como um “movimento pacificador da humanidade” simbolizava uma tendência verificada na Revista *Acendedor*: a omissão, em seu processo de tradução, de textos elaborados no período anterior ao término da guerra. Pela leitura das publicações da revista, foi possível perceber que a maioria dos textos traduzidos foi originalmente escrito após a II Guerra Mundial.<sup>73</sup> Daí a cautela em não relacionar o *Jissô* ao Xintoísmo de Estado. “Sabe, por exemplo, que a *Seicho-No-Ie* omite para seus membros brasileiros partes de sua ampla bibliografia que inclui, entre outras coisas, seu apoio ao militarismo japonês na Ásia” (PEREIRA, 2013, p. 1).

<sup>73</sup>O primeiro texto, no original, mencionado pela Revista *Acendedor* – logo após a tradução de um de seus trechos – foi a obra de Taniguchi chamada *Seinen no Sho* (“O livro dos jovens”), publicada em 1949 (ACENDEDOR, 1965). Esta discussão será retomada posteriormente nesta tese.

Dando prosseguimento à apresentação de Taniguchi, podemos destacar que um resumo de sua biografia também foi enfatizado para os leitores:

O Dr. Masaharu Taniguchi é um dos mais destacados líderes espirituais do Japão e do mundo atual. Ele iniciou o movimento espiritual não sectário chamado Seicho-No-Ie, há 33 anos [...] A Seicho-No-Ie – Lar de Vida Infinita, Sabedoria e Abundância – é o movimento religioso que sobrepuja a diferença de qualquer [...] religião [...] O Dr. Masaharu Taniguchi [...] estudou várias espécies de religiões, filosofias, velhas e novas. Depois de um esforço intenso de ardente oração dia e noite, ele finalmente recebeu a revelação Divina enquanto estava submerso numa profunda meditação. Esta era dada justamente como uma voz de comando que parecia dizer: “Todos os fenômenos são nada no mundo da Realidade. O que existe verdadeiramente é Deus e sua expressão. O homem é verdadeiramente um filho de Deus. Ele não é mais do que uma existência espiritual. O Homem é sempre perfeito. Tudo no nosso ambiente é nada, mas é reflexão da nossa própria mente”. Quando ele recebeu esta revelação, compreendeu o maravilhoso poder de cura [...] Ele queria transmitir este maravilhoso evangelho a tantas pessoas quanto possível. [...] Começou a poupar uma porção de sua renda, para [...] publicar uma revista, como o primeiro passo para um verdadeiro movimento não sectário. Depois de ter acumulado uma certa quantia de dinheiro [...] foi [...] furtado. Contemplou interiormente à procura de uma resposta e, de novo foi-lhe dado ouvir intuitivamente uma Voz Divina que parecia dizer: “Não sabe que o mundo é reflexo da mente, e a origem de todo o suprimento necessário está sempre dentro de você? Levante-se agora! Parta para o seu trabalho agora!”. Ele estava emocionado. Assim, inspirado, imediatamente iniciou o preparo da primeira edição da [...] revista, o periódico “Seicho-No-Ie”. Surpreendentemente, este esforço começou a manifestar outra sequência de acontecimentos milagrosos. Em instante, somente pela leitura de seus livros, as pessoas puderam recuperar-se de muitas doenças sérias ou puderam livrar-se de discórdia familiar, infelicidade ou crimes pessoais. [...] O Dr. Taniguchi afirma que todas as religiões, originalmente, eram iguais. Ele procura ajudar seus adeptos a recuperar as visões básicas da verdade religiosa simples. Não procura converter cristãos, budistas ou xintoístas, mas pretende ajudá-los a recobrem seu entusiasmo espiritual (ACENDEADOR, 1965, p. 13-14-15, grifos dos autores).

Através desta passagem podemos perceber, inicialmente, que a palavra *Seicho-No-Ie* apareceu sucedida da tradução – “Lar de Vida Infinita, Sabedoria e Abundância”. Tomando isto como base, é possível observar certo desinteresse da revista em apresentar que a palavra *Seicho-No-Ie*, como já apontado nesta tese, seria formada pela junção de quatro ideogramas. Logo, não houve uma atenção em detalhar estas explicações, mas sim de apresentar uma tradução próxima do sentido original – mantendo, desta forma, uma ideia de “acolhida”. “Lembre-se que os objetivos dos tradutores dos textos religiosos japoneses incluem o proselitismo [...]” (WARAGAI, 2008, p. 24). Neste sentido, podemos considerar também que, “[...] existe todo um contexto ao qual o tradutor tem de estar muito atento [...] muitas vezes a tradução não

pode ser literal, tem de manter a ‘essência’ dos ensinamentos, porém adaptando o texto ao contexto brasileiro” (WARAGAI, 2008, p. 90, grifo da autora).

Em segundo lugar, podemos notar que *Seicho-No-Ie* e Taniguchi, foram apresentados aos leitores, respectivamente, como “movimento espiritual não sectário” e “líder espiritual que havia estudado filosofia e não teria o intuito de converter as pessoas”. Tal fato esteve relacionado a uma estratégia, que passou a ser recorrente na revista, em relacionar a SNI não enquanto uma religião específica, mas sim como uma filosofia. “Baseando-se na filosofia do Dr. Taniguchi, esclarecida pela *Seicho-No-Ie* [...]” (ACENDEDOR, 1966c, p.41, grifos dos autores). Observando tal estratégia, podemos concordar com o argumento de Silveira (2016, p.116), ao notar como o discurso centrado na “filosofia da vida”, por parte da SNI/BR, possibilitou sua acomodação ao “local”:

Adotar o “termo filosofia de vida” é um meio de ressaltar qualidades que não são encontradas pelos sujeitos em outros grupos religiosos representados como tradicionais, incompletos ou distantes daquilo que alguns indivíduos compreendem enquanto necessidade do mundo contemporâneo – daí a razão de “filosofia de vida” ser sinônimo de abertura e flexibilidade [...] Essa questão é bastante interessante porque revela as recomposições institucionais e estratégias de envolvimento com a paisagem local [...] Segundo nos parece, a condição de “filosofia de vida” foi útil no passado como um meio de alcançar adeptos e simpatizantes sem que isso significasse algum tipo de fricção com a religiosidade majoritária que até algum tempo era um poderoso traço da identidade nacional e a principal medida para eventuais estranhamentos.

Daí a possibilidade de uma maioria católica, por exemplo, se interessar pelos aspectos filosóficos contidos nas publicações da SNI. “Assim, eles reafirmam a estratégia de Taniguchi, de apresentar a *Seicho-No-Ie* em harmonia com todas as religiões. Evitam, desse modo, conflitos, tanto públicos com outras religiões, como, em nível particular, com suas crenças já arraigadas” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 46-47).

Em terceiro lugar, podemos destacar como a própria formação sincrética da SNI foi utilizada levando-se em conta um destaque maior aos elementos cristãos – como forma de explorar a liderança de Taniguchi, centrada nas “revelações divinas” da tradição xintoísta do *hitogami* (“*kami* homem”). As meditações realizadas por Taniguchi foram apresentadas brevemente – sem alusão ao Budismo *Mahayana* –, as orações no santuário Xintoísta não foram citadas, a influência do Novo Pensamento não foi

destacada e a menção ao *Jissô* foi substituída diretamente pela tradução “mundo da realidade”. “[...] este [...] grupo procurou, no Ocidente, manter um diálogo com a tradição cristã e enfatizou a proximidade de seu ensinamento com a Bíblia” (PEREIRA, 2013, p. 104). Neste sentido, os leitores sem ascendência nipônica se deparam com as “orações diárias” realizadas por Taniguchi, a “revelação divina” recebida – dizendo que “o homem é filho de Deus” –, bem como a necessidade de, através das publicações, transmitir o “poder de cura” e “milagre do evangelho”. “O sincretismo doutrinário da Seicho-No-le permitiu que aspectos religiosos familiares aos brasileiros fossem reinterpretados com apoio do quadro fornecido por Taniguchi” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 54).

#### **6.4 A estruturação dos conteúdos**

Após a apresentação geral da figura de Taniguchi – e da SNI –, devemos observar como a Revista *Acendedor* foi organizada internamente. Em primeiro lugar, do ponto de vista dos autores que compuseram os textos, foi possível observar – tomando como base a dependência com a matriz e a própria manutenção de resquícios relacionados ao *ie* – a presença dos escritos de: Masaharu Taniguchi (em maior volume); Seicho Taniguchi (em segunda maior quantidade); Teruko Taniguchi (a partir do nº 3 lançado em 1966); Katsumi Tokuhisa – a partir do nº 5 lançado em 1966 – e Emiko Taniguchi – presente a partir do nº13 publicado em 1968. Ademais, vale acrescentar – levando em consideração um diálogo mais acentuado com a população brasileira em geral – os textos das lideranças locais Miyoshi Matsuda (presentes até o nº 9 da revista, lançado em novembro de 1967) e Shiguemi Murakami (presentes até o nº 5, lançado em 1966). Em segundo lugar – também tomando como base uma acomodação ao “local” – foi possível detectar a inserção de propagandas, imagens, informações e publicações dos primeiros relatos (ACENEDOR, 1965; 1966a; 1966b; 1966c; 1966d; 1967a; 1967b; 1967c; 1967d; 1968a; 1968b; 1968c; 1968d; 1968e; 1968f).

**Figura 19 – Emiko Taniguchi e Seicho Taniguchi**



Fonte: (ACENEDOR, 1968d, p. 24)

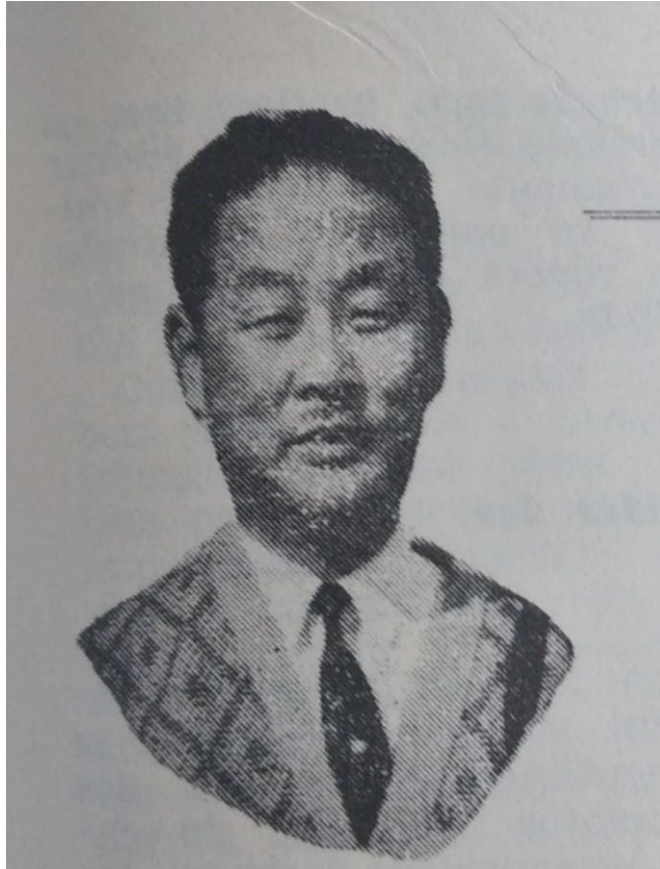


**Figura 20 – Teruko Taniguchi**



**Fonte: (ACENEDOR, 1996a, p. 31)**

**Figura 21 – Katsumi Tokushisa**



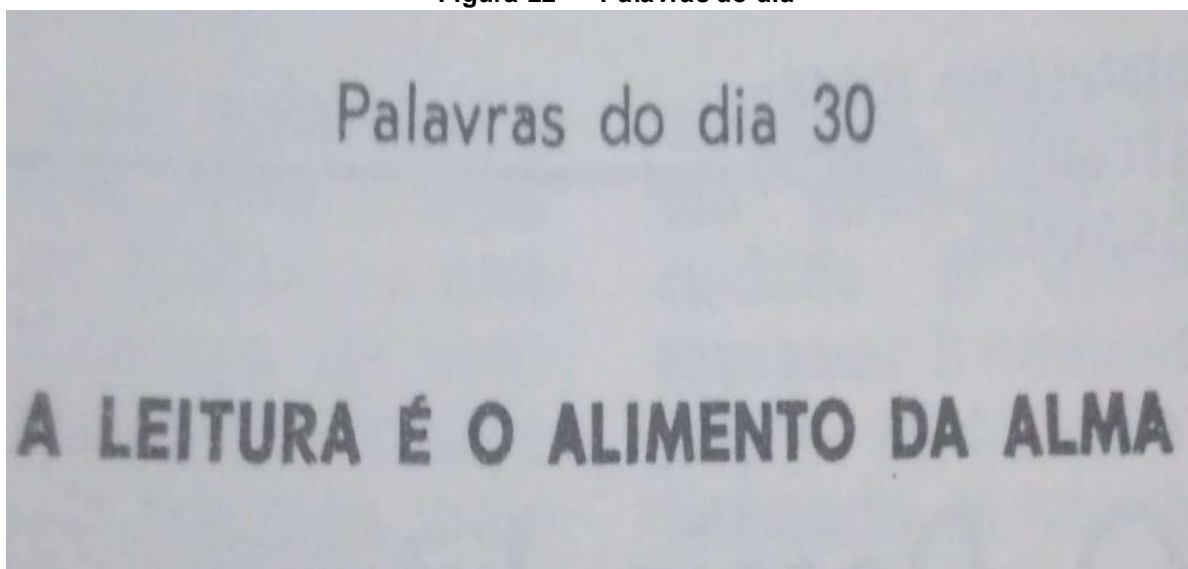
**Fonte: (ACENDEDOR, 1967d, p. 31)**

Em relação ao aspecto temporal dos textos em japonês para tradução, foi possível perceber que os mesmos foram publicados, em sua grande maioria, após o término da Segunda Guerra Mundial – especificamente falando, a partir de 1949. Daí a tendência em reforçar o discurso, mais aberto ao global, assumido pela SNI em momento posterior a este conflito. Podemos citar, como exemplo, a presença das seguintes publicações usadas pela Revista *Acendedor*: 1) *Seinen no Sho*, “O livro dos jovens” – obra de Taniguchi publicada em 1949; 2) Os números da Revista *Seicho-No-le* lançados em agosto de 1958 e março de 1967; e 3) O número da Revista *Shirohato-Kai* datado de julho de 1965. Ademais, devemos destacar o uso, em larga escala, de duas revistas da SNI – que começaram a ser publicadas em momento posterior à Segunda Guerra Mundial. Sendo elas: 1) *Risso Sekai* – destinada ao público jovem e ligada à Associação dos Moços; e 2) *Hikari no Izumi* – voltada aos principiantes da SNI (ACENDEDOR, 1965; 1966a; 1967a; 1967b; 1967c; 1967d; 1968a; 1968b; 1968c; 1968d; 1968e; 1968f).

#### 6.4.1 Os “Preceitos diários”

Passando para o padrão do conteúdo da revista, foi possível detectar, em todos os números publicados até novembro de 1968, a presença dos “Preceitos diários” – que foram escritos por Masaharu Taniguchi. Segundo Albuquerque (1999, p. 55, grifo da autora). “Todos os números têm reservadas várias páginas aos “Preceitos Diários”, reunidos sob um tema que apresenta orientação para cada dia do mês, com base na doutrina da *Seicho-No-le*”. Neste sentido, podemos notar que tais preceitos, estão intimamente ligados à doutrina da SNI. Ademais, se analisarmos o motivo da escolha dos mesmos – pensando na divulgação da SNI para o “local” –, vale destacar que apareceram acompanhados das chamadas “palavras do dia” – o que remete ao “poder das palavras” e sua relação com as publicações da doutrina da SNI, já discutidos nesta tese.

**Figura 22 – “Palavras do dia”**



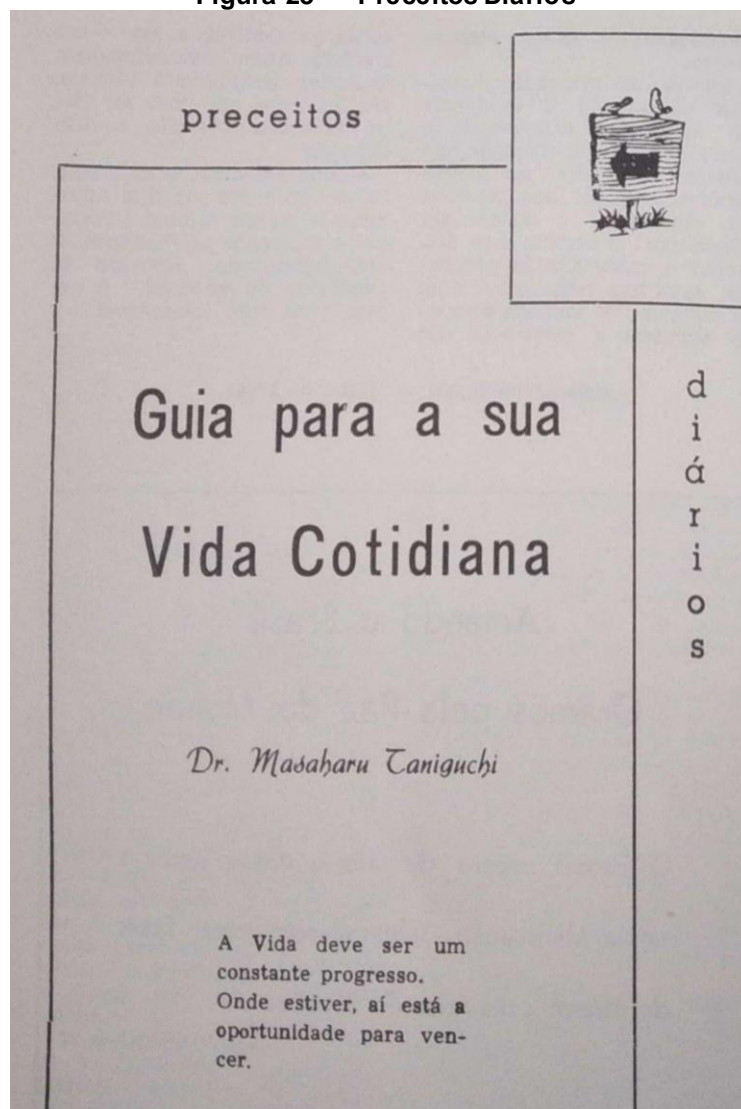
**Fonte: (Acendedor1967a, p.23)**

Daí a estratégia, por parte da Revista Acendedor, em atrair leitores – além de fazer com que os mesmos conheçam mais sobre os benefícios das publicações da SNI para a vida cotidiana:

Quando conhecer realmente a Verdade – Homem, Filho de Deus – desaparecerá o complexo de inferioridade. Para conhecê-la, deverá ler constantemente os livros que contém estas Verdades. Na escritura sagrada Kanro no Hooou – A Chuva Nectária das Doutrinas Sagradas – está escrito de modo sintético toda esta Verdade. Leia-a, portanto, refletindo claramente o seu significado com o fim de fazê-lo penetrar no subconsciente. [...] a palavra possui poder criativo [...] A palavra, porém, manifesta o poder criativo somente quando for acompanhada da “mente, pensamentos e sentimentos”. Portanto, a Verdade do “Homem, Filho de Deus” será uma força capaz de movimentar montanhas, quando pensar internamente, ao invés de exteriorizar. Isso porque, quando pensar (meditar) no íntimo, estará acumulando uma grande convicção de fé [...] “Sou filho de Deus. Como Deus me protege, hoje também será um ótimo dia”. Repetindo estas palavras umas vinte vezes logo ao despertar [...] ajudará para aprofundar a convicção (ACENDEADOR, 1967a, p. 6-7-8, grifos do autor).

Conforme aponta Clarke (2008, p. 29). “[...] as novas religiões japonesas [...] ofereceram aos brasileiros que passavam por uma acelerada modernização [...] não apenas uma forma de cura, como também uma ética para o dia-a-dia em um ambiente competitivo, dominado pela insegurança [...]”.

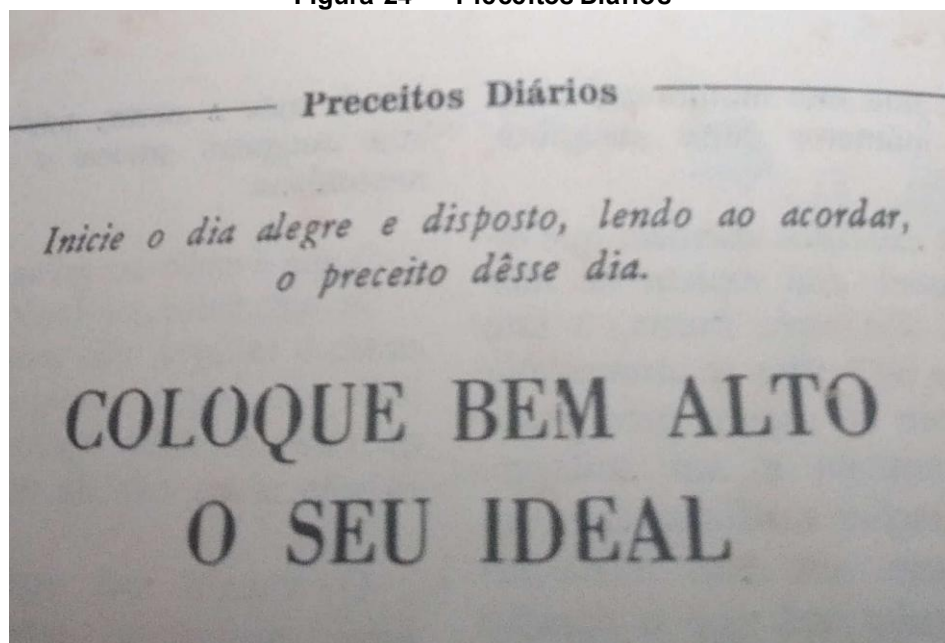
Figura 23 – “Preceitos Diários”



Fonte: (ACENEDOR, 1967a, p.4)

Vale destacar também que nos “Preceitos diários” haveria uma espécie de mensagem para os leitores. “O leitor deve possuir Fé. A Fé é que lhe oferece a chave para concretização do Ideal” (ACENDEDOR, 1965, p. 4). Neste sentido, a relação direta entre leitor e Revista Acendedor, poderia expressar um fenômeno recorrente, observado a partir da década de 60, relacionado à, “[...] tendência de busca da experiência direta com o sagrado e do contato imediato com o divino [...] o próprio sincretismo inerente da Seicho-No-le revelaria certo caráter utilitarista” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 106).

Figura 24 – “Preceitos Diários”



Fonte: (ACENDEDOR, 1968b, p. 4)



#### 6.4.2 “As Preleções do Evangelho”

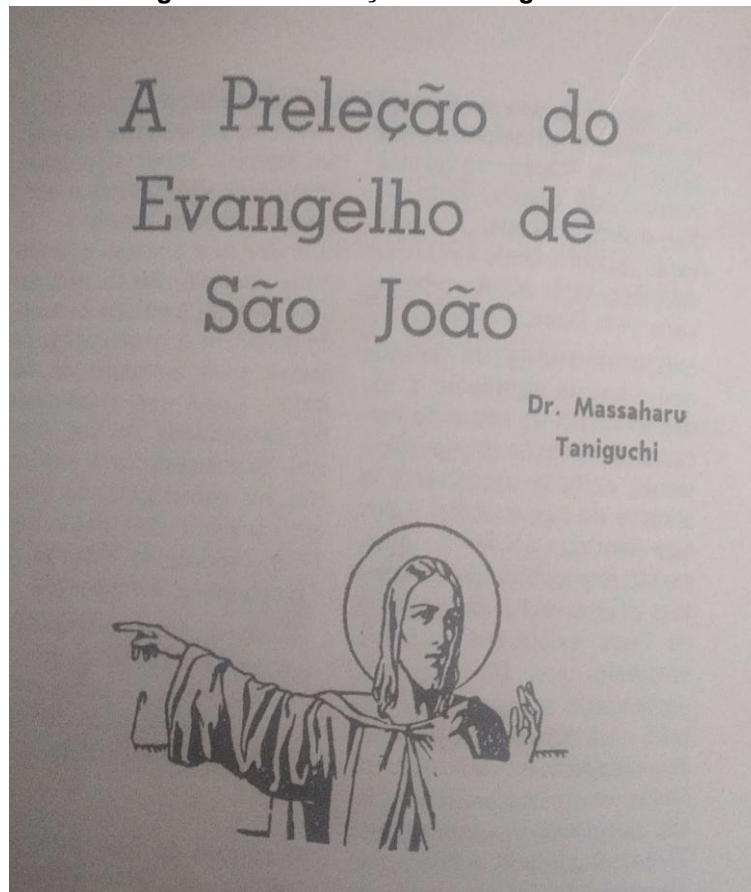
Além dos “Preceitos diários”, foi possível perceber que as “Preleções do Evangelho” – também escritas por Taniguchi – estiveram presentes em todos os números da Revista *Acendedor* – publicados até novembro de 1968. De acordo com levantamentos efetuados por Waragai (2008, p. 104). “O chefe de departamento de tradução da *Seicho-No-Ie* [...] informou que foram escolhidas, para as primeiras traduções destinadas aos brasileiros, publicações de Taniguchi que se referem a Cristo [...]”. Neste caso, considerando o contexto “local”:

Assim, foram propositalmente traduzidos vários dos escritos do fundador Masaharu Taniguchi (1893-1985) em que ele discute passagens do Novo Testamento, em óbvio esforço para atingir o público majoritário que professa a fé cristã no Brasil. Ou seja, neste e em outros grupos, o diálogo religioso, em geral, se dá com a tradição religiosa hegemônica (PEREIRA, 2013, p. 104).

Nas preleções, foi possível detectar trechos contendo, por exemplo, os significados bíblicos: do batismo; da festa da Páscoa; da cruz; da ressurreição e dos “milagres” de Jesus Cristo (ACENDEADOR, 1966a; ACENDEADOR, 1966c). Ademais, os leitores também poderiam se deparar com partes em que Taniguchi relacionou, diretamente, Cristianismo e *Seicho-No-Ie*. “Jesus quis dizer aqui o seguinte ‘eu conheço esta verdade através da concepção direta da Realidade (Jissô). Sou filho de Deus. Sou a pura Realidade” (ACENDEADOR, 1966a, p. 51, grifos do autor).

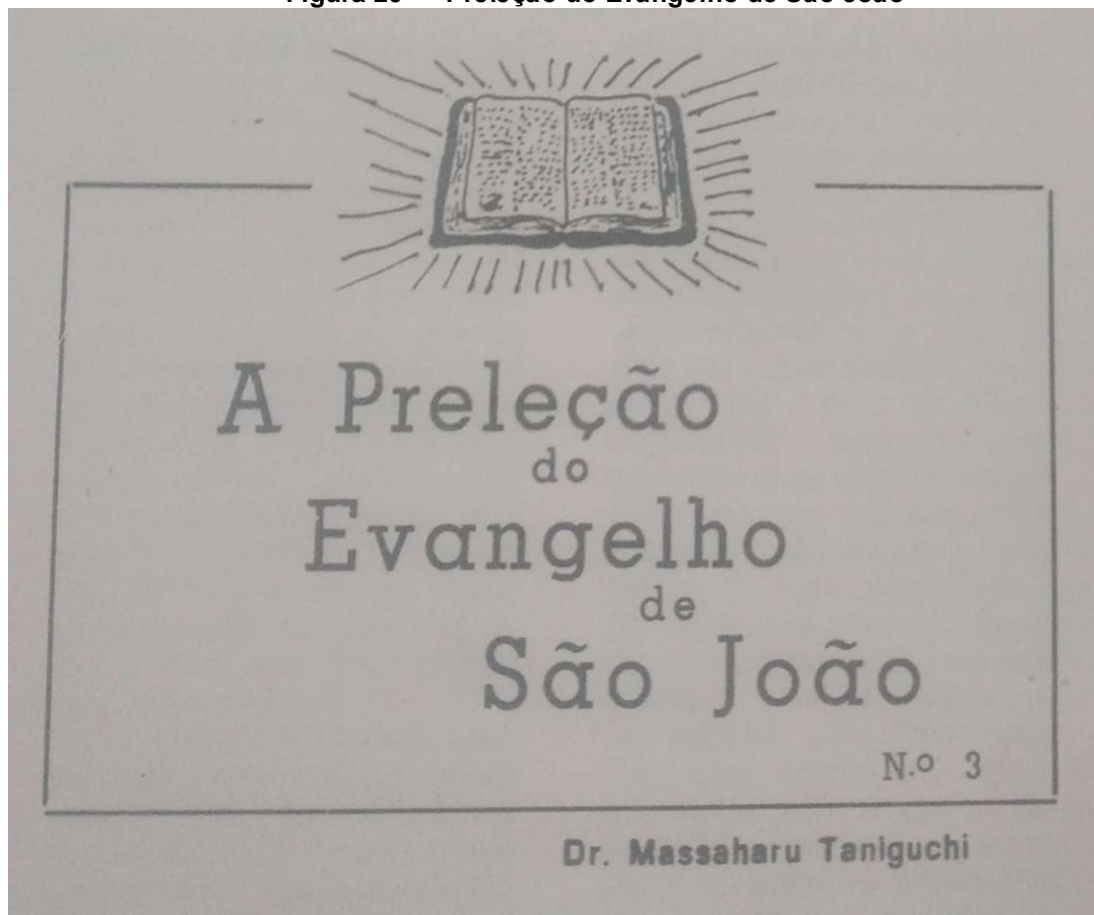
Vale acrescentar que, em conjunto ao título “Preleções do Evangelho de São João”, foi possível identificar a presença de imagens da Bíblia, de Jesus Cristo, da estátua do Cristo Redentor, bem como da visita de Taniguchi – e Teruko – ao Arcebispo Dom Jaime de Barros Câmara no Rio de Janeiro – em 1963. “Porém, a mensagem costuma ser mais facilmente compreendida em um meio estrangeiro se houver um esforço tradutório, para conectar com a cultura local, através de uma [...] simbologia que soe familiar” (PEREIRA, 2013, p. 106). Daí os seguintes recursos visuais explorados.

Figura 25 – “Preleção do Evangelho de São João”



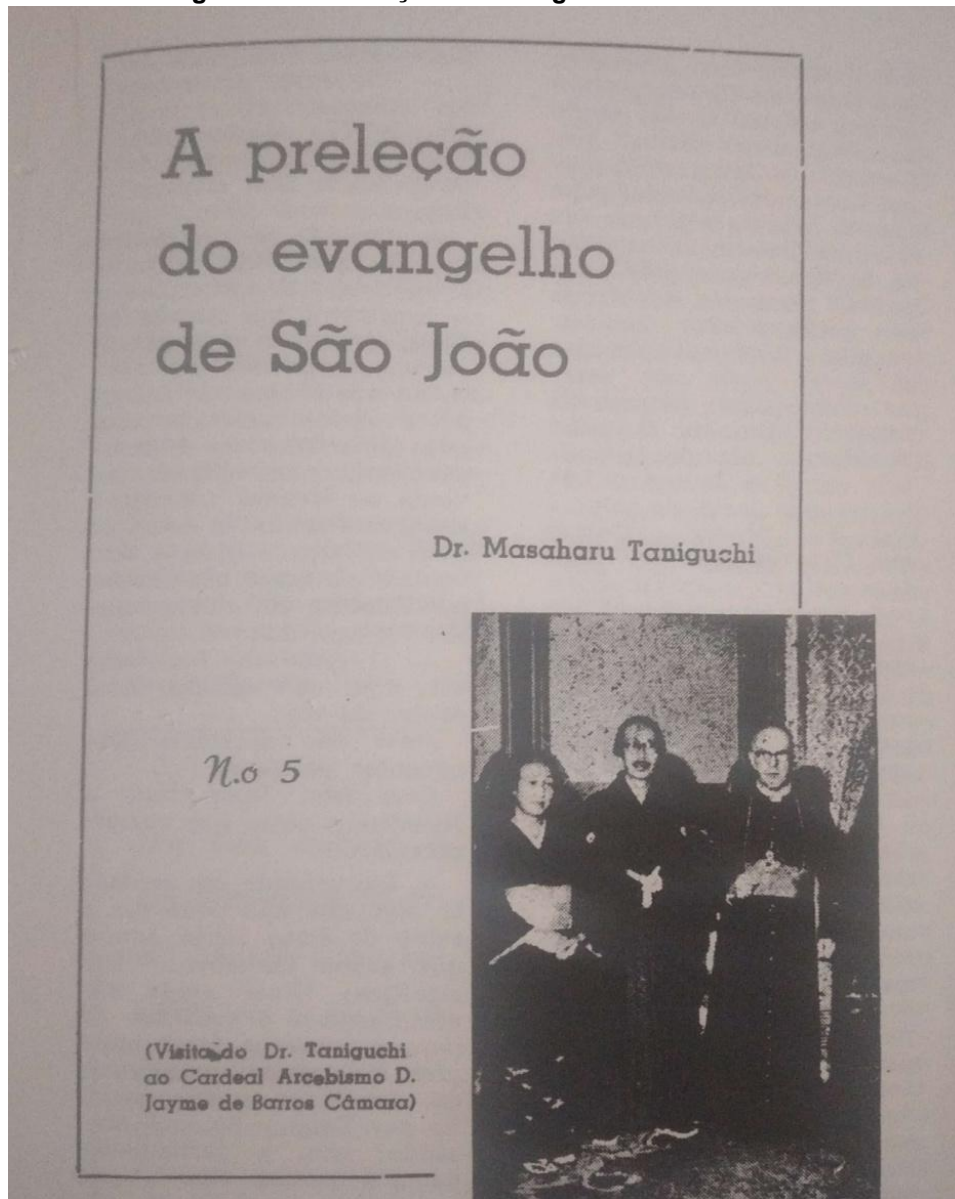
Fonte: (ACENDEDOR, 1965a, p. 20)

Figura 26 – “Preleção do Evangelho de São João”



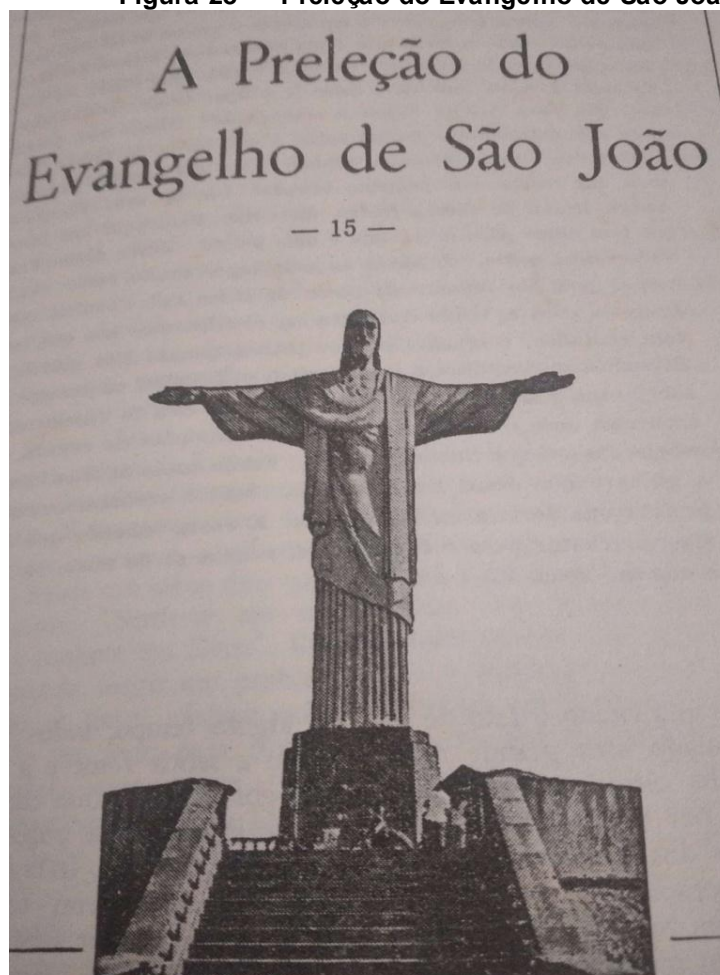
FONTE: (ACENEDOR, 1966c, p. 43)

Figura 27 – “Preleção do Evangelho de São João”



Fonte: (ACENEDOR, 1966a, p. 47)

Figura 28 – “Preleção do Evangelho de São João”



Fonte: (ACENEDOR, 1968f, p. 49)

Além dos conteúdos da doutrina cristã, vale destacar que a escolha do “Evangelho de São João”, também indicaria uma forma de atrair os leitores para os êxitos da filosofia da *Seicho-No-le*, já que este evangelho, segundo Taniguchi, seria uma obra literária de forte teor espiritual que simbolizaria o “poder das palavras”. “Hoje pretendo esclarecer sobre “O verbo é Deus” e elucidar o estudo espiritual da palavra [...] a palavra significa vibração da vida” (ACENDEADOR, 1965, p. 24, grifo do autor). Neste sentido:

No Evangelho de João encontra-se uma filosofia puramente espiritual sobre a biografia de Jesus Cristo. A [...] filosofia de Jesus Cristo foi interpretada pela *Seicho-No-le* aplicando-a na vida real e com isto teve grande êxito [...] Podemos dizer, portanto, que o Evangelho de São João ensina a mesma filosofia da *Seicho-No-le*. Os leitores poderão ler com essa intenção acima citada (ACENDEADOR, 1966b, 30).

Desta forma, o leitor da Revista *Acendedor* encontraria, nas preleções, orientações de vida abertas às diversas crenças:

Vou iniciar a preleção do Evangelho de João Batista. Explico-lhes porque a *Seicho-No-le* faz preleção [...] da Bíblia [...] *Seicho-No-le* não é uma determinada seita religiosa. Ela prega a verdade de que todas as religiões reduzem ao único princípio. Portanto, nas suas conferências comparecem os xintoístas, cristãos e budistas [...] *Seicho-No-le* quer que todos conheçam a essencialidade de todas as religiões, e a religião tem como função unir a vida individual com a vida divina do universo, e isso é que faz desaparecer as moléstias. A *Seicho-No-le* ensina que se dissipam as doenças ao recuperar-se a união entre a vida individual e a vida universal (ACENDEADOR, 1965, p. 23-24).

Observando esta configuração da revista, podemos concordar com o seguinte argumento dado por Clarke (2008, p. 42), a respeito da aceitabilidade da *Seicho-No-le* entre os brasileiros. “Parte do seu sucesso pode ser atribuído à decisão de permitir que sua identidade permanecesse uma questão em aberto [...] Os católicos, os cristãos e pessoas de outras religiões podem sentir-se perfeitamente em casa”.

Arelada a esta filosofia – somada à própria ênfase ao teor espiritual –, foi possível identificar na “Preleção do Evangelho de São João” presente no nº4 da Revista *Acendedor* – publicado em 1966 –, menções, ainda incipientes, referentes à mediunidade, médiuns e carma (ACENDEADOR, 1966c). Observando a presença destes elementos na revista, podemos sugerir que haveria, naquele momento, uma tentativa

inicial de atrair brasileiros ligados ao Espiritismo. Segundo Albuquerque (1999, p. 94), haveria uma relação, no contexto brasileiro, entre *Seicho-No-Ie* e Espiritismo – referente ao papel que ambas dariam às publicações. “O farto material impresso de que se valem exigiria de seus adeptos [...] grande interesse por reafirmar convicções religiosas por meio da leitura”. Ademais, levando-se em conta tal importância para as publicações, cabe dizer que a própria formação sincrética do Espiritismo – combinando elementos ocidentais e orientais – também favoreceria esta aproximação:

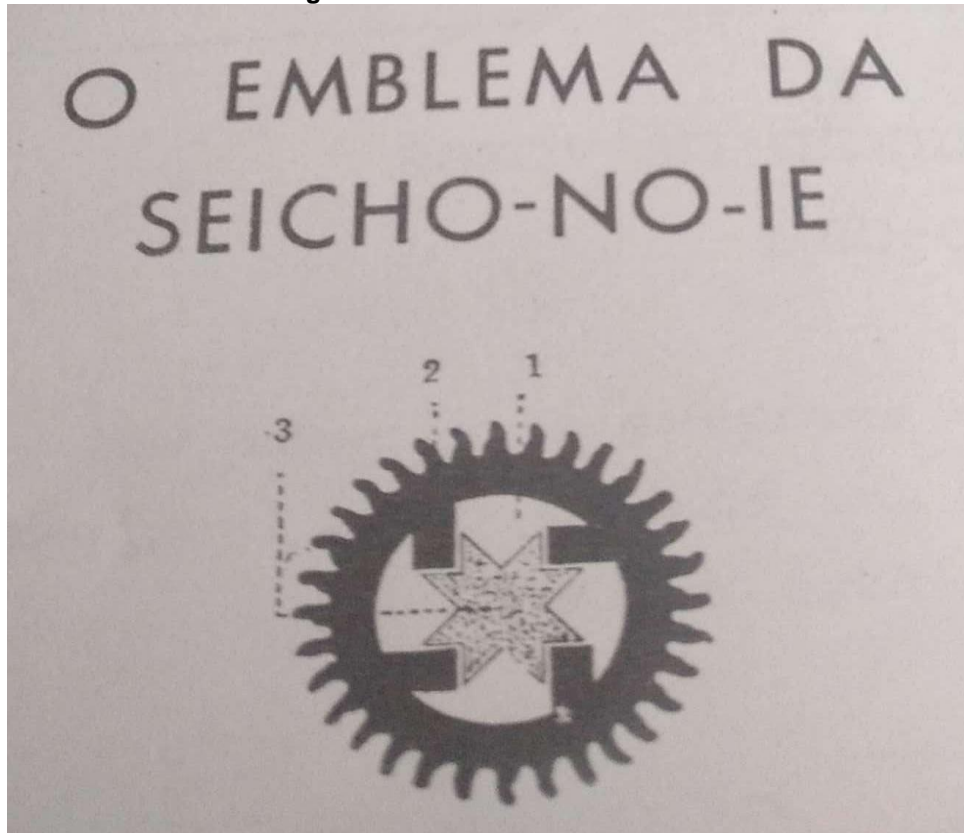
O Espiritismo é um [...] componente desse campo religioso local bastante significativo para a Evolução do Xintoísmo, Budismo e das novas religiões japonesas [...] O Espiritismo combina em sua doutrina religiosa a teologia monoteísta e a ética cristã com doutrinas como carma e reencarnação. Ao mesmo tempo, muitos espíritas defendem a ideia de que a doença é uma disfunção de energia corporal, que pode ser curada a uma distância através de vibrações positivas pela imposição das mãos (passe). Enquanto carma e reencarnação também estão associados com o Budismo, o conceito espírita de doença e cura através da transmissão da energia com as mãos compartilha raízes com a Igreja Messiânica, cuja prática messiânica do *johrei* tem semelhanças com o passe (USARSKI; SHOJI, 2017, p. 113-114, grifo dos autores).

Conforme sugere Silveira (2016, p. 52, grifos do autor), o próprio conceito de “carma”, presente no Espiritismo, evidenciaria a relação entre Oriente e Ocidente. “[...] o Espiritismo, fundado por Hippolyte Léon Denizard Rivail, mas conhecido por Alan Kardec [...] reelaborava o conceito hindu ‘carma’ e o conceito científico ‘evolução’ a fim de produzir o que os adeptos desse movimento chamam de ‘codificação’”.

#### **6.4.3 O significado do emblema**

Em relação aos textos de Seicho Taniguchi, vale destacar como a revista procurou apresentar o significado do emblema da *Seicho-No-Ie*.

Figura 29 – Emblema da *Seicho-No-Ie*



Fonte: (ACENDEDOR, 1967d, p. 42)



Vale destacar que, em 1934, Masaharu Taniguchi inseriu, nas publicações, um emblema oficial que sintetizaria o sincretismo da SNI. “O símbolo da Seicho-No-Ie está nos estandartes, bandeiras, materiais impressos, edifícios e mesmo nos distintivos de lapela” (DAVIS, 1997, p. 173). No caso da explicação deste emblema publicado na Revista *Acendedor*, é preciso destacar que o texto original, escrito por Seicho Taniguchi, foi inserido na Revista *Seicho-No-Ie* em 1958. Considerando o contexto posterior à Segunda Guerra Mundial, não houve uma menção à origem do emblema: ele foi idealizado por um adepto da *Seicho-No-Ie* chamado Yatsuharu Yamane – um escultor que integrava o corpo de jurados das exposições de esculturas realizadas pela Academia Imperial do Governo Showa (DINIZ, 2006). Ademais, apesar do significado do emblema fazer uma menção à tradição xintoísta japonesa, foi possível notar, na explicação, uma ênfase ao sincretismo, bem como do papel da SNI em esclarecer, aos leitores, que o emblema expressaria uma ideia de união presente em todas as religiões:

A parte mais externa do emblema é o círculo solar, do qual saem trinta e dois raios simbolizando a luz que tudo ilumina. Logo em seguida, na parte mais interna se encontra a lua, e bem no meio, uma estrela. Os três astros juntos simbolizam o universo. Deus é a lei fundamental que rege todo o universo e tudo foi criado sob suas leis. O mundo do Jissô (Realidade) por ele criado é a Seicho-No-Ie e por este motivo estão expressos aqui o sol (1), a lua (2) e a estrela (3). O sol representa também o xintoísmo do Japão e a lua, o budismo. O xintoísmo clássico japonês venerou a deusa Amaterasu como símbolo do sol e por isso o sol representa o xintoísmo. O círculo do sol indica ainda a Grande Harmonia, o “Espírito Yamato”, símbolo do espírito japonês. A lua representa o budismo porque ele prosperou-se grandemente num país denominado Lua [...] – surgido na região oeste da China que se alastrou ao extremo sul e norte do século I. Os grandes sábios chineses peregrinaram até lá para copiar os livros sagrados do budismo. O budismo dá grande valor à lua e Buda tomava-a para esclarecer seus ensinamentos [...] A seguir, a estrela tem uma profunda relação com o cristianismo, pois no dia do nascimento de Jesus Cristo, três sábios foram guiados até ele por uma estrela milagrosa. Por outro lado, essa estrela representa a cruz [...] Cristo pregou seu corpo na cruz e ressuscitou para revelar à humanidade que o corpo carnal não existe originalmente, o que existe realmente é somente a Vida de Deus [...] O emblema da Seicho-No-Ie, que traz esses três símbolos [...] representa a união de todos os ensinamentos religiosos, que se retornam em uma única verdade [...] a missão da Seicho-No-Ie é transmitir essa Verdade Única (ACENDEDOR, 1967d, p. 42-43-44, grifos do autor).

Considerando este texto incluso na Revista *Acendedor* – apresentando ao leitor as explicações detalhadas do emblema da *Seicho-No-Ie* –, podemos concordar com a

seguinte afirmação de Silveira (2016, p. 111, grifo do autor) a respeito da acomodação da SNI ao sincretismo histórico do panorama religioso brasileiro:

[...] o sedimento que define a paisagem religiosa brasileira é caracterizado por uma “abertura” oriunda de uma experiência histórica de diversidade religiosa [...] de um contexto onde a pluralidade, ainda que experimentada a partir de uma narrativa cristã, crie um ambiente com predisposições às inovações religiosas.

#### 6.4.4 A manutenção da presença do *ie*

Em relação ao vínculo do *ie* com a *Seicho-No-Ie*, vale mencionar que a presença dos textos escritos após a Segunda Guerra Mundial –, também indicaria uma forma de apresentar a abertura – embora bastante incipiente – do papel da mulher atrelado unicamente ao lar. Tomando como base um dos “Preceitos diários” de Taniguchi, evidentemente não se pode negar que na Revista *Acendedor* foi possível perceber uma forte relação da SNI com o modelo patriarcal do *ie*. “Citarei abaixo as qualidades necessárias para uma mulher ser uma boa esposa [...] o homem que possuir uma mulher com estas características terá um lar feliz [...]” (ACENDEADOR, 1996c, p. 10-11). O mesmo se pôde notar pelas presenças – e simbologias – dos textos das lideranças femininas Teruko Taniguchi e Emiko Taniguchi – indicando, desta forma, que os rumos do movimento, no período posterior à Segunda Guerra Mundial, ainda carregava um forte teor patriarcal e que os mesmos foram mantidos através das publicações da Revista *Acendedor*. Segundo Staemmler (2018), Masaharu Taniguchi, tomando como base a literatura da SNI, chegou a desenvolver cursos, a partir de 1954, destinados a formar um público feminino jovem capaz de, futuramente, exercer habilidades domésticas. O objetivo principal de tais cursos seria a formação de “esposas capazes de levar as famílias à iluminação” (*katei o kōmyōka suru fujin*).

Figura 30 – “A Criação de um belo lar”



Fonte: (ACENDEDOR, 1968e, p. 38)

Todavia, considerando, por exemplo, o texto de Teruko Taniguchi “O ideal da mulher e sua verdadeira razão de ser” – escrito originalmente no ano de 1965 na Revista *Risso Sekai* e publicado na Revista *Acendedor* em 1966 –, podemos notar o seguinte trecho:

Viver feliz com seu esposo e familiares, quaisquer que seja a sua profissão, é a razão de ser de uma esposa e mãe [...] O ideal da mulher é expressar a essência feminina criada por Deus [...] o seu ideal consiste em realizar plenamente o papel da esposa e mãe, de conformidade com a sua vocação. Admito, contudo, certas exceções, pois creio que as mulheres com alguma outra vocação especial, poderiam seguir este outro caminho, se isto estiver beneficiando mais o mundo do que executar os serviços domésticos, e se sentirem maior alegria de viver nesta vocação. Basta sentirem a razão de viver e servirem à humanidade dedicando-se com ardor para a vocação de cientistas, educadora, religiosa ou qualquer outro campo (ACENDEADOR, 1966c, p. 25-26).

Neste caso, embora ainda considerando a função principal da mulher como mantenedora da harmonia no lar – é possível dizer que a Revista *Acendedor* estaria, em alguma medida, acompanhando uma tendência observada a partir da década de 60 no Brasil. “Surge o trabalho da mulher fora do lar, e assim, famílias que eram sustentadas apenas pelo homem passam a ser sustentados por ambos, o marido e a esposa” (WARAGAI, 2008, p. 49).

#### **6.4.5 O significado da “cura”**

Por último, vale destacar a relação entre as publicações da SNI e cura presentes nos escritos de Katsumi Tokuhisa. Em primeiro lugar, é preciso observar que, na Revista *Acendedor*, este ponto foi explorado mediante a descrição do primeiro contato – bem como dos seus desdobramentos – da “figura do médico Katsumi Tokuhisa” com a *Seicho-No-Ie*:

Isto é o livro denominado *Seimei no Jissô* [...] experimentei um tremendo susto com a afirmação peremptória do Mestre Taniguchi: a doença não existe. Creio que qualquer pessoa teria se assustado, porque o meu susto foi verdadeiramente enorme porque era médico. Mas continuando a leitura compreendi que o meu modo de pensar é que estava errado e o que escreve o Mestre Taniguchi é o verdadeiro. Então, ocorreu o meu renascimento, e também o meu destino se transformou completamente e pude conhecer a verdadeira felicidade da vida. Compreendi que: “crendo-se verdadeiramente em Deus é natural que a doença se cure”. No Japão, após a Segunda Guerra começou-se a falar em Medicina Psicossomática. A Medicina começou a falar

que para curar a doença é necessário tratar o doente sob os dois aspectos: o físico e o mental, e não como fazia a medicina de até então que procura curar a doença vendo unicamente o físico, considerando uma coisa independente da mente. O Mestre Taniguchi há mais de trinta e cinco anos explicou que a doença é curada pela mudança da mente, e curou realmente muitos doentes. Apesar de ter ocorrido casos concretos de curas, a maioria das pessoas dizia que era bobagem [...] Todavia, após a guerra, foi reconhecido pelos americanos sob o nome de Medicina Psicossomática, que “existe profunda relação entre a mente e a doença” [...] O Mestre Taniguchi nos explica por meio das palavras que o físico é sombra da mente, portanto, mudando-se a mente também o físico se transforma [...] a Medicina Psicossomática diz que se não houver a cura da mente a doença não se cura (ACENDEADOR, 1966a, p. 28-29-30, grifos do autor).

Considerando esta relação – bem como o contexto japonês entre SNI e Medicina Psicossomática presente, pela fala de Tokuhisa, após o desfecho da Segunda Guerra Mundial –, podemos dizer que a Revista Acendedor estaria em sintonia com uma tendência observada no quadro sociocultural do Brasil – observada a partir da segunda metade do século XX. “O indivíduo vai ao médico e este não cura [...] a religião cumpre aquilo que o mundo profano não dá” (PIERUCCI; PRANDI, 1996, p. 17). Neste sentido:

As religiões que curam são plurais e estão em constantes transformações, manipulando símbolos culturais de espantosa diversidade. E essa diversidade mais se alarga [...] no interior da sociedade brasileira [...] A medicina oficial não é capaz de superar e apagar o efeito terapêutico dessas religiões [...] (PIERUCCI; PRANDI, 1996, p. 17-18).

Assim, a SNI – através de suas publicações – seria apresentada para os leitores brasileiros como uma alternativa da busca de cura relacionada a uma medicina não tradicional que estava se desenvolvendo.

## **6.5 A mensagem das lideranças locais aos brasileiros**

Em relação aos textos das lideranças locais, vale destacar como o slogan da Associação dos Moços da SNI do Brasil, “Amando o Brasil, Oramos Pela Paz do mundo” – tomando como base o discurso centrado no “Movimento de Iluminação para a Humanidade” assumido por Taniguchi após a Segunda Guerra Mundial –, foi seguido e explorado por Miyoshi Matsuda e Shiguemi Murakami.

No caso de Miyoshi Matsuda, vale destacar, inicialmente, como foi apresentada a relação história entre Japão e Brasil para aos leitores da Revista Acendedor. As

dificuldades enfrentadas pelos japoneses no processo de imigração, as perseguições e censuras sofridas no período da Segunda Guerra Mundial – bem como as tensões entre “derrotistas” e “vitoristas” no período posterior ao término deste conflito –, não foram mencionadas:

Há anos, nós, os japoneses, estamos sendo criados nos braços calorosos do povo e da nação brasileira. Devemos agradecer de toda a alma a dedicação deste nobre país em que, apesar de sermos estrangeiros pudemos, sem nenhuma humilhação, sentir seguros como se estivéssemos na nossa própria terra. Ao estarmos sob o cuidado desta nação, nasceram os nossos filhos [...] brasileiros, a despeito de serem filhos de japoneses [...] Eu, em particular, morando aqui durante 31 anos, sou pai de sete filhos, todos brasileiros. Devemos refletir de que forma precisamos retribuir a este país, onde devemos imensa gratidão e onde nossos filhos irão atuar, educando-os para serem verdadeiramente úteis. A cobiça, que vem há muito tempo de realizar um mundo onde não haja extinção nem lutas, tornará possível ao recorrer nos caminhos deste movimento. Por meio deste ensinamento fomos orientados para conhecer o verdadeiro Cristo, notável e caridoso, e fomos guiados para a felicidade sem haver necessidade de maldizer as outras ordens religiosas. Assim, transmitindo este ensinamento aos colegas da colônia, pude comprovar a exatidão da verdade. A minha própria vida e a vida de cada um do povo brasileiro são unas [...] O movimento do Mestre Dr. Masaharu Taniguchi é o movimento de iluminação de toda humanidade, por isso mesmo não está limitado apenas para certas pessoas favorecidas serem felizes [...] Nós decidimos, como retribuição de favor ao Brasil e ao seu povo progredi-los, tomando-os felizes um por um, transmitindo o ensinamento que faz a humanidade se reconciliar. Sinto imensamente grato e alegre-me em poder servir aos oitenta milhões de brasileiros, inclusive às gerações seguintes dos japoneses, traduzindo para o português este ensinamento de categoria máxima (ACENDEADOR, 1965, p. 16-17).

Neste sentido – levando-se em conta o sincretismo genuíno aliado à ênfase aos agradecimentos presentes na SNI –, Miyoshi Matsuda apresentou, aos leitores da revista, como a hospitalidade dos brasileiros – dada aos imigrantes japoneses – seria retribuída pelas traduções dos ensinamentos de Taniguchi voltados à “iluminação da humanidade”. Ademais, podemos dizer que a influência do *ie* foi utilizada para destacar uma espécie de unidade harmônica entre japoneses e brasileiros enquanto “uma só família” – evitando, por outro lado, fazer uma alusão à unicidade entre japonês e o imperador, enfatizados por Taniguchi antes do término da Segunda Guerra Mundial. “Em 1º de outubro de 1965 naturalizei-me brasileiro [...] Mas, mesmo que me naturalize, irei naturalmente possuir o espírito japonês até a morte e creio que não perderei o orgulho de ser japonês” (ACENDEADOR, 1967d, p. 35).

Em segundo lugar, valendo-se das influências cristãs presentes na formação sincrética da SNI, podemos perceber como este fator foi explorado na revista através da experiência religiosa da “figura do imigrante Miyoshi Matsuda” no Brasil:

Eu procurei fazer a vida no Brasil [...] A maioria daqueles que imigraram para o Brasil tem como seu objetivo somente lucrar. Sentia-me, pois, angustiado pela simples razão de pensar se o verdadeiro motivo para o homem viver era realmente visar o dinheiro [...] Foi durante essa viagem que pela primeira vez entrei em contato com o Evangelho de Cristo [...] O Evangelho de Cristo naquele momento que conheci era: “ama o teu próximo como amas a ti mesmo”. Assim, a nuvem [...] que envolvia o meu íntimo foi deslocada pela luz íntima da Verdade [...] Experimentei uma profunda [...] alegria. Era uma alegria pura e nova [...] Caros leitores, aproxima-se o momento para que o mundo de agora e toda a humanidade sejam salvas pela luz emanada desse sagrado versículo. Sinto na minha mente [...] o amor de Cristo. Cristo está no íntimo de cada um de nós [...] Leitores, procuremos sentir mais profundamente o significado do “ama o teu próximo como ama a ti mesmo” [...] Se não souber perfeitamente o sentido [...] dificilmente poderá compreender o verdadeiro Evangelho de Cristo e o divino significado da Cruz, e também a Fé e Divindade (ACENDEDOR, 1966b, p. 22-23, grifos do autor).

Desta forma, a ideia do “amor cristão” – que Taniguchi, como vimos, estabeleceu um primeiro contato através do Novo Pensamento –, foi apresentada como um chamado para o leitor da revista difundir e compreender corretamente esta mensagem da Verdade – ou seja, do *Jissô* da SNI – presente na Bíblia.

Em relação aos textos de Shiguemi Murakami vale destacar, inicialmente, como foi apresentada aos leitores da revista, a visão da SNI em relação à instalação da ditadura Civil-Militar em 1964:

O objetivo do nosso movimento da Associação dos Moços da Seicho-No-Ie concentra-se num Movimento de Iluminação para fazer do nosso amado Brasil uma nação ideal, pacífica e plena de Ordem e Progresso. Desta maneira, como podemos então construir uma nação ideal? [...] O governo atual do Presidente Castelo Branco, que foi estabilizado com a revolução quando os patriotas e os militares expeliram a política corrupta, também luta arduamente para edificar uma nova nação ideal. Patriotas, é agora o momento para nós levantarmos! A Seicho-No-Ie ensina que o homem é filho de Deus, e toda humanidade são irmãos da vida. E, devido ao fato de sermos filhos de Deus, gera em nós o desejo de buscar e entender a vontade do nosso Pai [...] Jesus Cristo também nos ensinou a orar da seguinte maneira: “Venha a nós o vosso reino, assim seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu”. Pela sintonização da nossa vibração mental com Deus, é que surge neste mundo dos fenômenos como realidade e plena harmonia. Com o espírito de lutas e greves e de movimentos estratégicos, jamais se tornará evidente um mundo ideal de Ordem e Progresso [...] Cremos convictamente de que é este movimento de divulgação da verdade

que fará concretizar no Brasil amado, uma pátria pacífica ideal (ACENDEADOR, 1966c, p. 38-39, grifos do autor).

Podemos notar que os rumos assumidos pela SNI – após a Segunda Mundial – foram usados como justificativa para considerar como “revolução” a ditadura instaurada. Os leitores foram deparados com trechos bíblicos que reforçaria o sentido de harmonia e ordem proporcionadas por esta “revolução”. “Daí então partiria uma dúvida dos caros leitores: como fazer do Brasil uma nação ideal por meio da Seicho-No-le se aqui é um país católico? A Seicho-No-le e o cristianismo originalmente são unos [...]” (ACENDEADOR, 1966a, p. 43). Os discursos em torno do “perigo do comunismo” – assumidos, por exemplo, por setores da Igreja Católica na época –, também foram incrementados. “Uma nação pode ser comparada a uma árvore [...], todavia se deixar de amá-la [...] ela será atacada pela broca chamada “comunismo” ou “elementos indesejáveis” [...] o nosso Movimento de Iluminação da Seicho-No-le tem como base a ideia de revolucionar o homem [...]” (ACENDEADOR, 1966a, p.45, grifos do autor).

Ademais, mesmo que não mencionado diretamente neste trecho, vale destacar que a ideia de unidade da nação manteve presente as influências do *ie* usadas por Taniguchi – tanto para apoiar o imperialismo japonês, antes do desfecho da Segunda Guerra Mundial, quanto para apoiar uma política nacionalista conservadora até o início dos anos 80. “A proposta de restauração do sistema político-social tradicional japonês é aqui substituída pela aceitação da situação política brasileira” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 25).

O segundo ponto refere-se ao papel da SNI do Brasil em auxiliar a harmonia e ordem – que a “revolução” estaria proporcionando –, através da disseminação de suas publicações nas diferentes esferas sociais que contribuiriam para o bem-estar coletivo:

[...] o Movimento de Iluminação da Seicho-No-le não visa apenas difundir-se entre os japoneses. Para nós, jovens, que nascemos e recebemos bem-estar neste país [...] é natural que dediquemos e colaboremos para a grandeza da nação. Para isso nós, os membros da Seicho-No-le, oramos constantemente para realizar a paz verdadeira no Brasil e levamos avante o movimento de divulgação da verdade, para assim, iluminar a sociedade [...] Atualmente, mesmo no Brasil para conseguir a ordem na sociedade, paz e prosperidade da nação é indispensável que haja uma mudança da visão materialista preponderante para uma visão espiritual do homem, baseando-se nos conceitos cristãos. Esta orientação está ausente nas três camadas educacionais do homem, ou seja, no lar, escola e sociedade [...] Nós amamos o Brasil, portanto,



movimentamo-nos para construir uma nação ideal onde predomina a “Ordem e Progresso”, divulgando em toda parte deste país, a tradução do livro A Verdade da Vida, que é a escrita de reforma humana do Mestre Masaharu Taniguchi [...] ao entrar em contato com essa verdade, todos serão livres de quaisquer dificuldades, agonias e imperfeições. Partindo da necessidade de agradecer o bem-estar recebido da nação brasileira, o Departamento Feminino da Associação dos Moços da Seicho-No-Ie está desenvolvendo um movimento de agradecimento, visitando as prefeituras, corpos de bombeiros, delegacias e outros locais públicos a fim de prestar-lhes uma homenagem de reconhecimento e gratidão [...] Para tornar o lar, o local de serviço e a sociedade num mundo radiante e confortável são indispensáveis os agradecimentos e a caridade. Os policiais estão nos protegendo, expondo, às vezes seus corpos em perigo, para manter a defesa do povo e segurança de viver [...] Sinto a glória de ver a Revista Acendedor publicada pela Associação dos Moços da Seicho-No-Ie, estar colaborando para a construção de um mundo Ideal. (ACENDEADOR, 1967a, p. 41-42-43-44, grifos do autor).

Partindo da ênfase aos agradecimentos – presentes na doutrina da SNI –, a Associação dos Moços da SNI/BR lançou a chamada “Campanha de Gratidão aos Servidores Públicos”, como forma de retribuir os serviços prestados às figuras responsáveis pela manutenção da “ordem da nação”. Nesta campanha, o Departamento Feminino, desta associação, passou a distribuir o livro “A Verdade da Vida” e a Revista Acendedor em locais como: delegacias; hospitais; corpos de bombeiros; e prefeituras. Vale destacar que a reação das pessoas, em virtude desta ação, foi apresentada aos leitores. “Segundo o relatório dos ocorridos, os funcionários e trabalhadores desses lugares visitados, se encheram de alegria e agradecimento, dizendo que era a primeira vez que recebiam tamanhas homenagens e considerações” (ACENDEADOR, 1967a, p.42).

**Figura 31 – “Campanha de Gratidão aos Servidores Públicos”**



Fonte: (ACENEDOR, 1966a, p. 39)

**Figura 32 – “Campanha de Gratidão aos Servidores Públicos” em Presidente Prudente e Santo Amaro**



Fonte: (ACENEDOR, 1967b, p. 40)

Considerando esta campanha, podemos destacar a seguinte afirmação sobre a acomodação da *Seicho-No-Ie* na sociedade brasileira, enfatizada por Silveira (2016, p. 112, grifos do autor). “Podemos considerar também os aspectos éticos-religiosos – a “ética da harmonia” – em torno da gratidão aos antepassados e da vontade de servir possivelmente favoreceram a acomodação [...] em virtude de possíveis afinidades com a ética caritativa no Catolicismo e no Espiritismo [...]”.

## 6.6 A presença das propagandas

Em relação à presença de propagandas, é preciso destacar que, a partir do nº 7 da Revista *Acendedor* – lançado em abril de 1967 –, as publicações ficaram sob a responsabilidade direta da *Seicho-No-Ie* do Brasil. Segundo Albuquerque (1999), tal mudança significou uma forma da filial brasileira, por intermédio da revista, adquirir um impulso nacional. Vale mencionar que as próprias traduções se intensificaram – já que, no dia 7 de setembro de 1967, iniciou-se a importação direta das publicações da SNI (MATSUDA, 1988). “As localidades em que os nipo-brasileiros (nikkeis) residem estão concentradas em determinadas regiões, portanto, se houver expansão geográfica, isso levará à [...] expansão étnica e [...] expansão do alcance linguístico” (WATANABE, 2008, p. 120, tradução nossa).

Diante deste panorama, considerando, em um primeiro momento, a dimensão da propaganda, vale mencionar que, a partir das publicações de 1967, foi possível identificar, no final das revistas, uma lista de obras – traduzidas de Taniguchi – à venda, em Cruzeiro, pela *Seicho-No-Ie* do Brasil. No intuito de uma familiarização com os leitores, cabe destacar que as traduções, na maioria dos casos, não eram acompanhadas do título original em japonês. Ademais, um breve resumo, também em português, passaria a informar sobre o conteúdo das obras – em alguns casos, tais resumos destacavam os benefícios das publicações e sua relação com elementos cristãos.

Figura 33 – Livros de Masaharu Taniguchi à venda

**A VERDADE DA VIDA — Vol. I**

Dr. Masaharu Taniguchi

Cr\$ 3,50

O que é a vida?  
O que é o homem?  
Em que conceito podemos achar a vida mais perfeita?  
É um livro que não se deve deixar de ler.

---

**A VERDADE DA VIDA — Vol. II**

Dr. Masaharu Taniguchi

Cr\$ 3,00

A Verdade Revelada no Sermão da Montanha  
Com a sua leitura se conhece o grande espírito de Jesus  
Cristo.

---

**Educação Divina e Treinamento Espiritual da Humanidade**

Dr. Masaharu Taniguchi

Cr\$ 4,00

Este livro esclarece o ponto principal da educação do homem. Conforme a orientação dos pais e mestres, toda criança considerada anormal, doentia ou transviada, tornar-se-á sábia e prodigiosa. Um livro sumamente necessário aos pais e educadores,

---

**KANRO - NO - HOOU**

**A Chuva Nectária das Doutrinas Sagradas**

Cr\$ 2,00

É um livro de oração que contém as palavras da verdade.

---

Procurem na Soc. Religiosa "SEICHO-NO-IE" do Brasil - Av.  
Eng. Armando Arruda Pereira, 1284 ou pela correspondência à Caixa Postal. 1093 - São Paulo

Fonte: (ACENDEDOR, 1967b)

Figura 34 – Livros de Masaharu Taniguchi à venda

<p style="text-align: center;"><b>A VERDADE DA VIDA</b> (Volume I)</p> <p>Donde veio o homem e para onde vai? Com que finalidade vivemos? Neste livro se encontra a chave que esclarece todos os problemas da vida.</p> <p style="text-align: center;">NCr\$ 5,00</p> <hr/> <p style="text-align: center;"><b>EDUCAÇÃO DIVINA E TREINAMENTO ESPIRITUAL DA HUMANIDADE</b></p> <p>Este livro esclarece o ponto principal da educação do homem. Conforme a orientação dos pais e mestres, toda criança considerada anormal, doentia ou transviada, tornar-se-á sã e prodígio. Um livro sumamente necessário aos pais e mestres.</p> <p style="text-align: center;">NCr\$ 5,00</p>	<p style="text-align: center;"><b>A VERDADE REVELADA NO SERMÃO DA MONTANHA</b> (Volume II da Verdade da Vida)</p> <p>Ardente desejo de nos transmitir o espírito de Cristo, levou o autor a escrever esta vívida interpretação da Sabedoria contida no Sermão da Montanha.</p> <p style="text-align: center;">NCr\$ 5,00</p> <hr/> <p style="text-align: center;"><b>SUTRA SAGRADA "KANRO NO HOUU"</b> (Chuva de Nectáreas Doutrinas)</p> <p>É um livro de orações. Inúmeras pessoas já se curaram de doenças físicas e mentais, unicamente pela leitura desta Sutra Sagrada salvadora dos espíritos.</p> <p style="text-align: center;">NCr\$ 2,00</p>
<p>Procurem na Soc. Rel. SEICHO-NO-IE do Brasil Av. Eng. Armando de Arruda Pereira, 1.266 — Jabaquara Caixa Postal, 1093 — São Paulo</p>	

Fonte: (ACENEDOR, 1968f)

Figura 35 – Venda do volume XI do livro “A Verdade da Vida”

*Um Novo Livro em Português!*

**Seimei no Jisso**  
(A VERDADE DA VIDA)

**O GÊNESIS VISTO ATRAVÉS DA SEICHO-NO-IE**  
**Masaharu Taniguchi**

Traduzido do original em japonês, volume XI da coleção “Seimei no Jisso” — A Verdade da Vida, por Yoshio Aibe.

NCr\$ 5,00

“No princípio Deus criou o céu e a terra.  
(Gên., I, 1)

Para Deus — a Grande Vida — a Suprema Sabedoria — não existe o que se chama princípio. Se houvesse “princípio” poderia haver “fim”, porém, como não existe princípio não existe fim também. O que aqui é dito princípio refere-se ao ...”

Assim Dr. Masaharu Taniguchi interpreta, sob inspiração, a Gênesis, dando uma nova visão da Criação do Mundo.

Fonte: (ACENDEDOR, 1968e)

Além da venda das obras traduzidas de Taniguchi, foi possível notar, a partir do primeiro número da Revista Acendedor lançado em 1967, estratégias para atrair e aumentar o número de leitores da revista:

Chegou a brilhante alvorada do ano de 1967 e os membros da redação estão cada vez mais empenhando suas energias juvenis para levar aos leitores melhores mensagens de Deus [...] Um das principais metas da Associação dos Moços da Seicho-No-Ie deste ano é multiplicar em dobro os leitores do Acendedor, para que seja acesa uma luz permanente da Verdade nesta querida pátria brasileira (ACENDEADOR, 1967b, p. 52).

A primeira delas foi uma espécie de solicitação para que os leitores começassem a enviar opiniões e impressões sobre os conteúdos da revista – o que resultaria posteriormente na inserção dos relatos. “Pedimos aos caros leitores escreverem-nos sobre impressões e opiniões acerca da leitura do Acendedor, à Caixa Postal, 1093, São Paulo” (ACENDEADOR, 1967b, p.52). Já a segunda, que esteve presente a partir do nº 12 lançado em maio de 1968, diz respeito à presença de uma página – intitulada “Para sua maior felicidade assine Acendedor” – convidando os leitores para assinar anualmente a revista – o que neste caso significaria a própria adesão à SNI.



Figura 36 – Campanha de assinatura da Revista Acendedor

**Para sua maior Felicidade assine  
ACENDEADOR**

**A Soc. Religiosa Seicho-no-ie do Brasil  
Solicito uma assinatura anual da revista  
ACENDEADOR.**

Nome .....

Profissão .....

Idade .....

Enderêço .....

Cidade .....

Estado .....

**Ofereço ao meu amigo:**

Nome .....

Profissão .....

Enderêço .....

Cidade .....

Estado .....

Envio anexo um cheque visado no valor de  
NCr\$.....

Valor de cada assinatura ..... NCr\$ 2,70

**Escreva no envelope:**  
**SOCIEDADE RELIGIOSA SEICHO-NO-IE DO BRASIL**  
**A C E N D E A D O R**  
 Caixa Postal, 1093 — São Paulo — Brasil

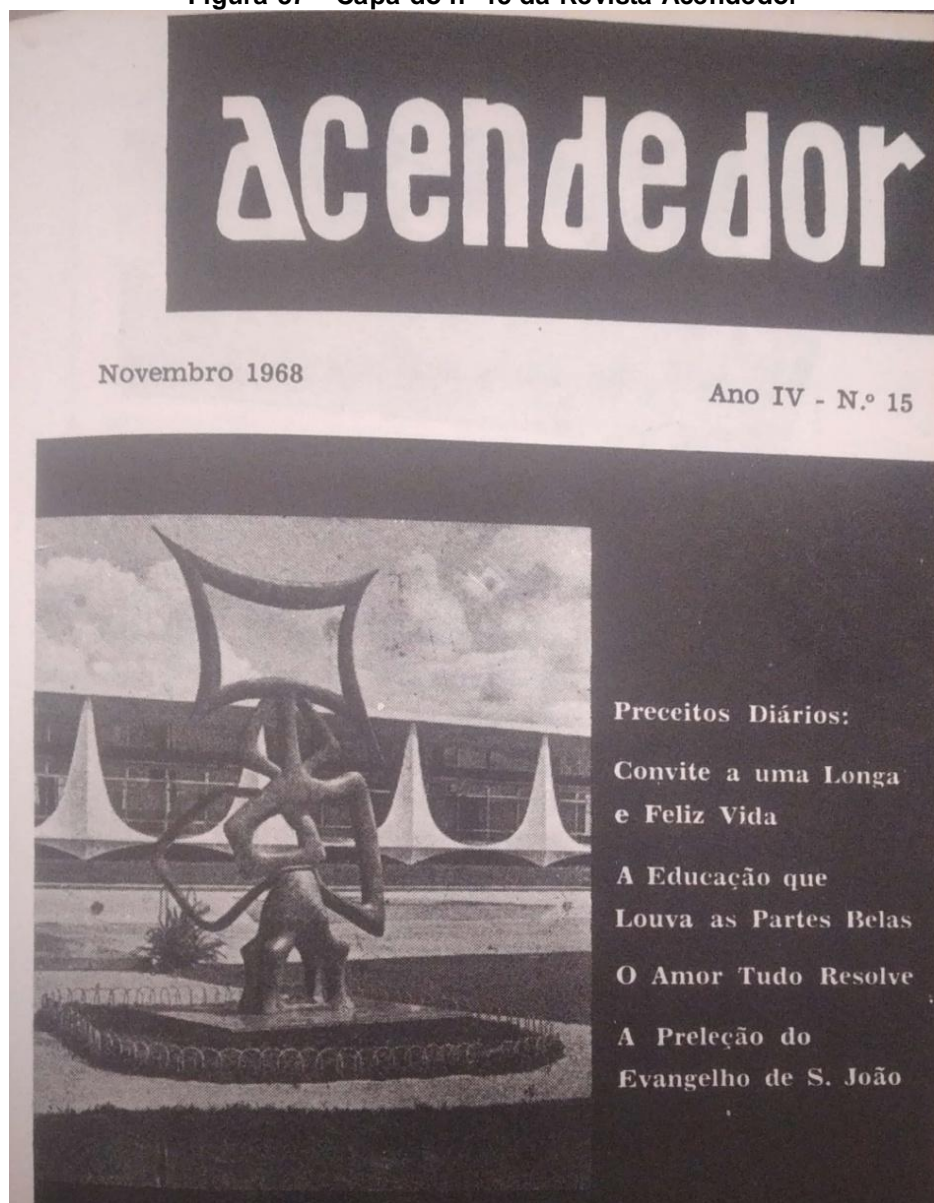
Fonte: (ACENDEADOR, 1968b, p. 55)

Observando estas estratégias de propaganda da Revista Acendedor – considerando o quadro religioso brasileiro a partir da década de 1960, bem como o próprio proselitismo da SNI em torno das publicações –, podemos concordar com o argumento de Diniz (2006), em notar, na filial brasileira, a competitividade presente no contexto do pluralismo religioso – que consiste no uso de estratégias mercadológicas.

### **6.7 Recursos visuais**

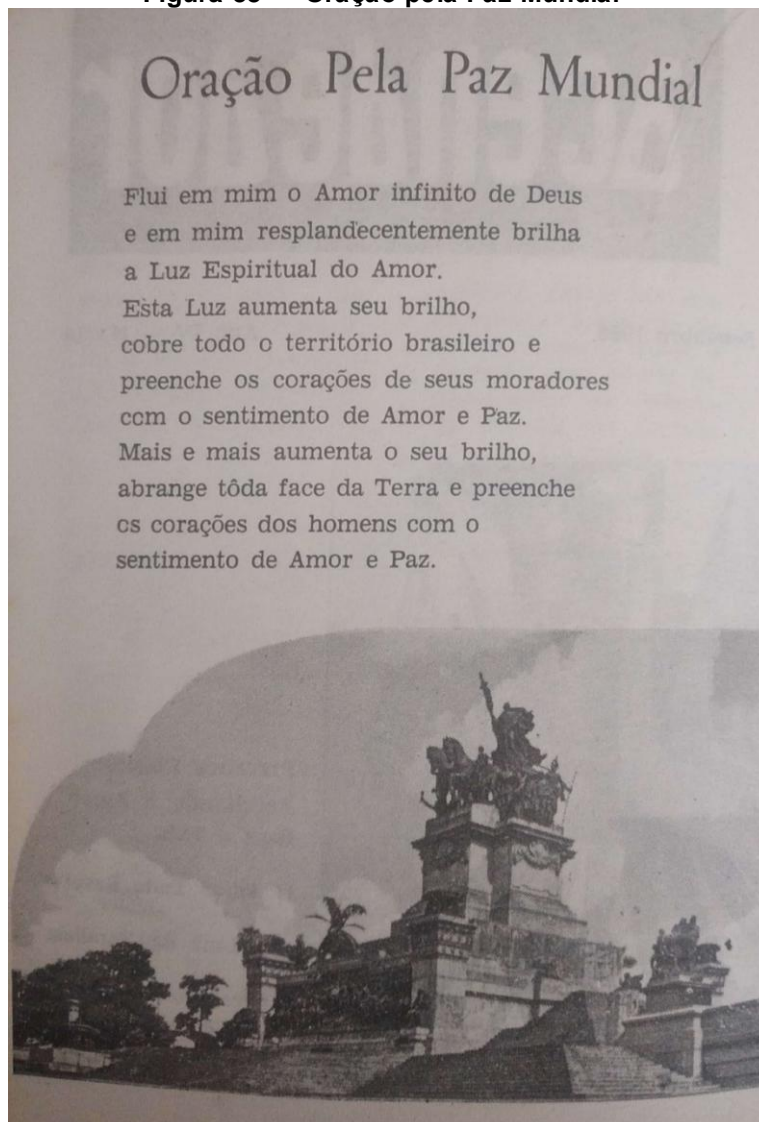
No caso do uso das imagens, vale destacar, em um primeiro momento, como a Revista Acendedor procurou explorar os símbolos da cultura brasileira nas publicações. “Faz-se necessário ressaltar a esta altura que o sincretismo adotado pela Seicho-No-le não é somente religioso [...] mas também um sincretismo cultural” [...] (DINIZ, 2006, p. 134). A imagem da parte leste do Palácio da Alvorada – onde está presente a escultura de bronze “Rito dos Ritmos” de Maria Martins (1894-1973) – foi utilizada como capa do nº15 da Revista Acendedor – lançado em novembro de 1968.

Figura 37 – Capa do nº 15 da Revista Acendedor



Fonte: (ACENEDOR, 1968f)

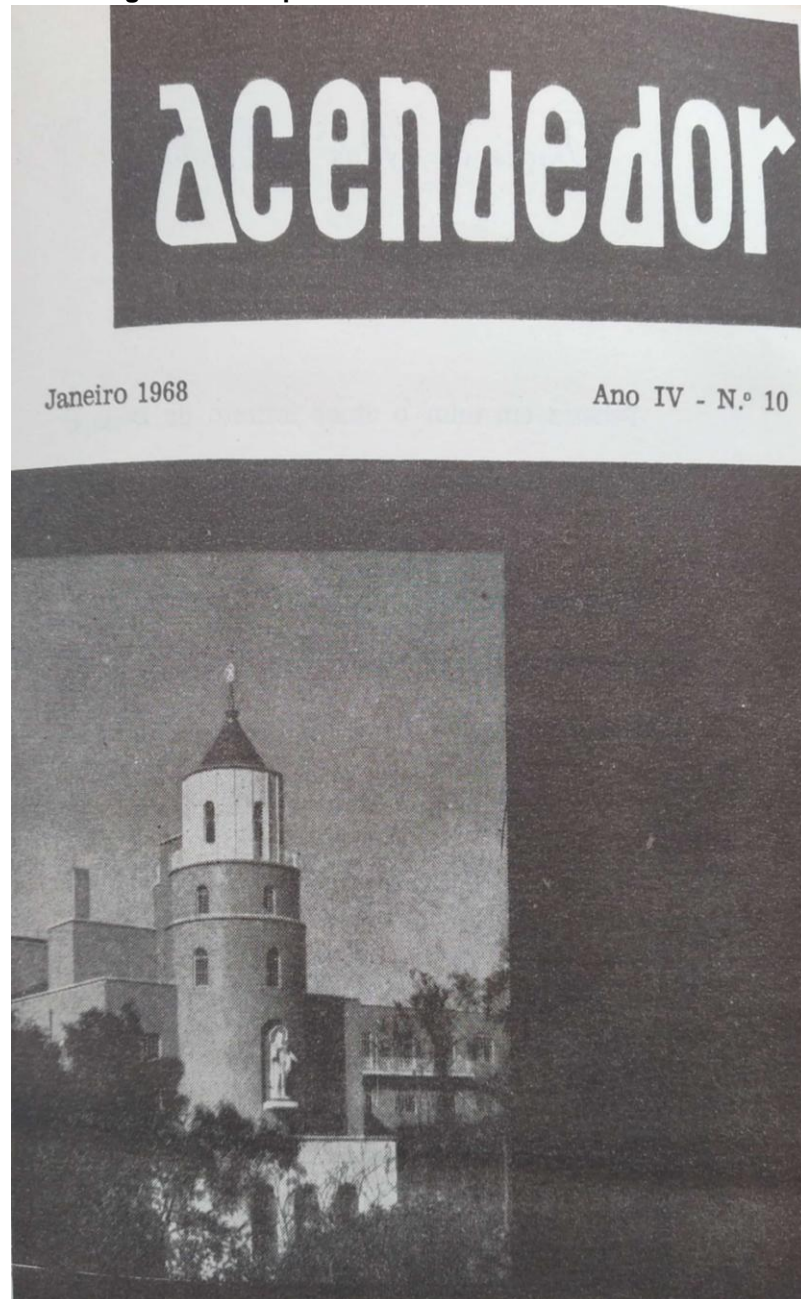
Além do Palácio da Alvorada, foi possível identificar a presença da imagem do Monumento à Independência do Brasil ou Monumento do Ipiranga – localizada na capital paulista, no Parque da Independência, e inaugurada em 1922 como forma de celebrar o Centenário da Independência. Vale observar que n° 14 da revista lançada em setembro de 1968 – isto é, no mês que justamente se comemora a independência – esta imagem esteve presente junto à “Oração pela Paz Mundial”. Nesta oração, como podemos notar na imagem a seguir, houve uma menção ao Brasil – o que remeteria justamente ao slogan “Amando o Brasil, Oramos pela Paz do Mundo”, promovido pela Associação dos Moços da SNI/BR.

**Figura 38 – “Oração pela Paz Mundial”**

Fonte: (ACDENDOR, 1968e)

Mesmo com a presença de elementos provenientes da nossa cultura, é preciso observar a manutenção da dependência com o Japão. Vale destacar que a imagem da Sede Internacional da SNI esteve presente na capa do nº 10 da revista – lançado em janeiro de 1968.

Figura 39 – Capa do nº 10 da Revista Acendedor



Fonte: (ACENEDOR, 1968a)

## 6.8 A divulgação das atividades

Em relação às informações, vale destacar, em um primeiro momento, a presença recorrente de notas direcionadas à Masaharu Taniguchi e Katsumi Tokuhisa. Elas começaram a ser inseridas a partir das publicações de 1968. Considerando o contexto temporal, é preciso mencionar que em outubro de 1967 Tokuhisa havia desembarcado no Brasil – permanecendo no país até o ano de 1969. Daí um maior controle, através da figura desta liderança, das publicações da Revista *Acendedor*. “Quando, em fins de 1967, Tokuhisa volta ao Brasil, para aqui permanecer até 1969 [...] reafirma-se o controle e supervisão da Sede Central japonesa sobre a brasileira” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 25).

No caso das notas direcionadas a Taniguchi, foi possível perceber a forma detalhada, trazida pela revista, da informação sobre o aniversário do fundador da SNI. “O Mestre Masaharu Taniguchi completou no dia 22 de novembro último 74 anos de idade, e continua trabalhando incessantemente em prol do Movimento de Iluminação da Humanidade, realizando conferências e escrevendo livros” (ACENDEDOR, 1968a, p. 52). Neste sentido, os leitores, ao mesmo tempo em que conheciam mais sobre a biografia de Taniguchi, percebiam a continuidade da proposta da SNI em difundir, principalmente através das publicações, o “Movimento de Iluminação para a Humanidade”.

Em relação às notas sobre Katsumi Tokuhisa foi possível detectar como a revista procurou descrever, do ponto de vista cronológico, o significado religioso de sua presença no Brasil. Em um primeiro momento, vale observar o destaque dado à função de Tokuhisa. “Katsumi Tokuhisa [...] está no Brasil desde o dia 28 de outubro de 1967 como representante do Mestre Masaharu Taniguchi [...]” (ACENDEDOR, 1968c, p. 56). Em segundo lugar, a descrição de sua viagem ao Brasil foi mencionada dando ênfase ao seu objetivo, isto é, divulgar a SNI entre a população brasileira como um todo:

Katsumi Tokuhisa partiu de Tóquio no dia 30 de agosto, acompanhado da esposa Dona Shizuko e filho Senhor Hideiti (recentemente formado pela Universidade Waseda) e passando pelos vários países das duas Américas desembarcou no Aeroporto de Congonhas, no dia 28 de outubro último. Vem pela quinta vez [...] a fim de impulsionar a divulgação dos ensinamentos da Seicho-No-Ie no meio da sociedade brasileira (ACENDEDOR, 1968a, p. 52).



Em terceiro lugar, vale frisar como a revista procurou explorar as supostas façanhas das orientações de Katsumi Tokuhisa junto à população brasileira:

[...] trabalha incessantemente orientando as pessoas que o procuram para solucionar os seus problemas. Atende a todas as pessoas com o auxílio de seu interprete Yoshio Aibe, às segundas e sextas feiras das 9 às 11 horas na sede central da *Seicho-No-Ie* do Brasil, em São Paulo. Até o momento já atendeu mais de uma centena de pessoas e têm ocorrido os mais diversos casos de cura de doenças, como também, solucionados vários problemas (ACENDEADOR, 1968c, p. 56).

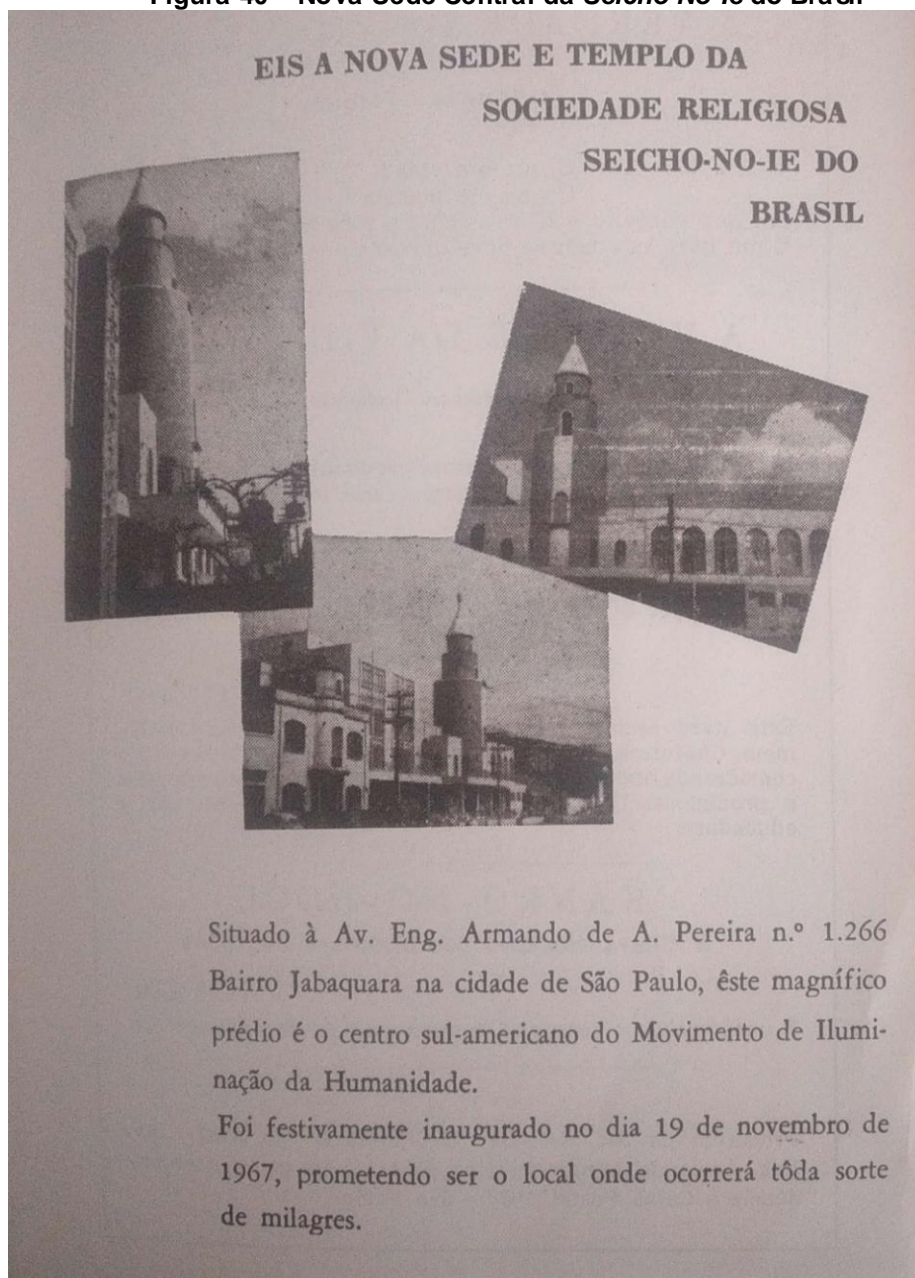
Neste sentido, a Revista *Acendedor* serviria como um veículo propagandístico não somente de vendas das publicações e da campanha de assinatura da própria revista, mas também atraindo os leitores para comparecem às atividades presenciais de preleção de Tokuhisa – realizadas na Sede Central da *Seicho-No-Ie* do Brasil. Seria neste local que eles encontrariam – auxiliados pela mediação do preletor Yoshio Aibe, isto é, um intérprete encarregado de estreitar as diferenças linguísticas – curas e resoluções dos problemas cotidianos.

Além das notas referentes à Masaharu Taniguchi e Katsumi Tokuhisa, a Revista *Acendedor* também procurou manter os leitores atualizados sobre as atividades da *Seicho-No-Ie* do Brasil. Em primeiro lugar, vale destacar que a notícia referente à construção da nova sede central – também localizada no bairro Jabaquara –, foi explorada para demonstrar como a SNI/BR – e, conseqüentemente, as publicações da revista – estaria adquirindo uma projeção nacional:

Chegou a brilhante alvorada do ano de 1967 e os membros da redação estão cada vez mais empenhando suas energias juvenis para levar aos leitores melhores mensagens de Deus. As obras de construção da magnífica nova Sede da Sociedade Religiosa *Seicho-No-Ie* do Brasil está em franca ascensão, sendo esperada [...] em breve sua conclusão. A redação terá uma sala especial no seu terceiro andar e sem dúvida, o *Acendedor* crescerá ainda mais vigorosamente (ACENDEADOR, 1967a, p. 53).

Em segundo lugar, a inauguração da nova sede, em novembro de 1967, serviu para que a revista – através de um tom enaltecido referente aos possíveis milagres proporcionados pela doutrina da SNI – atraísse os leitores para comparecerem às atividades da SNI/BR realizadas no local.

Figura 40 – Nova Sede Central da *Seicho-No-Ie* do Brasil



Fonte: (ACENEDOR, 1968a, p. 53)

Em terceiro lugar, vale destacar que a revista procurou deixar os leitores informados sobre os detalhes das atividades ocorridas na sede. Neste sentido, foi possível identificar notas referentes à programação mensal da *Seicho-No-Ie* do Brasil:

Apresentamos a programação mensal da Soc. Religiosa Seicho-No-Ie do Brasil, em sua sede central:

Todo 1º domingo do mês – Grande Conferência às 14 horas;

2º, 3º e 4º domingos – Reunião Dominical às 15 horas;

2as e 6as feiras – Orientação pessoal, das 9 às 11 horas com Katsumi Tokuhisa e Yoshio Aibe;

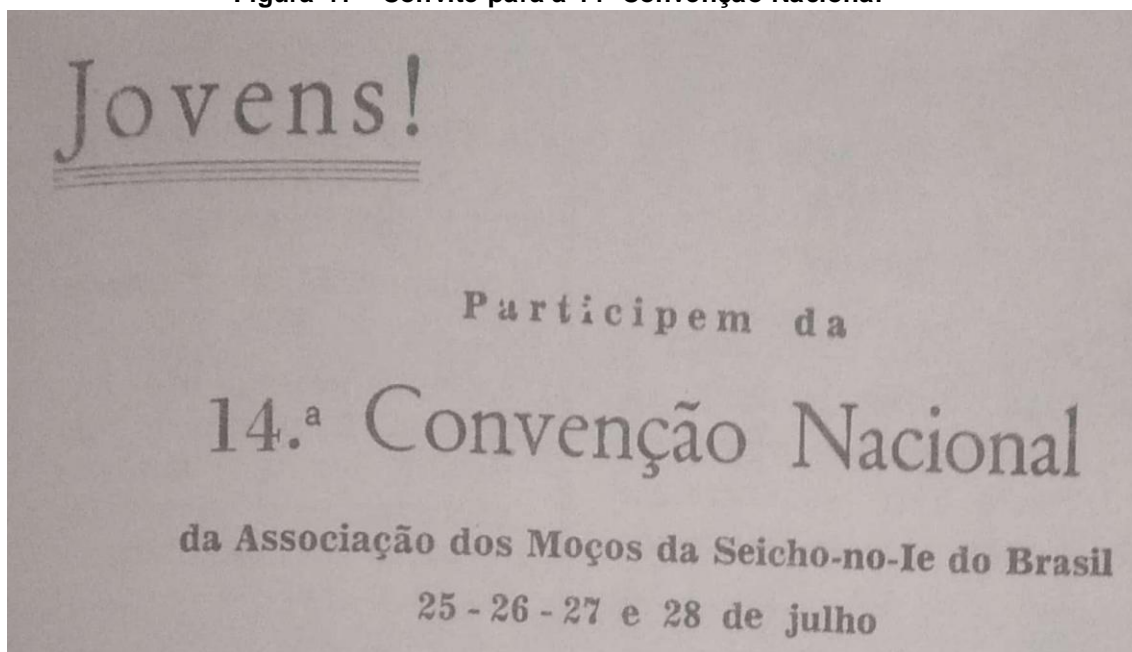
3as feiras – Orientação pessoal, das 8 às 16 horas pela Preletora Antonia Matsuo (ACENDEADOR, 1968f, p. 46).

Em uma das notas referentes às atividades, vale mencionar o grande destaque que foi dado à primeira conferência da *Seicho-No-Ie* do Brasil realiza em português – no mês de junho de 1968:

No dia 2 de junho foi realizada no auditório da nova sede a primeira tarde de conferências em português, com a participação de 1.500 pessoas, tendo como principal conferencista Katsumi Tokuhisa. Todos os presentes voltaram profundamente emocionados pela grandeza dos ensinamentos da *Seicho-No-Ie*. Essas conferências estão sendo realizadas mensalmente, resolvendo assim quaisquer problemas dos ouvintes, sejam eles problemas de família, de saúde, de negócios de estudos etc. (ACENDEADOR, 1968e, p. 56).

Já em outra nota, como forma de impulsionar o público jovem, vale destacar a presença do resumo da programação da 14º Convenção Nacional da Associação dos Moços da *Seicho-No-Ie* do Brasil – realizada em julho de 1968. “A Sede Central organiza anualmente convenções nacionais das suas várias associações [...]” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 67).

Figura 41 – Convite para a 14ª Convenção Nacional

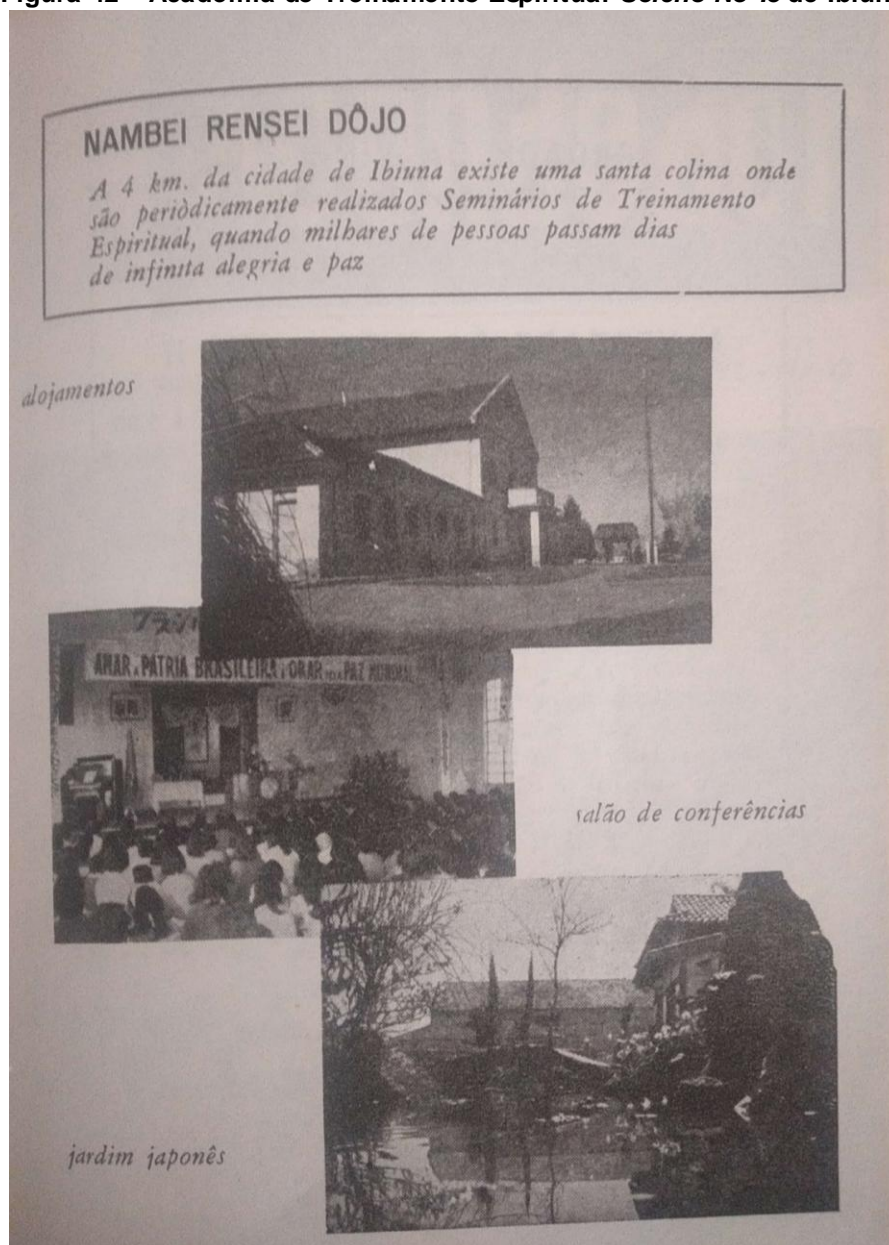


Fonte: (ACENEDOR, 1968c, p. 57)

Além das atividades na sede, foi possível perceber que nos detalhes sobre esta convenção, os leitores se depararam com a informação sobre a realização da “Oração pela Paz Mundial” em frente ao Monumento do Ipiranga (ACENDEDOR, 1968d). Daí uma forma de mostrar ao público como a SNI/BR estava inserida em nossa sociedade – ao ponto de ocupar espaços públicos brasileiros para efetivar suas atividades.

Por fim, vale mencionar o destaque que foi dado às atividades realizadas na Academia de Treinamento Espiritual *Seicho-No-Ie* de Ibiúna-SP.

Figura 42 – Academia de Treinamento Espiritual *Seicho-No-Ie* de Ibiúna



Fonte (ACENEDOR, 1968b, p. 57)

Através de um tom acolhedor – descrevendo a presença de milhares de pessoas que frequentariam o local – e dos nomes dos estabelecimentos da academia em português, já que foi um local construído nos moldes da cultura nipônica (DINIZ, 2006), a Revista *Acendedor* buscava estabelecer um vínculo de familiaridade dos leitores com a Academia Espiritual da *Seicho-No-Ie* de Ibiúna. “O objetivo [...] era ser um local de treinamento de jovens, que desejavam aprimorar conhecimento da *Seicho-No-Ie*. Com o passar do tempo se tornou um local não somente de formação de líderes, mas também de “purificação da alma” para todos os adeptos” (DINIZ, 2006, p. 131, grifos da autora). Ademais, levando em consideração a descrição do local como “santa colina”, vale destacar uma tentativa de aproximação com elementos voltados ao Cristianismo. “Num local em que o dia começa e termina com oração [...] a Academia funciona como um seminário teológico dos cristãos [...]” (DINIZ, 2006, p. 130).

### **6.9 Os relatos de experiência: o contato com as publicações**

Em relação aos relatos vale destacar, em primeiro lugar, que os mesmos foram inseridos a partir das publicações lançadas em 1967. Até o final de 1968, foi possível identificar 11 deles. Em alguns casos, notou-se a presença de mais de um na mesma revista – como no nº 11, com dois relatos, e nº 12, com três (ACENDEADOR, 1967a; 1967b; 1968b; 1968c; 1968d; 1968e; 1968f).

Em segundo lugar, vale observar que a revista não procurou acrescentar relatos contidos nas publicações da matriz – ou seja, os 11 relatos descreviam situações vivenciadas diretamente no Brasil. Neste sentido, a Revista *Acendedor* procurou trazer ao público casos, a nível local, do contato dos indivíduos com a SNI. Tal medida, “[...] favorece a identificação dos leitores (ou ouvintes) com seus próprios problemas” (ALBURQUERQUE, 1999, p. 55). Ademais, todos eles foram vivenciados por sujeitos sem ascendência japonesa – demonstrando, desta forma, uma maneira de apresentar aos leitores o alcance positivo da SNI perante a população brasileira como um todo.

Em terceiro lugar, vale destacar a estruturação dos relatos. Na maioria deles foi possível identificar, antes da descrição, um resumo da experiência vivida pelos indivíduos. “Esta é a história de uma das muitas pessoas que se libertaram das ilusões do mundo terreno através do conhecimento da verdade” (ACENDEADOR, 1967a, p. 38).

Em alguns casos, o resumo era apresentado pela própria pessoa – e com uma conotação emocional:

Oxalá possam estas minhas palavras levar àqueles que hoje se encontram no ponto em que me encontrava, até onde me encontro hoje, livre totalmente de toda ilusão, de toda doença. Meus sofrimentos físicos enumerá-los todos detalhadamente, uma edição normal do Acendedor não conteria o número de páginas suficiente para recebê-los. Todavia, resumi-los torna-se necessário para ilustrar minhas experiências dentro da Seicho-No-le (ACENDEDOR, 1968c, p. 38-39).

Além dos resumos, foi possível notar a presença dos títulos em todos os relatos – muitos deles enfatizando a cura de doenças e resolução de problemas cotidianos –, seguidos da identificação, mediante uma foto, de cada pessoa que teve contato com a SNI. Alguns títulos continham os seguintes dizeres: “A verdade me libertou: vivia sempre doente”; “Minha filha foi salva”; “Minha nova vida”; “Curei-me da paralisia”; “Compreendi o valor de agradecer aos pais”; e “Reconheço agora a presença de Deus” (ACENDEDOR, 1967a; 1968b; 1968c; 1968e; 1968f).

Em todos os relatos, a revista procurou detalhar o perfil das pessoas. Neste sentido, os leitores poderiam se deparar com o nome completo de cada indivíduo, informações pessoais e profissionais – em alguns casos, até mesmo o endereço na íntegra era apresentado. Pela localidade de cada pessoa, o público da revista já poderia presenciar como estaria a projeção da SNI entre brasileiros sem ascendência nipônica. Os 11 relatos eram provenientes de pessoas que residiam nos Estados de São Paulo e Paraná – indicando que, até aquele momento, o alcance da SNI entre a população brasileira como um todo ainda estava concentrado nas localidades de maior fluxo imigratório dos japoneses para o nosso país.

Pelas informações disponíveis, os leitores poderiam se deparar com relatos de homens e mulheres adultos – em grande parte, casados. Ademais, em alguns casos, haveria a possibilidade da leitura das experiências de crianças e adolescentes – descritas pelo contato dos pais com a SNI. Observando este cenário, podemos dizer que a Revista Acendedor estava procurando apresentar aos leitores uma heterogeneidade de seu alcance perante a sociedade brasileira como um todo. Todavia, pelas descrições dos relatos que continham as profissões dos indivíduos, foi possível notar a presença de dois médicos, uma empresária, um servidor público, um



funcionário de empresa e uma funcionária de churrascaria. Neste sentido, o perfil do público de brasileiros sem ascendência da SNI que estava se desenhando era formado, em grande parte, por indivíduos da classe média do nosso país – seguindo o perfil, majoritário, de adeptos que se formou no Japão. “Tendo a Seicho-No-le formas de divulgação doutrinária baseadas em cursos, palestras e material impresso, está apta a atingir as camadas médias e, muitas vezes, intelectualizadas das populações urbanas [...]” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 104).

Através de relatos descritos em primeira pessoa, a revista procurou apresentar aos leitores os detalhes do processo do contato – e do desdobramento – dos indivíduos com a SNI. Em todos eles o público poderia se deparar com uma pequena biografia das pessoas, bem como as transformações positivas advindas da experiência religiosa. Na maioria dos casos, a revista buscou destacar situações de contato inicial dos sujeitos com a SNI através das publicações oferecidas por *nikkeis* – alguns deles preletores:

Nasci na fé, e na fé cresci porque acreditava na vida [...] mas buscava a luz da verdade que não encontrei na ciência dos homens. Tornei-me médico. Busquei a fama e a glória, mas perdi a fé [...] comecei a vagar nas trevas, cheio de dúvidas e com medo da morte que vinha ao meu encontro na esperança agonizante dos doentes [...] Um belo dia, atendendo uma paciente japonesa, ela se maravilhou com minha consulta e me disse que, o que eu recomendava o Dr. Taniguchi pregava em seu livro *A Verdade da Vida*. Emprestou-me o livro e, ao lê-lo reencontrei a minha alma nas mãos de Deus – que é o Jissô – a Verdade, o Deus da Seicho-No-le, o mesmo Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, A Divina figura de Krishina, de Logos, e de Cristo [...] Sem que eu procurasse, sem que eu andasse atrás de tão estranhas coincidências, outros livros do Dr. Taniguchi caíram em minhas mãos, enviados por Deus, em sua muda linguagem de amor e bondade [...] Pouco tempo depois fui convidado a falar em uma reunião da Seicho-No-le, em Santo André, onde relatei as minhas experiências. Animado pelo mesmo espírito, a 06 de novembro de 1966, tomei parte, como assistente, maravilhado, do Seminário Filosófico que teve lugar, naquele domingo tão bonito, na Liga Itálica, à Praça Almeida Jr. Em São Paulo. Foi ali que pude aquilatar melhor da importância da Seicho-No-le como norma da vida e alto sentido filosófico [...] O Movimento de Paz promovido pela Seicho-No-le está destinado a sair vitorioso, porque é inspirado no sentido ecumenista, universal, de conagraçamento de todos a um mesmo ideal divino de unidade espiritual da humanidade. Justamente o maior mérito da Seicho-No-le está no seu espírito ecumenista aberto ao concílio e ao entendimento de todos os povos, independentes de credos, de raças e religiões [...] O mesmo anel, inspirado pelo Divino Espírito Santo, levou o Papa João XXIII a convocar o Concílio Vaticano II, para promover a Unidade dos Cristãos como primeiro passo para a unidade espiritual da humanidade (ACENDEDOR, 1967c, p. 39-40).

Além das obras de Taniguchi, o contato inicial da SNI, via Revista Acendedor, também esteve presente nos relatos:

Minha maior felicidade foi a de conhecer a Seicho-No-Ie e foi por intermédio de dona T. M. Desde então a mudança da nossa vida fora radical e passamos a sentir a verdadeira alegria da vida. Lendo o livro A Verdade da Vida e Acendedor, passaram a desaparecer os sofrimentos e os dias negros, para sermos compensados pelos milagres. Minha filha de 14 anos ingressou na Associação Brasileira dos Moços da Seicho-No-Ie (cujas reuniões são feitas em casa), por intermédio do Heitor Miyazaki, o qual dirige a associação. Essa filha obteve, na escola, de um mês para outro a colocação de 14º para 4º, pois lê sempre Acendedor antes de estudar. E ainda conseguiu a bolsa de estudos na Escola de Comércio [...] Meu marido sofria de furúnculos e ainda outro dia, um deu mostras de aparecer, e ele se contorcia em dores. Coloquei a mão na região que se encontrava totalmente inflamada e vermelha, enquanto lia um Acendedor [...] Na manhã do outro dia acordou aliviado, pois naquele lugar nada mais havia [...] Há outros casos que pareciam impossíveis de acontecer, mas que se concretizaram, pois passamos a conhecer a paz espiritual, a harmonia, o Jissô, tudo isso graças à dona T. e Heitor Miyazaki. que nos orientaram e conduziram à maravilhosa e encantadora Seicho-No-Ie (ACENDEADOR, 1968b, p. 33-34).

Observando a estruturação dos relatos – enfatizando o “poder” proveniente da literatura da SNI sobre a vida dos brasileiros – podemos concordar com o argumento de Watanabe (2008, p. 121, tradução nossa), a respeito das estratégias adotadas pelas Novas Religiões japonesas dispostas em expandir suas doutrinas para a realidade “local” do nosso país. “No Brasil, onde a crença em milagres está profundamente enraizada, a manifestação de milagres e a certeza de graça divina são mecanismos importantes para atrair membros”.

## **CAPÍTULO 7 – O AVANÇO DA REVISTA ACENDEADOR NO BRASIL (1969-85)**

### **7.1 Novas diretrizes**

Em relação às revistas publicadas a partir de 1969, foi possível perceber que em nenhuma delas esteve presente textos das lideranças da SNI/BR – notou-se somente a presença de um relato de experiência descrito por estes líderes (ACENDEADOR, 1974a). Por outro lado, os artigos de Masaharu Taniguchi, Teruko Taniguchi, Seicho Taniguchi, Emiko Taniguchi e Katsumi Tokuhisa foram mantidos – demonstrando, desta forma, uma dependência da filial brasileira em relação à matriz japonesa.

Quanto ao conteúdo e estruturação dos textos inseridos, vale destacar algumas novidades. A primeira delas refere-se à presença de glossários na revista. Em entrevista com um adepto responsável pelo Departamento de Tradução da SNI/BR, Waragai (2008, p. 90), afirma que “[...] as palavras de difícil tradução foram mantidas em japonês, escritas em itálico, e foi elaborado um glossário explicativo” (WARAGAI, 2008, p. 90). Neste sentido, podemos dizer que esta iniciativa visava aprimorar a forma de explicação, para os leitores, dos significados de palavras japonesas referentes à doutrina.

Figura 43 – Glossário do nº 71 da Revista Acendedor

## EXPLICAÇÃO DOS TERMOS QUE APARECEM COM FREQUÊNCIA NESTA REVISTA

**SEICHO-NO-IE** (Lê-se "seitiô-no-iê") — Filosofia aplicada que desperta e desenvolve a Natureza Divina, a Perfeição ou a Capacidade Infinita, que se aloja no interior de todo homem. Foi iniciada no Japão, em 1930, pelo Dr. Masaharu Taniguchi. A palavra "Seicho-no-Ie" significa "Lar do Progredir Infinito".

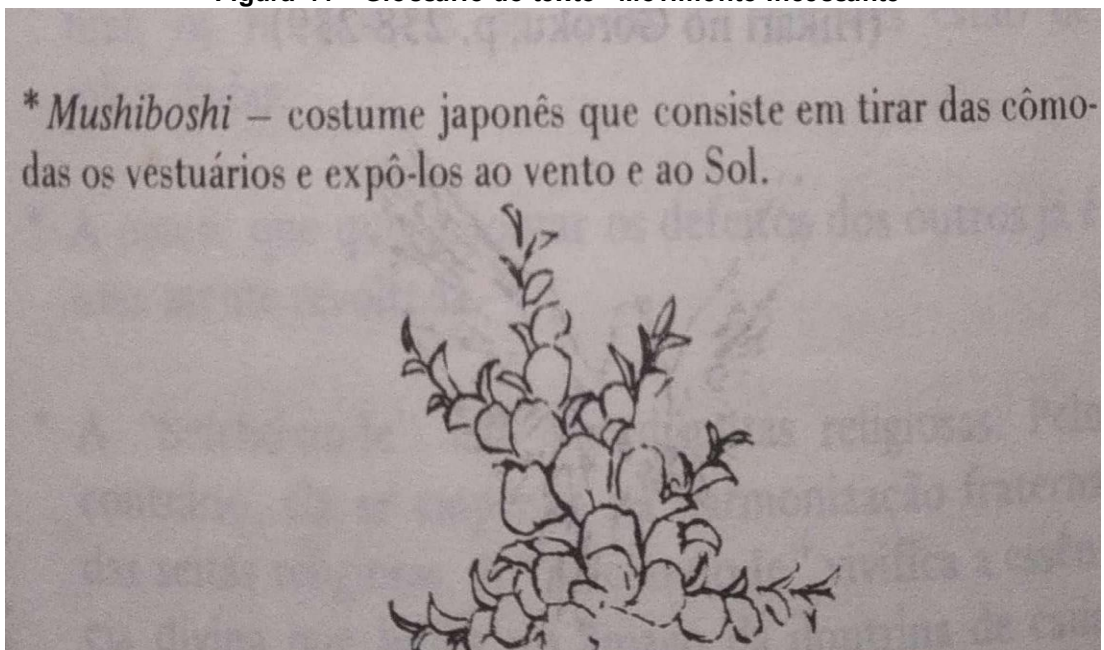
**SHINSOKAN** — É uma oração, uma prece meditativa, uma prática espiritual, através da qual nós nos identificamos e tornamos UM com Deus (com a Perfeição, com o Jisso), fitamos a perfeição (JISSO) do verdadeiro EU, aprofundamos a convicção: **sou filho de Deus**; e também purificamos o nosso ser, eliminando todos os pensamentos e sentimentos irregulares, tais como ódio, tristeza, mágoa, ciúme, cobiça, complexos, etc... que estão acumulados no nosso subconsciente. Conseqüentemente, aparecem a perfeição, a saúde, a felicidade, etc.

**JISSO** (Lê-se "dissô") — A Realidade perfeita criada por Deus, a verdadeira existência, a natureza verdadeira do ser, ou o aspecto verdadeiro e perfeito do homem. O JISSO não se revela aos nossos sentidos.

Fonte: (ACENEDOR, 1975a)

Além de termos referentes à doutrina, foi possível notar a presença de glossários de palavras que remetiam aos costumes da cultura japonesa. Um exemplo deste fato foi notado no texto de Teruko Taniguchi, intitulado “Movimento Incessante” – presente no nº 170 da revista.

Figura 44 – Glossário do texto “Movimento Incessante”



Fonte: (ACENEDOR, 1984a, p. 32)

Em segundo lugar, vale destacar a presença de tópicos sobre os conteúdos abordados na Revista Acendedor. Como forma de manter uma ligação com o Japão, foi possível notar que tais tópicos foram escritos em português e japonês.

Figura 45 – Tópicos do nº 19 da Revista Acendedor

<b>OS TÓPICOS DÊSTE NÚMERO</b>	
<b>O Poder da Oração</b>	
祈りによつて人生を幸福に .....	4
<b>Curou-se da vista</b>	
目がなおり、家庭が豊かになつた伯人の体験 .....	20
<b>O método para melhorar as crianças</b>	
ほめる教育 .....	24
<b>Verdadeira emancipação e felicidade da mulher</b>	
女性の真の喜びと解放 .....	31
<b>Como conseguir fôrça e saúde</b>	
能力と健康の開発 .....	40
<b>O que é a Seicho-no-Iê</b>	
生長の家とは何か .....	46

Fonte: (ACENEDOR, 1969a)



Figura 46 – Tópicos do n° 22 da Revista Acendedor

OS TÓPICOS DÊSTE NÚMERO	
Banir as liberdades cancerosas 癌細胞的自由を廃せよ .....	2
Como utilizar a fôrça do pensamento 想念の力の生かし方 .....	4
A arte nas relações humanas 立身出世の秘訣 (人生読本より) .....	2 3
Quem é êle? 谷口先生と生長の家の紹介 .....	2 8
Dar valor à mulher 女性の真のありかた .....	3 0
Elogio, o segrêdo da educação das crianças ほめる教育の効果 .....	3 6
Escapou de um desastre de avião 飛行機事故からのがれた伯人の体験 .....	4 2
A matéria é nada! A carne é nada! 物質はない、肉体はない、生命のみ実在 .....	4 8

Fonte: (ACENEDOR, 1970a)

Figura 47 – Tópicos do 140° número da Revista Acendedor

OS TÓPICOS DESTE NÚMERO	
O estado mental p/ receber as graças. 宗教体験を得る心境	3
Tome consciência do “EU grandioso e eterno”. 雄大・永遠なる自己を自覚せよ	27
Palavras de sabedoria. 智慧の言葉	28
O poder das palavras de um médico. 医者の言葉の影響	32
De onde provém a verdadeira satisfação? 真の喜びはどこから来るか	38
Testemunho: A família toda foi salva. 体験談：家族全体が救われた	45

Fonte: (ACENEDOR, 1981a, p. 48)

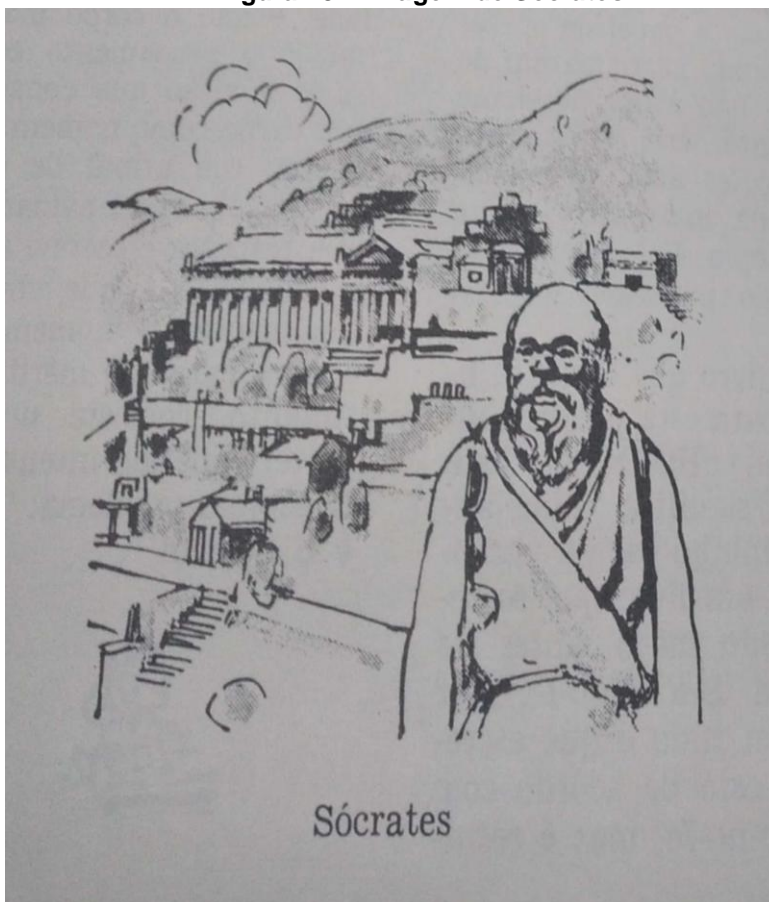
Em terceiro lugar, também seguindo uma forma de manter uma relação com o Japão, vale mencionar o acréscimo de relatos de experiência, a partir das publicações de 1970, de casos ocorridos no país nipônico (ACENDEADOR, 1970b; 1970c; 1982b; 1984a; 1984b; 1985a; 1985b).

Em quarto lugar, vale pontuar a inserção de textos em que Taniguchi estabeleceu um resgate das suas influências, durante a juventude universitária, da literatura ocidental. Neste sentido, foi possível encontrar, nas revistas, artigos – intitulados como “Comparação entre Jesus Cristo e Oscar Wilde” – em que o fundador da SNI discutiu sobre a importância do escritor irlandês para a consolidação, futura, da SNI (ACENDEADOR, 1973a; 1973b). Em uma das passagens destes textos, o leitor poderia se deparar com o seguinte apontamento:

Conforme relatei no meu livro *A Verdade da Vida*, nos capítulos referentes à minha autobiografia, na época em que estudava na Faculdade de Letras da Universidade de Waseda, eu me comovia muito lendo os ensaios de Oscar Wilde sobre a arte e a vida. Na verdade, essa ideia de que “as coisas expressas em palavras passam a existir” constitui um dos pensamentos básicos da “Seicho-No-Ie” [...] Por isso, é importante lermos, na juventude, livros que contenham bons pensamentos [...] a Seicho-No-Ie trouxe para a vida real o conteúdo de Wilde sobre a vida e a arte, no qual aparecem ideias tais como: “O nevoeiro de Londres passa a existir quando os poetas o cantam em seus poemas”, “A arte precede a vida”, e aplicou-as no movimento em prol da “iluminação da humanidade”. Quando a “Seicho-No-Ie” expressou, por meio de palavras elaboradas artisticamente, que “o homem é filho de Deus e imune a qualquer doença”, a vida passou a imitar estas frases (ACENDEADOR, 1973a, p. 38-39, grifo do autor).

Além deste resgate, foi possível notar a inserção de textos em que Taniguchi procurou trazer à tona suas influências provenientes da filosofia grega – vale destacar que, em conjunto a estes escritos, os leitores poderiam se deparar com a imagem de autores gregos, como Sócrates.

**Figura 48 – Imagem de Sócrates**



Sócrates

Fonte (ACEDENDOR, 1971a, p. 42)

Observando esta tendência podemos dizer que o sincretismo presente na formação da SNI foi explorado, pela revista, para apresentar ao público de leitores uma literatura ocidental que não se restringia aos textos bíblicos. “Ao abordar ideias e doutrinas no Ocidente, a *Seicho-No-Ie* assume no seu corpo doutrinário ideias que serviram como facilitadoras de sua aceitação em países ocidentais onde estes movimentos tenham se estabelecido, como no Brasil” (CASTILHO, 2006, p. 111-112, grifos do autor). Conforme sugere Albuquerque (2008), a SNI não se abdicou de buscar nas filosofias ocidentais uma construção compatível com a sua doutrina – levando-se em conta o proselitismo nos meios urbanos japoneses e brasileiros.

Em quinto lugar, vale pontuar a presença maior de textos de Masaharu Taniguchi envolvendo elementos capazes de dialogar com o Espiritismo. Neste cenário, foi possível identificar em dois artigos intitulados “O meio para extinguir os carmas negativos” (ACENDEDOR, 1977a; 1977b), a relação entre carma e *Jisso*:

Na época em que viviam nossos antepassados, não existia uma religião que ensinasse: “O homem é filho de Deus, e jamais existe pecado algum que fora cometido; conseqüentemente, não é preciso efetuar a autopunição”. Por isso, esses antepassados, ao renascerem neste mundo e ouvirem pela primeira vez tal ensinamento, alcançam a salvação soltando a ideia de “pecado” que suas “mentes” vinham segurando [...] Um dos livros que fala sobre a clarividência de Edgar Cayce cita o caso de uma pessoa que nasceu cega nesta encarnação porque na encarnação anterior cegou um adversário, furando-lhe os olhos. Melhor explicando, na encarnação anterior ela cometera aquele ato cruel porque ainda desconhecia a perfeição do Jisso. E o sentimento de culpa oculto em seu subconsciente formou o que chamamos de “carma negativo”, o qual se manifestou sob a forma de cegueira, na presente encarnação [...] O carma é como se fosse a energia acumulada numa pilha elétrica chamada “nossa mente”. Do mesmo modo que a energia de uma pilha desaparece quando ela se manifesta como “luz” ou “calor”, o nosso carma também começa a desaparecer no momento em que manifesta em forma daquilo que foi acumulado em nossa mente [...] o melhor seria extinguir o “carma negativo do passado” sem que nos aconteçam “fatos desagradáveis”. Como poderemos fazer isso? [...] Conscientizando-nos, através da leitura da sutra sagrada “Kanro-No-Hoou”, de que, “na verdade o carma negativo não existe”, pois o Jisso do homem é filho de Deus [...] (ACENDEDOR, 1977b, p. 47-48-49-50, grifos do autor).

Observando este trecho, em que, via Revista Acendedor, os leitores poderiam encontrar conexões entre Espiritismo e a literatura da SNI, é possível dizer que, ainda na década de 1970, os brasileiros ligados ao Espiritismo já presenciavam o seguinte

apontamento observado, posteriormente, pelo trabalho de campo de Albuquerque (1999, p. 49, grifo da autora). “Para os adeptos provenientes do Espiritismo Kardecista, os ensinamentos de Taniguchi vieram fornecer novas técnicas para solucionar problemas causados pelos ‘espíritos’, agora chamados de antepassados”.

Em sexto lugar, vale mencionar a presença recorrente de textos de Masaharu Taniguchi dedicados à educação das crianças – pautada no *Jissô*. A partir da década de 1970, a SNI procurou disseminar no Brasil, “[...] propostas pedagógicas, analogias com a Física e preceitos extraídos da Filosofia, ao lado do seu conteúdo propriamente religioso japonês” (ALBUQUERQUE, 2008, p. 10).

Através de títulos como “Sobre a educação da vida”, “Educação da vida”, “Pedagogia da Seichi-No-le” e “Educação para formar gênios” (ACENDEDOR, 1969b; 1971b; 1976a), a Revista Acendedor procurava apresentar aos leitores a importância e o poder das palavras para a educação dos filhos:

Está escrito no capítulo “Educação da Vida” do livro “A Verdade da Vida”: “Reverencie a criança” [...] Por isso, quando a criança estiver fazendo as tarefas escolares, os pais, ao ajudarem-na, virem que não conseguem resolver bem o problema de Aritmética, não devem dizer: “você tem cabeça ruim” [...] Em geral os pais, como desejam melhorar seu filhos, procuram descobrir partes negativas destes e tentam corrigi-los [...] E pelo poder sugestivo dessas palavras, ao invés de melhorar, consegue somente resultados negativos. Se não houver uma reforma nesse método educacional de apontar as falhas não será possível formar uma criança. Por isso as palavras que repreendem segurando as partes negativas não são necessárias para a educação. O melhor é elogiar. Assim, “o método de Educação da Vida” elogia todos os seres humanos como filhos de Deus [...] Assim, aproveitando-se da força intuitiva e do poder da palavra, é importante fazê-la despertar para “Deus” que se aloja no seu interior (ACENDEDOR, 1969b, p. 24-25-26-27-28, grifos do autor).

Seria através do elogio – ou seja, das “palavras positivas” – que o *Jissô* poderia ser despertado nas crianças:

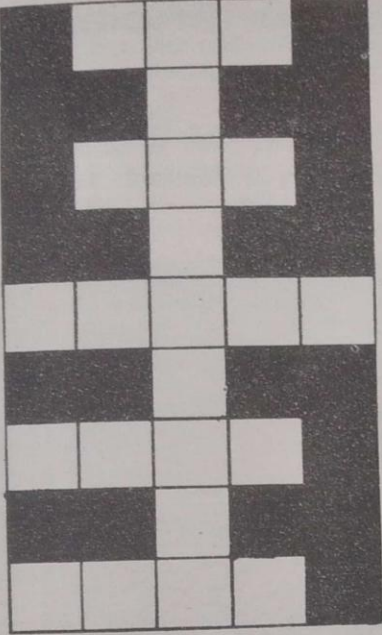
Outro ponto forte nos ensinamentos de Taniguchi é o elogio. O elogio é enfatizado sobretudo na educação infantil. Afirma-se que, elogiando-se sempre uma criança, as palavras vão se acumulando no inconsciente e proporcionando um melhor desenvolvimento físico e mental (ALBUQUERQUE, 1999, p. 39).

Em algumas publicações foi possível notar, em conjunto aos textos de Taniguchi, a inserção de elementos provenientes da cultura ocidental – como foi o caso das

palavras cruzadas. Podemos dizer que tal ação seria uma forma de familiarizar as crianças com o método de ensino da SNI, mediante uma atividade que poderia ensiná-las a proferirem “palavras positivas”. Na figura a seguir, podemos notar que o próprio nome da revista foi usado como resposta ao preenchimento da coluna da vertical.

Figura 49 – “Educação da vida: assim se educam crianças talentosas”

**Palavras Cruzadas**

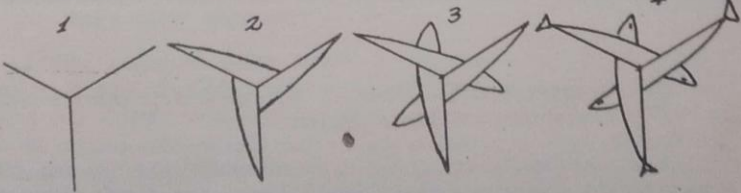


**HORIZONTAIS:**

- 1 — verbo ir, 3.a p. plural
- 2 — fazer leitura
- 3 — contrário de ninguém
- 4 — feminino de todo
- 5 — tempo de 60 minutos

**VERTICAL: nome da melhor revista do mundo.**

*Sardinhas Cruzadas*



Fonte: (ACENEDOR, 1970a, p. 41).



Além dos textos sobre a educação, foi possível notar a presença de um conjunto de orações – com o título “Orações sobre a educação dos filhos” – e logo abaixo deste título, o nome “Liga dos Novos Educadores da *Seicho-No-Ie*” (LINE) (ACENDEADOR, 1976b). Considerando tal fato, cabe destacar que esta liga foi inicialmente criada por Masaharu Taniguchi no Japão – na década de 1950. Recebendo o nome de *Shin-Kyo-Len* (cuja tradução seria justamente “Liga dos Novos Educadores”), ela foi fundada com o objetivo de difundir os princípios educacionais da SNI na sociedade nipônica (inclusive nas escolas) (MUKAI, 2018).

Observando a presença das orações e do nome da liga traduzidos na Revista Acendedor, cabe destacar que havia o interesse de difundir, na sociedade brasileira, a LINE. “A *Seicho-No-Ie* procurou atingir os professores criando a Liga dos Novos Educadores [...]” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 24). Daí que, na revista, em uma das partes das orações voltadas à educação infantil, havia uma menção ao Brasil. “Eu aprendo bem, porque sou filho de Deus [...] Serei um grande homem, terei um futuro brilhante e serei um dirigente do Brasil, pois Deus está dentro de mim” (ACENDEADOR, 1976b, p.54).

Em sétimo lugar, vale mencionar a inserção de textos de Masaharu Taniguchi relacionados à importância do trabalho:

Vistas até então como religiões étnicas cuja missão estava confinada à comunidade japonesa no Brasil, agora elas buscavam tomar a aparência de religiões universais, ainda que com características japonesas específicas. A retenção destas foi vista como essencial não apenas no sentido de que proporcionavam uma base sólida, como também porque o sucesso em um mundo progressivamente sujeito às forças da globalização, tanto no sentido objetivo quanto subjetivo, exigia que as novas religiões oferecessem algo específico, que não estivesse prontamente disponível, através dos seus ensinamentos e de suas práticas. A primeira e mais eficaz reforma foi a introdução do português, junto com o japonês, como idioma oficial dos ensinamentos e dos rituais. Em seguida, as novas religiões japonesas, ou *shinshukyo*, com a experiência acumulada no Japão, ofereceram aos brasileiros [...] técnicas de lidar com o stress e de preparação mental para superar os desafios impostos pela nova ordem econômica e, por fim, reverter esta última para o seu próprio benefício espiritual e material (CLARKE, 2008, p.29).

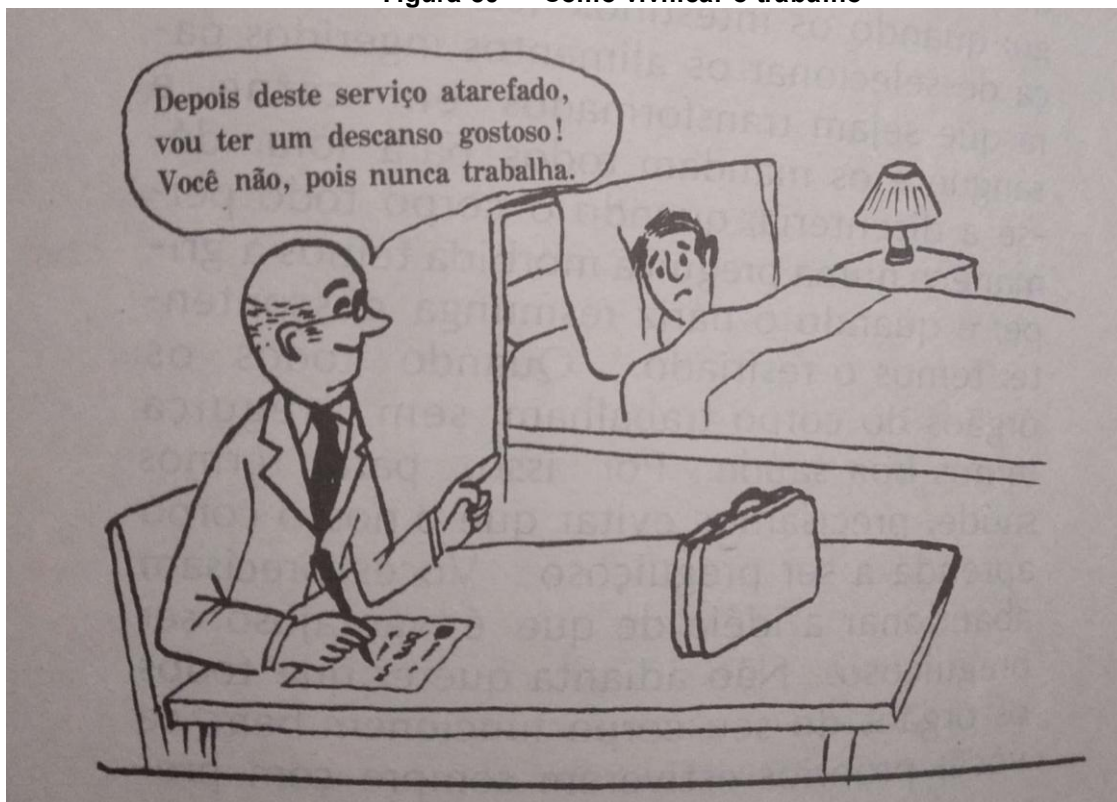
Através de títulos como, “Valorize o trabalho”; “O trabalho cura as doenças”, “Como vivificar o trabalho” e “Para inovar o empreendedorismo” (ACENDEADOR, 1973b;

1974a; 1974b; 1980a), a Revista *Acendedor* procurava trazer aos leitores a relação entre trabalho e *Jissô*:

A mente foi feita para trabalhar, e uma vez que ela está viva, não pode deixar de manter-se ativa [...] Para tanto, devemos trabalhar [...] Quando [...] trabalhamos não só os outros ficam satisfeitos conosco, como também nós próprios progredimos, ganhamos saúde e conseguimos ter êxito na vida. Embora trabalhando igualmente, há os que ficam doentes e os que têm saúde; os que caem na miséria e os que são bem sucedidos na vida. Tudo depende da maneira de usar a “mente”. O fato de a leitura dos livros da Seicho-No-Ie curar as doenças não significa que o papel ou a tinta usados na impressão desses livros tenham o poder de curar. Esses livros conseguem curar as doenças porque transbordam a atitude mental dos leitores, ou seja, mudam a “mente ativa” [...] O que transforma a mente são as palavras escritas nos livros da Seicho-No-Ie. Lendo esses livros que trazem a Verdade, vocês perceberam a estupidez de permanecer na ociosidade e passarão, naturalmente, a sentir o desejo de trabalhar [...] O trabalho passará a ser uma alegria [...] Isto é um fato. A partir de amanhã, vocês serão ainda mais trabalhadores [...] Este é o poder da palavra tanto falada como escrita. Vocês trabalharão não a contragosto, mas sim porque sentirão um grande prazer em trabalhar. E o maravilhoso é que tudo isso acontece naturalmente (ACENDEADOR, 1974b, p. 28-29-30-31, grifos do autor).

Além do sentimento de satisfação em decorrência do trabalho, alguns trechos também procuravam frisar os benefícios do mesmo para o merecimento do descanso. “O homem foi criado por Deus para trabalhar [...] Por isso, Deus não dá o prazer do descanso aos que não trabalham [...] Quem vive em constante repouso desconhece a alegria de um domingo” (ACENDEADOR, 1974b, p. 33). Como forma de exemplificar este argumento, os leitores poderiam ser deparar com diálogos em português – em formato de gravuras.

Figura 50 – “Como vivificar o trabalho”



Fonte: (ACENEDOR, 1974b, p.32)

Em outros casos, foi possível perceber a presença de trechos em que a valorização do trabalho era exemplificada pela história do Primeiro Presidente dos EUA – George Washington (1732-1799) – e pelos motivos que acarretaram a queda do Império Romano (ACENDEADOR, 1973b). Neste segundo exemplo, os leitores poderiam notar a relação entre o declínio do império e a figura do “Satanás”. “Roma era uma nação forte enquanto o seu povo gostava de trabalhar [...] A corrupção não se aproxima das pessoas que trabalham. O Satanás da corrupção tenta os preguiçosos, arrastando-os aos abismos irrecuperáveis da decadência” (ACENDEADOR, 1973b, p. 55).

Observando esta ênfase ao trabalho – bem como a presença da figura do “Satanás nos textos” –, vale notar que em meio ao discurso do “milagre econômico brasileiro” – da década de 1970 –, as publicações da revista refletiriam uma atração da população brasileira à prosperidade financeira – tal como poderia ser notado com a emergência da Teologia da Prosperidade do Neopentecostalismo (DINIZ, 2006). Segundo Mariano (2004, p.123-124):

O neopentecostalismo teve início na segunda metade dos anos de 1970. Cresceu, ganhou visibilidade e se fortaleceu no decorrer das décadas seguintes. A Universal do Reino de Deus (1977, RJ), a Internacional da Graça de Deus (1980, RJ), a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, GO) e a Renascer em Cristo (1986, SP), fundadas por pastores brasileiros, constituem as principais igrejas neopentecostais do país. No plano teológico, caracterizam-se por enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra, por pregar a Teologia da Prosperidade, difusora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos [...].

Não deixando de lado as diferenças entre SNI e Neopentecostalismo – como, por exemplo, a explicação sobre a origem do “mal” –, deve-se, no entanto, levar em conta que o desenvolvimento delas, no solo brasileiro, está relacionado ao processo de globalização (TARGINO, 2021). Daí que, no dia 22 de novembro de 1970, a Associação Prosperidade da SNI – voltada basicamente aos empresários, profissionais liberais e autônomos, e que já existia no Japão – foi fundada no Brasil pela iniciativa de Katsumi Tokushisa (DINIZ, 2005). No nº 61 da revista, publicado em junho de 1974, foi possível observar a inserção dos “Preceitos Diários” de Masaharu Taniguchi relacionados à prosperidade. Através do título “Como realizar a prosperidade”, os leitores poderiam se deparar, nestes preceitos, com “palavras do dia” relacionando *Jissô* e prosperidade.

“[...] somente através do ‘pensamento de riqueza’ é que se torna realmente possível a materialização da riqueza. Esta é a ‘lei da prosperidade’. Mesmo que busquemos a riqueza, se possuímos ‘pensamentos de pobreza’, os nossos esforços serão inúteis” (ACENDEADOR, 1974c, p. 14, grifos do autor). Segundo Targino (2021), tanto a SNI quanto a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), por exemplo, advogam pela conquista de salvação neste mundo.

## 7.2 A dinâmica das propagandas

Em relação às propagandas, cabe mencionar, inicialmente, que além da continuidade da divulgação das vendas de obras traduzidas de Masaharu Taniguchi e das campanhas para a assinatura da Revista Acendedor, foi possível notar que esta revista – ao divulgar os impactos das visitas de Seicho Taniguchi, em 1970, e Masaharu Taniguchi, em 1973, ao nosso país – procurou apresentar que o impulso e o sucesso das assinaturas proviam da boa relação mantida entre matriz e filial. “Entretanto, o controle do Japão é reafirmado sempre em conferências de visitantes, que apresentam o Japão e o Brasil como os dois polos, no Oriente e no Ocidente, respectivamente, que liderarão o ‘Movimento para Iluminação da Humanidade’, meta última da Seicho-No-le” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 29, grifos da autora). No último número da revista publicado em 1970, foi acrescentado um texto, em nome da Seicho-No-le do Brasil, informando sobre os motivos pelos quais a revista, a partir de 1971, passaria a ser publicada mensalmente:

Primeiramente, os nossos profundos agradecimentos aos caros leitores que sempre nos prestigiam [...] Como é do conhecimento de todos, a presente revista era bimestral. Entretanto, felizmente, em virtude de incessantes e inúmeras solicitações dos leitores no sentido de tornar mensal a publicação da Revista Acendedor, e em virtude também das palavras no mesmo sentido do Prof. Seicho Taniguchi, Vice-Supremo mandatário da Seicho-No-le, que recentemente esteve de visita ao Brasil, decidimo-nos partir para a publicação mensal a partir do próximo mês de janeiro (1971) [...] Todos unidos, nós e leitores, levemos avante, cada vez mais o intenso, o grande movimento da Iluminação da Humanidade acendida pelo Mestre Masaharu Taniguchi (ACENDEADOR, 1970b, p. 56).

Em números da revista lançados após 1973, foi possível notar a presença – inclusive em formato de orações – da chamada “Campanha para 1 milhão de

assinantes”. “O Mestre, Dr. Masaharu Taniguchi, quando esteve aqui em 1973, prometeu que voltará ao Brasil quando tivermos conseguido um milhão de leitores da Revista Acendedor” (ACENDEADOR, 1976c, p. 48).

Figura 51 – “Campanha para 1 milhão de assinantes”

Leiamos o Acendedor;

Divulguemos o Acendedor!

Propaguemos a felicidade!

Aumentemos 10 leitores por mês!

Alcancemos a meta: 1 milhão de Acendedor!

Graças ao amor e dedicação dos leitores, a tiragem da revista Acendedor duplicou neste último ano: de 46.000 exemplares em julho de 1973, cresceu para 93.000. A Seicho-no-Ie do Brasil agradece sinceramente.

Fonte: (ACENEDOR, 1974c, p. 54)

Figura 52 – “Campanha para 1 milhão de assinantes”

\*\*\*\*\*

**VAMOS DIVULGAR  
UM MILHÃO DE ACENDEDOR**

\*\*\*\*\*

As palavras da Verdade — palavras de Deus — salvam as pessoas oprimidas pelos problemas, sofrimentos, doenças... Se salvamos uma pessoa, já valeu a pena termos nascido. Salvamos não uma só pessoa, mas dez, cem, mil, um milhão... Vamos cobrir o Brasil com palavras da Verdade. “Dá, e receberás”. “Salva, e serás salvo”.

*ORAÇÃO PARA A CONSECUÇÃO DE UM MILHÃO DE LEITORES*

*Ó Deus, Criador do Universo,  
que dais Vida a todos os seres vivos,  
que dais existência a todos os seres existentes  
e que do Céu dirigis a Seicho-no-Ie  
no seu Movimento de Iluminação da Humanidade:  
orientai a nós, adeptos da Seicho-no-Ie do Brasil,  
na campanha para a consecução  
de UM MILHÃO DE LEITORES de Acendedor,  
que contém palavras da Verdade por Vós revelada.*

*Ó Deus, abençoai e orientai esta campanha  
para que possamos levar a divina revista a todos  
e cobrir todo o Brasil com palavras da Verdade;  
e fazei com que este país se torne  
um radiante Paraíso Terrestre.*

*Obrigado, Deus, que nos orientais sempre  
com o Vosso infinito amor e sabedoria.*

*Igreja Seicho-no-Ie do Brasil.*

Fonte: (ACENDEDOR, 1976d, p. 50)



Figura 53 – “Campanha para 1 milhão de assinantes”

# Um Milhão de Acendedor!



**para iluminar o Brasil com palavras  
da Verdade!**

O Mestre, Dr. Masaharu Taniguchi, quando esteve aqui em 1973, prometeu que voltará ao Brasil quando tivermos conseguido um milhão de leitores da Revista Acendedor. “Um milhão de leitores” significa “o nosso país mais unido, mais harmonioso, mais próspero, mais alegre e mais feliz”.

Nós, que fomos salvos pelo Mestre, vamos retribuir-lhe, realizando o seu desejo de ver mais grandioso e feliz o Brasil, que ele ama realmente.

Já temos 160 mil leitores! Esse número representa apenas uma proporção de 1 para 625 em relação à população do Brasil, que é de 100 milhões de habitantes aproximadamente. Portanto, só mais uma forcinha.

Fonte: (ACENEDOR, 1976c, p. 48)

Figura 54 – “Campanha para 1 milhão de assinantes”

## **VAMOS DIVULGAR UM MILHÃO DE ACENEDOR**

Um ACENEDOR divulgado significa  
um acidente de trabalho a menos,  
um acidente de trânsito a menos,  
um doente a menos e  
uma pessoa feliz a mais.

Um milhão de ACENEDOR  
é um milhão de pessoas felizes.  
Onde há felicidade não há revolta.  
Onde há harmonia há progresso.  
País grandioso é aquele cujo povo é feliz.

Uma revista ACENEDOR que você divulga  
salva o próximo, salva a família e salva a Pátria.  
Se você salvou ao menos uma pessoa,  
Já valeu a pena ter nascido.

Fonte: (ACENEDOR, 1977a, p. 53)

Figura 55 – “Campanha para 1 milhão de assinantes”

Seja você um dos participantes da campanha

**UM MILHÃO DE ACENEDOR  
PARA ILUMINAR O BRASIL,**

fazendo uma assinatura anual desta revista.

Solicito uma assinatura anual da revista mensal ACENEDOR.

Nome \_\_\_\_\_

End. ou C. Postal \_\_\_\_\_

Bairro \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_

CEP nº \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

Ofereça uma assinatura ao seu melhor amigo.  
Ele será feliz, e você também.

Solicito uma assinatura anual da revista mensal ACENEDOR  
ao meu melhor amigo:

Nome do amigo \_\_\_\_\_

End. ou C. Postal \_\_\_\_\_

Bairro \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_

CEP nº \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

Oferecida por \_\_\_\_\_

Endereço \_\_\_\_\_

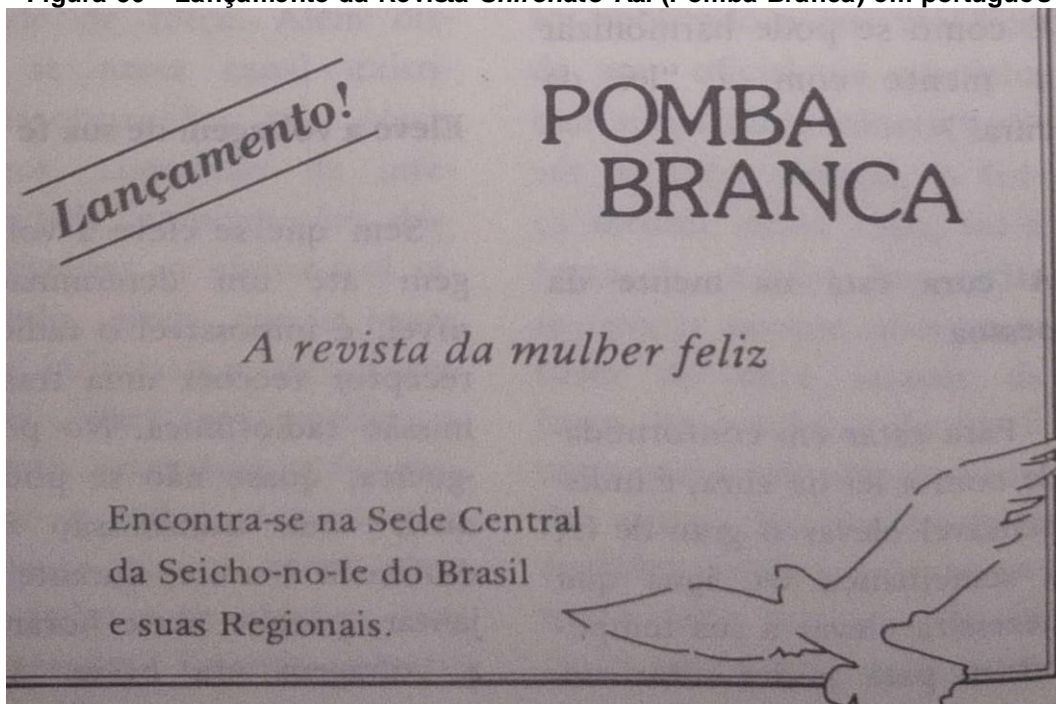
O pedido será feito mediante o envio de Cr\$ 120,00 em cheque visado pagável em São Paulo ou em vale postal pagável na agência central, a favor da IGREJA SEICHO-NO-IE DO BRASIL – C. Postal 1093 – CEP 01000 – São Paulo.

Fonte: (ACENEDOR, 1979, p. 47)

Em segundo lugar, cabe mencionar que o início da propagação de notícias referentes às traduções das obras de Katsumi Tokuhisa –, indicaria uma espécie de tentativa de divulgação e expansão de outras obras da SNI no território brasileiro. Neste sentido, cabe destacar que, em 1969, a revista chegou a publicar uma nota referente à tradução do livro “Mente, Corpo e Destino”. “Foi editado novo livro em português: Mente, Corpo e Destino [...] este livro que é ilustrado e de fácil leitura, esclarece o misterioso mecanismo da mente, o qual comanda todos os fenômenos da vida [...]” (ACENDEDOR, 1969c, p. 57). Segundo Albuquerque (1999), tradução desta obra passou a oferecer, aos brasileiros, mais uma publicações contendo conselhos para a resolução de problemas cotidianos.

Em terceiro lugar, vale pontuar um informe – no ano de 1985 – referente ao lançamento da primeira publicação da Revista *Shirohato-Kai* – Pomba Branca – em português. Neste sentido, o público feminino passaria a poder adquirir – na Sede Centra da SN/BR ou nos seus núcleos – uma revista voltada integralmente às mulheres.

Figura 56 – Lançamento da Revista *Shirohato-Kai* (Pomba Branca) em português



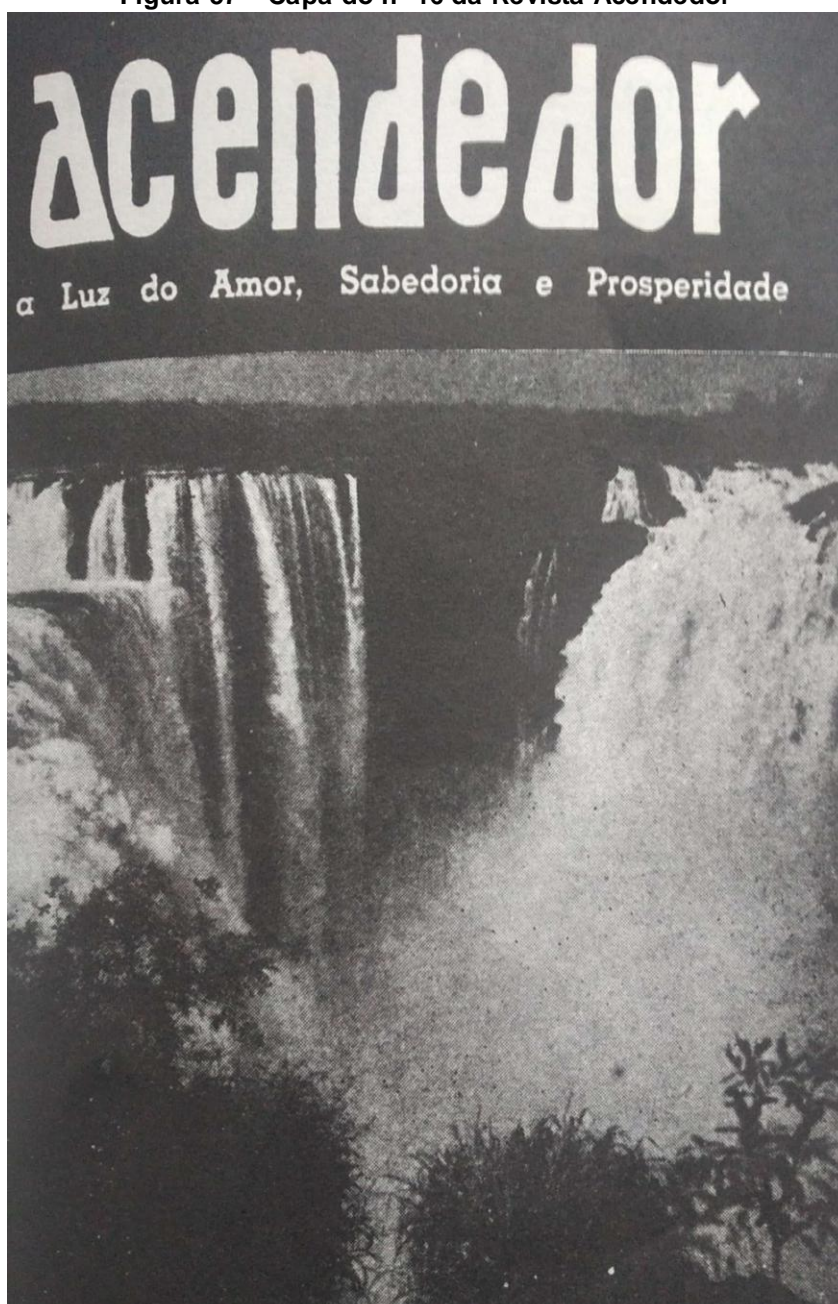
Fonte: (ACENDEADOR, 1985a p. 42)

Este lançamento, além de possibilitar uma expansão da revista para o público feminino brasileiro, também carregaria uma ligação com Teruko Taniguchi, ou seja, a Suprema Presidente da *Shirohato-Kai*. Segundo Matsuda (1988), a revista foi lançada em 1985 como forma de homenagear os 90 anos de Teruko – completados exatamente naquele ano.

### **7.3 Uma nova aproximação com o local**

Em relação às capas da revista, foi possível notar que a partir de 1969, os leitores foram incentivados a enviarem fotos não somente para as capas, mas também para os próprios conteúdos da revista. “Enviem-nos boas fotos que publicaremos na capa ou no conteúdo da revista” (ACENDEDOR, 1969d, p.56). Como forma de impulsionar esta iniciativa, foi possível observar que a capa do primeiro número da revista publicado em 1969 continha uma foto das Cataratas do Iguaçu – localizada, no Brasil, no Estado do Paraná. Nos informes sobre a autoria da foto, estava descrito que ela havia sido tirada por Katsumi Tokuhisa, ou seja, uma liderança internacional da SNI (ACENDEDOR, 1969d).

Figura 57 – Capa do nº 16 da Revista Acendedor

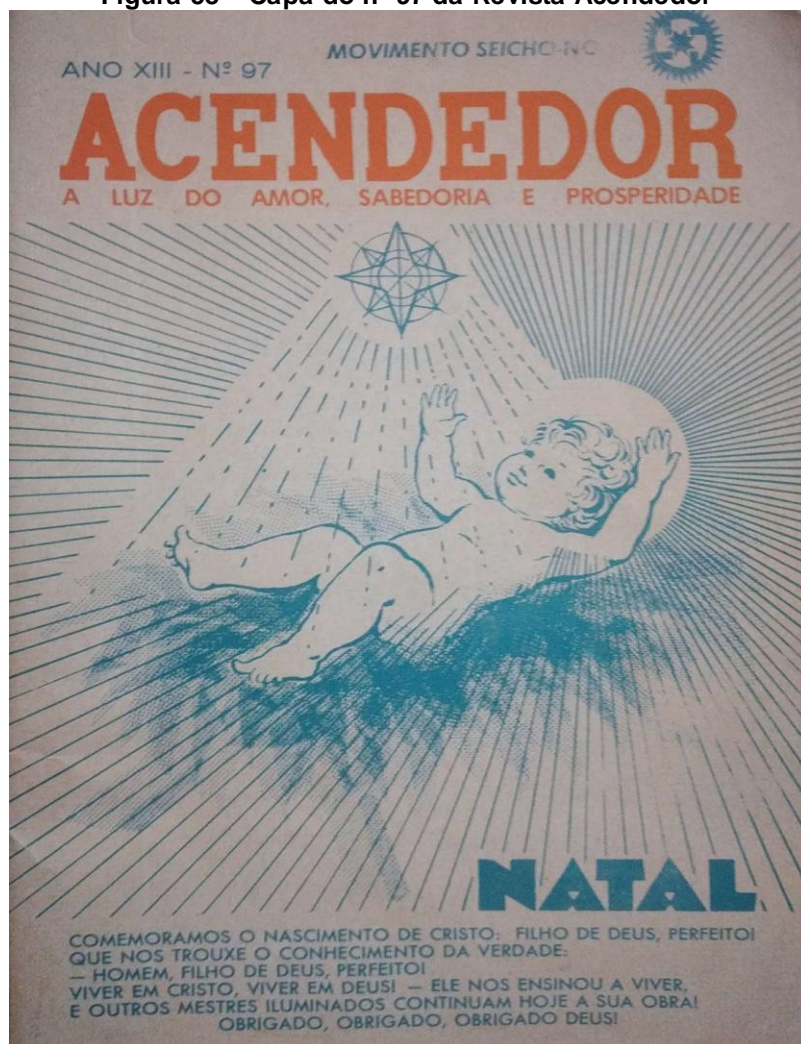


Fonte (ACENEDOR, 1969d)

Nas capas enviadas pelos assinantes e escolhidas para publicação, foi possível notar que a revista procurava selecionar elementos relacionados à cultura brasileira. No exemplo abaixo, podemos perceber que o nascimento da figura de Jesus Cristo foi utilizado como capa do nº 97 da Revista Acendedor – publicado em dezembro de 1977, ou seja, no mês referente ao Natal.



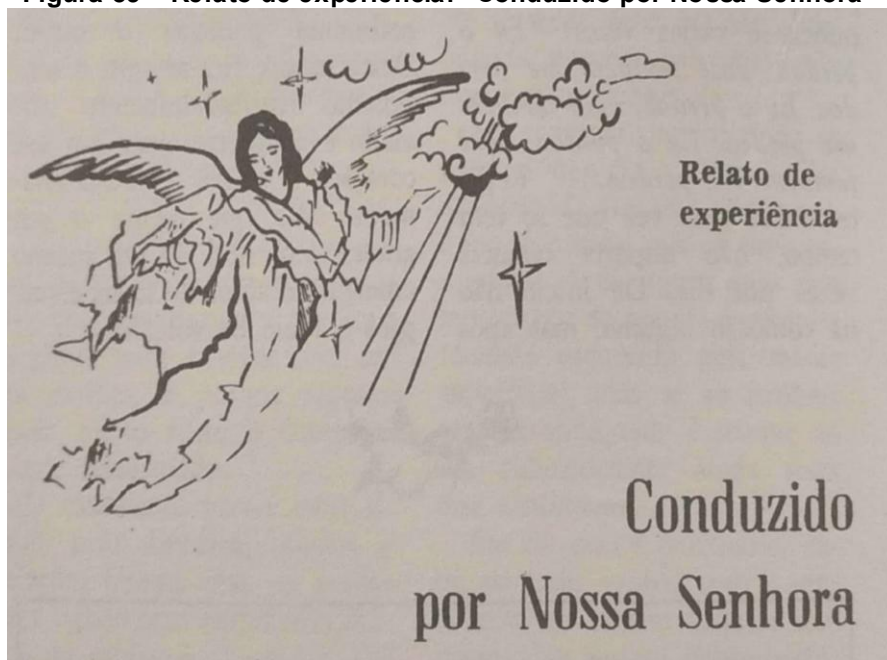
Figura 58 – Capa do nº 97 da Revista Acendedor



Fonte: (ACENDEDOR, 1977c)

Em relação aos conteúdos da revista, vale destacar, como exemplo, o relato de experiência intitulado “Conduzido por Nossa Senhora” – publicado, em 1969, no nº 17 da Revista Acendedor.

**Figura 59 – Relato de experiência: “Conduzido por Nossa Senhora”**

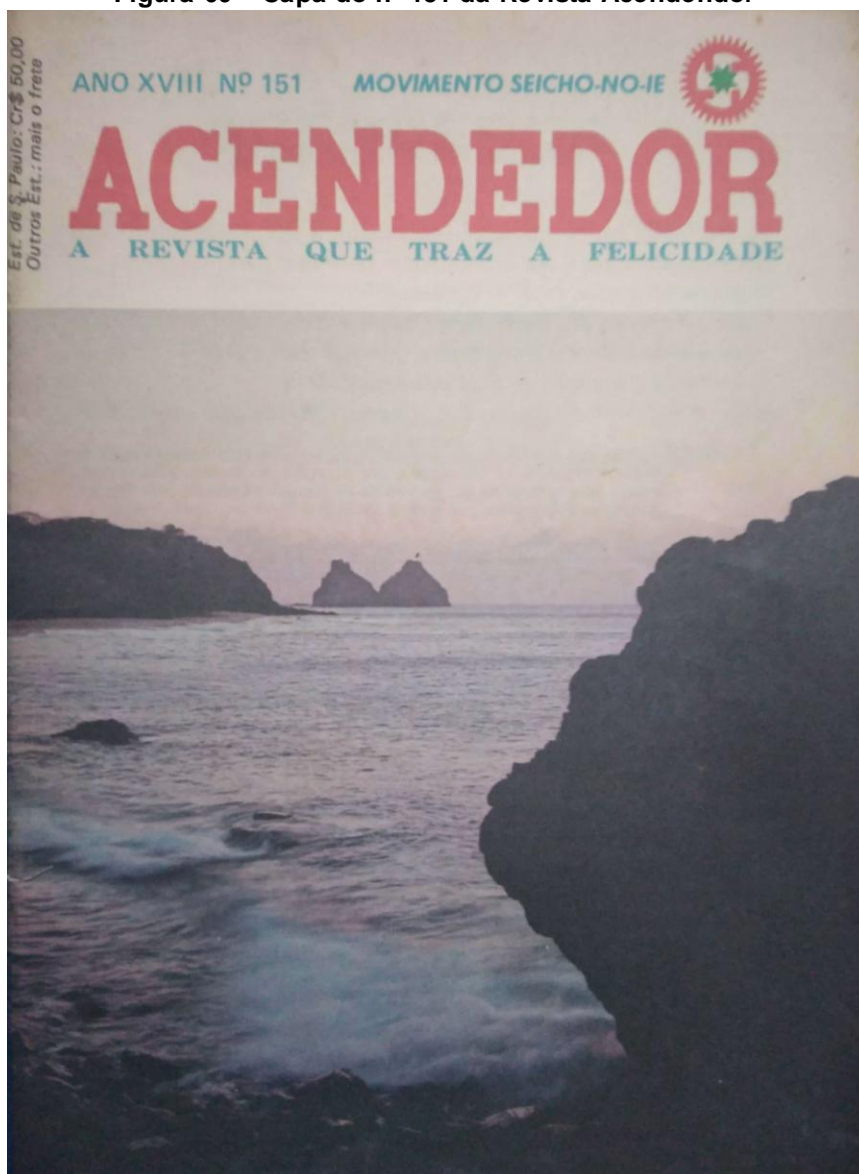


Fonte: (ACENEDOR, 1969c, p. 30)

Como forma de impulsionar a campanha de envio de fotos, a revista procurou inserir em conjunto ao relato – descrito por um estudante de medicina da Universidade Federal de Belém-Pará –, a figura católica de “Nossa Senhora” – apresentada em forma de anjo. “Em relação às crenças cristãs centrais [...] estão a ressurreição de Jesus Cristo e a concepção imaculada de Maria, a santa mais popular do Brasil” (CLARKE, 2008, p. 31).

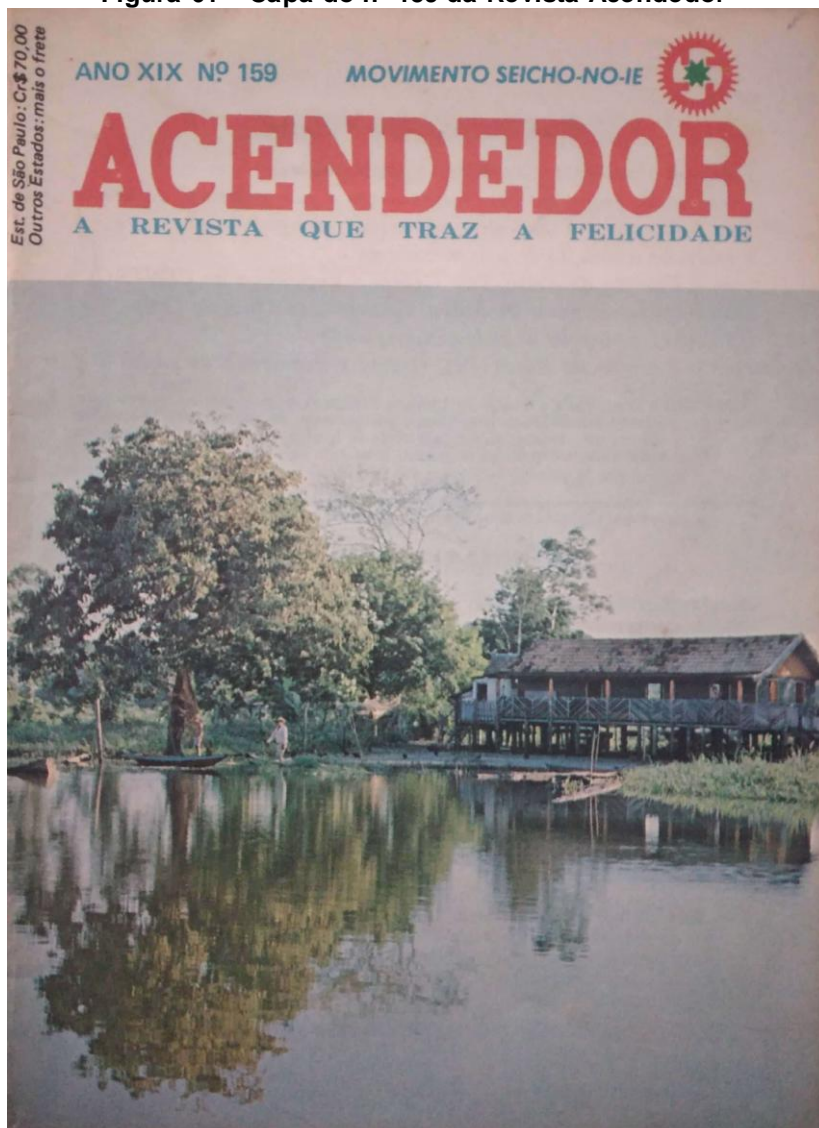
Na década de 1980, a revista chegou a lançar a chamada “Campanha de fotos para capas da Revista Acendedor”. “Estamos recebendo slides para as próximas capas da Revista Acendedor. Esperamos que os leitores participem, enviando-nos as mais belas fotos (slides). Convide também seus amigos ligados à fotografia” (ACENDEDOR, 1984b, p. 43). Foi possível notar que, em alguns casos, as fotos selecionadas diziam respeito às paisagens brasileiras. Nas imagens a seguir, as fotos do Morro Dois Irmãos – localizado em Fernando de Noronha – e do Rio Solimões – presente, no Brasil, no Estado do Amazonas – foram usadas como capas da Revista Acendedor.

Figura 60 – Capa do n° 151 da Revista Acendedor



Fonte: (ACENDEDOR, 1982b)

Figura 61 – Capa do n° 159 da Revista Acendedor



Fonte: (ACENDEDOR, 1983)

Em meio a tais incentivos, foi possível notar um número reduzido de capas da revista que remetiam às origens da SNI, ou seja, ao Japão. Como evidência deste fato, pôde-se notar que somente em uma publicação de 1969 – através da imagem do templo da SNI localizado na cidade de Uji –, e três em 1975 – apresentando a figura da Sede Internacional da SNI –, presenciou-se tal cenário (ACENDEADOR, 1969c; ACENDEADOR, 1975a; 1975b; 1975c).

Além da campanha de fotos, foi possível notar, a partir das publicações de 1974, anúncios convocatórios para o chamado “Concurso de tradução” (ACENDEADOR, 1974d). Levando-se em consideração que, até o final da década de 1980, a maioria dos adeptos era constituída por *nikkeis* (USARSKI; SHOJI, 2017), a divulgação deste concurso pela revista instigava os leitores, através de premiações, a contribuírem para a intensificação das traduções das obras de Masaharu Taniguchi – facilitando uma maior propagação da literatura da SNI para os brasileiros sem ascendência nipônica.

**Figura 62 – Informações sobre o “Concurso de tradução”**

Em virtude do crescimento cada vez maior do número de adeptos e a conseqüente necessidade de permitir-lhes maior acesso às obras do Mestre Masaharu Taniguchi, a Igreja Seicho-no-Ie do Brasil promoverá um CONCURSO DE TRADUÇÃO, a fim de que, com a colaboração dos classificados, possam ser traduzidos os livros do Mestre com maior rapidez.

#### **REGULAMENTOS:**

- 1 - ELIMINATÓRIA - Traduzir as páginas 243, 244 e 245 do livro Jinsei Tokuhon, cap. XV, enviar 5 vias datilografadas a espaço 3 até o dia 10 de março de 1975, anexando os seus dados pessoais: nome, idade, instrução e nacionalidade.
- 2 - SEMIFINAL - - Os candidatos que ficarem para a semifinal deverão entregar a tradução até o dia 30 de maio de 1975. O original a ser traduzido será oportunamente divulgado.
- 3 - FINAL - - Os candidatos que forem aprovados na semifinal deverão apresentar-se à Sede Central, no dia 5 de julho, para se submeterem ao exame final. (as despesas serão pagas pela Seicho-no-Ie).

#### **PRÊMIOS:**

- |  |              |
|--|--------------|
| 1 - Prêmio Especial: passagem de ida e volta ao Japão. |              |
| 2 - 1º lugar .....                                     | Cr\$ 3000,00 |
| 3 - 2º lugar .....                                     | Cr\$ 2000,00 |
| 4 - 3º lugar .....                                     | Cr\$ 1000,00 |
| 5 - 4º lugar .....                                     | Cr\$ 500,00  |
| 6 - 5º a 10º lugar .....                               | Cr\$ 300,00  |



Fonte: ACENDEADOR (1974d, p. 52)



Observando esta estratégia de divulgação do concurso pela revista, podemos fazer uma relação desta iniciativa com os próprios dados referentes às obras traduzidas da SNI até o final da década de 1970. “[...] em 1978, as obras em português editadas pela Seicho-No-le eram em torno de 22 [...]” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 57).

#### **7.4 A manutenção da importância da figura do fundador**

Em relação às informações sobre Masaharu Taniguchi, vale destacar a presença cada vez mais detalhada e enfática da figura do fundador da SNI – nas páginas da revista. Em primeiro lugar, foi possível perceber que as notas referentes à celebração no aniversário de Taniguchi vieram acompanhadas, em alguns casos, dos informes referentes à própria comemoração do dia da fundação da SNI – fortalecendo desta forma, via Revista Acendedor, o vínculo da filial com a matriz. Daí que os convites para as atividades comemorativas da data de fundação também passaram a ser inseridos. “Dia 1° de março a Seicho-No-le completará 41 anos de sua existência. Estão programadas para o dia 28 de fevereiro, antecipando um dia, as cerimônias de comemoração da data de sua fundação, na Sede Central, em Jabaquara [...]” (ACENDEADOR, 1971b, p. 28). Além dos convites, as notícias sobre o evento comemorativo, ocorrido na Sede Central da *Seicho-No-le*, procuravam mostrar a presença numerosa de pessoas para prestigiar o evento. “2.000 pessoas afluíram na Sede Central para comemorar o 42° ano de fundação da Seicho-No-le (42 pela contagem japonesa, pois pela ocidental seria 41)” (ACENDEADOR, 1971a, p. 29).

Figura 63 – Comemoração dos 40 anos da SNI e 70 anos de Masaharu Taniguchi

## A SEICHO-NO-IE E O DR.

40 Anos

“...Tenho que salvar a humanidade com tóda a chama que tenho. Por pequena que seja a minha chama, não deixarei de iluminar o caminho que a humanidade deve seguir. É a chama da Verdade que desceu do Céu. É labareda! Toquem em mim. Não deixarei de transmitir esta chama aos que em mim tocarem. Levanto-me resoluto. Vejam! Irei iluminando o caminho que a humanidade tem a seguir, queimando como vela o meu próprio ser até a chama acabar de consumir-me...”

Com estas palavras inflamadas e resolutas no prefácio, o prof. Masaharu Taniguchi publicava há quarenta anos, a 1.º de março de 1930, o seu primeiro número da revista SEICHO-NO-IE, nome êsse que passou a designar o movimento todo que veio depois a se desencadear.

O prof. Taniguchi, possuidor de profundo sentimento de humanidade desde jovem, compadeceu-se de corpo e alma pelo sofrimento humano e buscou avidamente um caminho que desse solução aos padecimentos da humanidade. Seu sentimento foi ouvido por Deus e teve a revelação da Verdade: êle descobriu o “Filho de Deus”, isto é, descobriu o JISSÓ, o homem perfeito, invulnerável, que não adoece, que não peca, que não morre; que êste é o verdadeiro homem, a verdadeira existência, exatamente como Deus criou (Deus criou o homem à sua semelhança e à sua perfeição — Gênesis). Compreendeu que a carne, a matéria e êste mundo material eram o nada, não eram a verdadeira existência; que esta vida e êste mundo material nada mais são que a projeção da mente; que a felicidade ou o sofrimento são produtos da nossa mente e, portanto, uma vez conhecido o mecanismo da mente, o homem pode modificar esta vida para feliz ou para infeliz à sua vontade. E, assim, o ensinamento se

## TANIGUCHI

77 Anos

expandiu mundo afora, solucionando doenças, problemas econômicos, discórdias familiares e estabelecendo o verdadeiro paraíso no lar.

O Dr. Taniguchi descobriu o princípio da cura que Cristo, Buda e outros mestres utilizaram para curar os doentes, princípio êsse que permite a qualquer pessoa realizar os mesmos milagres realizados por grandes mestres do passado. Êle trouxe, assim, ao alcance de todos, o que era privilégio de alguns, o que era considerado como um mistério inexplicável.

Desta maneira, a SEICHO-NO-IE se propõe a fazer tódas as religiões recuperarem aquela força de cura, a ressuscitar em tódas as religiões aquela força de orientar e conduzir os homens e a sociedade que hoje parecem menosprezar a fé; e, finalmente, fazer tódas as religiões se reconciliarem e trazer a paz mundial, o paraíso terrestre.



Fonte: (ACENEDOR, 1970a, p. 28-29)

**Figura 64 – Comemoração dos 81 anos de Masaharu Taniguchi**

Comemorou-se no dia 25 de novembro o 81º aniversário de nascimento do Dr. Masaharu Taniguchi. Este divino Mestre, que estende a sua Luz cada vez mais intensamente para o mundo, nasceu no dia 22 de novembro de 1893 na vila de Karasuhara, próximo ao porto de Kôbe, na província de Hyôgo, Japão.

Para sentirmos o entusiasmo, o fervor, o amor e a energia com que ele se dedica à causa da humanidade, publicamos aqui as palavras de resolução que ele tomou quando iniciou o movimento SEICHO-NO-IE. Esse texto foi publicado na 1ª página do 1º número da revista SEICHO-NO-IE, a 1º de março de 1930.

Professor  
Taniguchi  
aos quatro  
anos de  
idade.



Fonte: (ACENDEDOR, 1973c, p. 32)

Em segundo lugar, foi possível notar que nas publicações de 1973, ano em que Masaharu Taniguchi – juntamente com sua esposa – esteve novamente no Brasil, a Revista Acendedor procurou dar ênfase ao cronograma de atividades programadas por Taniguchi em nosso país – como forma de atrair os leitores para conhecerem o fundador da SNI.

Figura 65 – Programação das atividades de Masaharu Taniguchi em 1973



**O HOMEM É**

**DR. MASAHARU TANIGUCHI**

**FILHO DE DEUS!**

O Dr. Masaharu Taniguchi, autor dos artigos desta revista ACENDEADOR, homem extraordinário, de inteligência ligada a Deus, o pioneiro da nova era, já está aqui no Brasil!

É com a mais forte emoção, gratidão e alegria que recebemos o Mestre, a quem devemos a nossa vida, a nossa felicidade e tudo o que temos.

A única forma de retribuir é levarmos o maior número possível de pessoas a ouvir as palavras de Deus que ele transmite. Muitas pessoas têm recebido graças milagrosas só de ouvir suas palavras.

**GRANDE SEMINÁRIO em**  
*(com intérprete em português)*

**MARÍLIA** - dias 3, 4 e 5 de julho (9 às 16 hs.)  
Local: "YARA CLUBE" - Av. Vicente Pereira, 1096

**MARINGÁ** - dias 8, 9 e 10 de julho (9 às 16 hs.)  
Local: "MARINGÁ CLUBE" - Rua Dr. Arion Ribeiro de Campos, esquina c/ Cerro Azul.

*Obs.: Os seminários em São Paulo já estão com os convites esgotados.*

Fonte: (ACENDEADOR, 1973d, p. 32-33)

Em terceiro lugar, foi possível notar que, a partir das publicações de 1976, todos os números da revista passaram a conter, no final de suas páginas, um resumo bibliográfico da trajetória atualizada de Taniguchi – enfatizando, sobretudo, suas obras produzidas e o alcance mundial da *Seicho-No-Ie*.

**Figura 66 – Biografia de Masaharu Taniguchi**

**PROF. DR. MASAHARU TANIGUCHI**  
Fundador da Seicho-no-Ie

1893 - Nasce na vila de Karasuhara, município de Kôbe, Japão.

1898 - Ingressa no curso primário, com 4 anos de idade.

1911 - Ingressa na Universidade de Waseda.

1920 - Contrai matrimônio com a Srta. Teruko Emori.

1923 - Escreve o seu primeiro romance CRÍTICA A DEUS, tendo Judas como herói.

1929 - Recebe a Revelação e começa a escrever a revista SEICHO-NO-IE.

1930 - Publica o 1º número da revista SEICHO-NO-IE e inicia o Movimento de Iluminação da Humanidade.


1932 - Sai a primeira edição de A VERDADE DA VIDA, sua obra fundamental que contém a filosofia da Seicho-no-Ie. (Hoje, na 56a. edição, composta de 40 volumes, atinge 12 milhões o total de exemplares vendidos).

1935 - O Ministério da Educação do Japão qualifica e registra a filosofia da Seicho-no-Ie como "religião" por causa de inumeráveis curas milagrosas que ocorriam (e ocorrem) com a simples leitura de seus livros.

1958 - Atinge a 260 o número de livros escritos por ele.

1963 - Realiza a 1a. viagem de conferências pelo mundo, visitando os seguintes países: Canadá, EUA, México, Peru, Brasil, Inglaterra, Alemanha, Suécia, Suíça, França e Itália. Nos Estados Unidos, recebeu o título de DOUTOR EM FILOSOFIA do Religious Science Institute.

HOJE - Com 82 anos de idade, trabalha incansavelmente cerca de 20 horas por dia, realizando conferências e escrevendo sob inspiração divina. Já tem escrito mais de 300 livros. Os seus ensinamentos estão se espalhando pelo mundo inteiro, realizando curas milagrosas, harmonizando os lares e solucionando problemas de todos os tipos.



Fonte: (ACENDEDOR, 1976a)

Figura 67 – Biografia de Masaharu Taniguchi

**PROF. DR. MASAHARU TANIGUCHI**  
Fundador da Seicho-no-Ie

1893 - Nasce em Kobe, Japão.

1911 - Ingressa na Universidade de Waseda.

1920 - Contrai matrimônio com a Srta. Teruko Emori.

1929 - Recebe a Revelação e começa a escrever a revista SEICHO-NO-IE.

1930 - Publica o 1º número da revista SEICHO-NO-IE e inicia o Movimento de Iluminação da Humanidade.

1932 - Sai a primeira edição de SEIMEI NO JISSO (A Verdade da Vida), sua obra fundamental que contém a filosofia da Seicho-no-Ie.

1935 - O Ministério da Educação do Japão qualifica e registra a filosofia da Seicho-no-Ie como “religião” por causa de inumeráveis curas milagrosas que ocorriam (e ocorrem) com a simples leitura de seus livros.

1963 - Realiza a 1ª viagem de conferências pelo mundo, visitando os seguintes países: Canadá, EUA, México, Perú, Brasil, Inglaterra, Alemanha, Suécia, Suíça, França e Itália. Nos Estados Unidos, recebeu o título de DOUTOR EM FILOSOFIA do Religious Science Institute.

1985 - A 17 de junho, conclui sua missão na Terra, tendo escrito aproximadamente 400 livros e deixando milhões de adeptos no mundo inteiro.



Fonte: (ACENEDOR, 1985a)



## 7.5 A relação com a política vigente

Em relação às lideranças da SNI, vale destacar como a revista, ao divulgar a atuação das mesmas no nosso país – através da esfera política – procurou enfatizar a aproximação e integração, cada vez mais sólida, entre SNI/BR e a sociedade brasileira como um todo:

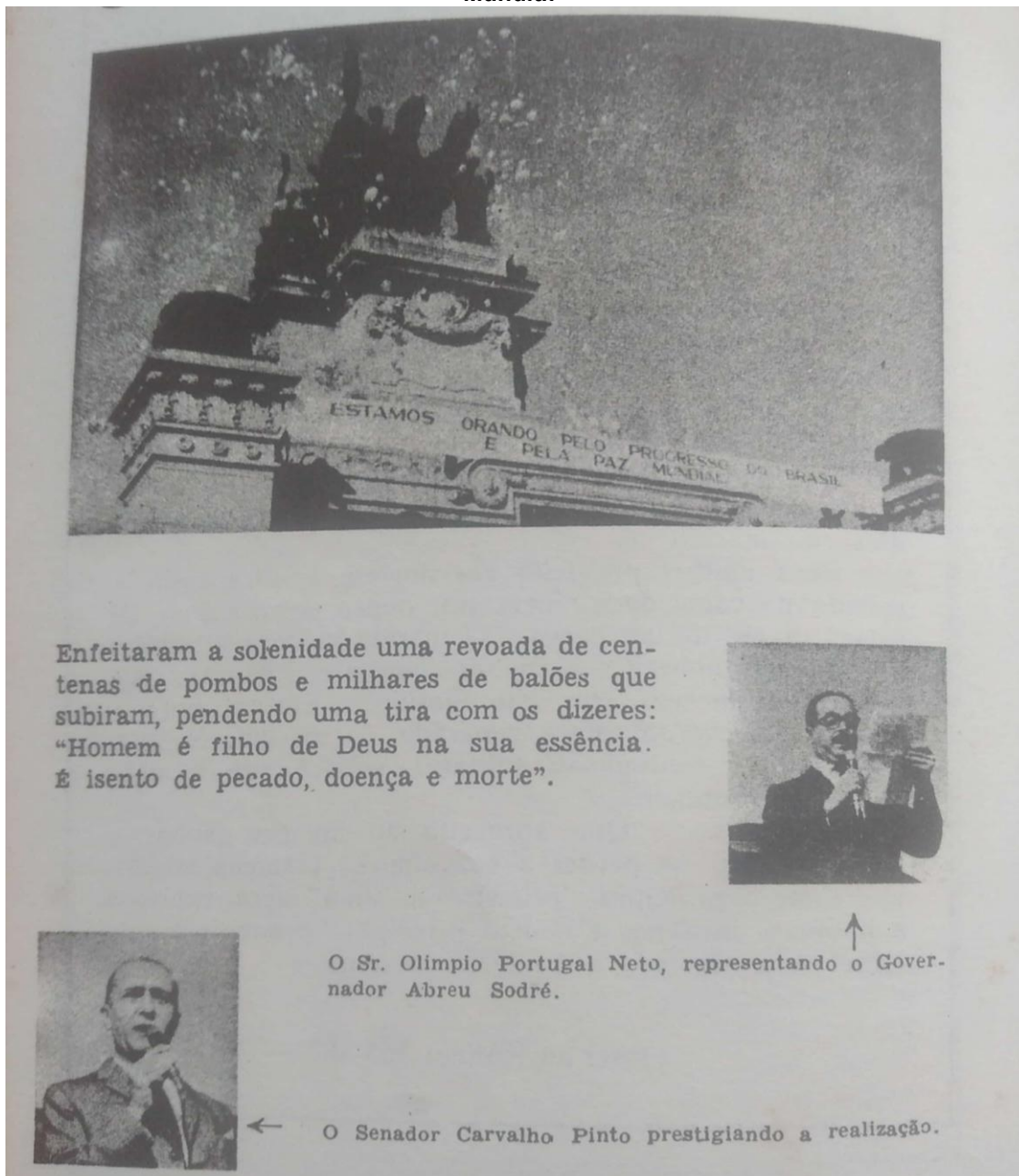
Além disso, suas estratégias institucionais de inserção e legitimação na sociedade brasileira se dão através de ações no âmbito da oficialidade, como comemorações, homenagens e campanhas filantrópicas, o que reforça a valorização e aceitação das metas sociais vigentes (ALBUQUERQUE, 2008, p. 9).

Do ponto de vista da esfera política, foi possível notar, em primeiro lugar, notícias recorrentes relacionadas à “Oração para o Progresso do Brasil e para a Paz Mundial” – evento organizado pela Associação dos Moços da SNI/BR e que passou a ser realizado anualmente no Monumento do Ipiranga:

Anualmente, desde 1969, a Associação dos Moços da Seicho-No-Ie promove a “Oração para o Progresso do Brasil e para a Paz Mundial”, que reúne, além dos adeptos, representantes políticos estaduais e municipais. Nessas ocasiões, os líderes da Seicho-No-Ie costumam tecer comentários elogiosos ao Brasil, no sentido de ressaltar suas qualidades de nação modelo no Ocidente, a encabeçar o Movimento para Iluminação da Humanidade (ALBUQUERQUE, 1999, p. 46, grifos da autora).

No primeiro evento, ocorrido em 27 de julho de 1969, a revista procurou destacar a presença de Katsumi Tokuhisa em conjunto com figuras políticas brasileiras, como Olímpio Portugal Neto – representando, na época, o governador de São Paulo Abreu Sodré (1917-99) – e do então senador Carvalho Pinto (1910-87).

Figura 68 – Informações sobre o evento “Oração para o Progresso do Brasil e para a Paz Mundial”



Fonte (ACENDEDOR, 1969a, p. 38)

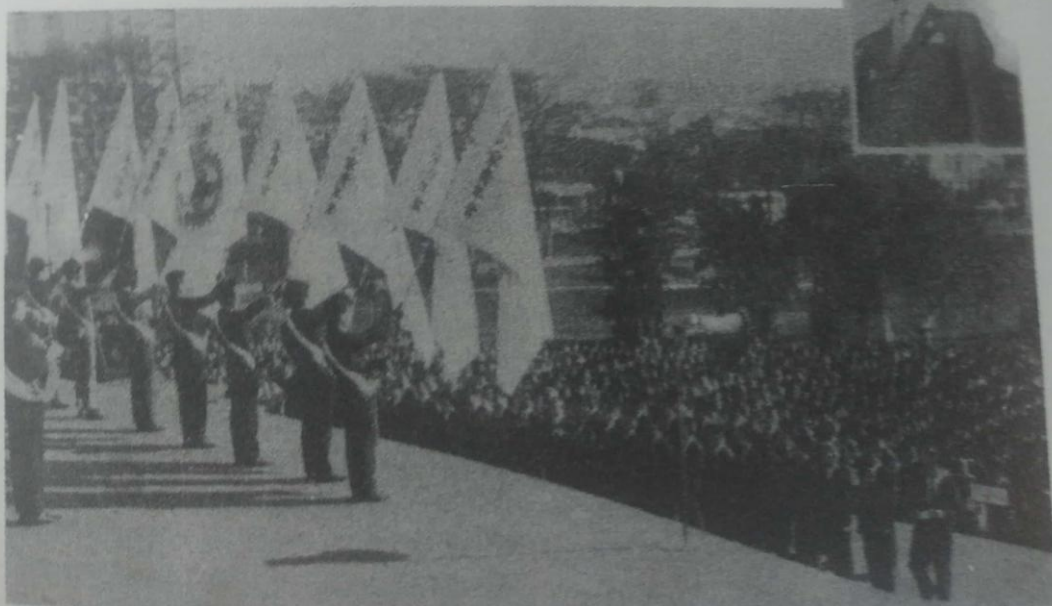
**Figura 69 – Informações sobre o evento “Oração para o Progresso do Brasil e para a Paz Mundial”**

Na manhã de 27 de julho de 1969, uma monumental solenidade se fez junto ao Monumento do Ipiranga, criando um ambiente que inspirava paz e grandiosidade.

Sob a promoção da Associação dos Moços da Seicho-no-Iê do Brasil, concentraram-se dez mil jovens vindos de todo o país e oraram pelo Divino Progresso do Brasil e pela Paz Mundial.

Todos os presentes não podiam conter em seu semblante a expressão de felicidade e satisfação.

Prof. Tokuhisa: “Que o Amor de Deus se realize neste país e no mundo”.



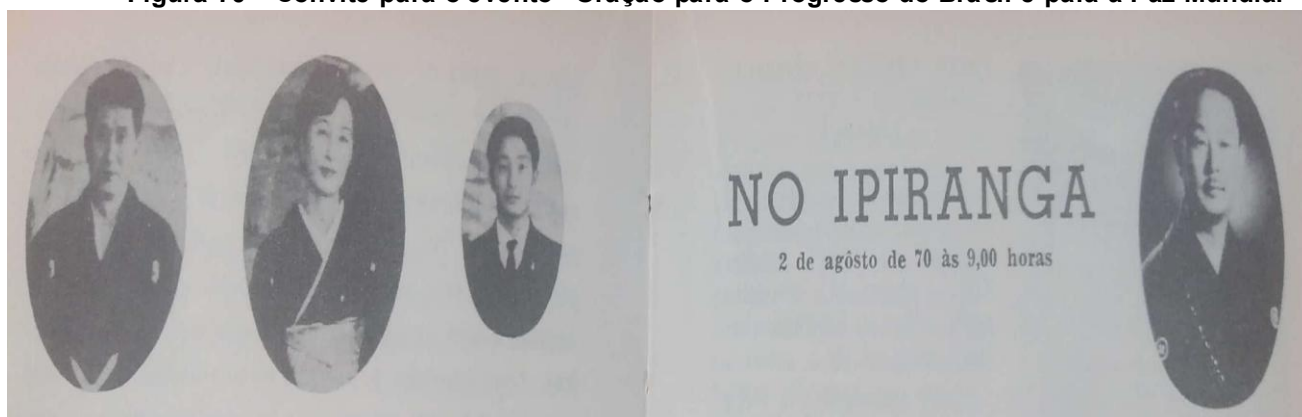
Fonte (ACENDEDOR, 1969a, p. 39)

No segundo evento, ocorrido no dia 2 de agosto de 1970, foi possível notar que a própria vinda de Seicho Taniguchi ao Brasil – para celebrar os 20 anos da SNI/BR – foi usada pela revista para convidar os adeptos, e simpatizantes, à “Oração para o Progresso do Brasil e para Paz Mundial”:

Este ano será um ano repleto de alegrias, entusiasmos e muitas movimentações – um ano de grande impulso para a Seicho-No-le do Brasil, que comemora seus 20 anos de existência. Isto porque teremos entre nós a presença do eminente Prof. Seicho Taniguchi, Vice-Líder da Seicho-No-le, autor de 30 obras não menos importantes que as do próprio Mestre Masaharu Taniguchi, a quem sucederá. Virá acompanhado de sua esposa D. Emiko e seu filho Masanobu, tendo como guia o saudoso Prof. Katsumi Tokuhisa. A comitiva chegará ao Brasil a 22 de julho e permanecerá até o dia 4 de setembro, quando partirá para o Japão. O ponto culminante das programações durante a sua estadia será, sem dúvida, a “Oração pela Paz Mundial”, que terá lugar diante do Monumento do Ipiranga, no dia 2 de agosto, às 9,00 horas, concentrando nada menos que 10.000 pessoas. Estão convidados para essa concentração todos os leitores e simpatizantes (ACENDEADOR, 1970c, p. 28-29).

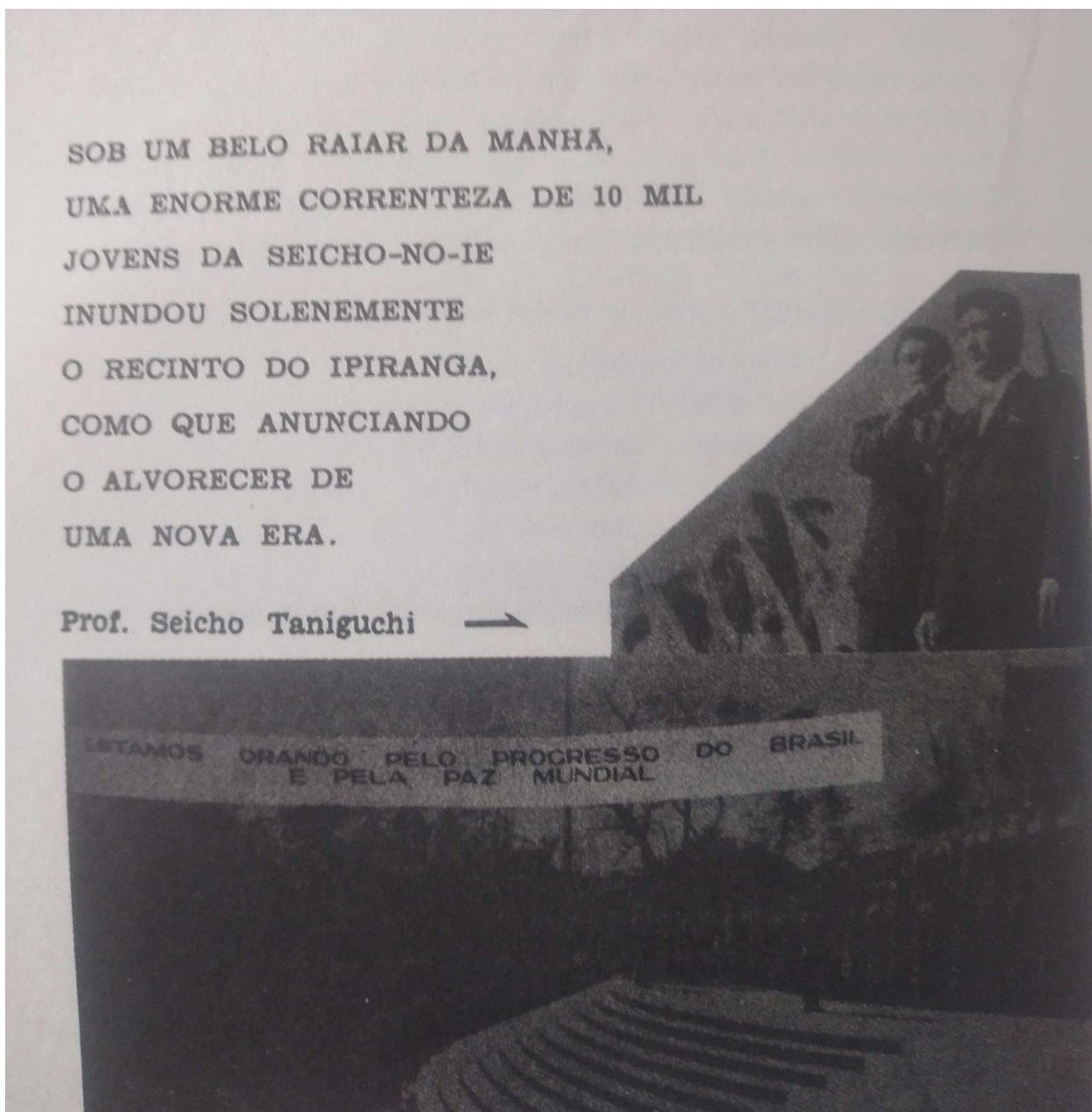
Nas notícias sobre o evento, foi possível notar que além da presença de Seicho Taniguchi e de Hatiro Shimomoto (1935-2021) – filho de imigrantes japoneses, nascido no Brasil e que, naquela época, exercia o cargo de Vice-Presidente da Associação dos Moços da SNI/BR –, estiveram presentes representantes de Lauro Natel (1920-2020) – então futuro governador do Estado de São Paulo – e de Paulo Maluf – que era prefeito da cidade de SP.

**Figura 70 – Convite para o evento “Oração para o Progresso do Brasil e para a Paz Mundial”**



**Fonte: (ACENDEDOR, 1970d, p. 28-29)**

Figura 71 – Informações sobre a “Oração para o Progresso do Brasil e para a Paz Mundial”



Fonte: (ACENEDOR, 1970c, p. 28)

Figura 72 – Informações sobre a “Oração para o Progresso do Brasil e para a Paz Mundial”

Aconteceu isto no dia 2 de agosto último, com a honrosa presença do ilustre prof. Seicho Taniguchi e sua comitiva. Presentes também autoridades civis, militares e eclesiásticas, tais como representantes do futuro governador Laudo Natel, do prefeito Paulo Maluf e do cardeal D. Agnelo Rossi.

Foram dez mil preces dirigidas num sincero e sublime voto pela felicidade do Brasil e harmonia do mundo.



## Palavras de Encerramento

PROF. HATIRO SHIMOMOTO  
Vice-Presidente da A. M. Seicho-no-Ie

...quando se orou no mundo inteiro pelo retôrno são e salvo dos três astronautas, vimos na humanidade um belo gesto de amor ao próximo. Entretanto devemos orar pela Paz Mundial, pois em nome da guerra morrem, não três, mas milhares e milhões.

A Paz é difícil, mas será muito mais difícil se nada fizermos.

Fonte: (ACENDEDOR, 1970c, p. 29)

Em segundo lugar, foi possível notar a ênfase dada às condecorações recebidas pelas lideranças da SNI. Neste sentido, as publicações procuravam mostrar a harmonia da SNI ao contexto local, ou seja, o reconhecimento das ações praticadas pelos líderes da SNI seria consequência de suas atuações em prol do Brasil. No último número da revista publicado em 1969, as condecorações recebidas por Katsumi Tokushisa ganharam destaque:

Foi condecorado com a Medalha Grã-Cruz, da Honorífica Ordem Acadêmica S. Francisco, Katsumi Tokuhisa, no dia 28 de setembro, como reconhecimento aos seus serviços inestimáveis feitos em prol do bem-estar e da prosperidade do povo brasileiro. Além dessa, recebeu da Sociedade Geográfica Brasileira mais duas condecorações: a Medalha General Rondon e a Medalha Brigadeiro de Magalhães. Entre os que foram condecorados com a Medalha Grã-Cruz podem ser citados nomes brilhantes como John F. Kennedy, Marechal Costa e Silva e o príncipe herdeiro do Japão [...] Salvou milhares de pessoas, resolvendo inúmeros problemas tais como doenças, desavenças familiares, dificuldades econômicas e outras. A Verdade semeada por ele no solo brasileiro virá, futuramente iluminar o progresso do Brasil, solucionando os problemas educacionais, ideológicos, de juventude desajustada, religiosos, econômicos, políticos e tantos outros que afligem a vida nacional (ACENDEADOR, 1969e, p. 40).

Na condecoração referente à Medalha Brigadeiro de Magalhães, por exemplo, foi possível notar que a revista procurou destacar que a mesma fora entregue por figuras políticas, como o então deputado estadual Diogo Nomura (1920-2005) – filho de imigrantes japoneses, nascido no Brasil e que tinha ligações com a *Seicho-No-Ie*. Daí que, além de dar ênfase à relevância das lideranças a nível nacional, a revista também procurava apresentar ao público de leitores a própria presença da SNI na esfera política brasileira. Segundo Albuquerque (1999), a SNI/BR, desde o estabelecimento do sistema bipartidarista da Ditadura Civil-Militar e com o objetivo de adentrar na esfera política, passou a contar com candidatos a deputado estadual de São Paulo. Tal iniciativa também mantinha sintonia com as práticas da matriz. “A *Seicho-No-Ie* lançou vários candidatos para cargos nacionais e entre 1967-1983 organizou sua própria associação política, chamada *Seicho-No-Ie Seiji Rengo* (Aliança Política da *Seicho-No-Ie*) [...]” (STAEMMLER, 2018, p. 91, tradução nossa).



**Figura 73 – Katsumi Tokuhisa condecorado com a Medalha Grã-Cruz**



Fonte: (ACENEDOR, 1969e, p. 40)

**Figura 74 – Condecorações recebidas por Katsumi Tohusisa**

Condecorado com a medalha  
"GRÃ-CRUZ", pelo Dr. Wilson  
Ferreira Lopes de Almeida.  
DD. Grão Mestre da H.O.A.  
S.F.



Recebe a medalha "GENE-  
RAL RONDON" da Socie-  
dade Geográfica Brasileira,  
das mãos do Comendador  
Armandino Scabra.



Deputado Estadual Diogo No-  
mura e Deputado Federal Sus-  
sumu Hirata entregam a me-  
dalha "BRIGADEIRO COUTO  
DE MAGALHÃES".



Fonte: (ACENEDOR, 1969e, p. 41)

Já no nº 65 da revista, lançado em 1974, vale destacar a publicação referente à Comenda de São Francisco de Assis destinada a Miyoshi Matsuda.

**Figura 75 – Condecoração de Miyoshi Matsuda**



Fonte: (ACENDEDOR, 1974d, p. 46)

Ela foi entregue, justamente, por Diogo Nomura – que, naquele contexto, exercia a função de deputado federal:

O Grão Mestre, da Honorífica Ordem Acadêmica de São Francisco de Assis no grau de Grande Oficial, ao Prof. Miyoshi Matsuda, Presidente Doutrinário da Seicho-No-Ie em toda a América Latina, em reconhecimento a seus relevantes serviços prestados ao sodalício, permitindo-lhe usar os símbolos da H.O.A.S.F. e fruir suas honras e privilégios. A entrega teve lugar no auditório da Igreja Seicho-No-Ie do Brasil, pelas mãos do deputado federal Dr. Diogo Nomura, no dia 22 de novembro de 1974, quando se comemora o 81º aniversário do Mestre Masaharu Taniguchi. “Mas que benefícios prestou o Prof. Matsuda à comunidade brasileira?” [...] Ele vem dedicando a sua vida há quase 40 anos, desinteressadamente, renunciando a seus empreendimentos particulares e visando unicamente a felicidade dos semelhantes. É incalculável o número de lares que, através do despertar da força interna, se libertaram das doenças, dificuldades econômicas e problemas familiares (ACENDEDOR, 1974d, p. 46-47, grifos dos autores).


Além da ênfase às condecorações das lideranças, foi possível observar no nº 62 da revista, também lançado em 1974, um relato de experiência de Hatiro Shimomoto – que, naquele momento, além de exercer a função de Vice-Presidente da Associação dos Moços da SNI/BR, também era deputado estadual pelo Estado de São Paulo – envolvendo o êxito da gravidez da sua esposa.

Figura 76 – Relato de experiência de Hatiro Shimomoto

*Relato de Experiência*

**COMO TIVE FILHOS  
QUE A MEDICINA  
NÃO GARANTIU**

*Prof. Hatiro Shimomoto  
Deputado Estadual  
Vice-presidente da Assoc.  
dos Moços da Seicho-no-Ie.  
R. Padre João nº 153 - Penha*

A black and white portrait of Prof. Hatiro Shimomoto, a man with glasses, wearing a dark suit, white shirt, and patterned tie. He is looking directly at the camera with a neutral expression.

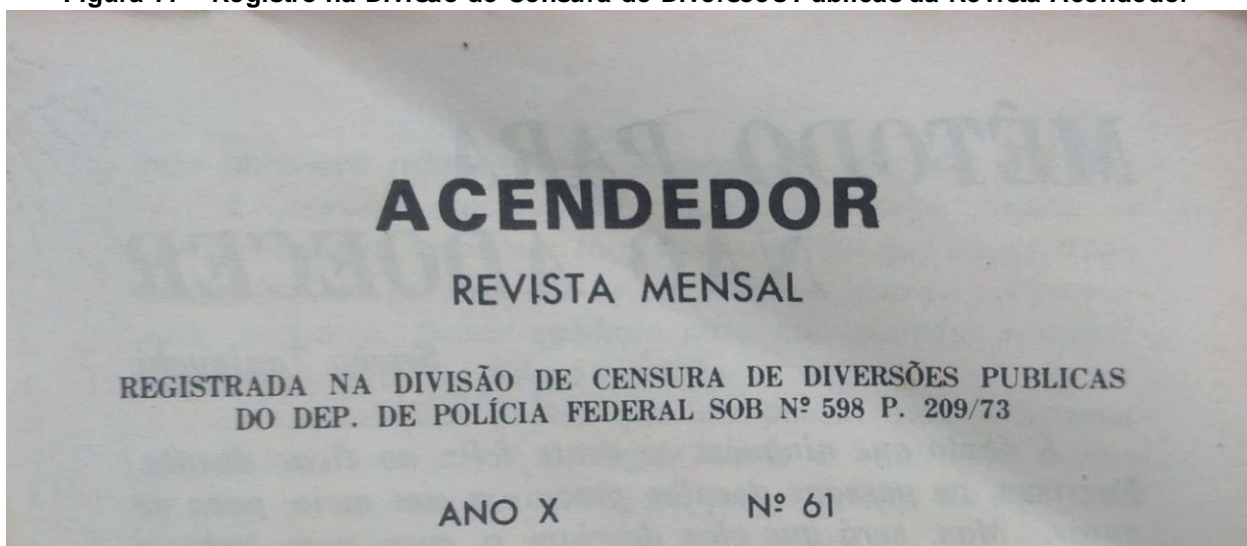
*Tenho recebido, durante 38 anos, portanto desde que nasci, inúmeras graças na minha vida, que me proporcionaram muitas alegrias, dentro dos ensinamentos da filosofia que os meus pais já tinham aceito através dos livros do mestre Masaharu Taniguchi.*

Fonte: (ACENDEDOR, 1974a, p. 52)

As publicações envolvendo a condecoração recebida por Miyoshi Matsuda e o relato de experiência de Hatiro Shimomoto – na figura de deputado estadual e Vice-Presidente da Associação dos Moços da SNI/BR –, também simbolizava a continuidade da postura da SNI em relação à política do sistema político ditatorial vigente – já que as publicações da Revista Acendedor continuaram a circular no país. Vale destacar que a partir de 1970 – durante o Governo Médici (1969-1972) –, a censura a livros e periódicos foi intensificada através da Lei Nº 1.077/1970. Em virtude dela, “[...] as publicações e exteriorizações contrárias aos bons costumes teriam sido declaradas intoleráveis pelo decreto porque seriam tão atentatórias à segurança nacional quanto à propaganda da subversão da ordem e dos preceitos da religião, raça ou classe” (CARNEIRO, 2013, p. 72). Ademais, como forma de fortalecer o aparato deste decreto, foi criada, em 1972, a Divisão de Censura de Diversões Públicas – DPCD – responsável pelo controle de peças de museus, letras de música, programas de televisão e rádio, livros e revistas (CARNEIRO, 2013).

Tendo em vista este contexto, as publicações – após a criação da DPCD – passaram a conter, nas contracapas das revistas lançadas, o “Registro da Divisão de Censura de Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal” – demonstrando justamente a permissão para a circulação dos conteúdos presentes na Revista Acendedor:

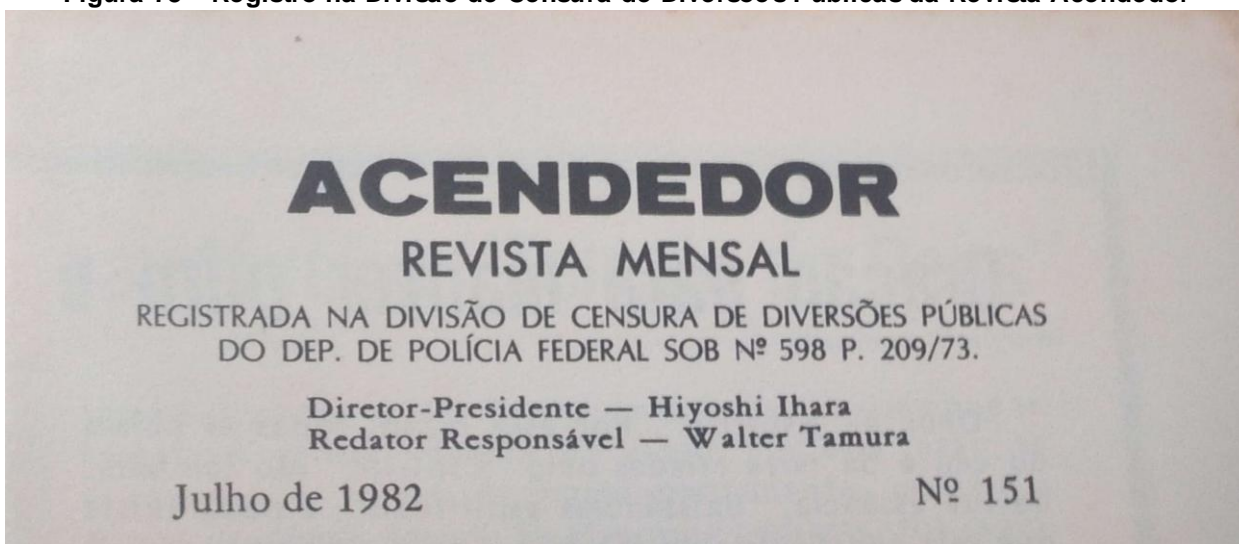
Figura 77 – Registro na Divisão de Censura de Diversões Públicas da Revista Acendedor



Fonte: (ACENDEADOR, 1974c)



Figura 78 – Registro na Divisão de Censura de Diversões Públicas da Revista Acendedor



Fonte: (ACENDEDOR, 1982a)

## 7.6 A relação com o meio intelectual e imprensa

Do ponto de vista da esfera intelectual, vale destacar, a menção a uma atividade da SNI na USP. Em publicações lançadas no ano de 1974, a Revista Acendedor fez questão de frisar o convite, restrito para os leitores com formação superior, bem como as notícias sobre a conferência realizada por Katsumi Tokuhisa na USP.

Nas informações referentes à figura de Tokuhisa – além do destaque dado ao seu doutoramento obtido em 1942 –, vale frisar a menção ao título, em português, de suas obras produzidas – relacionadas à SNI. “É autor de vários livros: *Mente, Corpo e Destino*; *A Descoberta da Alegria*; *Análise da Mente*; *Análise do amor*; *Mente, Namoro e Casamento*” (ACENDEDOR, 1974e, p. 55). Tal fato envolveria uma espécie de divulgação destes trabalhos aos leitores, uma vez que o processo de tradução das obras de Tokuhisa, como já foi mencionado anteriormente nesta tese, estava em curso.

**Figura 79 – Divulgação da presença de Katsumi Tokuhisa na USP**

**Local:** Anfiteatro da Universidade de São Paulo, situado no CRUSP,  
Cidade Universitária.

**Data:** 30 de agosto de 1974, das 19,30 às 22,00 horas.

**Obs.:** Entrada permitida somente aos que tenham o curso superior.

**Fonte:** (ACENEDOR, 1974e, p. 55)

**Figura 80 – Kastumi Tokuhisa na USP**



**Fonte: (ACENDEDOR, 1974e, p. 53)**

**Figura 81 – Katsumi Tokuhisa na USP**



**Fonte: (ACENDEDOR, 1974e, p. 55)**

Sobre as impressões do evento, a revista procurou destacar – além dos êxitos da conferência proferida por uma liderança da SNI na USP –, a presença e o relato de experiência de Lenita Miranda de Figueiredo – conhecida como “Tia Lenita” e que, na época, era jornalista da Folha de São Paulo – com a SNI:

Realizou-se no dia 30 de agosto último, no Anfiteatro das Convenções da USP, uma conferência da Seicho-No-Ie dirigida exclusivamente às pessoas de instrução superior. O conferencista foi Katsumi Tokuhisa, Diretor do Departamento Internacional da Seicho-No-Ie, que se encontra no Brasil desde o dia 4 de agosto. O tema foi: “Como manifestar a potencialidade infinita” [...] No intervalo de 15 minutos, fez uso da palavra a conhecida e estimada Tia Lenita, a criadora da “Página das Crianças” da Folha de São Paulo, que relatou a sua experiência obtida na Seicho-No-Ie. Ela impressionou a todos os presentes pela sua simplicidade, humildade e seu imenso amor. A conferência encerrou às 22 horas com pleno êxito. Estiveram presentes vários professores da Universidade de São Paulo e grande número de pessoas formadas pela mesma, totalizando 260 participantes (ACENDEADOR, 1974e, p. 53-54-55, grifos dos autores).

Daí o próprio contato de jornalistas brasileiros, sem ascendência nipônica, com a SNI. “[...] a Seicho-No-Ie contava, já desde a década de 70, com uma coluna no jornal *Folha da Tarde* que apresentava geralmente trechos de Taniguchi ou notícias sobre eventos importantes da organização” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 58, grifos da autora). Como forma de apresentar aos leitores a presença de brasileiros sem ascendência nipônica nas atividades da *Seicho-No-Ie*, vale destacar que no “Concurso de tradução”, foi possível notar que a revista, ao publicar a lista da comissão julgadora, mencionou justamente o nome da jornalista Lenita Miranda de Figueiredo – pois, além do domínio da língua japonesa, havia como critério de avaliação o conhecimento da língua e gramática portuguesa (ACENDEADOR, 1975e).

### **7.7 O aumento da dimensão dos relatos de experiência**

Atrelada à ligação com a mídia impressa brasileira, vale observar a natureza do conteúdo das publicações, em 1977, referentes à terceira vinda de Seicho Taniguchi ao Brasil. Nelas, foi possível notar a ênfase dada à participação de Seicho no programa do Raul Gil – exibido, até então, no canal 7 da TV Record – e seu discurso otimista sobre a aceitação da SNI entre os brasileiros (ACENDEADOR, 1977c). Segundo Matsuda (1988), a partir de 1975 iniciou-se uma tentativa de divulgar, semanalmente, os ensinamentos doutrinários da SNI em canais de televisão do Brasil. Tal iniciativa possuía ligação com

o fundador da SNI, pois a inserção na mídia televisiva era um desejo de Masaharu Taniguchi – ainda no contexto do início do desenvolvimento da SNI no Japão (DINIZ, 2006).

Ademais, foi possível notar que, além da participação no programa, os leitores poderiam se deparar com o próprio relato de experiência – que, a partir das publicações de 1970 também passaram a ser nomeados como testemunhos – de Raul Gil – a respeito da superação dos seus problemas financeiros em decorrência do contato com a *Seicho-No-Ie* obtido, inicialmente, pelo acesso de sua esposa às publicações:

Veio o desespero. Aí a minha senhora viu aquelas folhinhas da Seicho-No-Ie, achou uma beleza e falou:

- Vou conhecer a Seicho-No-Ie.

E veio até aqui conhecer a Seicho-No-Ie. Voltando para casa disse:

- Por que você não vai a Seicho-No-Ie falar com algum professor?

- O que é Seicho-No-Ie?

- É uma filosofia, uma ciência para viver bem.

- Olha, acho que ninguém vai resolver esse problema. O que eu vou falar? Eu vou lá pedir dinheiro emprestado?

Falei assim porque não tinha mais condições. Tinha que pagar as dívidas, dívidas que não acabavam mais. Fizemos uma feira de 13 dias com Jair Rodrigues, Martinho da Vila, os maiores artistas brasileiros, mas acontece que choveu quase todos os dias. Deu grande prejuízo [...] Cheguei a perder dois apartamentos em Santos para pagar as dívidas e estava com medo de perder a minha casa. Aí eu vim falar com o Prof. Oswaldo. Chego aqui, encontro aquela simpatia [...] O professor falou comigo deu-me um papelzinho em que estava escrito. “Agradeço a minha profissão por me dar conforto. Obrigado Senhor, obrigado papai, obrigado mamãe”. Há um detalhe que não posso esquecer nunca. Ao sair daqui, eu falei:

- Professor, eu tenho uma ideia: Eu abro o programa com uma entrevista. Gostaria de levá-lo para essa entrevista.

- Oh! eu vou com satisfação, obrigado, obrigado. Olha, depois que eu for no seu programa, você vai ver ele subir.

[...] A entrevista foi maravilhosa, muito bacana. Aí eu estava doido para saber o resultado da pesquisa IBOPE. Quando fui ver, deu 5, 6, 7. Um programa que dava 2, 1 ou 3 [...] Na Seicho-No-Ie, eu aprendi a usar o pensamento positivo. Um pensamento positivo, não para prejudicar alguém [...] Você encontrará caminho livre porque Deus é Pai, Ele é todo poderoso e nos ajuda mesmo [...] Deus abençoe todos da Seicho-No-Ie, o Prof. Masaharu Taniguchi, que ele viva muitos e muitos anos para continuar distribuindo suas bênçãos a todos, que ele continue divulgando tudo que é bom por esse mundo afora. Vamos, de mãos dadas, divulgar a Seicho-No-Ie e agradecer a Deus, a todos os professores, a todos os funcionários da Seicho-No-Ie (ACENDEDOR, 1977c, p. 47,48,49,50, 51-52, grifos dos autores).

Desta forma, através da exposição da entrevista cedida na TV Record e do relato do apresentador, a Revista Acendedor procurava apresentar, aos leitores, como a SNI estava cada vez mais inserida na sociedade brasileira – em virtude de sua influência

perante figuras públicas e também em canais de televisão. Na década de 1980, a SNI também passou a ganhar espaço nas rádios através da iniciativa de Oswaldo Murahara – preletor mencionado, na citação anterior, através do relato de experiência de Raul Gil. “O programa inicial de rádio foi lançado em princípios da década de 1980 na Rádio Gazeta através da iniciativa do Preletor Oswaldo Murahara, e por ele mesmo realizado ao vivo” (CASTILHO, 2006, p. 135).



**Figura 82 – Relato de experiência de Raul Gil**



**Fonte: (ACENEDOR, 1977c, p. 44)**

**Figura 83 – Seicho Taniguchi no programa do Raul Gil**

### **PROF. SEICHO TANIGUCHI NA TV RECORD**

No dia 30 de julho, às 15,30 horas, o prof. Seicho Taniguchi deu entrevista no programa de Raul Gil, na TV Record — Canal 7.

**Raul Gil:**

— Professor, eu gostaria de saber como o senhor sentiu o crescimento da Seicho-No-Ie no Brasil, agora nesta 3ª vinda.

**Prof. Seicho Taniguchi**

— A 1ª vez que vim ao Brasil, fui recebido exclusivamente por elementos da Colônia Japonesa; porém, nesta atual visita estou sendo recebido por pessoas de todas as origens, o que me deixa bastante satisfeito. Isso é uma coisa maravilhosa. E quando estivemos no Palácio Bandeirantes, fomos recebidos pelo Sr. Governador, e ele retirou de seu bolso o Kanro-no-Hoou e disse que ele também o lia. E outra coisa que me deixou bastante contente foi o fato de se observar grande progresso em todas as partes do Brasil.

**Fonte: (ACENEDOR, 1977c, p. 52)**

**Figura 84 – Seicho Taniguchi no programa do Raul Gil**



**Fonte: (ACENDEDOR, 1977c, p. 53)**

**Figura 85 – Seicho Taniguchi no programa do Raul Gil****Clécio Ribeiro:**

— Gostaria muito que o prof. Seicho Taniguchi explicasse por que uma filosofia oriental tem alcançado pleno sucesso e tamanha aceitação no Ocidente.

**Prof. Seicho Taniguchi:**

— A Verdade é uma só e é universal; portanto, é válida tanto no Oriente como no Ocidente e em qualquer época. E a Verdade Universal está tendo grande aceitação no Brasil porque o povo brasileiro tem, por natureza, um espírito sensível, fértil e receptivo.

**Raul Gil:**

— Eu gostaria agora de pedir ao professor uma mensagem a todo o povo brasileiro.

**Prof. Seicho Taniguchi:**

— Visitando o Brasil, senti realmente que este é o país onde se concretizará o Paraíso Terrestre. Isto porque o povo brasileiro, além de ter um coração generoso e espírito religioso, vive unido, em harmonia, praticando a Verdade. Eu afirmo categoricamente que o Brasil é um país que concretizará o Reino de Deus.

Pode ser que algumas pessoas estejam enfrentando dificuldades ou sofrimentos, mas poderão vencê-los, pois esses fenômenos são imagens aparentes e não são existências verdadeiras. Quero, portanto, que vivam com fé de que tudo irá melhorar.

Fonte: (ACENDEDOR, 1977c, p. 54)

Ademais, levando em consideração a publicação de um relato de experiência feito por uma figura pública, os seja, Raul Gil, vale acrescentar que, a partir do ano de 1973, os adeptos começaram a apresentar grandes feitos e atuações (MATSUDA, 1988). Para exemplificar este processo, podemos destacar o relato de experiência de uma professora da cidade de Paranavaí-PR – contido no nº 93 da revista publicada em 1977. Nele, os leitores se depararam com o seguinte fato:

Antes de conhecer esta maravilhosa filosofia, eu era uma pessoa revoltada, nervosa e profundamente triste. Vivía sempre doente, cheia de problemas e em desarmonia com o meu marido [...] Certo dia, uma amiga veio me visitar e falou a respeito da Seicho-No-le. Ao se despedir, emprestou-me vários exemplares da revista *Acendedor*. Mais esperançosa e com ânimo, li as revistas e gostei: despertei para a realidade de que o homem é filho de Deus e perfeito. Perdoando e agradecendo, fiz reconciliação com todas as pessoas e todas as coisas [...] Sou professora primária há três anos e venho aplicando os ensinamentos da Seicho-No-le na minha profissão com resultados maravilhosos. No ano passado, tive um aluno com nível de aproveitamento muito baixo, não tendo sequer condições de ser aprovado. Apliquei o método educacional da Seicho-No-le, procurando despertar nele a capacidade infinita que se aloja no seu interior [...] Para surpresa minha, o aluno começou a se modificar e tornou-se o melhor aluno da classe. Seus pais ficaram contentes e quiseram saber qual era o motivo da recuperação. Conteí-lhes sobre a Seicho-No-le, explicando que as pessoas conseguem vencer quaisquer obstáculos quando despertam a Natureza Divina do seu interior [...] Com os ensinamentos da Seicho-No-le, os alunos progrediram muito e minha classe, que era de nível baixo, teve no fim do ano uma porcentagem de 95% de alunos aprovados [...] Faço um apelo aos simpatizantes desta filosofia para que procurem os núcleos da Seicho-No-le e em suas respectivas regiões e juntamente com seus dirigentes trabalhem em prol do Movimento de Iluminação da Humanidade, e tenha certeza de que estarão sendo iluminados e abençoados por Deus. O meu sincero agradecimento ao Mestre Masaharu Taniguchi. Não medirei esforços para levar avante esse Movimento maravilhoso (*ACENDEADOR*, 1977d, p. 52, 53, 54).

Através desta passagem, podemos observar como a inserção do relato de uma educadora brasileira levaria os leitores a identificarem a influência das publicações da SNI sobre o desempenho dos alunos, ou seja, eles entrariam em contato com a efetividade prática da doutrina em torno de questões educacionais. Daí que a presença de tal relato contribuiria para dar maior ênfase aos possíveis êxitos dos escritos da pedagogia da SNI – que, como vimos anteriormente nesta tese, começou a ser inserida com maior afinco a partir das publicações da década de 1970.

## **7.8 Estratégias de difusão nacional**

Os informes referentes à terceira vinda de Seicho Taniguchi em 1977, bem com da quarta, em 1982, também serviram para impulsionar, para além dos limites das regiões Sudeste e Sul, a SNI. Nas programações da agenda de Seicho ao Brasil, foi possível notar que seus seminários estavam programados para serem realizados nas cinco regiões brasileiras. “Durante o Grande Seminário [...] o professor aborda os temas relacionados com nosso cotidiano [...] Pede-se para convidar principalmente as pessoas que ainda não conhecem a Seicho-No-Ie” (ACENDEADOR, 1982a, p. 48).

**Figura 86 – Notícia sobre a vinda de Seicho Taniguchi e Emiko Taniguchi**

**Prof. SEICHO TANIGUCHI  
e D. EMIKO TANIGUCHI**

Este ano, no mês de julho, teremos a honra de receber, com grande alegria, a visita do Prof. Seicho Taniguchi, genro e sucessor do Mestre Dr. Masaharu Taniguchi, e de sua esposa D. Emiko Taniguchi, filha única do Mestre.

O programa de sua estada no Brasil será publicado nos próximos números.



**Fonte: (ACENDEDOR, 1977a, p. 54)**


Figura 87 – Programação das atividades de Seicho Taniguchi no ano de 1977

<b>PROGRAMA DE VISITA DO PROF. SEICHO TANIGUCHI</b>	
Dia 21 de julho	— Conferência em Brasília.
Dia 24 de julho	— Seminário em Santos.
Dia 25 de julho	— Seminário em Ibiúna.
Dia 27 de julho	— Seminário em Araçatuba.
Dia 29 de julho	— Convenção dos jovens no Anhembi.
Dia 30 de julho	— Convenção dos jovens no Anhembi.
Dia 31 de julho	— Seminário no Anhembi.
Dia 1 <sup>o</sup> de agosto	— Seminário no Anhembi.
Dia 3 de agosto	— Seminário em Maringá.
Dia 6 de agosto	— Seminário em Porto Alegre.
Dia 9 de agosto	— Seminário em Belém do Pará.
Dia 12 de agosto	— Seminário no Rio de Janeiro.
Dia 14 de agosto	— Convenção das Senhoras no Anhembi.

Fonte: (ACENDEDOR, 1977e, p. 50)



Figura 88 – Programação das atividades de Seicho Taniguchi no ano de 1982



**GRANDE SEMINÁRIO MINISTRADO PELO  
PROFESSOR SEICHO TANIGUCHI**

locais e datas de realização

BRASÍLIA	Data: 26 de junho de 1982 Local: CENTRO DE CONVENÇÕES DE BRASÍLIA
SALVADOR	Data: 27 de junho de 1982 Local: AUDITÓRIO DO COLÉGIO I C E I A
LONDRINA	Data: 01 de julho de 1982 Local: GINÁSIO DE ESPORTES MORINGÃO
PORTO ALEGRE	Data: 03 de Julho de 1982 Local: GIN. DO ESP. CLUBE INTERNACIONAL
RIO DE JANEIRO	Data: 04 de julho de 1982 Local: CLUBE MUNICIPAL
CAMPO GRANDE	Data: 07 de julho de 1982 Local: SEDE REGIONAL DE CAMPO GRANDE
SÃO PAULO	Data: 10 de julho de 1982 Local: GINÁSIO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE DESPORTOS
SÃO PAULO	Data: 11 de julho de 1982 Local: GINÁSIO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE DESPORTOS

**IGREJA SEICHO-NO-IE DO BRASIL**  
Av. Eng<sup>o</sup> Armando de Arruda Pereira, 1.266  
Fone: 275-0077  
CEP 04308 – Jabaquara – São Paulo

Fonte: (ACENEDOR, 1982b)

Daí que, como mecanismo de impulsionar a tendência de expansão a nível nacional da SNI, a confirmação da presença do vice-líder em diversas localidades contribuiria para dar fôlego a tal processo:

A década de 70 marca o pleno estabelecimento da Seicho-No-le na sociedade brasileira, sendo o aumento dos adeptos acompanhado pelo aumento dos núcleos locais. Em 1966, contavam-se 15.630 sócios ou assinantes da revista *Acendedor*. Dados extraídos dessa revista demonstram que esse número passou de 46 mil, em 1972, para 170 mil em 1977 [...] Embora se evidenciem discrepâncias quanto aos totais de adeptos, o conjunto dos dados comprova a expansão [...] Eles apresentam uma visão mais abrangente, para todo o Brasil, da continuidade dessa tendência até o presente. Comparando-se os anos de 1976 e 1992, constatou-se que o número de núcleos (associações locais) aumentou de 155 para 2.030. O mesmo ocorreu com as sedes regionais: passaram de 42 para 75 no mesmo período (ALBUQUERQUE, 1999, p. 25, grifo da autora).

Ao mesmo tempo em que o anúncio da presença de Seicho Taniguchi, na figura de vice-liderança, simbolizava um estímulo para a participação dos leitores, ela também indicava um exercício de manutenção da centralização da SNI na figura do fundador. Considerando, naquele contexto, que a sucessão estava cada vez mais próxima, e que uma das principais funções de Seicho era divulgar os ensinamentos da SNI através dos escritos de Masaharu Taniguchi, podemos concordar com o seguinte argumento desenvolvido por Kato (2021) a respeito da autoridade das lideranças carismáticas das NRs nipônicas: ela seria preservada, mesmo após o falecimento dos fundadores, mediante uma diretriz doutrinária que garantisse a sistematização dos seus ensinamentos e a transmissão do carisma através da sucessão familiar.

Cabe frisar também que, como forma de apresentar esta ascensão aos leitores – e incentivá-los a frequentar os espaços físicos da SNI – a revista, também a partir da década de 1970, começou a inserir em suas publicações os locais de reunião da SNI, ou seja, informações referentes aos endereços dos núcleos da SNI/BR existentes em nosso território – fato impulsionado com a variedade de localidade em que a revista passaria ser divulgada na sociedade brasileira. “A revista *Acendedor*, vendida nas bancas de jornal a partir de 1978, foi amplamente distribuída pelos adeptos mais fervorosos, na forma de presente ou doação” (ALBUQUERQUE, 1999, p.56, grifo da autora).

**Figura 89 – Locais de reuniões da Seicho-No-Ie do Brasil**

PERIFERIA DA CAPITAL DE SÃO PAULO	
Diadema.....	Av. Antonio Piranga, 184 (Esquina da Praça Castelo Branco)
quintas feiras.....	das 15.00 às 17.00 h
sábados.....	das 20.00 às 22.00 h
Guarulhos.....	R. Barão de Mauá, 501
2º e 4º sábados.....	das 20.00 às 22.00 h
Itaquera.....	R. Dr. Ernesto Mallet, 457
último domingo.....	das 15.00 às 17.00 h
Jardim Piratininga (Osasco).....	R. Martim Afonso, 47 (Centro Comunitário de J. Piratininga)
2º e 4º domingos.....	das 15.00 às 17.00 h
Mauá.....	R. José Del Poio, 135
1º domingo.....	das 14.00 às 16.30 h
3ª quarta feira.....	das 14.00 às 16.30 h
Osasco.....	Av. Bussocaba, 300
1º, 3º e 5º sábados.....	das 20.00 às 22.00 h
Ribeirão Pires.....	R. Europa, 109
2º domingo.....	das 14.00 às 16.00 h
4ª quarta feira.....	das 14.00 às 16.00 h
Rudge Ramos.....	R. Assahi, 75
todas as quintas feiras.....	das 14.00 às 16.00 h
Santo André (1).....	R. Suiça, 993 - 3º and. (P. das Nações)
todas as terças feiras.....	das 14.00 às 16.00 h
1º sábado.....	das 14.00 às 16.00 h
Santo André (2).....	R. Siqueira Alves, 88 (B. Casa Branca)
todas as segundas feiras.....	das 14.00 às 16.00 h
São Caetano do Sul.....	R. Lisboa, 90
1º sábado.....	às 20.00 h
3ª quarta feira.....	às 14.00 h
São Miguel Paulista .....	R. Tenente Miguel Delia, 24
todos os sábados.....	às 08.00 h

Fonte: (ACENEDOR, 1976c, p. 49)

**Figura 90 – Locais de reuniões da Seicho-No-Ie do Brasil**

Presidente Prudente.....	R. Araraquara, 41
3º domingo.....	das 14.00 às 16.00 h
toda terça feira.....	das 15.00 às 17.00 h
Santos (1).....	R. Júlio Conceição, 91
todas as quintas feiras.....	das 14.00 às 16.00 h
todas as terças feiras.....	das 20.00 às 22.00 h
Santos (2).....	Av. Pedro Lessa, 487 (Cine Brasília)
sexta feira.....	das 14.30 às 17.00 h
São Carlos.....	R. Bernardino de Campos, 496
domingo.....	das 15.00 às 17.00 h
São João da Boa Vista.....	Travessa Joaquim Candido, 65
quartas feiras.....	das 20.00 às 22.00 h
São José dos Campos.....	R. Eng. Prudente Meireles de Moraes, 501 - V. Ema
todas as quintas feiras.....	às 20.00 h
São José do Rio Preto.....	Av. Constituição, 1287 (B. Boa Vista)
todas as quintas feiras.....	das 20.00 às 22.00 h
<b>OUTROS ESTADOS</b>	
<b>ESTADO DE ALAGOAS</b>	
Maceió.....	Colégio Elio Lemos (B. Ponte Grossa)
sábados.....	das 15.00 às 17.00 h
domingos.....	das 20.00 às 22.00 h
terça feira.....	das 20.00 às 22.00 h (Senhoras)
<b>ESTADO DA BAHIA</b>	
Salvador.....	Praça Castro Alves, s/n - 6º andar (Palácio dos Esportes)
quarta feira.....	das 20.00 às 22.00 h

Fonte: (ACENEDOR, 1976c, p. 52)

**Figura 91 – Locais de reuniões da Seicho-No-Ie do Brasil**

ESTADO DE MATO GROSSO	
Campo Grande.....	R. 14 de Julho, 916
1 <sup>o</sup> e 3 <sup>o</sup> domingo.....	das 14.30 às 17.00 h
ESTADO DE MINAS GERAIS	
Belo Horizonte.....	R. Rio Casca, 217
sábados e quartas feiras.....	das 19.00 às 21.30 h
quintas feiras.....	das 19.00 às 22.00 h
domingos.....	das 13.00 às 18.00 h
Juiz de Fora.....	R. Pasteur, 100
sábado.....	das 16.00 às 18.00 h
ESTADO DO RIO DE JANEIRO	
Rio de Janeiro.....	Escola de Enfermagem "Ana Nery" Av. Ruy Barboza, 726 Botafogo - "Morro da Viúva"
quartas feiras.....	às 20.00 h
quintas feiras.....	às 14.00 h
quintas feiras.....	às 20.00 h
Niterói.....	Av. Amaral Peixoto, 286 - 5 <sup>o</sup> andar Ass. Com. e Ind. de Niterói
sextas feiras.....	às 20.00h
Nova Iguaçu.....	Av. Amaral Peixoto, 236 - 2 <sup>o</sup> andar Assoc. Com. e Ind. de Nova Iguaçu
sábados.....	às 15.00 e 20.00 h
ESTADO DO PARANÁ	
Curitiba.....	Av. Prefeito E. Gaetner, 1833
quarta feira.....	das 14.00 às 17.00 h
sábado.....	das 14.00 às 17.00 h
domingo.....	das 09.00 às 11.00 h

Fonte: (ACENEDOR, 1976c, p. 53)

**Figura 92 – Locais de reuniões da Seicho-No-Ie do Brasil**

Guarapuava.....	R. Senador Pinheiro Machado, 1404
3º sábado.....	das 14.00 às 17.00 h
Paranaguá.....	Al. Coronel Elídio Pereira, 870
1º domingo.....	das 14.00 às 17.00 h
<b>ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL</b>	
Bagé.....	R. Barão do Triunfo (U.E. XV de Novembro, 670)
sábados e domingos.....	das 14.00 às 17.00 h
terças e quintas feiras.....	às 20.30 h
Canoas.....	R. Tiradentes, 17 - s/4
terças feiras.....	das 15.00 às 17.00 h
quintas feiras.....	das 20.00 às 22.00 h
Esteio.....	R. Teodomiro Porto da Fonseca, 415
sextas feiras.....	às 20.00 h
Gravataí.....	R. Dr. Luiz, 1585 (Cine Metrópolis)
terças feiras.....	das 15.00 às 17.00 h
quartas feiras.....	das 20.30 às 22.30 h
Passo Fundo.....	R. Tiradentes, 912
quintas feiras.....	das 20.00 às 22.00 h
Porto Alegre.....	R. Riachuelo, 525
todos os dias	
São Leopoldo.....	R. Sen. Salgado Filho Sede da A.P.A.E. 073 - (B. Ouro Branco — Novo Hamburgo) APAE - Av. João Correa - S. Leopoldo

Fonte: (ACENEDOR, 1976c, p. 54)

As próprias variedades das localidades dos relatos de experiência e da “carta dos leitores” – presentes a partir da primeira publicação de 1969 e que mostravam o contato inicial dos indivíduos com a Revista Acendedor, bem como o interesse dos mesmos por mais informações sobre o periódico –, também evidenciava um alcance da SNI para além dos limites de São Paulo e Paraná.

Em relação aos relatos, desconsiderando São Paulo e Paraná, foi possível identificar a presença dos mesmos de leitores provenientes do Pará (2), Rio Grande do Sul (2), Bahia (1), Ceará (1), Goiás (1) e Mato Grosso (1) (ACENEDOR, 1969d; 1974c; 1974f; 1976c; 1981a; 1981b; 1984a). Já no caso das cartas, notou-se a presença de leitores oriundos de Santa Catarina (1), Minas Gerais (2), Rio de Janeiro (2), Piauí (1) e Goiás (2) (ACENEDOR, 1969a; ACENEDOR, 1969c; ACENEDOR, 1969e; ACENEDOR, 1970a; ACENEDOR, 1971a; ACENEDOR, 1971b).

### **7.8.1 Os relatos como forma de demonstração da abertura à ascensão de cargos**

Por fim, vale mencionar que através dos próprios relatos de experiência datados a partir da década de 1980, os leitores poderiam observar a inserção dos adeptos, sem ascendência nipônica, aos cargos da SNI:

Em janeiro de 1979, eu trabalhava no Ipiranga e cursava o SENAI. Nessa ocasião, eu andava muito nervoso e brigava com todos os familiares. Insatisfeito com o salário, mudei de emprego e passei a trabalhar numa firma automobilística. Certo dia, ao atravessar a Via Anchieta, fui atropelado e atirado a uns quinze metros de distância [...] Passei três dias na UTI [...] E, após dezesseis meses engessado e quatro cirurgias, os médicos me comunicaram que haviam chegado à conclusão que a minha perna havia perdido a flexibilidade para o resto da vida, ou então, na pior das hipóteses seria amputada. Entretanto, antes de me submeter à quarta cirurgia, minha namorada havia me dado uma revista Acendedor. Havia lido e encontrado um artigo muito importante, extraído do livro Seimei no Jisso (A Verdade da Vida), que dizia ser o homem Filho de Deus perfeito [...] Mandei comprar esse livro e mais outros para iluminar minha mente, Ainda no meu leito enfermo, ouvi através de uma fita gravada, uma palestra maravilhosa do professor Miyoshi Matsuda [...] Continuei lendo os livros do Mestre, até que, depois de um ano e quatro meses inerte [...] os médicos resolveram tirar o gesso, recomendando-me que tivesse muito cuidado. Nesse dia eu chorava e ria ao mesmo tempo. Senti-me renascer e fui, pela primeira vez, a uma reunião da Seicho-No-Ie na Vila Carioca [...] Na reunião, o professor me disse para perdoar o meu pai e o meu cunhado. Eu estava realmente revoltado com eles. O professor disse ainda para fazer a “Oração do Perdão” e ler a Sutra Sagrada para meus antepassados [...] Cheguei o dia marcado para a cirurgia, mas os médicos nem

tiraram radiografia e disseram: “Você está bom”. Hoje estou completamente curado, sou dendoim do Núcleo de Vila Carioca, estou fazendo o curso para líder e pretendo mostrar para a humanidade que o homem é Filho de Deus e é perfeito (ACENDEADOR, 1982a, p. 44, 45,46, grifos do(a) autor(es)).

Considerando o relato anterior, vale destacar que o termo japonês *dendoim* – cargo equivalente a divulgador – foi oficializado pela SNI/BR em novembro de 1968. Naquele ano, em solenidade comemorativa ao 76º aniversário de Masaharu Taniguchi, foram promovidos os primeiros dez brasileiros, sem ascendência nipônica, para tal função (ACENDEADOR, 1969d). De modo geral, caberia ao *dendoim* divulgar as publicações da SNI (ALBUQUERQUE, 1999; DINIZ, 2006).

Em uma das publicações de 1985, foi possível notar a presença do relato de uma adepta, sem ascendência nipônica, a respeito de suas atividades como divulgadora da Revista Acendedor na região do Vale do Ribeira-SP:

Em 1977 conheci a filosofia da Seicho-No-Ie e em 1978 estive presente pela primeira vez na Academia de Treinamento Espiritual, em Ibiúna, onde renasci [...] Então, em Ibiúna, mentalizei que eu era a Grande Vida de Deus e coloquei em prática tudo aquilo que aprendi com os preletores maravilhosos. A partir daquele momento mentalizei que, não podendo viver em São Paulo com duas crianças. Deus estava reservando uma cidade para mim, onde eu pudesse morar tranquila e criar minhas filhas [...] Após um ano, sempre agradecendo e orando “Quero trabalhar divulgando os ensinamentos da Seicho-No-Ie, quero morar em uma cidade pequena, onde as pessoas ainda não conheçam tal ensinamento” [...] Deus colocou no meu caminho, através de um rádio amador, a cidade de Cajati [...] Faz cinco anos que isso ocorreu [...] Toda a riqueza que eu levava para o Vale do Ribeira fora 100 revistas *Acendedor* [...] Mudando-me para a cidade de Jacupiranga, comecei a bater de porta em porta, dizendo para as pessoas: “Meu nome é N.; sou uma moradora nova na cidade e vim trazer a revista que trouxe a felicidade para mim. Gostaria de oferecê-la de presente à senhora. Volto dentro de uma semana para saber o que a senhora mais gostou desta revista”. E assim eu divulgava a revista *Acendedor*. Eram apenas 100 exemplares, mas era tudo que eu tinha e muito amor para dar, conforme havia apreendido nos ensinamentos durante um ano. Após uma semana, eu batia novamente naquela porta: a mesma senhora me recebia com um sorriso, porque já tinha compreendido o que estava escrito na revista, e falava assim: “Olha dona N., não via a hora que a senhora voltasse. Vamos entrando, vamos tomar um café”. Então eu perguntava o que ela mais gostava do *Acendedor* e aplicava a Seicho-No-Ie [...] Durante três meses plantei todas as minhas sementes, os 100 exemplares de *Acendedor*. Após cinco meses, realizamos uma grande palestra: o Prof. Oswaldo foi até à cidade de Jacupiranga, acolhemos 100 pessoas dentro de uma sala de aula, foi a primeira palestra da Seicho-No-Ie naquela cidade! (ACENDEADOR, 1985b, p. 44-45, grifos dos autores).



Todavia, é preciso pontuar que, até o falecimento de Masaharu Taniguchi, não era utilizado o termo “divulgador” como tradução direta para a descrição do cargo de *dendoin* no Brasil – tal mudança ocorreu após Seicho Taniguchi assumir a presidência da SNI. “Uma das formas de aproximar os brasileiros da maneira cultural japonesa de liderança religiosa fez com que o termo *Dendoin*, que era usado no original japonês, fosse mudado para Divulgador, por determinação do atual Supremo Presidente Seicho Taniguchi” (DINIZ, 2006, p. 138, grifo da autora).

Já em relação ao cargo de preletor, retomando como exemplo o primeiro relato apresentado nesta seção, vale mencionar que até 1977 não havia adeptos sem ascendência nipônica exercendo tal função. Porém, no ano seguinte, este quadro começou a se alterar através da realização do primeiro Seminário para Preletores Brasileiros – aprovando, naquele momento, os 30 primeiros candidatos (MATSUDA, 1988; ALBUQUERQUE, 1999). Assim:

Apesar de existir o Departamento de Divulgação em Português desde aos anos 60, a liderança nacional passou a ascender a postos mais elevados na hierarquia administrativa e eclesiástica só a partir dos anos 80. Justifica-se, antes, que a competência se baseava no conhecimento da língua japonesa, que permitia acesso direto às obras de Taniguchi (ALBUQUERQUE, 1999, p. 98).

Neste sentido, apesar dos cargos de maior hierarquia de preletores permanecerem nas mãos dos *nikkeis* – indicando a manutenção do centralismo e dependência ao Japão –, o crescimento do número de adeptos sem ascendência nipônica fez com que a SNI realizasse adaptações voltadas à abertura de cargos para estes adeptos (ALBURQUERQUE, 1999). A presença de depoimentos – na revista – destacando a trajetória dos adeptos reforçaria tal cenário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“As revistas carregam o valor eterno dos ensinamentos da *Seicho-No-Ie* e transformam o ambiente e a vida de todos: desde aqueles que não conhecem até quem já participa há anos”.<sup>74</sup> Esta é uma frase presente no site da SNI/BR. Considerando esta importância dada às publicações, nesta tese foi possível identificar a dimensão expressiva do papel da Revista Acendedor como forma de difusão e adaptação da *Seicho-No-Ie* no Brasil. Ao mesmo tempo, compreender tal cenário não envolveu uma análise centrada simplesmente nas revistas lançadas entre 1965-85 – ou seja, do material impresso elaborado neste período em específico. Neste sentido, a função da Revista Acendedor para o processo de abertura da SNI no nosso país partiu de um entendimento mais amplo da *Seicho-No-Ie*, bem como do próprio processo sócio-histórico da formação do cenário religioso do Japão e Brasil.

Partindo do entendimento terminológico da SNI enquanto uma NR, conseguimos compreender, do ponto de vista mais amplo e de um contexto histórico específico oriental, como foi o processo de desenvolvimento das NRs nipônicas. Todavia, tal fato foi analisado em conjunto com outros elementos. Não deixamos de lado a necessidade de perceber que as NRs – como um todo – estão relacionadas com a própria ideia de pluralismo religioso – isto é, do aspecto cada vez mais diversificado verificado na religiosidade na sociedade –, bem como do sentido orgânico da religião – ou seja, da necessidade de perceber seu aspecto não restrito ao âmbito institucional. Ademais, trouxemos para o enfoque um entendimento heterogêneo da globalização. Em outras palavras, o surgimento e características da SNI também foram analisados sob a ótica de uma perspectiva global que considera a relação das religiosidades tanto com o aspecto socio-histórico, quanto com as adaptações que podem surgir de seu deslocamento do local de origem ao local de destino – tendo em vista o contato entre diferentes culturas presentes do Oriente ao Ocidente.

Diante destas premissas, conseguimos compreender a formação do cenário religioso nipônico desenvolvido até o surgimento das primeiras NRs japonesas – na segunda metade do século XIX. Vimos que até a primeira metade do século XIX a

---

<sup>74</sup>Disponível em: <https://sni.org.br/revistas-seicho-no-ie/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

religiosidade japonesa foi marcada pela presença – e sincretismo – entre Xintoísmo e Budismo – religiões ditas como tradicionais do país – e, de modo ainda incipiente, do Catolicismo. Todo este cenário se deu através do contato envolvendo as culturas japonesas, chinesas, portuguesas e espanholas – marcadas pelo fluxo da globalização.

A partir da primeira metade do século XIX, foi possível perceber que as novas religiões nipônicas surgiram em meio ao contexto da formação peculiar do Estado-Nação do Japão – envolvendo, ao mesmo tempo, uma abertura mais acentuada ao Ocidente e um retorno ao tradicional através do Xintoísmo de Estado. Foi neste contexto que, além do Catolicismo, outras vertentes cristãs também iniciaram sua incursão em solo nipônico. Ademais, a consolidação do desenvolvimento da mídia impressa – no final do século XIX – passou a ser um canal de comunicação importante usado pelas NRs nipônicas – através de livros e revistas.

Em 1930, através da figura de Masaharu Taniguchi, vimos o processo de nascimento da SNI – entrelaçada com as influências e experiências religiosas da figura do fundador. O surgimento da mídia impressa – atrelado à própria incursão de Taniguchi no curso de Letras em Tóquio –, favoreceu o desenvolvimento doutrinário da *Seicho-No-Ie* – pautado no recurso da escrita. A partir da década de 1930, livros – como a “Verdade da Vida” e revistas – com a *Seicho-No-Ie* – passaram a serem traços característicos da difusão da SNI entre os japoneses – mostrando ao público sua doutrina sincrética envolvendo elementos xintoístas, budistas e cristãos. Após o término da Segunda Guerra Mundial em 1945, dando fim do governo totalitário japonês e do Xintoísmo de Estado, a SNI iniciou seu processo de maior abertura para o mundo. Daí as excursões de Taniguchi – juntamente com sua família e comitiva da SNI – países, como Brasil. Em meio a este cenário, o próprio processo de tradução das obras doutrinárias da SNI foi iniciado – pensando, justamente, na sua adaptação ao contexto sociocultural de outros países.

Após compreender este fato, podemos dizer que esta tese adentrou em um segundo momento – interligado – com o primeiro. Dito de outra forma, embora já estivesse evidente que a SNI utilizou o recurso a tradução das suas obras doutrinárias como forma de difusão de adaptação para outras realidades culturais – era preciso analisar de forma mais profunda este cenário no Brasil. Daí a necessidade de também

observar a formação da religiosidade brasileira – do ponto de vista heterogêneo da globalização. Assim, compreendemos que a formação do cenário religioso brasileiro perpassou por uma dominação – tanto de crença como também governamental – envolvendo o Catolicismo – trazido pelos colonizadores portugueses – sobre a cultura indígena e, posteriormente, em relação à africana.

Em meio ao cenário de dominação da Igreja Católica, somada a um grau de sincretismo com as religiões indígenas e africanas, vimos que o século XIX também trouxe uma intensificação das outras denominações cristãs, bem como do Espiritismo – intensificados pelo processo de imigração. No início do século XX, já em meio ao contexto da Proclamação da República, vimos o processo de imigração para o Brasil intensificar – em virtude do fim do regime escravocrata. Aliado à separação entre Estado e Igreja Católica e da instauração da liberdade de crença, imigrantes – como os oriundos do Japão – adentraram no nosso país.

Em 1930, vimos que a SNI começou a se propagar no solo brasileiro em meio às colônias nipônicas – através das importações das suas publicações. Após o término da Segunda Guerra Mundial, as relações entre Japão e Brasil voltaram a ganhar ares diplomáticos – contribuindo, oficialmente, para o reestabelecimento das atividades religiosas entre imigrantes e seus descendentes. Com o desejo de fixação cada vez maior no nosso país, a partir da década de 1950, Masaharu Taniguchi reconheceu oficialmente o desenvolvimento da SNI no Brasil. Daí o início do fluxo de contato entre matriz e filial – propiciando que, em nosso território, a SNI passou a ser reconhecida como *Seicho-No-Ie* do Brasil.

A partir da década de 1960, o processo de abertura da SNI para o Brasil como um todo começou a ser desenhado por Masaharu Taniguchi – o que já evidenciaria a dependência da matriz em relação a filial. Daí justamente a utilização das publicações para tal concretização. O surgimento – e o próprio nome – da Revista *Acendedor* – em 1965 – foi o caminho a ser construído para que, através das traduções de textos das revistas e livros da SNI – o público brasileiro tivesse acesso à doutrina desta NRs nipônica. Todavia, vimos que tal processo não foi simplesmente baseado nas traduções. Houve rearranjos adaptativos voltados para o contexto religioso brasileiro e para o próprio cenário político da Ditadura Civil-Militar – este último facilitado pela

relação amistosa que Masaharu Taniguchi já havia tido com o governo totalitário nipônico marcado pelo Xintoísmo de Estado.

A partir da década de 1970 – vimos que a própria intensificação do uso das mídias no contexto religioso no Brasil – principalmente das religiões evangélicas – acabou promovendo um impulso maior em torno da estruturação da Revista Acendedor por parte da SNI. Até 1985 – ano de sua última publicação – conseguimos perceber a notória tentativa – seja através das traduções, dos relatos, das propagandas, dos recursos visuais e da participação de figuras públicas – de impulsionar a SNI no nosso território como um todo.

Vale mencionar, como complemento, que na última edição da revista – publicada em dezembro de 1985 –, foi apresentada uma contracapa – com os dizeres de “Feliz Natal” – contendo uma imagem de uma criança indígena.

Figura 93 – Contracapa do nº 192 da Revista Acendedor



Fonte: (ACENEDOR, 1985b, p. 1)

Tal ação já seria uma prévia do que viria a ocorrer no século XXI. De acordo com DINIZ (2006), a partir de 2005, A SNI/BR passou a realizar, no dia 7 de setembro, atividades voltadas à memória dos índios e escravos. Este evento é conhecido como “Cerimônia em Memória das Almas dos Povos Negros e índios que participaram da construção dos países ibero-americanos”. Nele, é realizada, por exemplo, a leitura da Sutra Sagrada Chuva de Néctar da Verdade – como forma de demonstrar gratidão e respeito às almas que foram escravizadas e violentadas durante o processo de colonização.<sup>75</sup>

Mesmo com o relativo papel de destaque exercido pela Revista *Acendedor*, antes da década de 1990 como o principal meio de divulgação da SNI entre a população brasileira, vale pontuar algumas espécies de tensões que começaram a entrar em vigor no Brasil. Este cenário esteve atrelado também ao universo nipônico – que foi, melhor dizendo, seu local de propagação. Em 1997 foi fundada, no Japão, a *Nippon Kaigi* – uma espécie de organização conservadora de direita que possui, em sua formação, influências históricas religiosas provenientes, por exemplo, da SNI. Postulando ideias nacionalistas e de retorno aos valores nipônicos perdidos – divulgados, inclusive, pela revista chamada *Nippon no ibuki* (Vigor da Nação) – a *Nippon Kaigi* congrega, entre seus secretários gerais, Yuzo Kabashima – membro da SNI desde o final da década de 1960 (MIZOHOTA, 2016).

O desenvolvimento da *Nippon no ibuki* contribuiu para o florescimento, em 2006, da *Taniguchi Masaharu Sensei o Manabu-kai* (Associação para o estudo sobre o Professor Masaharu Taniguchi). A *Manabu-kai* foi projetada, por membros da SNI, insatisfeitos com as diretrizes assumidas por Masanobu Taniguchi – principalmente em relação à atenção dada em torno de questões ambientais apresentadas em seus livros. Esta associação, mediante a Revista *Taniguchi Masaharu Sensei o Manabu-kai* – busca seguir, em suas diretrizes, os verdadeiros princípios doutrinários de Masaharu Taniguchi.

No ano de 2011 a *Manabu-kai* se instaurou no Brasil através da figura de Oswaldo Murahara, um dos membros mais antigos no Brasil e que chegou a ser Presidente de Honra da Associação dos Jovens da SNI (anteriormente chamada

<sup>75</sup>Disponível em: <https://sni.org.br/seicho-no-ie/doutrinario/cerimonias-e-praticas-3/cerimonia-em-memoria-dos-povos-negros-e-indigenas-que-participaram-da-construcao-dos-paises-ibero-americanos/>. Acesso em: 12 de z. 2022.

Associação dos Moços). Assim como no Japão, a *Manabu-kai* do Brasil advoga pela necessidade do retorno às diretrizes doutrinárias propagadas por Masaharu Taniguchi – o que implicaria, por exemplo, em críticas a respeito das traduções de orações e da necessidade de não se omitir a leitura de escritos de cunho nacionalistas da SNI escritos anteriormente ao término da Segunda Guerra Mundial.

Em suma, podemos notar que o desenvolvimento desta associação criou uma cisão de membros da SNI do Japão – refletindo também no Brasil. Observando tal cenário, podemos indagar também sobre como seria a relação entre as características atuais da globalização do século XXI e suas implicações perante o estágio do processo adaptativo da SNI no nosso país. Se, anteriormente, as traduções da Revista Acendedor desempenharam um papel importante para o estabelecimento da SNI no Brasil, nos dias atuais, a *Manabo-kai* simboliza um processo de tensão que se reflete justamente nas publicações – principal mecanismo de propagação doutrinária da SNI.



## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Leila M.B. **Seicho-no-le do Brasil**: agradecimento, obediência e salvação. São Paulo: Annablume, 1999.
- ALBUQUERQUE, Leila M.B. Seicho-no-iê entre brasileiros: vitalismo e salvação. **Revista Nures**, São Paulo, n.10, p.1-13, set./dez. 2008.
- ALLES, Gregory D.; ELLWOOD, Robert S. **The Encyclopedia of World Religions**. New York: Facts On File, 2007.
- AMATUZZI, Mauro Martins. O desenvolvimento religioso: análise dos depoimentos. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, v.17, n, 3, p. 43-46, nov./dez. 2000.
- ARWECK, Elisabeth. Globalization and New Religious Movements. *In*: L. Beaman; P. Beyer (org.). **Religion, Globalization and Culture**. Leiden and Boston: Brill, 2007. p.253-280.
- ARWECK, Elisabeth. **Researching New Religious Movements**: Responses and Redefinitions. London and New York: Routledge, 2006.
- ASSIS, Glauber Loures de. **A Religião of the Floresta**: apontamentos sociológicos em direção a uma genealogia do Santo Daime e seu processo de diáspora. 2017 Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- BAFFELLI, Erica. **Media and New Religions in Japan**. New York: Routledge, 2016.
- BANCHOFF, Thomas; CASANOVA, Jose. Introduction: The Jesuits and Globalization. *In*: BANCHOFF, Thomas; CASANOVA, Jose (org.). **The Jesuits and Globalization**: Historical Legacies and Contemporary Challenges. Georgetown: Georgetown University Press, 2016. p. 1-24.
- BAPTISTA, Carlos Alberto. **“A voz de um anjo susurrou no meu ouvido”**: fundação e legitimação do discurso religioso. 2022. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.
- BASTO DE ALBUQUERQUE, Eduardo. Da história religiosa à história cultural do sagrado. **Revista Ciências da Religião** – História e Sociedade, São Paulo, v.5, n.5, p.34-49, 2007b.
- BASTO DE ALBUQUERQUE, Eduardo. Historiografia e religião. **Revista Nures**, São Paulo, n.5, p. 1-10, jan./abr. 2007a.
- BASTO DE ALBUQUERQUE, Eduardo. Os intelectuais e o budismo japonês no Brasil. **PLURA**: Revista de Estudos de Religião, v.2, n.2, p.4-25, 2008.
- BERGER, Peter L. Introduction: The Cultural Dynamics of Globalization. *In*: BERGER,

Peter L.; HUNTINGTON; Samuel P. (org.). **Many Globalizations: Cultural Diversity in the Contemporary World**. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 12-27.

BERGER, Peter L. Reflections on the Sociology of Religion Today. **Sociology of Religion**, Oxford, v.42, n.4, p.443-454, 2001.

BERGER, Peter L. Some Reflections on Culture and Development. *In*: HARRISON, Lawrence E.; BERGER, Peter L. **Developing Cultures: Case Studies**. London and New York: Routledge, 2006. p. 18-28.

BERGER, Peter L. **The Many Altars of Modernity: Toward a Paradigm for Religion in a Pluralist Age**. Boston and Berlin: Walter de Gruyter, 2014.

BROMLEY, David G. Methodological Issues in the Study of New Religious Movements. *In*: BROMLEY, David G. (org.). **Teaching New Religious Movements**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 65-90.

CABANAS, Edgar; SÁNCHEZ, José Carlos. Spirituality and Happiness from New Thought to Positive Psychology. *In*: NEHRING, Daniel *et al.* (org.). **The Routledge International Handbook of Global Therapeutic Cultures**. London and New York: Routledge, 2020. p.71-82.

CAMPBELL, George Van Pelt. Religion and Phases of Globalization. *In*: L. Beaman; P. Beyer (org.). **Religion, Globalization and Culture**. Leiden and Boston: Brill, 2007, p. 281-302.

CARNEIRO, Ana Maria. **Cinema e censura nas ditaduras militares brasileira e argentina**. 2019. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

CARPENTER, Robert T.; ROOF, Wade Clark. The Transplantation of Seicho-no-ie from Japan to Brazil: Moving Beyond the Ethnic Enclave. **Journal of Contemporary Religion**, v.10, n.1, 1995, pp. 41-54.

CARVALHO, Daniela de. **Migrants and Identity in Japan and Brazil: The Nikkeijin**. London: Routledge, 2013.

CASTILHO, Gilberto B. **A Seicho-no-ie do Brasil no contexto religioso das novas religiões japonesas: cultivo e divulgação da palavra**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação, Comunicação e Administração) – Universidade São Marcos, São Paulo, 2006.

CLARKE, Peter. **Encyclopedia of New Religions Movements**. London: Routledge, 2006a.

CLARKE, Peter. **New Religions in Global Perspective: Religious Change in the Modern World**. Abingdon: Routledge, 2006b.

CLARKE, Peter. As Novas religiões Japonesas e suas estratégias de adaptação no Brasil. **REVER**: Revista de Estudos da Religião, São Paulo, n.8, p. 22-45, jun. 2008.

CLARKE, Peter. Introduction: Towards a More Organic Understanding of Religion within a Global Framework. *In*: CLARKE, Peter (org.). **The Oxford Handbook of the Sociology of Religion**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p.1-30.

CLARKE, Peter. **New Religions in Global Perspective**: Religious Change in the Modern World. Abingdon: Routledge, 2006b.

CORDARO, Madalena Natsuko Hashimoto. O pensamento no período Edo (1603-1868). **Estudos Japoneses**, São Paulo, n.18, p.77-100, 1998.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Relatos orais de famílias de imigrantes japoneses: elementos para a história da educação brasileira. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano 21, n.72, p.43-72, ago. 2000.

DESSI, Ugo. **Japanese Religion and Globalization**. London and New York: Routledge, 2013.

DINIZ, Ediléia Mota. **Carisma e poder no discurso religioso**: um estudo do legado de Masaharu Tanigushi – a Seicho-No-Ie no Brasil. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006.

DOMÉZI, Maria Cecília. **Religiões na História do Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2016.

DORMAN, Benjamin. **Celebrity Gods**: New Religions, Media, and Authority in Occupied Japan. Havaí: University of Hawai'i Press, 2012.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2006.

FERNANDES, Claudia Silva. Cenografia e **ethos discursivo em o Artigo do Mestre Masaharu Taniguchi**. 2013. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

GUERRIERO, Silas. **Novos Movimentos Religiosos**: o quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006.

HAN, Byung-Chu. **Filosofia do Zen-Budismo**. Petrópolis: Vozes, 2019.

HANDA, Tomoo, **O Imigrante Japonês**. História de sua vida no Brasil. São Paulo: T. A. Queiroz/Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

HUTCHINSON, David. L. New Thought's Prosperity Theology and Its Influence on American Ideas of Success. **Nova Religio**, Lancaster, n. 18, p. 28-44, 2014.

INOUE, Nobutaka. Media and New Religious Movements in Japan. **Journal of Religion in Japan**, Leiden, v.1, p. 121-141, 2012.

JENNINGS, Jesse. Introduction. *In*: JENNINGS, Jesse (org.). **The Essential Ernest Holmes**. . New York: United Church of Religious Science, 2002. p. 3-7.

KATO, Masato. "New Religions". BAFFELLI, Erica; RAMBELLI, Fabio; CASTEGLIONE, Andrea. (org). **The Bloomsbury Handbook of Japanese Religions**. London and New York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 167-174.

LARAIA, Roque de Barros. As religiões indígenas: o caso tupi-guarani. **Revista USP**, São Paulo, n.67, p. 6-13, set./nov. 2005.

LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. **A Companhia de Jesus e os pregadores japoneses**: missões jesuíticas e mediação religiosa 1549-1614. 2017. Tese (Doutorado em Historia) – Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, 2017.

MAEYAMA, Takashi. **O imigrante e a religião**: estudo de uma seita religiosa japonesa em São Paulo. 1967. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Escola Paulista de Sociologia e Política, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1967.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.18, n.52, p.121-138, dez. 2004.

MIZOHATA, Sachie. Nippon Kaiqi: Empire, Contradiction, and Japan's Future. **The Asia-Pacific Journal**, v. 14 n.1, p.1-21, nov. 2016.

MAXEY, Trent E. **The "Greatest Problem"**: Religion and State Formation in Meiji Japan. Cambridge: Harvard University Asia Center, 2014.

MELO JUNIOR, Fábio Marcelo de A. O movimento inicial de expansão e fixação das novas religiões japonesas no Brasil (1908-1940). **Cadernos de História UFPE**, Pernambuco, v.12, n. 12, p. 212-228, jan./dez. 2017.

MELTON, J.Gordon. Introducing and Defining the Concept of a New Religion. *In*: BROMLEY, David G. (org.). **Teaching New Religious Movements**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 29-40.

MULLINS, Mark. R. **Christianity Made in Japan**: A Study of Indigenous Movements. Honolulu: University of Hawaii Press, 1998.

MULLINS, Mark. R. Law. *In*: BAFFELLI, Erica; RAMBELLI, Fabio; CASTEGLIONE, Andrea. (org). **The Bloomsbury Handbook of Japanese Religions**. London and New York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 117-128.

NAKANO, Tsuyoshi. Shintoism. *In*: G. Rizer (org.). **The Blackwell Encyclopedia of**

**Sociology**. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2017. p.4430-4435.

OFFNER, Clark B.; STRAELEN, Henry van. **Modern Japanese religions**: with special emphasis upon their doctrines of healing. Leiden: E. J. Brill/New York: Twayne, 1963.

OKAMOTO, Monica Setuyo; NAGAMURA, Yukako. Burajiru Jihô (Notícias do Brasil) e Nippak Shimbun Jornal Nipo-brasileiro): os primeiros tempos dos jornais japoneses no Brasil (1916-1941). Revista Escritos, Rio de Janeiro, ano 9, n. 9, p. 147-179, 2015..

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Apresentação. *In*: E. P. Orlandi (org.). **Palavra, fé e poder**. Campinas: Pontes, 1987. p.7-10.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Texto e discurso. **Organon**, Porto Alegre, v.9, n.23, p. 111-118, 1995.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análisis de Discurso**. Principios y procedimientos LOM: Santiago, 2012.

ORTIZ, Renato. **O próximo e o distante**: Japão e modernidade, mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PEREIRA, Ronan Alves. Tradução no contexto das religiões japonesas no Brasil. **Estudos japoneses**, São Paulo, n.33, p. 96-115, 2013.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. Assim como não era no princípio: religião e ruptura. *In*: PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo (org.). **A Realidade Social das Religiões Brasileiras**: religião, sociedade e política. São Paulo: HUCITEC, 1996. p. 9-20.

POKORNY, Lucas; WINTER, Franz. East Asian New Religious Movements: Introductory Remarks *In*: POKORNY, Lucas; WINTER, Franz (org.). **Handbook of East Asian New Religious Movements**. Leiden/Boston: Brill, 2018. p. 3-13.

PRANDI, Reginaldo. As religiões, a cidade e o mundo. . *In*: PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo (org.). **A Realidade Social das Religiões Brasileiras**: religião, sociedade e política. São Paulo: HUCITEC, 1996. p. 23-34.

PYE, Michel. **Skilful Means**: A Concept in Mahayana Buddhism. London and New York: Routledge, 2005.

READER, Ian. **Religion in Contemporary Japan**. Havaí: University of Hawai'i Press, 1991.

READER, Ian. **Religious Violence in Contemporary Japan**: The Case of Aum Shinrikyo. Curzon Press: Richmond-Surrey, 2000.

READER, Ian. Perspective Chronologies, Commonalities and Alternative Status in Japanese New Religious Movements Defining NRMs outside the Western Cul-de-sac. **Nova Religio**, Lancaster, v.9, n. 9, p. 84-96, 2005.

READER, Ian. Japanese New Religious Movements. *In*: JUERGENSMEYER, Mark. **The Oxford Handbook of Global Religions**. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 118-128.

READER, Ian; TANABE JR., J.; George J. **Practically Religious: Worldly Benefits and the Common Religion of Japan**. Havaí: University of Hawai'i Press, 1998.

ROBERTSON, Roland. **Globalization: social theory and global culture**. London: Sage, 1992.

ROBERTSON, Roland. Global Millennialism: A Postmodern on Secularization. *In*: L. Beaman; P. Beyer (org.). **Religion, Globalization and Culture**. Leiden and Boston: Brill, 2007, p. 9-34.

ROBERTSON, Roland. Globalization, Theocratization, and Politicized Civil Religion. *In*: CLARKE, Peter (org.). **The Oxford Handbook of the Sociology of Religion**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p.451-477.

ROBERTSON, Roland. Europeanization as Glocalization. *In*: R. Robertson. European (org.). **Glocalization in Global Context**. London: Palgrave Macmillan, 2014. p. 6-34.

ROMÃO, Tito Lívio Cruz. Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transacional e translacional: divindades africanas e santos católicos em tradução. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 51, n1, p.353-381, jan./abr. 2018

SALIBA, John A. Disciplinary Perspectives on New Religious Movements: Views from the Humanities and Social Sciences. *In*: BROMLEY, David G. (org.). **Teaching New Religious Movements**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 41-64.

SANCHIS, Pierre. **Religião, cultura e identidades: matrizes e matizes**. Petrópolis: Vozes, 2018.

SASAKI, Elisa Massae. Estudos da japonologia no Período Meiji. **Estudos Japoneses**, São Paulo, n.37, p. 19-32, 2017.

SHIMAZONO, Susumu. Traditional Japanese Religious Society. *In*: JUERGENSMEYER, Mark. **The Oxford Handbook of Global Religions**. Oxford: Oxford University Press, 2006. p.113-116.

SILVEIRA, João Paulo de Paula. **A Seicho-no-le do Brasil e o "Autêntico Paraíso Terrestre"**: o matiz religioso da nipo-brasilidade (1966-1970). 2008. Dissertação

(Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

SILVEIRA, João Paulo de Paula. **Identidades religiosas na modernidade tardia: um estudo a partir da Seicho-No-Ie do Brasil em Goiânia.** 216. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

SILVEIRA, João Paulo de Paula; MIRANDA, Gustavo Martins do Carmo. Do étnico ao ecológico: a trajetória da Seicho-no-Ie no cenário global. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, ano XIV, n.41, p.97-118, set./dez. 2021.

SIQUEIRA, Deis. Novas religiosidades na capital do Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v.14, n.1, p.117-197, mai. 2022.

STAEMMLER, Birgit. Seichō no Ie. *In*: POKORNY, Lucas; WINTER, Franz (org.). **Handbook of East Asian new religious movements**. Leiden and Boston: Brill, 2018. p. 88-108.

STECKLER, Rebecca A.; BARTKOWSKI, John P. “God is My First Aid Kit”: The Negotiation of Health and Illness among Christian Scientists. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v.57, n.2, p. 585-603, 2018.

TARGINO, Janine. Apontamentos sobre duas representações do mal divergentes. **Tempo da Ciência**, Toledo-PR, v.28, n.55, p.10-21, jan./jun. 2021.

UEHARA, Alexandre Ratsuo. Estudos Acadêmicos sobre Religiões Japonesas no Brasil. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 9, p. 123-145, 2009.

USARSKI, Frank; SHOJI, Rafael. Perspectiva sociológica sobre a expansão do Budismo e das religiões japonesas no Brasil. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, ano 77, n.2, p.100-118, mai./ago. 2017.

WARAGAI, Eliane Satiro. **As interferências culturais nas traduções de textos das religiões de origem japonesa.** 2008. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Japonesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

WATANABE, Masako. The Development of Japanese New Religions in Brazil and Their Propagation in a Foreign Culture. **Japanese Journal of Religious Studies**, Tóquio, v.35, n.1, 2008.p.115-144.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos de sociologia compreensiva**, v. 2. Editora UnB: São Paulo, 2004.

WILSON, Brian. Introduction. *In*. WILSON, Brian; CRESSWELL, Jamie (org.). **New Religious Movements: Challenge and response**. . London and New York: Routledge, 2001. p.1-11.

WINTER, Franz. Japanese New Religious Movements: An Introduction. *In*: L. Pokorny; F. Winter (org.). **Handbook of East Asian New Religious Movements**. Leiden and Boston: Brill, 2018. p. 17-32.

### **Bibliografia da *Seicho-No-Ie* consultada**

ACENDEADOR. **Associação dos Moços da Seicho-No-Ie do Brasil**, São Paulo, 1965, ano 1, n.1, p. 1-33, jun. 1965.

ACENDEADOR. **Associação dos Moços da Seicho-No-Ie do Brasil**, São Paulo, ano 2, n.5, p. 1-53, 1966a.

ACENDEADOR. **Associação dos Moços da Seicho-No-Ie do Brasil**, São Paulo, ano 2, n.3, p. 1-53, 1966b.

ACENDEADOR. **Associação dos Moços da Seicho-No-Ie do Brasil**, São Paulo, ano 2, n.4, p.1-52, 1966c.

ACENDEADOR. **Associação dos Moços da Seicho-No-Ie do Brasil**, São Paulo, ano 2, n. 2, p.1-44, jan. 1966d.

ACENDEADOR. **Associação dos Moços da Seicho-No-Ie do Brasil**, São Paulo, ano 3, n 6, p.1-53, 1967a.

ACENDEADOR. **Seicho-No-Ie do Brasil**, São Paulo, ano 3, n. 7, p. 1-52, abr. 1967b.

ACENDEADOR. **Seicho-No-Ie do Brasil**, São Paulo, ano 3, n.8, p. 1-52, jun. 1967c.

ACENDEADOR. **Seicho-No-Ie do Brasil**, São Paulo, ano 3, n.9, p.1-52, nov. 1967d.

ACENDEADOR. **Seicho-No-Ie do Brasil**, São Paulo, ano 4, n.10, p.1-52, jan. 1968a.

ACENDEADOR. **Seicho-No-Ie do Brasil**, São Paulo, ano 4, n.11, p.1-57, mar. 1968b.

ACENDEADOR. **Seicho-No-Ie do Brasil**, São Paulo, ano 4, n.12, p.1-57, mai. 1968c.

ACENDEADOR. **Seicho-No-Ie do Brasil**, São Paulo, ano 4, n.13, p. 1-57, jul. 1968d.

ACENDEADOR. **Seicho-No-Ie do Brasil**, São Paulo, ano 4, n.14, p.1-57, set.1968e.

ACENDEADOR. **Seicho-No-Ie do Brasil**, São Paulo, ano 4, n.15, p. 1-57, nov.1968f.

ACENDEADOR. **Seicho-No-Ie do Brasil**, São Paulo, ano 5, n.19, p. 1-56, jul./ago. 1969a.

ACENDEADOR. **Seicho-No-Ie do Brasil**, São Paulo, ano 5, n.20, p. 1-56, jul./ago. 1969b.



- ACENDEDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 5, n.17, p. 1-56, mar./abr. 1969c.
- ACENDEDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 5, n.16, p. 1-57, jan. 1969d.
- ACENDEDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 5, n.21, p. 1-56, nov./dez. 1969e.
- ACENDEDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 6, n.22, p.1-56, jan./fev. 1970a.
- ACENDEDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 6, n.25, p. 1-56, jul./ago. 1970b.
- ACENDEDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 6, n.26, p.1-56, set/out. 1970c.
- ACENDEDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 6, n.23, p.1-56, mar./abr. 1970d.
- ACENDEDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 7, n.30, p. 1-56, mar. 1971a.
- ACENDEDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 7, n.29, p. 1-56, fev. 1971b.
- ACENDEDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 9, n.49, p. 1-56, 1973a.
- ACENDEDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 9, n.50, p. 1-56, 1973b.
- ACENDEDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 9, n.51, p.1-56, 1973c.
- ACENDEDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 9, n.55, p.1-56, 1973d.
- ACENDEDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 10, n.62, p.1-57, 1974a.
- ACENDEDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 10, n.56, p.1-56, jan. 1974b.
- ACENDEDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 10, n.61, p.1-56, jan. 1974c.
- ACENDEDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 10, n.65, p.1-56, jan. 1974d.
- ACENDEDEDOR, **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 10, n.68, p.1-56, 1974e.
- ACENDEDEDOR, **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 10, n.57, p.1-56, 1974f.
- ACENDEDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 11, n.71, p. 1-56, 1975a.
- ACENDEDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 11, n.72, p. 1-56, 1975b.
- ACENDEDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil** São Paulo, ano 11, n.73, p. 1-56, 1975c.
- ACENDEDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 13, n.87, p. 1-56, fev. 1977a.

- ACENDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 13, n.88, p. 1-56, mar. 1977b.
- ACENDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 13, n.97, p. 1-56, dez. 1977c.
- ACENDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 13, n.93, p. 1-56, ago. 1977d.
- ACENDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 15, n.118, p. 1-48, 1979.
- ACENDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 16, n.130, p.1-48, 1980.
- ACENDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 17, n.140, p. 1-48, 1981a.
- ACENDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 17, n.139, p. 1-48, 1981b.
- ACENDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 18, n.151, p. 1-48, jul. 1982a.
- ACENDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 19, n.148, p. 1-48, abr. 1982b.
- ACENDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 19, n.159, p. 1-48, mar. 1983.
- ACENDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 20, n.170, p.46, fev. 1984a.
- ACENDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 20, n.180, p.1-44, dez, 1984b.
- ACENDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 21, n.191, p. 48, nov. 1985a.
- ACENDEDOR. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 21, n.192, p. 1-48, dez. 1985b.
- CÍRCULO DE HARMONIA. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 31, n.284, p.1-31, 2015.
- CÍRCULO DE HARMONIA. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 37, n.322, 2021a.
- CÍRCULO DE HARMONIA. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ed.659, p.1-31, 2021b.
- CÍRCULO DE HARMONIA. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 38, n.342, p. 1-31, 2022a.
- CÍRCULO DE HARMONIA. **Seicho-No-le do Brasil**, São Paulo, ano 37, n.319, p.1-31, 2022b.
- DAVIS, Roy Eugene. **O homem-milagre do Japão**. São Paulo: Seicho-No-le do Brasil, 1997.
- MATSUDA, Miyoshi. **Uma vida dedicada à pregação da verdade**. São Paulo: Seicho-No-le do Brasil, 1988.
- MUKAI, Yoshio. **Amor e dedicação a um ideal**. São Paulo: Seicho-No-le do Brasil, 2018.

TANIGUCHI, Masaharu. **O que é a Seicho-No-Ie**. Votos e aprimoramentos espiritual dos adeptos da Seicho-No-Ie. São Paulo: Seicho-No-Ie do Brasil, 2011.

TANIGUCHI, Masaharu. **Seimei no Jisso** (A verdade da vida). São Paulo: Seicho-No-Ie do Brasil, 1978.

### **Páginas do site da *Seicho-No-Ie* do Brasil consultadas**

SEICHO-NO-IE DO BRASIL. **Relíquia é encontrada em meio a doações ao Gabinete de Assistência Social e Filantropia da SEICHO-NO-IE DO BRASIL**.2022. Disponível em: <https://sni.org.br/seicho-no-ie/organizacional/social-e-filantropia/reliquia-e-encontrada-em-meio-a-doacoes-ao-gabinete-de-assistencia-social-e-filantropia-da-seicho-no-ie-do-brasil/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

SEICHO-NO-IE DO BRASIL. **Encontro dos Irmãos Matsuda com a Seicho-No-Ie**. Disponível: <https://sni.org.br/seicho-no-ie/organizacional/museu-historico-sni/artigos/encontro-dos-irmaos-matsuda-com-a-seicho-no-ie/>. Acesso em: 4 jul. 2022.

SEICHO-NO-IE DO BRASIL. **Família é salva de covid-19 pela fé e prática da Verdade**. Disponível em: <https://sni.org.br/pravoce/mulher/familia-e-salva-de-covid-19-pela-fe-e-pratica-da-verdade/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

SEICHO-NO-IE DO BRASIL. **Revistas da Seicho-No-Ie**. Disponível em: <https://sni.org.br/revistas-seicho-no-ie/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

SEICHO-NO-IE DO BRASIL. **Página inicial**: mídia SNI. Disponível em: <https://sni.org.br/>. Acesso em: 11 dez. 2022.

SEICHO-NO-IE DO BRASIL. **Cerimônia em Memória dos povos negros e indígenas que participaram da construção dos países Ibero-Americanos**. Disponível em: <https://sni.org.br/seicho-no-ie/doutrinario/cerimonias-e-praticas-3/cerimonia-em-memoria-dos-povos-negros-e-indigenas-que-participaram-da-construcao-dos-paises-ibero-americanos/>. Acesso em: 12 dez. 2022.